

Elle Kennedy

Autora bestseller da Série Off-Campus

UMA BOA RAPARIGA



TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Elle Kennedy

Autora bestseller da Série Off-Campus

UMA BOA RAPARIGA



Elle Kennedy

UMA BOA RAPARIGA



os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: maio de 2023

UMA BOA RAPARIGA

Título original: *Good Girl Complex*

Texto: © 2022, Elle Kennedy

Publicado por St. Martin's Griffin, uma chancela de St. Martin's
Publishing Group.

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Maria João B. Marques

Revisão: Andreia Capelo

Capa: adaptação de Wonder Studio
sobre design e ilustração de Vi-An Nguyen

ISBN: 978-989-787-128-3

Composição digital: www.acatia.es

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Uma Boa Rapariga

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre Elle Kennedy](#)

CAPÍTULO 1

Cooper

Já não posso ver *Jägerbombs* à frente. Ontem, passei o dia agarrado ao liquidificador, a aviar *piña coladas* e daiquiris de morango como um escravo. Hoje, vodca *Red Bull* e *Fireballs*. Sem esquecer o *rosé*. Estes parvalhões e o seu *rosé*. Todos a lançarem-se contra o bar, nas suas camisas de linho em tons pastel e cortes de cabelo de trezentos dólares, pedindo bebidas aos gritos. Está demasiado calor para esta merda.

Em Avalon Bay, as estações são marcadas por um ciclo infinito de êxodo e invasão. Da mesma forma que as marés se tornam uma tempestade: acaba o verão e começa a agitação. Turistas queimados pelo sol enfiam as malas e os filhos cobertos de açúcar nos seus monovolumes e partem para o interior, de volta aos seus subúrbios e cubículos, sendo rapidamente substituídos por uma vaga de fedelhos da faculdade com os seus bronzeados falsos — exércitos de clones que regressam à Universidade Garnet. São estes os filhos dos ricos, cujos palácios junto à costa tapam a vista do mar aos desgraçados como eu que sobrevivem com os trocos que lhes caem dos bolsos.

— Ei, meu, seis shots de tequila! — ladra um dos clones, arremessando um cartão de crédito para cima da madeira molhada e pegajosa do balcão, a tentar impressionar-me. Na

verdade, é só mais um imbecil típico da Garnet, saído diretamente de um catálogo da *Sperry*.

— Relembra-me porque é que fazemos isto — digo à Steph, reunindo vários copos de whisky cola em cima do balcão para ela levar.

Ela enfia a mão no soutien e levanta um seio de cada vez, fazendo-os parecer maiores dentro da sua camisola de alças preta que diz *Bar da Praia do Joe*.

— Pelas gorjetas, Coop.

Certo. Nada se gasta mais depressa do que o dinheiro dos outros. Meninos ricos a arrotar notas num desafio de aparente superioridade graças ao cartão de crédito do papá.

Os fins de semana no passeio marítimo são como o Carnaval. Hoje é a última sexta-feira antes de se iniciar o segundo semestre na Garnet, o que significa três dias seguidos de festa até segunda-feira de manhã, com os bares a rebentar pelas costuras. Estamos praticamente a imprimir dinheiro. Não é que eu tencione fazer isto para sempre. Faço uns biscates aqui aos fins de semana para poupar umas notas extra e poder deixar de trabalhar para os outros, tornar-me o meu próprio patrão. Assim que poupar o suficiente, ponho-me a andar deste bar de uma vez por todas.

— Tem cuidado contigo — digo à Steph, enquanto ela põe as bebidas na bandeja. — Grita se precisares que pegue no taco.

Não seria a primeira vez que daria uma sova a alguém que não aceita um não como resposta.

Nestas noites, sente-se uma energia diferente. Uma humidade tão densa que podemos besuntar-nos de ar salgado como se fosse protetor solar. Corpos sobre corpos, zero inibições, e testosterona cheia de tequila e más intenções.

Felizmente, a Steph é uma miúda rija.

— Eu dou conta do recado.

Pegando nas bebidas, pisca-me o olho, põe um sorriso no

rosto e dá meia-volta, o rabo de cavalo comprido e preto a balouçar.

Não sei como é que ela aguenta estes tipos sempre a apalpá-la. Quer dizer, eu próprio recebo a minha dose de atenção feminina. Algumas são bastante atrevidas, e demasiado simpáticas. Mas, com as miúdas, atiramos-lhes um sorriso e um shot, elas riem-se para as amigas e deixam-nos em paz. Estes tipos, os otários da equipa de remo e os engatatórios da Greek Row, não. A Steph está constantemente a ser agarrada e apalpada e a ouvir todo o tipo de obscenidades que lhe são segredadas ao ouvido acima da música aos altos berros. Em sua defesa, ela raramente esmurra alguém.

É um trabalho árduo, este de satisfazer os parasitas sazonais, esta espécie invasiva que consome os habitantes locais, que nos chupa até ao tutano e deixa para trás o seu lixo.

E, no entanto, esta cidade praticamente não existiria sem eles.

— Oi! Manda aí esses shots! — ladra novamente o clone.

Aceno com a cabeça, como que a dizer *É para já*, quando o que quero realmente dizer é *Olha para mim a ignorar-te de propósito*. Mas um assobio ao fundo do bar chama-me a atenção.

Os locais têm prioridade. Sem exceção. Seguem-se os clientes habituais que deixam boas gorjetas, as pessoas educadas, as gajas boas, as velhotas, e depois o resto destes imbecis balofos. Numa das extremidades do bar, sirvo um shot de *bourbon* à Heidi e preparo outro para mim. Bebemos e sirvo-lhe mais um.

— O que é que estás a fazer aqui? — pergunto, pois nenhum habitante local com um pinga de amor-próprio passaria pelo passeio marítimo esta noite. Há demasiados clones a estragar o ambiente.

— Vim deixar as chaves da Steph. Tive de passar em casa dela. — A Heidi era a rapariga mais bonita do primeiro ano, e

pouco mudou desde então. Mesmo com uns calções esfarrapados e um top curto azul liso, é sem dúvida a mulher mais atraente deste bar. — És tu quem fecha hoje o bar?

— Já, provavelmente não saio daqui antes das três.

— Queres passar lá em casa a seguir?

A Heidi põe-se em bicos de pés, inclinando-se sobre o bar.

— Népia, amanhã faço dois turnos. Preciso de dormir.

Ela amua. A brincar, ao início, e depois mais seriamente, ao perceber que não estou interessado em enrolar-me com ela esta noite. Enrolámo-nos algumas vezes no início do verão, mas tornar isso um hábito com uma das minhas melhores amigas começa a parecer-se demasiado com uma relação, e não estou para aí virado. Continuo à espera de que ela perceba isso e deixe de me tentar aliciar.

— Ei. Ei! — O bacano louro e impaciente tenta fazer-me sinal desde a outra ponta do bar. — Juro, pá, dou-te uma nota de cem dólares por uma merda de um shot.

— É melhor voltares ao trabalho — diz a Heidi com um sorriso sarcástico, soprando-me um beijo.

Levo o meu tempo até chegar a ele. Acabadinho de sair do tapete rolante da fábrica de clones: um boneco Ken betinho e estandardizado, com risco ao lado e o melhor sorriso que o seguro dentário consegue pagar. Ao seu lado estão os seus parceiros, feitos do mesmo molde e cuja noção de trabalho manual é terem de limpar o próprio rabo.

— Mostra lá — desafio-o.

O clone atira uma nota de cem dólares com a figura de Benjamin Franklin. Tão orgulhoso de si. Sirvo-lhe apenas um shot de whisky, porque não me lembro do que ele pediu, e empurro-o na sua direção. Ele solta a nota para pegar no copo. Agarro-a rapidamente e meto-a no bolso.

— Eu pedi seis shots — diz ele, presunçoso.

— Dá cá mais quinhentos, que eu sirvo-os.

Fico à espera de que ele se queixe ou que tenha um ataque de fúria. Em vez disso, ri-se, agitando um dedo na minha direção. Para ele, isto é um pouco da cor local encantadora que eles vêm aqui procurar. Meninos ricos adoram ser enrolados.

Para minha surpresa absoluta, este desmiolado saca mais cinco notas de um maço e pousa-as no balcão.

— O melhor que tiveres — diz ele.

O melhor que este bar tem em armazém é um *Johnnie Walker Blue* e uma tequila cujo nome não consigo pronunciar. Portanto, finjo-me impressionado e subo a um banco para tirar a garrafa poeirenta de tequila da prateleira de cima, porque, pronto, eu lembrava-me do que ele tinha pedido, e sirvo os seus shots caríssimos.

Nisto, o Riquinho fica satisfeito e vai sentar-se a uma mesa.

O meu amigo Lenny, o barman, olha para mim de lado. Eu sei que não devo encorajar este tipo de comportamento. Parece validar a ideia de que estamos à venda, que eles são donos da cidade. Mas que se lixe, não hei de ficar a servir bebidas até morrer. Tenho planos mais ambiciosos.

— A que horas estás livre? — ronrona uma voz feminina à minha esquerda.

Viro-me devagar, à espera do resto. Normalmente, à pergunta segue-se uma de duas opções: «Porque quero que *me* faças sentir *livre*.» Ou: «Porque mal posso esperar para *te libertar*.»

A frase que se segue é uma maneira fácil de saber se nos calha uma mulher egoísta na cama ou uma que adora fazer broches.

Nenhuma das duas é uma frase de engate particularmente original, mas ninguém disse que os clones que invadem a Bay todos os anos eram originais.

— Então? — insiste a loura, e eu apercebo-me de que não me vai presentear com uma frase pirosa.

— O bar fecha às duas — respondo descontraidamente.

— Vem sair connosco quando acabares — insiste. Ela e a amiga têm ambas um cabelo sedoso, corpos perfeitos e a pele radiante de quem passou o dia ao sol. São giras, mas não estou com disposição para o que me estão a oferecer.

— Desculpem, não posso — respondo. — Mas vejam se encontram uma pessoa igualzinha a mim. O meu irmão gémeo anda algures por aí. — Agito a mão na direção da concentração de corpos que encham o bar como sardinhas enlatadas. — Tenho a certeza de que ele iria adorar entreter-vos.

Faço isto porque sei que vai irritar o Evan. Embora, por outro lado, talvez ele me agradeça. Ele também despreza os clones, mas não se opõe quando as princesas ricas ficam nuas. Juro, o Evan anda a tentar dormir com toda a gente nesta cidade. Diz que se sente «entediado». Deixo-o pensar que acredito nele.

— Oh, meu Deus, há dois iguais? — Quase de imediato, ambas as raparigas ficam com um brilho no olhar.

Pego num copo e atiro alguns cubos de gelo lá para dentro.

— Já. Chama-se Evan — acrescento, de forma prestável. — Se o encontrarem, digam-lhe que vão da parte do Cooper.

Quando finalmente se vão embora com os seus cocktails de fruta na mão, respiro de alívio.

Trabalhar num bar é mesmo um trabalho de merda.

Empurro um whisky com gelo na direção do tipo magrinho que mo pediu e recebo o seu dinheiro. Passo a mão pelo cabelo e respiro fundo antes de passar para o próximo cliente. Durante grande parte da noite, as massas embriagadas conseguem controlar-se. Daryl, o porteiro, expulsa todos os que possam vir a vomitar, enquanto eu e o Lenny afastamos à porrada qualquer idiota que tente passar para trás do balcão.

Fico de olho na Steph e nas outras empregadas enquanto elas lidam com a multidão. A Steph tem uma mesa cheia de tipos da Garnet a salivar-lhe para cima. Está a sorrir, mas eu conheço

aquele olhar. Quando tenta afastar-se, um deles agarra-a pela cintura.

O meu olhar estreita-se. É o mesmo tipo a quem saquei as seis notas.

Estou já dobrado sobre o balcão quando o olhar dela encontra o meu. Como se soubesse o que está prestes a acontecer, ela abana a cabeça. Depois, dissimuladamente, solta-se do cretino atrevido e regressa ao bar.

— Queres que os mande embora? — pergunto-lhe.

— Não. Eu dou conta deles.

— Eu sei. Mas não tens de o fazer. Saquei seiscentos paus àqueles otários. Divido contigo. Deixa-me livrar-me deles.

— Está tudo bem. Dá-me só três *Coronas* e dois *Jäg*...

— Nem te atrevas a dizê-lo. — Todo o meu corpo estremece com aquela palavra. Se nunca mais sentir o cheiro daquela merda preta nojenta, não me importo nada. — Tenho de arranjar uns tampões para o nariz.

— Estás mesmo traumatizado. — Ela ri-se, olhando para mim a sofrer enquanto sirvo.

— Devia receber um subsídio de risco. — Acabo de servir e empurro as bebidas na sua direção. — A sério, se aqueles tipos não pararem quietos com as mãos, eu vou lá.

— É na boa. Mas, porra, quem me dera que se fossem embora. Não sei quem é o pior esta noite: o Sr. Mãozinhas ou o finalista na esplanada a chorar porque o paizinho não cumpriu a promessa de lhe comprar um iate no final do curso.

Abafo o riso.

A Steph afasta-se com um suspiro e uma bandeja recheada de bebidas.

Durante quase uma hora, nem levanto o olhar. O bar está tão cheio que as caras se turvam numa mancha de corpos, e tudo o que faço é servir e passar cartões de crédito até estar em transe, quase sem dar conta das minhas ações.

Quando volto a olhar para a Steph, vejo o Riquinho a tentar convencê-la a dançar com ele. Ela parece uma pugilista, balançando-se e ziguezagueando para se afastar do tipo. Não consigo perceber as suas palavras exatas, mas é fácil adivinhar: *Estou a trabalhar, deixa-me voltar ao trabalho, não posso dançar contigo, estou a trabalhar.*

Está a tentar ser educada, porém, o seu olhar inflamado diz-me que está saturada.

— Len — chamo, acenando na direção da cena. — Venho já. Ele acena de volta. Nós cuidamos dos nossos.

Aproximo-me rapidamente, ciente da minha figura ameaçadora. Tenho um metro e oitenta e sete, não faço a barba há vários dias e estou a precisar de um corte de cabelo. Com sorte, sou suficientemente ameaçador para desencorajar estes tipos de fazerem alguma estupidez.

— Está tudo bem por aqui? — pergunto assim que chego perto do grupo. O meu tom implica que sei que não está e que é melhor ele parar ou mando-o embora com um chuto no cu.

— Baza, feirante — diz um deles.

O insulto passa-me ao lado. Estou habituado.

Ergo uma sobranceira.

— Não vou sair daqui até a minha colega dizer para eu sair.

— Olho para a mão do Riquinho, agarrada ao braço da Steph.

— Ela não está aqui para ser apalpada por meninos ricos.

O tipo tem o bom senso de tirar a mão. A Steph aproveita a deixa para passar para o meu lado.

— Vês? Está tudo bem. — Ele sorri com desprezo. — Aqui não há donzelas em perigo a precisarem de ser salvas.

— É bom que continue assim. — Assinalo o aviso com um dos meus sorrisos sarcásticos. — E vê se controlas essas mãozinhas.

Eu e a Steph estamos prestes a virar costas quando um copo se parte.

Não importa quão cheio está um bar, quão a abarrotar de corpos para amortecer o som; quando um copo se parte no chão, nos segundos imediatamente a seguir podem ouvir-se as asas de um beija-flor a bater a dois distritos de distância.

Toda a gente se vira. Um dos amigos do Riquinho, o que deixou cair o copo, pestaneja de maneira inocente quando eu olho para ele.

— Ups — diz.

Risos e aplausos esmagam o silêncio momentâneo. A conversa volta a crescer e a atenção coletiva do bar regressa ao seu divertimento embriagado.

— Por amor de Deus — murmura a Steph. — Volta para o bar, Coop. Eu trato disto.

Ela afasta-se com uma expressão irritada, enquanto o grupo dos otários nos dispensa da sua presença sagrada, continuando a conversar ruidosamente e a rir entre si.

— Tudo bem? — pergunta o Lenny quando volto ao bar.

— Não tenho a certeza.

Olho para o grupo, franzindo o sobrolho, e reparo que o seu líder já não está com eles. Onde raio se meteu?

— Não... — digo lentamente. — Não me parece nada bem. Dá-me mais um segundo.

Volto a deixar o Lenny a manejar sozinho os postos de batalha e saio de trás do balcão para ir procurar a Steph. Dirijo-me às traseiras, assumindo que ela terá ido buscar uma vassoura para varrer os vidros do copo partido.

É aí que ouço: «Larga-me!»

Apresso-me a virar a esquina, sentindo o queixo contrair-se, e identifico o polo em tom pastel do Riquinho, a encurralar a Steph ao fundo do corredor curto e estreito onde fica o armazém. Quando ela tenta esquivar-se, ele atravessa-se no seu caminho, agarrando-lhe o pulso. A sua outra mão desce e tenta agarrar-lhe o rabo.

Népia, que se lixe.

Avanço na sua direção e puxo-o pelo colarinho. Um segundo depois, atiro-o ao chão pegajoso.

— Sai daqui — rosno.

— Cooper.

A Steph agarra-me, embora sinta a sua gratidão no olhar. Sei que está agradecida por a ter defendido.

Afasto-a, porque tudo tem limites.

— Levanta-te e baza — digo ao arruaceiro surpreendido.

Ele berra palavrões furiosos enquanto se levanta.

Como as casas de banho são mesmo na esquina, a cerca de três metros, não demora muito até os seus gritos de indignação atraírem espectadores. Um grupo de amigas da faculdade apressa-se a chegar, aos gritinhos, seguido de outros curiosos.

Rapidamente, o corredor enche-se de outras vozes.

— Pres! Meu, estás bem?

Dois dos seus amigos irrompem pela multidão. Posicionam-se de peito feito ao seu lado, flanqueando o seu campeão, pois, se forem expulsos à frente destas pessoas todas, será um longo ano a beberem sozinhos em casa.

— Qual é o teu problema, pá? — cospe o apalpador, fulminando-me com o olhar.

— Não há problema nenhum — respondo, cruzando os braços. — Estou só a pôr o lixo na rua.

— Sentes o cheiro, Preston? — diz o amigo ao Riquinho, com um sorriso provocador. — Alguma coisa cheira mal aqui.

— Aquilo lá fora é um contentor ou é a tua caravana? — goza o outro.

— Dá dois passos em frente e diz lá isso outra vez — encorajo-os, porque, sei lá, estou aborrecido e as fronhas destes tipos estão mesmo a pedir para serem esmurradas.

Avalio as minhas hipóteses. São três para um, e eles não são magricelas — cada um tem cerca de um metro e oitenta, mais

ou menos a minha altura. Podiam ser parte de uma equipa de polo aquático patrocinada pela *Brooks Brothers*. Já eu, trabalho para ganhar a vida, e estes músculos não são só para mostrar. Tenho boas hipóteses.

— Coop, para. — A Steph empurra-me para o lado e põe-se entre nós. — Esquece. Eu trato disto. Volta para o bar.

— Iá, *Coop* — provoca o Preston. Depois, para os seus amiguinhos: — Nenhuma boazona local vale tanta chatice.

Olho para a Steph e encolho os ombros. Este palerma ricaço devia ter-se ido embora quando teve oportunidade.

Enquanto se ri, tão convencido da sua superioridade, estendo a mão, agarro o seu polo *Ralph Lauren* pelo colarinho e dou-lhe um murro mesmo no meio da cara.

Ele cambaleia, chocando contra os amigos, que o empurram para mim. A sangrar, lança-se como uma criatura no terceiro ato de um filme de terror, tentando atacar-me e a pingar sangue. Lançamo-nos na direção das raparigas da faculdade, que estão aos gritos, até batermos contra a parede. O velho telefone público, que não funciona há quinze anos, crava-se nas minhas costas, dando ao Preston a oportunidade de me dar um murro bem assente no queixo. Consigo inverter as nossas posições, imobilizando-o contra a parede. Estou prestes a partir-lhe a cara toda quando o Joe, o dono do bar, juntamente com o Daryl e o Lenny, pegam em mim e me arrastam dali para fora.

— Estupor de merda — balbucia. — Fazes ideia de quão lixado estás?

— Já chega! — grita o Joe. O veterano do Vietname, de barba *hippie* grisalha e rabo de cavalo, aponta um dedo gordo ao Preston. — Vai-te embora daqui. Não quero pancadaria no meu bar.

— Exijo que despeça este psicopata — ordena o Preston.

— Vai à merda.

— Coop, está calado — diz o Joe, pedindo ao Lenny e ao Daryl que me soltem. — Vou descontar do teu salário.

— A culpa não foi do Coop — diz a Steph ao nosso patrão. — Este tipo não me largava. Depois, seguiu-me até ao armazém e encurralou-me no corredor. O Cooper estava a tentar pô-lo na rua.

— Sabe quem é o meu pai? — Apertando o nariz a escorrer sangue, o Preston ferve de raiva. — O banco dele é dono de metade dos edifícios deste passeio marítimo nojento. Basta uma palavra minha para a sua vida ficar muito complicada.

O Joe comprime os lábios.

— O seu empregado atacou-me — continua o Preston, furioso. — Não sei como é que gere esta espelunca, mas, se isto acontecesse noutro lado qualquer, o agressor já teria sido despedido. — O seu sorriso afetado faz vibrar os meus punhos. Quero estrangulá-lo com as minhas próprias mãos. — Por isso, ou resolve este assunto, ou eu pego no telefone e ligo ao meu pai para que o resolva por si. Sei que já é tarde, mas não se preocupe, ele está acordado. É noctívago. — O seu sorriso cresce. — Foi assim que fez os seus milhões.

Há um longo momento de silêncio.

O Joe suspira, virando-se para mim.

— Estás a gozar — digo, estupefacto.

Eu e o Joe conhecemo-nos há muito tempo. Eu e o meu irmão costumávamos ajudar no bar durante o verão, quando andávamos no secundário. Ajudámo-lo a reconstruí-lo depois de dois furacões. Fui com a filha dele ao baile de finalistas, por amor de Deus.

Com um ar resignado, ele afaga a barba.

— Joe. A sério, meu. Vais deixar um destes tipos dizer-te como tomar conta do teu bar?

— Desculpa — diz o Joe, por fim, abanando a cabeça. — Tenho de pensar no meu negócio. Na minha família. Desta vez

foste longe demais, Coop. Tira o que te devo pelo trabalho de hoje da caixa registadora. Amanhã de manhã passo-te um cheque.

Satisfeito consigo mesmo, o Riquinho lança-me um olhar de desprezo.

— Estás a ver, tanso? É assim que funciona o mundo real. — Atira um maço de notas sujo de sangue para cima da Steph e cospe uma mistura espessa de sangue e muco. — Toma. Limpa lá isso, minha linda.

— Isto não fica assim — digo ao Preston, enquanto ele e os amigos se afastam.

— Acabou antes de começar — responde maliciosamente por cima do ombro. — És o único que não percebeu isso.

Olhando para o Joe, adivinho-lhe a derrota no olhar. Ele já não tem força ou vontade de entrar nestes confrontos. É assim que nos vencem. Aos poucos. Quebrando-nos até estarmos tão cansados que já não aguentamos mais. Depois, tiram-nos as nossas terras, os nossos negócios e a nossa dignidade das nossas mãos moribundas.

— Sabes — digo ao Joe, pegando no dinheiro e pondo-o na sua mão —, sempre que um de nós cede a um deles, pomo-nos a jeito para nos lixarem da próxima vez.

Mas... não. Que se lixe a «próxima vez». Para estas pessoas, não vai haver próxima vez.

CAPÍTULO 2

Mackenzie

Desde que saí de casa dos meus pais em Charleston esta manhã, estou com uma sensação estranha e crescente na parte de trás da cabeça, incitando-me a dar meia-volta. Desaparecer. Fugir. Juntar-me ao proverbial circo e *revoltar-me, revoltar-me* contra o esmorecer do ano que tirei antes de ir para a faculdade.

Agora, enquanto o táxi atravessa o túnel de carvalhos até Tally Hall, no *campus* da Universidade Garnet, apodera-se de mim um pânico profundo.

Isto está mesmo a acontecer.

Do outro lado do relvado e das filas de carros, caloiros entusiasmados e os seus pais carregam caixotes até ao edifício de tijolo vermelho que se estende por quatro andares. As filas de janelas e o telhado são emoldurados por acabamentos brancos, uma das características distintas de um dos cinco edifícios originais deste *campus* histórico.

— Já volto para vir buscar as caixas — digo ao motorista. Ponho a mochila ao ombro e pouso o trólei no chão. — Só quero ter a certeza de que estou no sítio certo.

— Sem problema. Esteja à vontade. — Ele está tranquilo, provavelmente porque os meus pais lhe pagaram uma taxa generosa para ser meu motorista durante o dia inteiro.

Quando passo sob o enorme candeeiro de ferro pendurado sobre a porta principal, sinto-me como uma fugitiva capturada, a regressar depois de um ano em fuga. Foi demasiado bom para durar. Como é suposto voltar aos trabalhos de casa e aos testes, com a vida a ser ditada por professores e programas de estudos, quando fui dona de mim mesma durante os últimos doze meses?

Uma mãe detém-me nas escadas para me perguntar se sou a orientadora da residência. Excelente. Sinto-me arcaica. A tentação de dar meia-volta e ir-me embora fervilha-me novamente no estômago, mas faço por ignorá-la.

Subo até ao quarto andar, onde os dormitórios são um pouco maiores e melhores, para aqueles pais dispostos a alavancar capital no valor do PIB de uma pequena nação insular. De acordo com o e-mail no meu telemóvel, vou ficar no quarto 402.

No interior, uma pequena sala e kitchenette separam dois quartos. O quarto do lado esquerdo tem uma cama vazia com uma secretária e cómoda a condizer. À direita, passando a porta escancarada, vejo uma loura com um par de calções de ganga cortados e sem camisola a abanar-se e a balançar enquanto arruma a roupa em cabides.

— Olá? — digo, tentando chamar a sua atenção. Pouso as malas no chão. — Oi?

Ela continua sem me ouvir. Timidamente, aproximo-me e toco-lhe no ombro. Ela assusta-se e cobre a boca com as mãos para não gritar.

— Fogo, assustaste-me! — diz, num forte sotaque sulista. Ofegante, tira os auriculares sem fios dos ouvidos e enfia-os nos bolsos. — Quase fiz chichi nas cuecas.

As mamas dela estão mesmo ali, em toda a sua glória despida, e ela não faz qualquer esforço para se cobrir. Tento olhá-la nos olhos, mas parece esquisito, por isso, dirijo a minha

atenção para a janela.

— Desculpa entrar assim. Não esperava... — *Encontrar a minha companheira de casa envolvida na primeira cena de um porno amador.*

Ela encolhe os ombros, sorrindo.

— Na boa.

— Eu posso, hum, voltar daqui a pouco, se...?

— Não, tudo bem — assegura-me.

Não consigo evitar olhar para ela, de mãos nas ancas, apontando-me os máximos.

— Havia alguma opção de nudismo no formulário de alojamento que possa ter assinalado sem querer?

Ela ri-se, mas pega finalmente numa camisola de alças.

— Gosto de limpar as energias. Uma casa não é realmente um lar até andarmos nus lá dentro, certo?

— As persianas estão abertas — observo.

— Assim não fico com marcas de bronzado — responde, piscando o olho. — Sou a Bonnie May Beauchamp. Parece que somos companheiras de dormitório.

— Mackenzie Cabot.

Ela esmaga-me num abraço apertado. Por norma, isto seria um grave ataque aos meus limites pessoais. Mas, por alguma razão, não me sinto incomodada com esta rapariga. Se calhar é bruxa. Hipnotizou-me com o seu peito enfeitado. Ainda assim, gosto da onda dela.

As suas feições são suaves e redondas, e tem uns enormes olhos castanhos, assim como um sorriso rasgado, branco e brilhante, ao mesmo tempo não ameaçador para as mulheres e afável para os homens. É como uma irmã mais nova. Mas com mamas.

— Onde é que estão as tuas coisas? — pergunta ela, soltando-me.

— O meu namorado passa cá mais tarde com a maior parte.

Tenho algumas coisas no carro lá em baixo. O motorista está à minha espera.

— Eu ajudo-te.

Não é muita coisa, apenas algumas caixas, mas agradeço a disponibilidade e a companhia. Pegamos nas caixas e atiramos para dentro do quarto, depois passeamos pelos corredores para conhecer o ambiente.

— És da Carolina do Sul? — pergunta a Bonnie.

— Charleston. E tu?

— Sou da Geórgia. O meu pai queria que eu fosse para a Georgia State, mas a minha mãe andou na Garnet, por isso, fizeram uma aposta no resultado de um jogo de futebol e aqui estou eu.

No terceiro andar, vemos um rapaz a carregar uma mochila térmica com *frosé* que tenta oferecer-nos um copo em troca dos nossos números de telefone. Os seus braços, peito e costas estão cobertos de rabiscos de marcador permanente preto, a maioria dos números sem um ou dois algarismos. Certamente, todos falsos.

Recusamos a oferta e sorrimos uma para a outra, deixando-o pelo caminho.

— Foste transferida de algum lado? — pergunta a Bonnie, enquanto continuamos a andar pelo bazar de microcomunidades. — Quer dizer, não leves a mal nem nada, mas não pareces caloiria.

Eu sabia que isto ia acontecer. Sinto-me como uma monitora de um campo de férias. Sou dois anos mais velha do que os meus pares por causa do ano de intervalo antes da faculdade e por ter começado o infantário um ano mais tarde, porque os meus pais preferiram estender uma viagem de barco pelo Mediterrâneo do que voltar para casa para eu começar a escola.

— Tirei um ano. Fiz um acordo com os meus pais: iria para qualquer faculdade à sua escolha se me deixassem primeiro

trabalhar na minha empresa. — No entanto, se dependesse de mim, teria saltado todo este capítulo do meu período formativo.

— Tens uma empresa própria? — pergunta a Bonnie, de olhos arregalados. — Eu passei o verão todo a ver maratonas de *Vanderpump* e em festas no lago.

— Criei um website e uma aplicação — admito. — Quer dizer, não é nada de especial. Não é como se tivesse fundado a Tesla.

— Que tipo de aplicação?

— É um site onde as pessoas publicam histórias engraçadas ou embaraçosas sobre os namorados. Começou por ser uma brincadeira com uns amigos do secundário, mas depois a coisa cresceu. No ano passado, lancei outro site onde as pessoas podiam publicar sobre as namoradas.

No último ano, o que começou por ser um blogue pessoal cresceu para incluir um gestor de publicidade, moderadores do site e uma equipa de marketing. Tenho uma folha de pagamentos, impostos e sete algarismos na conta corrente da empresa. Além de tudo isto, esperam que me preocupe com ensaios e exames? Um acordo é um acordo, e eu sou uma pessoa de palavra, mas esta história da faculdade parece-me uma perda de tempo.

— Oh, meu Deus, eu conheço esse site. — Entusiasmada, a Bonnie dá-me uma palmada no braço. Os seus dedos parecem varetas de metal. — *BoyfriendFails!* Caraças. Eu e as minhas amigas já passámos mais tempo a ler esses posts no último ano do secundário do que a fazer os trabalhos de casa. Qual era aquela? Sobre o namorado que teve uma intoxicação alimentar depois de um encontro e o pai da rapariga estava a levá-los a casa quando o gajo teve um ataque de diarreia no banco traseiro!

Ela parte-se a rir, completamente histérica. Esboço um

sorriso, porque me lembro bem desse post. Teve mais de trezentos mil cliques, milhares de comentários e o dobro das receitas de publicidade de qualquer outro post desse mês.

— Uau — diz ela, assim que recupera a compostura. — Fazes mesmo dinheiro com essas coisas?

— Sim, por ter publicidade. Faz-se bastante dinheiro. — Encolho os ombros com modéstia.

— Que fixe. — A Bonnie faz beicinho. — Estou com inveja. Eu não faço ideia do que estou a fazer aqui, Mac. Posso chamar-te Mac? Ou preferes Mackenzie? Mackenzie soa *tão* formal.

— Podes chamar-me Mac — digo, tentando não me rir.

— A seguir ao secundário, a faculdade é uma coisa que se deve fazer, percebes? Mas, caramba, não faço ideia de que curso tirar ou o que quero ser quando for grande.

— As pessoas costumam dizer que a faculdade é para onde vamos para nos encontrarmos.

— Pensava que isso era a Cidade do Panamá.

Abafo um risinho. Gosto mesmo desta rapariga.

Cerca de uma hora depois, o meu namorado aparece com o resto dos caixotes. Já não nos víamos há semanas. Tive uma quantidade absurda de trabalho na empresa antes de poder passá-la à minha nova equipa a tempo inteiro, por isso, nem tive tempo para visitar o Preston. Nunca estivemos tanto tempo sem nos vermos desde que a sua família foi passar férias ao lago de Como.

Sugeri arranjar-mos um apartamento juntos fora do *campus* universitário, mas o Preston gozou logo com isso. Porque haveria de se sujeitar a condições de alojamento medíocres quando em casa tem uma piscina, um cozinheiro particular e uma empregada? Não consegui responder-lhe de uma forma que não parecesse condescendente. Se a independência dos

nossos pais não é motivo suficiente para irmos viver juntos, não sei o que dizer.

A independência tem sido a minha única motivação desde a escola secundária. Viver com a minha família era como afundar-me em areias movediças — situação que me teria engolido por completo se eu não tivesse arrancado o meu próprio cabelo para fazer uma corda e sair dali. Não fui feita para pertencer a ninguém. Talvez seja por isso que não me sinto dominada por um profundo desejo ou por aquela súbita torrente de excitação quando o namorado que não vejo há mais de um mês entra no meu quarto com o primeiro carregamento de caixas depois de algum tempo separados.

Não é que não tenha tido saudades dele ou que não esteja feliz por ele estar aqui. Só que... lembro-me de ter tido paixonetas na preparatória em que o intervalo de tempo entre ver um rapaz ao almoço e a última aula parecia uma eternidade que dilacerava o meu pobre coração adolescente. Talvez tenha crescido. Eu e o Preston estamos confortáveis. Estáveis. Praticamente como um velho casal.

A estabilidade tem muito que se lhe diga.

— Oi, miúda. — Ligeiramente transpirado por ter subido quatro lanços de escadas, o Pres envolve-me num abraço apertado e beija-me na testa. — Tive saudades tuas. Estás linda.

— Tu também.

A atração não é seguramente um problema; o Preston é um bonitão de primeira. É alto, elegante, mas de porte atlético. Uns olhos azuis deslumbrantes que ficam incrivelmente brilhantes quando lhes bate o sol. Um rosto anguloso clássico que chama a atenção onde quer que vá. Desde a última vez que o vi, cortou o cabelo louro; está um pouco mais comprido em cima e curto nos lados.

Quando vira ligeiramente a cabeça, reparo que tem nódoas negras na cara, ao pé do nariz e do olho direito.

— O que é que te aconteceu? — pergunto, alarmada.

— Ah, sim. — Ele toca no olho e encolhe os ombros. — Estava a jogar basquetebol com o pessoal no outro dia e levei com uma bola na cara. Não é nada.

— De certeza? Parece ter doído.

Sinceramente, está com péssimo aspeto, como se tivesse um ovo queimado a escorrer-lhe pela cara.

— Estou bem. Olha, antes que me esqueça. Comprei-te uma coisa.

Ele enfia a mão no bolso de trás das calças caqui e tira um cartão de plástico com as palavras *BIG JAVA* escritas.

Aceito o cartão de oferta.

— Obrigada, amor. Isto é para aquele café no *campus*?

Ele acena, sério.

— Achei que era o melhor presente de «boas-vindas à faculdade» para uma viciada em café como tu. Pus-lhe alguns milhares de dólares, não precisas de te preocupar.

Na kitchenette, a Bonnie, ouvindo às escondidas, engasga-se.

— Alguns *milhares*? — grita.

Está bem, dois mil dólares em café é um pouco excessivo, mas uma das coisas que adoro no Preston é o facto de ele ser atencioso. Conduziu três horas até casa dos meus pais para ir buscar as minhas coisas sozinho, depois fez o caminho todo até ao *campus*, sempre com um sorriso. Ele não se queixa nem me faz sentir um fardo. Fá-lo para agradar. Querer agradar tem muito que se lhe diga.

Olho de relance para a minha companheira de casa.

— Bonnie, este é o meu namorado, o Preston. Pres, esta é a Bonnie.

— Prazer em conhecer-te — diz ele, com um sorriso sincero. — Vou buscar o resto das caixas da Mac, mas, depois, que tal levar-vos a almoçar?

— Concordo — responde a Bonnie. — Estou esganada.

— Boa ideia — digo. — Obrigada.

Assim que ele sai, a Bonnie faz um sorriso pateta e um sinal de aprovação.

— Bem jogado. Há quanto tempo estão juntos?

— Há quatro anos. — Sigo-a até à casa de banho partilhada para darmos um jeito ao cabelo e nos arranjarmos para o almoço. — Andámos na mesma escola secundária. Quando eu andava no segundo ano, ele era finalista.

Conheço o Preston desde que éramos miúdos, embora não fôssemos propriamente amigos nessa altura, por causa da diferença de idades. Conhecia-o de vista do clube de campo, quando os meus pais me obrigavam a sair com eles nas férias, em eventos de beneficência, coisas assim. Quando fui para a escola de Spencer Hill, ele foi bastante simpático: reconhecia-me nos corredores e cumprimentava-me nas festas — ajudando-me a ganhar alguma influência para sobreviver e vingar nas águas cheias de tubarões que são estas escolas.

— Deves estar aliviada por finalmente estares na faculdade com ele. Se fosse eu, andaria maluca a pensar no que ele estaria para aqui a fazer sozinho.

— Nós não somos assim — digo, enquanto penteio o cabelo. — O Preston não é do tipo que trai. Está focado na ideia da família e do plano, sabes?

— Qual plano?

Nunca me soou estranho até a Bonnie olhar para mim no espelho com uma sobrancelha erguida.

— Bem, os nossos pais são amigos há anos, por isso, depois de já estarmos juntos há algum tempo, ficou mais ou menos implícito que acabaríamos por concluir o curso, casar, isso tudo. Sabes, o plano.

Ela fica a olhar para mim, a cara enrugada.

— E tu... estás na boa com esse plano?

— Porque não haveria de estar?

Foi quase literalmente assim que os meus pais acabaram juntos. E os pais deles. Sei que parece não estar muito longe da ideia de um casamento arranjado, como se fazia antigamente, e, honestamente, desconfio de que o Preston foi convencido a levar-me a sair da primeira vez. Ele era finalista. Eu era a aluna estranha do segundo ano que ainda não sabia alisar o cabelo. Mas, quer tenha sido inicialmente sugerido ao Pres pelos seus pais quer não, nenhum de nós se sentiu obrigado. Gostávamos genuinamente da companhia um do outro, e ainda gostamos.

— Se fosse eu, estaria bastante chateada se a minha vida tivesse sido planeada antes sequer do meu primeiro dia na faculdade. É como estragarem-me o filme quando estou na fila para as pipocas. — A Bonnie encolhe os ombros, aplicando *gloss* nos lábios. — Mas, olha, o que importa é seres feliz, certo?

CAPÍTULO 3

Cooper

Desde o tempo em que éramos miúdos estúpidos, a fazer corridas para cima e para baixo, descalços, nas dunas, agitando a areia em frente a mansões multimilionárias e fugindo da polícia, nós — os inadaptados, a juventude desperdiçada de Avalon Bay — temos uma tradição. O último domingo do verão acaba sempre numa festa à fogueira.

A única regra: é só para habitantes locais.

Esta noite, eu e o meu irmão gémeo vamos acolher a ocasião na nossa casa de praia estilo chalé de dois andares que está na nossa família há três gerações — e nota-se. De construção irregular, a casa está em péssimo estado e a precisar de muitas obras, mas compensa pelo seu exterior rústico altamente encantador. Um pouco como os seus moradores, suponho. Embora o Evan seja, sem dúvida, o mais carismático dos dois. Eu consigo ser um mal-humorado de merda às vezes.

No terraço das traseiras, a Heidi aproxima-se de mim, pousando uma pequena garrafa de bolso no parapeito de madeira.

— Temos álcool lá em baixo. Aos montes — digo-lhe.

— Não é para isso que serve a garrafa de bolso.

Ela vira-se de costas para o corrimão, apoiando-se nos cotovelos. A Heidi tem uma maneira de ser muito particular.

Nunca está satisfeita, os seus interesses são sempre inalcançáveis. Quando éramos miúdos, esta foi uma das primeiras coisas que me atraiu nela. O seu olhar via sempre mais longe. Eu queria ver o que ela via.

— Então, para que é que serve? — pergunto.

— Sinto-me um bocadinho rebelde. Uma garrafa de bolso é um segredo.

A Heidi olha para mim com um sorriso malicioso a aflorar-lhe aos lábios. Esta noite aperaltou-se, pelo menos tanto quanto é possível aqui em Avalon Bay. Traz o cabelo encaracolado. Batom vermelho-escuro. Está a usar a minha velha t-shirt dos Rancid, que cortou para fazer um top, deixando ver o sutiã de renda preta. Esforçou-se bastante para ter este visual, no entanto, não surte efeito em mim.

— Não estás para aí virado, hã? — diz, ao perceber que não morde o isco.

Encolho os ombros. Porque é verdade, não estou com paciência para festas.

— Podíamos sair daqui. — A Heidi endireita-se, fazendo um gesto que diz *para ali*. — Vamos dar uma volta. Como quando roubámos as chaves da tua mãe, lembras-te? Fomos parar algures ao Tennessee, passámos a noite a dormir nas traseiras da carrinha.

— Fomos expulsos de um parque nacional por um guarda-florestal furioso às quatro da manhã.

Ela ri-se, tocando-me no braço com o cotovelo.

— Tenho saudades das nossas aventuras.

Bebo um gole da sua garrafa de bolso.

— Perde um bocado o encanto quando temos as nossas próprias chaves e já podemos beber legalmente.

— Juro-te que ainda podemos fazer muitas asneiras.

O brilho sedutor no seu olhar deixa-me triste. Porque costumávamos divertir-nos juntos, e agora parece forçado.

Constrangedor.

— Coop! — Lá em baixo, no jardim, o meu irmão grita comigo. — Estás numa festa, meu. Anda cá para baixo.

A telepatia entre gémeos ainda funciona. A Heidi fica no terraço e eu dirijo-me lá abaixo, pegando numa cerveja a caminho da praia, onde me junto ao Evan e a outros amigos nossos, que estão ao pé da fogueira. Enquanto eles passam a hora seguinte a trocar as mesmas histórias que contamos há dez anos, eu vou bebendo. Depois, o nosso amigo Wyatt organiza um jogo de futebol ao luar e a maioria das pessoas encaminha-se para lá, ficando apenas uns poucos junto à fogueira. O Evan está sentado na cadeira de madeira ao lado da minha, rindo-se de algo que a nossa amiga Alana acabou de dizer, mas hoje não estou a conseguir divertir-me. Sinto-me como se tivesse um bicho por baixo da pele, enterrando-se cada vez mais, mordendo-me a carne e depositando ovos de raiva e ressentimento.

— Meu. — O Evan dá um chuto no meu pé. — Sai dessa, pá.

— Eu estou bem.

— Já — diz ele sarcasticamente. — Nota-se. — Pega na garrafa de cerveja vazia que eu segurava distraidamente e atira-me outra da geleira. — Há dois dias que andas com um feitiço de merda. Percebo que estejas chateado, mas já não tem graça. Embebeda-te, fuma um charro. A Heidi anda por aí algures. Talvez ela se enrole contigo, se pedires com jeitinho.

Reprimo um murmúrio de desagrado. Este grupo não tem segredos. Quando eu e a Heidi dormimos juntos pela primeira vez, mal tínhamos tirado as remelas dos olhos quando, na manhã seguinte, já toda a gente sabia. O que só prova que foi má ideia ter acontecido. Enrolarmo-nos com amigos é querer arranjar problemas.

— Vai-te lixar, otário.

Do outro lado da fogueira, a Heidi atira-lhe um punhado de

areia, mostrando-lhe o dedo do meio.

— Ups — diz ele, sabendo perfeitamente que ela estava ali sentada. — Desculpa lá.

— Sabes, é extraordinário — diz a Heidi no seu tom neutro, que é um aviso flagrante de que está prestes a arrancar-nos os tomates. — Vocês os dois são gêmeos idênticos, e, no entanto, Evan, eu nunca tocara na tua pila, nem mesmo tendo tu a cara do Cooper.

— Toma — grita a Alana, rindo-se, ao lado da Heidi e da Steph. Aquelas três são o tormento absoluto de todos os rapazes da Bay desde o terceiro ano. Uma trindade pecaminosa de fogosidade e terror.

O Evan reage com um gesto indecente, porque as respostas não são a sua especialidade. Depois, volta-se novamente para mim.

— Continuo a achar que devíamos esperar até aquele clone sair de casa e saltar-lhe em cima. As pessoas falam, Coop. Se souberem que tu deixas passar estas merdas, de repente, acham que qualquer um nos pode passar a perna.

— Foi uma sorte aquele idiota não ter apresentado queixa — observa a Steph. — Mas, se transformares isto numa guerra, ele pode mudar de ideias.

Ela tem razão. Não faz sentido eu não ter passado os últimos dois dias na prisão, tirando o facto de esse Preston ter ficado satisfeito em humilhar-me. Embora jamais admitisse a derrota, ainda estou irritado por ter sido despedido. O Evan tem razão: os Hartley não podem deixar passar estas merdas. Temos uma reputação na cidade. Se as pessoas pressentem alguma fraqueza, começam a ficar com ideias. Mesmo quando não temos nada, há sempre alguém a tentar tirar-nos isso.

— Afinal, quem era o tipo? — pergunta a Heidi.

— Preston Kincaid — avança a Steph. — A família dele é dona daquela propriedade gigantesca na costa, onde

arrancaram aqueles carvalhos com duzentos anos, no mês passado, para construir um terceiro campo de ténis.

— Ui, eu sei quem é esse gajo — diz a Alana, o seu cabelo ruivo brilhante cintilando à luz da fogueira. — Há umas semanas, a Maddy estava a tomar conta do barco de *parasailing* do pai e levou-o a dar um passeio com uma miúda. Ele estava a tentar engatar a Maddy mesmo em frente da rapariga. Chegou a convidá-la para sair. Quando ela arranjou uma desculpa, estás a ver, porque ainda estava a tentar ganhar uma gorjeta, ele tentou convencê-la a fazerem um *ménage à trois* ali mesmo. A Maddy disse que quase o atirou borda fora.

— É mesmo nojento — diz a Steph, fazendo uma careta.

— Ora aí está. — O Evan abre mais uma lata de cerveja e bebe um gole. — Ele está a pedi-las. Se o fizermos baixar a bolinha, é serviço comunitário.

Olho para o meu irmão, curioso.

— Temos de nos vingar, meu. Ele tirou-te uns gramas de carne. E nós tiramos-lhe outros tantos.

Tenho de admitir que estou desejoso de vingança. Há dois dias que esta raiva está em ebulição nas minhas entranhas, a consumir-me. Trabalhar no bar não era a minha única fonte de rendimento, mas precisava desse dinheiro. Tudo aquilo para que trabalhei ficou bastante mais distante quando aquele palhaço fez com que eu fosse despedido.

Penso no assunto.

— Não posso rebentar-lhe a cara, senão vou preso. Não posso tirar-lhe o emprego, porque, fogo, como é óbvio, o gajo não trabalha. Nasceu com o cu num berço de ouro. Então, o que é que podemos fazer?

— Oh, pobre rapariga — diz a Alana subitamente, aproximando-se do nosso lado da fogueira para nos mostrar o seu telemóvel. — Estava a espreitar as redes sociais. Ele tem namorada.

Olho para o ecrã. Interessante. O Kincaid fez um post sobre ajudar a namorada a mudar-se para a sua residência na Garnet. O post inclui emojis de corações e todo o tipo de tretas superficiais e lamechas que são indícios de um traidor a tentar compensar.

— Porra — comenta o Evan, pegando no telemóvel e passando pelas fotos dos dois no iate horrível do Kincaid. — Ela até é gira.

Ele tem razão. O Evan amplia uma fotografia que mostra uma morena alta de olhos verdes e pele bronzada vestindo uma t-shirt branca cortada, descaída num dos ombros, que revela a alça de um fato de banho azul. Por alguma razão, aquela estreita tira de tecido é mais sexy do que qualquer imagem pornográfica que já vi. É uma provocação. Um convite.

Surge uma ideia terrível na zona mais perversa do meu cérebro.

— Vais seduzi-la — diz o Evan, porque, apesar de sermos diferentes em muitas coisas, somos exatamente iguais.

O olhar da Alana brilha de malícia.

— Fá-lo.

— O quê, roubar-lhe a namorada? — pergunta a Heidi, incrédula. — Ela não é um brinquedo. Isso é...

— Uma excelente ideia — interrompe o Evan. — Caças a namorada do clone, esfregas-lhe isso na cara e depois acabas com ela.

— Que nojo, Evan. — A Heidi levanta-se e arranca o telemóvel das mãos da Alana enquanto continuam a discutir. — Ela é uma pessoa, sabes?

— Não, é um clone.

— Queres que ela acabe com o Kincaid, certo? Então, porque é que não o apanhamos a traí-la e lhe enviamos as provas para ela acabar com ele? O resultado é o mesmo — observa a Heidi.

— Não é a mesma coisa — defende o meu irmão.

— Como é que não é a mesma coisa?

— Porque não é. — O Evan aponta com o gargalo da garrafa na direção da Heidi. — Não basta o Kincaid perder. Ele tem de saber quem o derrotou. Temos de o fazer sofrer.

— O Cooper não tem de fazer com que ela se apaixone por ele — diz a Alana. — Basta seduzi-la o suficiente até ela deixar o namorado. Umas saídas, no máximo.

— Seduzi-la? Queres dizer ir para a cama com ela — diz a Heidi, revelando a verdadeira razão por que detesta este plano. — Mais uma vez, que nojo.

Noutro dia qualquer, talvez tivesse concordado com ela. Mas hoje não. Hoje, sinto-me zangado, azedo e ávido de sangue. Além disso, estaria a fazer um favor a esta miúda, salvando-a do Kincaid. Poupano-lhe uma vida miserável com um sacana traidor que apenas a trataria bem para lhe sacar 2,5 filhos antes de dedicar toda a sua atenção à sua amante.

Toda a vida me cruzei com tipos como o Preston Kincaid. Uma das minhas primeiras memórias é de estar no paredão, aos 5 anos, com o meu pai e o meu irmão, e sentir-me confuso por ver todas aquelas pessoas bem vestidas a falar com o meu pai como se ele fosse um bocado de merda de cão agarrada aos seus sapatos de vela. É bem provável que a namorada do Kincaid seja ainda pior do que ele.

A Steph levanta um potencial problema.

— Mas, se ele já anda a trair a namorada, até que ponto é que se importa com ela? Talvez não lhe faça diferença que ela acabe com ele.

Olho para o Evan.

— Ela tem razão.

— Não sei... — Contemplativa, a Alana estica-se sobre o ombro da Heidi para olhar para o telemóvel. — Pelas fotos, diria que estão juntos há uns anos. Aposto que esta é para a vida.

Quanto mais tempo a ideia anda às voltas na minha cabeça, mais convencido fico. Principalmente pelo olhar na cara do Kincaid quando perceber que o derrotei. Mas também porque, se eu não soubesse que ela era namorada do Kincaid, tentaria convidá-la para sair na mesma.

— Vamos tornar isto interessante — diz a Steph, cruzando o olhar com o da Alana e apercebendo-se das potencialidades deste plano. — Não podes mentir. Não podes fingir que estás todo apaixonado por ela, ou dormir com ela a não ser que seja ela a ter a iniciativa. Podes beijá-la. Mas não lhe podes dizer para acabar com ele. Tem de ser ideia dela. Senão, qual é a piada? Nesse caso, mais valia seguirmos o plano da Heidi.

— De acordo.

É quase injusto quão fácil isto vai ser.

— As omissões são mentiras. — A Heidi está furiosa. — O que é que te faz pensar que um deles vai descer da sua nuvem por causa de ti? — Enfurecida, ela dirige-se à casa, sem sequer esperar por uma resposta.

— Não lighes — diz a Alana. — Eu adoro este plano.

O Evan olha seriamente para mim, acenando na direção da Heidi.

— Tens de fazer alguma coisa em relação àquilo.

Talvez ele tenha razão. Depois de vários enrolanços, eu e a Heidi regressámos ao platónico e estivemos bem durante todo o verão. Mas, de repente, a maré mudou, e agora ela fica transtornada com frequência. Aparentemente, a culpa é toda minha.

— Ela já é crescidinha — digo.

Talvez a Heidi se sinta um pouco territorial, mas isso passa-lhe. Somos amigos desde o primeiro ano. Não pode ficar chateada comigo para sempre.

— Enfim. Em que é que ficamos em relação ao clone? — O Evan olha para mim, expectante.

Levo a garrafa de cerveja aos lábios e dou um gole rápido.
Depois, encolho os ombros e digo:

— Vamos a isso.

CAPÍTULO 4

Mackenzie

No sábado à noite, depois da primeira semana, a Bonnie leva-me a sair. Segundo ela, *para fazer um reconhecimento da zona*. Até agora, estamos a dar-nos otimamente como companheiras de dormitório. Melhor do que eu estava à espera, na verdade. Sou filha única e nunca vivi noutra sítio que não em casa dos meus pais, por isso, estava um pouco receosa em relação a partilhar um espaço com uma desconhecida. Mas é fácil viver com a Bonnie. Ela é asseada e faz-me rir com a sua fonte inesgotável de atrevimento sulista. É como a irmã mais nova que eu não sabia que queria.

A última hora desde que saímos do *campus* serviu para reforçar a minha teoria de que a Bonnie é uma espécie de feiticeira. Esta rapariga tem poderes com que um mero mortal apenas poderia sonhar. Assim que nos aproximámos do balcão desta tasca barulhenta, com cuecas penduradas nas vigas e chapas de matrícula na parede, três tipos abriram caminho pela multidão para nos pagar as bebidas. Só para que a Bonnie lhes mostrasse um sorriso. Desde então, tenho-a visto encantar uma série de tipos sem mexer uma palha. Basta-lhe fazer olhinhos aos homens, soltar umas risadinhas, mexer no cabelo, que eles ficam prontos para retirar órgãos às próprias mães.

— Não és de cá, pois não? — Um dos nossos pretendentes

mais recentes, um tipo com ar desportista, vestindo uma t-shirt demasiado justa e usando demasiado desodorizante, grita-me ao ouvido, acima da música estridente. Mesmo enquanto está a fazer-se a mim, o seu olhar desvia-se na direção da Bonnie e da conversa animada dela. Imagino que não a consigam ouvir, mas isso não parece fazer qualquer diferença.

— Sim — respondo, a minha cara atenta ao brilho do ecrã do telemóvel enquanto troco mensagens com o Pres. Esta noite, ele vai ficar em casa de um amigo para um jogo de póquer.

Enquanto presto o mínimo de atenção a este tipo, cuja função é entreter a «amiga», os seus dois amigos vão comendo da palma da mão da Bonnie na pista de dança. Ocasionalmente, aceno e levanto o olhar do telefone, enquanto ele tenta corajosamente fazer conversa, embora ambos saibamos que é inútil perante o reportório da banda, que tem o volume no máximo.

Cerca de quarenta minutos depois de o parceiro de engate se afastar, sinto um braço agarrar o meu.

— Estou aborrecida. Vamos livrar-nos destes gajos — diz a Bonnie ao meu ouvido.

— Sim! — Aceno enfaticamente. — Por favor.

Ela gesticula uma desculpa qualquer aos tipos que andam atrás dela como dois patinhos, pegamos nas nossas bebidas e abrimos caminho até às escadas. No segundo andar, com vista para a banda que está a tocar no palco, encontramos uma mesa com um pouco mais de espaço para respirar. Aqui em cima é mais sossegado. O suficiente para conseguirmos ter uma conversa sem gritar ou recorrer a uma linguagem gestual rudimentar.

— Não te enche as medidas? — pergunto, referindo-me à sua vítima mais recente.

— Palermas destes arranjo eu aos pontapés em casa. É impossível atirar uma pedra e não acertar num jogador de

futebol.

Sorrio por detrás do copo. Cocktails de fruta não são bem a minha onda, mas foi o que a Bonnie pediu aos seus pretendentes para os pagarem.

— Então, de que tipo de homem gostas?

— Com tatuagens. Altos, morenos, perturbados. Quanto mais emocionalmente indisponíveis, melhor. — Esboça um sorriso radioso. — Se tiver registo criminal, estou aberta ao público.

Quase me engasgo com a língua de tanto rir. Incrível. Ela não parece ser esse tipo de rapariga.

— Talvez devêssemos ir a um bar com mais *Harley's* à porta. Não me parece que vamos encontrar o que procuras aqui.

Pelo que vejo, há pouca escolha. A maioria são alunos da Garnet, estilo clube de campo ou tipos das repúblicas, e uns poucos ratos de praia com camisolas de alças. Nenhum deles chega perto das fantasias de cabedal e tachas da Bonnie.

— Ah, eu fiz a minha pesquisa — declara ela, orgulhosa. — Dizem por aí que Avalon Bay tem exatamente aquilo de que preciso. Os Gémeos Hartley.

Ergo uma sobancelha.

— Gémeos, hã?

— São daqui — diz ela, acenando. — Mas eu não sou gananciosa. Um chega perfeitamente. Só acho que tenho melhores hipóteses se houver um sobresselente.

— E estes gémeos Hartley correspondem a todas as tuas categorias de rebeldia?

— Podes crer. Ouvei falar das suas proezas através de umas raparigas da faculdade. — Ela lambe os lábios. — Tenciono ser uma dessas proezas esta noite.

O riso borbulha na minha garganta. Esta rapariga...

— Nem conheces estes tipos. E se eles forem horríveis?

— Não são. Se fossem, os nomes deles não andariam na boca de todas as raparigas. — Ela suspira alegremente. — Além

disso, aquela rapariga que mora ao fundo do corredor, a Nina? Dina? Ou lá como se chama, mostrou-me uma fotografia deles, e não te preocupes, Miss Mac, eles são *ótimos*.

Desato a rir.

— Está bem. Já percebi. Vou estar atenta a um par de gémeos rebeldes.

— Obrigada. E tu?

— Eu?

— Sim, tu.

— Não ando à procura de um rebelde.

O ecrã do meu telemóvel volta a iluminar-se com uma mensagem do Preston, dizendo que o seu próximo jogo está quase a começar.

Outra coisa de que gosto no Pres é a rotina, a previsibilidade. Prefiro coisas que funcionam dentro de determinados parâmetros. Sou metódica. Organizada. Um namorado a andar de um lado para o outro a toda a hora não encaixaria na minha vida. Ao mesmo tempo, não me parece que a Bonnie esteja à procura de um investimento a longo prazo. Talvez algo mais tipo uma microtransição.

— Estou só a dizer. — A Bonnie pisca-me o olho. — Isto é um círculo de confiança. Nunca iria chibar-me da minha companheira de casa se ela quisesse divertir-se um pouco.

— Agradeço, mas não é preciso. Eu e o Pres somos leais um ao outro.

Nunca faria esta coisa da relação à distância se não estivesse confiante de que somos fiéis. Agora que estamos os dois na Garnet, uma traição faria ainda menos sentido.

Ela olha para mim, entortando um pouco os olhos e sorrindo de uma forma um pouco condescendente, embora eu saiba que é sem intenção.

— Então, és mesmo uma pessoa de relações?

— Sim. — Só estive com o Preston, mas, mesmo que

estivesse com outra pessoa, a monogamia é a minha cena. — Não compreendo o objetivo da traição. Se querem estar com outras pessoas, fiquem solteiros. Não arrastem os outros para esses filmes.

— Bem, um brinde a sabermos o que queremos e a irmos atrás disso. — A Bonnie ergue o copo. Brindamos e bebemos os nossos cocktails até ao fim. — Anda — diz ela —, vamos sair daqui. Tenho uns gémeos para caçar.

A Bonnie não está a gozar. Durante as duas horas seguintes, dou por mim a arrastar-me atrás dela como se andasse com um perdigueiro farejador de pilas pela trela. Arrasta-me de bar em bar à procura dos seus gémeos esquivos, deixando incontáveis vítimas embasbacadas no seu rasto. Pobres coitados atirando-se aos seus pés, dizimados pelas suas covinhas. Nunca tive problemas em atrair a atenção dos homens, mas, ao lado da Bonnie May Beauchamp, bem podia ser um banco partido. Ainda bem que tenho namorado, senão desenvolvia um complexo.

Por muito que queira ajudar a Bonnie na sua aventura de encontrar e destruir o seu rebelde provinciano, esta coisa da companheira de engate torna-se aborrecida à medida que a noite passa. Se ela não se cansar em breve, é provável que precise de lhe dar uma cacetada na cabeça.

— É o último — aviso assim que transpomos o limiar da porta de mais um bar do passeio marítimo. Este chama-se Rip Tide. — Se os teus gémeos não estiverem aqui, vais ter de te contentar com outro rebelde qualquer.

— O último — promete. Depois, faz-me olhinhos e, como qualquer tipo com que nos cruzámos esta noite, dou por mim a derreter-me na sua presença. É impossível ficar chateada com ela.

Ela enlaça o braço no meu e arrasta-me para dentro do Rip Tide.

— ‘Bora lá, miúda, vamos a isto. Tenho um bom pressentimento em relação a este sítio.

CAPÍTULO 5

Cooper

Ela está aqui.

O destino deve estar coordenado com o plano, porque vim sair com amigos, num sábado à noite, para ver a banda de um amigo no Rip Tide, quando *a* vejo. Está sozinha numa mesa alta, diretamente no meu caminho, como se ali tivesse sido colocada por um poder superior.

O seu rosto é inconfundível. E, caramba, se ela era gira nas fotos, em pessoa é uma brasa. É o tipo de rapariga que se destaca na multidão. Belíssima, com um longo cabelo escuro e olhos penetrantes que brilham sob as luzes do palco. Mesmo à distância, tem um ar descontraído, uma aura de confiança. De t-shirt branca com um nó na cintura e calças de ganga, esta rapariga sobressai sem tentar dar nas vistas.

Isto seria o suficiente para me chamar a atenção, mesmo que ela não tivesse um corpo fabuloso. Mas também o tem — umas pernas incrivelmente longas, mamas grandes, um rabo perfeito. Esta é a rapariga com que as minhas fantasias fantasiam.

— É ela? — A Alana aproxima-se, seguindo o meu olhar até onde está sentada a namorada do Preston Kincaid. — Ela é muito mais gira em pessoa.

Eu sei.

— Vamos fumar um cigarrinho num instante enquanto a próxima banda monta as cenas? — sugere o nosso amigo Tate. Ele levanta-se da mesa, passando uma mão pelo cabelo louro despenteado.

— Não, nós ficamos aqui — responde a Alana por nós.

Ele ergue uma sobrancelha, olhando para mim.

— Coop?

Mais uma vez, a Alana é minha porta-voz.

— O Cooper está a reduzir o consumo de pauzinhos de cancro. — Acena com a mão. — Vão vocês.

Encolhendo os ombros, o Tate afasta-se, seguido pelo Wyatt e pela namorada do Wyatt, a Ren. Assim que eles saem, a Alana vira-se para mim.

— Vá, desembucha — ordena.

— Desembucho o quê?

— A tua jogada. Diz lá umas frases.

Ela sacode o cabelo e apoia o queixo nas mãos, fazendo-me olhinhos inocentes de forma sarcástica.

— Vai à merda.

Não preciso de ajuda para engatar uma miúda.

— Precisas de um plano. — A cena com a Alana é que, quando ela põe as patas numa coisa, tem tendência de assumir o controlo. — Não podes só chegar lá e atirar-lhe a pila para o colo.

— Sim, obrigado, eu sei.

Bebo o resto da cerveja e levanto-me da mesa.

A Alana interrompe o meu movimento, puxa as mangas da minha camisola preta para baixo e passa-me as mãos pelo cabelo.

— Para que é isso? — resmungo.

— Para entrares com o pé direito — diz. — No caso de ela ser uma santinha. As tatuagens afastam as santinhas. — Inclinando-se para trás, ela faz uma última apreciação e

enxota-me com a mão. — Pronto. Ide e conquistai.

Este é o problema de ter amigas mulheres.

Antes de me aproximar da mesa do meu alvo, dou uma rápida vista de olhos ao bar para garantir que o Kincaid não está escondido em lado nenhum. Não é que eu sinta alguma dúvida em relação à desforra. No entanto, envolver-me numa rixa de bar não faz parte do plano. Isto funciona melhor se eu puder aparecer ali sem ninguém reparar e depois já ser tarde demais para ele intervir. Conquistá-la antes sequer de ele perceber que o inimigo já está dentro de portas.

Satisfeito por perceber que ela está sem o namorado esta noite, dirijo-me à sua mesa. Com o olhar focado no telemóvel, ela não repara em mim até eu lhe tocar no braço.

— Olá — digo, curvando a cabeça na sua direção para que consiga ouvir-me acima da música que sai das colunas. — Estás a usar este banco?

— Não. — Ela não desvia a atenção do ecrã iluminado. — Força. — Quando me sento, ela levanta a cabeça. — Ah. Pensava que ias levar o banco para outra mesa. Mas OK.

— Ajuda-me a resolver uma aposta — digo, aproximando-me. Ela cheira bem, a baunilha e limão. Tão bem, que quase me esqueço do que estou aqui a fazer. O facto de ela não se afastar ou me atirar uma bebida à cara é um bom começo.

— Hum... que tipo de aposta?

No seu olhar surge um lampejo de hostilidade, mas depois a sua expressão suaviza-se. Quando olha para mim, vejo que consegui deixá-la intrigada.

— E se eu te dissesse que, daqui a uma hora, saírias deste bar comigo?

— Diria que admiro a tua jogada, mas terias mais sorte se apontasses para outro alvo.

— Está apostado.

Fixo o meu olhar no seu e estendo a mão para firmarmos a

aposta. Acredito que a melhor forma de conhecermos realmente alguém é provocando-os e ver se ripostam. Dar-lhes corda e deixá-los ir.

— Eu tenho namorado — diz terminantemente, ignorando a minha mão. — Já perdeste.

Olho-a nos olhos. Descaradamente.

— Não te perguntei sobre o teu namorado.

Por um momento, fica desconcertada. Claro que fica, não está habituada a que falem com ela assim. Sobretudo o imbecil do namorado. As miúdas como ela estão habituadas a que os pais mimem todos os seus caprichos e a terem criados sempre prontos a servi-las. E, enquanto ela se habitua à minha presença, percebo o momento em que decide que sou mais interessante do que o quer que esteja no seu telefone.

Ela desliga o ecrã e afasta o telemóvel.

Tão estupidamente previsível. Todas as raparigas ricas de boas famílias querem saber como é estar com o tipo que se encontra do lado de fora dos seus portões dourados.

— Isto é a gozar? — Ela olha em volta. — Foi a Bonnie que te disse para fazeres isto?

— Não conheço nenhuma Bonnie. O meu nome é Cooper.

— Mackenzie — responde ela com o sobrolho franzido, ainda a pensar, perguntando-se qual será o senão. — Mas eu tenho mesmo namorado.

— Continuas a dizer isso.

Desta vez, quando me aproximo, ela não se afasta. Ficamos a poucos centímetros de distância, o ar entre nós tornando-se mais rarefeito.

— Para a maior parte do mundo civilizado — diz ela lentamente — é importante.

— Estou a olhar à minha volta e não vejo esse tipo com quem estás tão preocupada.

O seu rosto parece incrédulo, embora ligeiramente divertido.

Ela sabe perfeitamente que é gira e está habituada a que os homens andem atrás dela. Mas sinto a sua inquietação. Baralhei-a. O que mostra que está a pensar sobre isso. Conheci muitas raparigas como ela, dormi com algumas, e, agora, as fantasias rebuscadas e os ses andam às voltas na sua linda cabecinha.

— Estou com a minha companheira de casa. — Ouço uma certa resistência na sua voz, uma determinação em manter-se firme, ou, pelo menos, a parecer que o faz. Esta mulher nunca foi um alvo fácil. — É uma coisa de raparigas.

— Já, estás a ter uma noite mesmo louca — digo lentamente, gesticulando para o seu copo de água. — Alguém tem um complexo de boa rapariga, hã?

— Estou ansiosa para saber como é que insultar-me te vai fazer ganhar a aposta.

— Espera e verás.

Ela levanta o copo de água.

— Chama-se a isto ser uma boa amiga. Já atingi a minha quota de álcool de duas bebidas.

— Tu é que sabes, princesa.

Ela faz rodar a palhinha no copo.

— Sou responsável pela minha companheira de casa esta noite.

— E se eu te disser que tens um ar solitário?

Ela inclina a cabeça, o olhar estreitando-se. Consigo ver as engrenagens às voltas na sua cabeça, analisando-me.

— Porque haveria de ter um ar solitário?

— Deixemo-nos de tretas.

Ela acena, sorrindo.

— Está bem, vamos lá.

— És uma mulher atraente, sozinha num bar a abarrotar de gente, com a cabeça enfiada no telemóvel, porque preferias estar noutro lado. E onde quer que isso seja, há alguém que se

está a divertir sem ti. No entanto, estás aqui sentada, exibindo o teu aborrecimento como uma medalha de lealdade, com a noção disparatada de que estar triste prova que és boa pessoa. Por isso, sim, acho que te sentes sozinha. Acho que estás desesperada por te divertires e secretamente contente por eu me ter dirigido a ti. Na parte mais profunda e obscura do teu cérebro, esperas que eu te dê uma razão para te portares mal.

A Mackenzie não responde. No crepitar da energia que se gera no exíguo espaço entre nós, observo a indecisão a debater-se no seu olhar. Está a considerar tudo o que acabei de dizer, golpeando o copo de água gelada com a palhinha.

Se me vai dizer para ir dar uma volta, é agora. Confrontei-a, e qualquer reação que não seja mandar-me embora é uma admissão de que tenho, pelo menos, um pouco de razão. Mas, se não me mandar embora, significa que o seu caminho não está decidido. Não há regras, e isso é um território perigoso para alguém cujo mundo está mapeado desde a nascença. Ser rico significa nunca ter de pensar por si próprio.

Se escolher vir atrás de mim, tudo se torna menos previsível a partir daqui.

— Está bem — diz, por fim. — Aceito a aposta. — Dá para perceber que ainda está cética em relação às minhas motivações, porém, está intrigada. — Mas se achas que isto acaba comigo a ir para a cama contigo, mais vale pagares já.

— Certo. Não te quereria tentar com um bocado de diversão. Ela revira os olhos, não conseguindo esconder um sorriso.

— Quer dizer, eu senti uma energia deprimente a exalar de ti lá do fundo — digo, acenando na direção da mesa onde a Alana e os nossos amigos não estão a conseguir fingir não estar a olhar para nós. — Honestamente, isto é um protocolo de mitigação. Se não mudares de atitude, vamos ter de te pedir que saias antes que a tua depressão se espalhe.

— Oh — diz ela, fazendo uma expressão irónica —, se é uma

emergência médica, com certeza.

Ela sabe dar-me conversa, pelo menos. Estava com medo de que fosse mais uma afetada convencida incapaz de exprimir um pensamento que não tivesse que ver com roupas ou verniz das unhas. Ao meter-me nisto, assumi que teria de me contentar com a típica atitude privilegiada irritante, mas esta miúda parece-me bastante normal, sem nenhum desse pretensiosismo arrogante.

— Então, o que é que te *obrigou* a sair esta noite? — pergunto. Quanto mais falar sobre si, mais ficará sem defesas, dando-lhe a impressão de estar a controlar a situação.

— A minha companheira de casa anda à caça de um par de irmãos gémeos — informa.

Não me digas.

— Por desporto ou para comer?

— Um pouco de ambos. — O seu olhar percorre o bar, presumivelmente à procura da elusiva companheira de casa no meio da multidão. — Ela tem uma pancada por rapazes socialmente inúteis que ostentam a personalidade na pele, e meteu na cabeça que tem boas hipóteses com estes gémeos. Pessoalmente, acho que um surto de herpes não vale uma *selfie* na manhã seguinte no *Instagram*, mas quem sou eu para julgar?

Faço um esforço para manter uma cara séria. É demasiado perfeito. Quase me sinto mal por estar a fazer-lhe isto, mas, ao mesmo tempo, ela sugeriu que eu tinha herpes, por isso, não me sinto assim tão mal.

— Conheces esses gémeos? — pergunto, num tom inocente.

— Não. Mas se são assim tão infames para a sua reputação no *campus* ter chegado aos ouvidos de uma caloiria na primeira semana de aulas, os seus feitos devem ser extensos e abundantes. — Faz uma careta de repulsa. Se isto não fosse tão divertido, até ficava ofendido. — Qualquer tipo que ande por aí no engate acaba por encher uma placa de Petri com todo o tipo

de infestações genitais.

— Obviamente — digo com solenidade. — E sabes o nome destes gémeos -pacientes-zero?

— Hartley. São daqui. — O seu rosto ilumina-se. — Por acaso não os conheces? Quer dizer, a Bonnie adoraria ser ela a encontrar as pistas da sua demanda, mas se forem teus amigos ou assim...

Quase não aguento de antecipação.

— Não, esquece esses gajos. — Tento evitar um sorriso. — São uns otários, esses dois.

— Mac! Vou só beber mais uma bebida e depois podemos... Oh.

Uma loura baixinha aproxima-se e detém-se de repente, olhando através do meu crânio. De rosto corado, vira os enormes olhos para a Mackenzie.

Passam-se alguns intimidantes segundos de ginástica mental silenciosa entre as duas, até que a Mackenzie me agarra pelo pulso e me puxa a manga da camisa para cima, revelando as minhas tatuagens.

— Estás a gozar — diz, lançando-me um olhar fulminante. — Não. Nem pensar. Não é justo. — Ela encosta-se para trás e cruza os braços, desafiante. — Sabias que eu estava a falar de ti e deixaste-me continuar?

— Nunca abdicó de entretenimento grátis — digo, desfazendo-me num sorriso.

A sua companheira de casa fica a olhar para nós, sentada no banco ao lado da Mackenzie. De repente, ocorre-me que a situação da companheira de casa pode ser complicada. Ou esta rapariga me estraga os planos, reclamando-me para si e afastando a Mackenzie antes sequer de eu ter tido uma hipótese, ou pode ser o meu trunfo. Só tenho de a pôr do meu lado e avançar calmamente até à meta. Felizmente, tenho um eu sobresselente para pôr no seu caminho.

— Enganaste-me — diz a Mackenzie enfaticamente. — Um esforço intencional de engano. Isso não é permitido. De facto, toda esta interação é agora duvidosa. Nós não nos conhecemos. Eu não te conheço.

— Uau. — Afasto-me da mesa, abafando uma gargalhada. — Deste-me muito em que pensar. Vou precisar de mais uma bebida para absorver isto. Mais uma rodada? — Desta vez, dirijo a pergunta à companheira de casa, cuja expressão de assombro não desvaneceu.

— Sim, por favor — diz ela. Quando parece que a Mackenzie poderá opor-se, a amiga lança-lhe um olhar. — Obrigada.

Dirijo-me ao bar e avisto a Alana, que se levanta da mesa dos nossos amigos e me segue. Enquanto peço três cervejas, ela percorre o trajeto mais longo, passando lentamente pela Mackenzie e a sua amiga.

— Parece que correu bem — diz a Alana, chegando finalmente ao meu lado. O reportório da banda que estava no palco termina, e há uma breve pausa antes de a música enlatada ser projetada no espaço enquanto a próxima banda monta o seu material.

— Ela é fixe — respondo, encolhendo os ombros. — Um bocado faladora, mas quando é que isso alguma vez me impediu?

— Pois, bem, não te afeições.

A Alana pede um shot.

— Acabei de conhecer a rapariga. Calma.

Além do mais, afeiçoar-me nunca foi um problema. Pela forma como fui criado, aprendi há muito tempo que tudo é temporário. Não vale a pena investir demasiado. É mais fácil assim. Mais simples. Poupa desgostos a toda a gente.

— Ouvi-as a falar. — A Alana bebe o seu shot e faz uma careta por causa do ardor. — A loura estava tipo *Ele é teu, se quiseres*, mas a nossa miúda estava tipo *Não, estás à vontade*.

Por isso... — Ela encosta-se ao balcão, observando a mesa das raparigas. — Ainda tens muito trabalho pela frente.

— É uma longa história, mas talvez tenha de atirar o Evan para cima da loura.

— Como é que ele irá aguentar uma coisa dessas? — diz a Alana, revirando os olhos.

A companheira de casa é gira, sem dúvida, mas não faz o meu género. Além disso, tem metade do meu tamanho, e eu odeio dar cabo das costas ao beijar uma rapariga.

O barman volta com as nossas bebidas, e eu pego nelas, regressando para ao pé das raparigas, com a Alana a gritar qualquer coisa como *Vai-te a elas, campeão*, nas minhas costas. Subestimei quão desagradável seria transformar a minha vida sexual num espetáculo desportivo.

Pouso as bebidas na mesa e sento-me. Quando a Mackenzie afasta a sua água e aceita a cerveja, tenho a certeza de que está interessada. Se fosse para se assustar e fugir, já o teria feito antes de eu voltar.

— Cooper Hartley. — Estendo a mão à companheira de casa, que me avalia de forma nada discreta.

Aperta-me a mão, os seus pequenos dedos demorando-se.

— Bonnie May Beauchamp — diz, com um carregado sotaque sulista. — Suponho que o teu irmão não ande por aí.

— Não, provavelmente está a arranjar sarilhos noutro lado qualquer. — Na verdade, ele tem um esquema para sacar dinheiro aos meninos ricos no salão de bilhar, umas portas ao lado. É praticamente o seu segundo emprego. — Não posso levar aquele miúdo a lado nenhum.

— Que pena. — A Bonnie faz beicinho, na brincadeira.

É óbvio que esta miúda, a Bonnie, é uma garrafinha de fogo. Transborda todo o tipo de energia sexual maliciosa.

— Estávamos à espera de que soubesses onde vamos a seguir, não é, Mac? Um sítio mais... acolhedor.

A Mackenzie lança um olhar confuso à sua companheira de casa. Contenho um sorriso. Agora, se ela recusar, estará a empatar a amiga. *Foste entalada, Mac*. Eu e esta companheira de casa estamos a tornar-nos amigos rapidamente. Isto vai ser mais fácil do que eu esperava.

— Acolhedor, hã? — digo.

A Mackenzie olha para mim, apercebendo-se de que nunca teve hipóteses de ganhar a nossa aposta. Até me sentiria mal, se não me estivesse completamente nas tintas. Esta miúda é gira, e não é um pesadelo completo, mas eu não me esqueci do que estou aqui a fazer. Ela continua a ser apenas um meio para atingir um fim.

— Sei aonde podemos ir.

É demasiado cedo para as convidar a irem lá a casa. Isso é entrar a matar, e eu sei, instintivamente, que não é a estratégia certa para esta situação. Precisamos de uma abordagem comedida. Criar afinidades. Tornarmo-nos amigos. Eu sei ser paciente quando é preciso; ela que se aproxime. A missão é acabar a relação entre ela e o Kincaid. Para isso resultar, ela tem de estar empenhada.

— Isso não parece nada ameaçador.

A Mackenzie demonstra agora outra energia.

— Vou mandar uma mensagem ao meu irmão, a ver se ele está interessado em fazer disparates connosco em vez do que quer que seja que está a fazer. OK?

— Eu alinho. — A Bonnie olha para a Mackenzie com olhinhos de *Papá, compra-me um pónei*.

— Não sei. — Dividida, ela olha para o telefone. — É quase uma da manhã. O meu namorado provavelmente está em casa à espera de que eu lhe ligue.

— Ele sobrevive — insiste a Bonnie. O seu tom de súplica torna-se mais urgente. — Por favor?

— Anda lá, princesa. Vive a vida.

A Mackenzie debate-se com o seu bom senso, e, por uma fração de segundo, começo a questionar-me. Talvez a tenha percebido mal e ela não seja uma menina rica entediada a precisar de se soltar. Talvez seja perfeitamente capaz de se levantar, sair e não voltar a olhar para mim.

— Está bem — cede. — Uma hora, no máximo.

Não, ainda não perdi o jeito.

CAPÍTULO 6

Mackenzie

Não sei bem como é que viemos aqui parar. Estou com a Bonnie, o Cooper e o Evan, o seu gémeo idêntico, sentados em volta de uma fogueira na areia, onde o bater das ondas e a maré pulsante abafam os sons do passeio marítimo. As pequenas fagulhas e brasas cintilam e flutuam na brisa morna do mar. Luzes brilham por detrás das dunas, refletindo-se na água.

Enlouqueci, claramente. É como se alguém me tivesse invadido o cérebro no momento em que deixei este desconhecido arrastar-nos para o meio da escuridão. Agora, enquanto a Bonnie se aninha no seu rapaz rebelde, uma crescente sensação de inquietação instala-se dentro de mim, proveniente da figura do Cooper, que está do outro lado das labaredas.

— És um mentiroso — acusa Bonnie, sentada de pernas cruzadas ao meu lado, rindo de forma cética.

— Não estou a gozar. — O Evan ergue as mãos em sinal de inocência. — O Cooper estava sentado com a porcaria do bode na parte de trás do carro da polícia, e ele estava assustado, a debater-se. Começou a dar-lhe coices na testa e o Coop começou a jorrar sangue por todo o lado. Ele estava a tentar acalmar o bode, mas estava tudo cheio de sangue e

escorregadio lá atrás. Ele e o bode estavam cobertos de sangue, até as janelas. E eu a conduzir o carro da polícia roubado, as sirenes aos berros, luzes a piscar e tudo.

Rio-me da sua descrição disparatada e gestos animados. O Evan parece mais brincalhão do que o Cooper, que parece ser um pouco intenso. O seu rosto é idêntico, mas é fácil distingui-los. O cabelo escuro do Evan é mais curto e ele não tem tatuagens nos braços.

— E nós conseguíamos ouvi-los no rádio — diz o Cooper, com o seu rosto estupidamente bonito numa dança de luz e sombra por causa da fogueira entre nós. — E eles, tipo: «Uns putos estúpidos roubaram um bode e um carro. Estabeleçam um perímetro. Fechem a ponte.» E nós a pensar: *Merda, para onde é que vamos com isto?*

Não consigo desviar o olhar dos seus lábios. As suas mãos. Os braços musculados. Vou tentando adivinhar os contornos das suas tatuagens enquanto ele gesticula no ar. Isto é tortura psicológica. Estou presa a uma cadeira, com o olhar fixo, enlouquecido por imagens dos seus olhos escuros e sorriso enigmático. E, embora o Evan tenha literalmente a mesma cara, por alguma razão, não me atrai. Nem sequer ligeiramente. Só o Cooper.

— Tínhamos 13 anos e provocámos uma perseguição pela cidade — continua o Evan —, tudo porque a Steph viu um bode acorrentado no jardim de alguém e saltou a cerca para o libertar, precisamente na altura em que o dono apareceu com uma caçadeira. E eu e o Coop pensámos: *Porra, ela está a habilitar-se a levar um tiro por causa de um bode.*

— Pulámos a cerca atrás dela e eu parti o cadeado com um martelo. — Por acaso tinhas um martelo contigo? — Até a minha voz me soa estranha. Estou sem fôlego porque o meu coração está superacelerado, embora tenha estado todo o tempo sentada. Completamente imóvel. Sob o seu feitiço.

— Já. — Ele olha para mim como se fosse estranho perguntar. — Era um cadeado barato. Dás-lhe umas pancadas de lado e as pecinhas lá dentro partem-se. Então, o Evan agarra no bode e nós fugimos da caçadeira, porque o dono estava completamente bêbedo e não tinha pontaria nenhuma.

— Mas de onde é que veio o carro da polícia? — pergunta a Bonnie.

— Estávamos a fugir com o bicho preso a uma trela quando fomos encurralados por um polícia, certo? — O Evan fica animado, gesticulando com uma garrafa de cerveja que trouxe para a praia. — Ele sacou do *taser*, mas nós éramos três, mais o bode, portanto, ele ficou sem saber a quem apontar. Como deixou a porta aberta, pensei, tipo: *Que se lixe, bora*.

— Eu e o Evan entrámos no carro — diz o Cooper. — A Steph correu para distrair o polícia. Enfim, o bode deu cabo de mim, e eu estava na parte de trás do carro, já a ficar tonto, quase a desmaiar, quando o Evan disse: *Meu, temos de largar o carro e fugir*.

— Então, o que é que aconteceu ao bode? — pergunto, agora genuinamente interessada no destino do pobre animal, mas profundamente paranoica com a possibilidade de todos repararem como estou desorientada. E quão fixamente estou a olhar para ele.

— O Evan meteu-se por um desvio que passa pelo parque estadual e, não sei como, conseguiu tirar aquela coisa do banco traseiro e levá-lo para a floresta. Deixou-me caído no chão, ao lado do carro, por isso, quando os polícias lá chegaram e me viram inconsciente e coberto de sangue, aparentemente mortinho da silva, começaram todos a passar-se. Puseram-me numa ambulância e acordei no hospital. No meio da confusão toda, saí dali para fora e fui ter com o Evan a casa como se nada fosse.

— Nunca foram apanhados? — A Bonnie desata às

gargalhadas.

— Fogo, não — diz o Evan. — Safámo-nos.

— Então, deixaram o bode sozinho no meio da floresta? — Olho para eles, divertida, embora horrorizada.

— Que raio era suposto fazermos? — balbucia o Cooper.

— Tudo menos isso! Oh, meu Deus. Pobre bode. Vou ter pesadelos com o pobrezinho a chorar sozinho na floresta escura. Perseguido por lince, ou assim.

— Vês? — O Evan dá uma palmada no braço do irmão. — É por isso que não queremos que as miúdas nos ponham a fazer de heróis. Nunca estão satisfeitas.

Rio-me, ainda assim. A imagem destes dois a semear o caos pela cidade, mal conseguindo ver a estrada acima do volante, com um bode assustado aos coices, é demasiado hilariante.

Trocamos histórias parvas durante um bocado. Sobre aquela vez em que a Bonnie e a sua claque da escola transformaram a escadaria de um hotel na Florida numa competição de escorrega aquático. Ou aquela vez em que eu e uma amiga conhecemos uns tipos quando estávamos a acampar com a sua família e quase pegámos fogo ao parque de campismo com fogo de artifício.

E eis que, finalmente, acontece. O momento por que a Bonnie tanto esperava toda a noite.

O Evan pega no cobertor que tinha trazido do carro e pergunta-lhe se quer dar uma volta. Estes dois estão a fazer olhinhos um ao outro desde que chegámos. Antes de se irem embora, ela olha para mim, para ver se fico bem sozinha, e eu aceno-lhe que sim.

Porque, por muito aterrorizada que esteja por ficar sozinha com o Cooper, é exatamente o que quero.

— Bem, o meu trabalho aqui acabou — informo, tentando agir normalmente.

Ele atíça a fogueira com um pau, movendo os troncos.

— Não te preocupes, ela fica bem com ele. O Evan fala como um delinquente, mas não é nenhum canalha.

— Não estou preocupada. — Levanto-me e ocupo o lugar do Evan na areia, ao lado do Cooper. Não devia, mas sou masoquista. E não sei se é ele ou o cheiro inebriante da madeira a queimar, mas sinto-me bêbeda, apesar de ter bebido apenas uma cerveja. — Honestamente, nenhum de vocês é o que eu esperava. No bom sentido.

Oh-oh. Apercebo-me de que isto foi um bocado atiradiço. Sinto as bochechas a arder e espero que ele não interprete o comentário como sinal de interesse.

— Iá — diz, abanando a cabeça. — Ainda estou mais ou menos à espera de um pedido de desculpas pela boca do herpes.

— Invoco o meu direito à quinta emenda. — Disfarço um sorriso, observando-o pelo canto do olho.

— Então é assim, hã? — Ele arqueia uma sobrancelha, desafiando-me com uma fanfarronice gozona.

Encolho os ombros.

— Não sei do que estás a falar.

— OK. Estou a ver. Não te esqueças deste momento, Mac. De quando tiveste a oportunidade de ser uma pessoa melhor.

— Ohhh — gozo. — É guerra que tu queres, hã? Inimigos declarados até ao fim?

— Eu não começo nada, eu acabo.

Ele faz uma cara séria na brincadeira e chuta um bocado de areia para cima dos meus pés.

— Iá, isso foi mesmo maduro.

— Em relação àquela aposta, princesa...

Isto dá cabo de mim. Com apenas esta alcunha parva, a terrível consciência de que estou a afundar-me torna-se inegável.

O Cooper é giro.

Estupidamente giro.

E não é apenas o seu rosto forte e anguloso, de olhar escuro e profundo de há mil anos. Tem também uma certa atitude de *Estou-me nas tintas* que afeta imediatamente as minhas partes mais suscetíveis. À luz da fogueira, há nele algo de ameaçador. Como uma faca quando a luz se reflete na lâmina. Mas o seu magnetismo é inegável.

Não me lembro da última vez em que senti uma atração tão visceral por alguém. Se é que alguma vez aconteceu.

Não gosto de sentir isto. Não só porque tenho namorado, mas porque a minha pulsação está acelerada e o meu rosto ruborizado, e eu detesto sentir que não tenho controlo sobre o meu próprio corpo.

— Não chegámos a definir a parada — diz, pensativo.

— Afinal, o que é que queres? — Justo é justo. Quanto mais não seja, sou uma mulher de palavra.

— Queres curtir comigo?

Tento parecer descontraída, mas a minha pulsação continua a acelerar.

— Que mais queres?

— Quer dizer, achei que um broche não seria viável, mas já que estamos a negociar...

Não consigo evitar sorrir.

— Tu não tens vergonha.

De alguma forma, acaba por retirar alguma tensão ao momento, afastando toda a estranheza até eu deixar de me sentir tão consciente de mim mesma.

— Está bem — diz ele, um sorriso sexy a contorcer-lhe os lábios. — É um desafio negociar contigo. Eu faço-te um minete primeiro.

— Pois, acho que chegámos a um impasse.

— Ah, sim? — Ele olha para mim através dos olhos semicerrados. É impossível não sentir que está a despir-me com

o olhar. — OK. Vou tomar nota. Ficas a dever-me.

A dada altura, sinto o telemóvel vibrar no bolso. Mas, nesse momento, eu e o Cooper estamos mergulhados numa discussão sobre as implicações socioeconómicas da pastelaria. Olho para o telefone, para ver se não é a Bonnie a pedir-me que a salve, e vejo que é só o Preston a dizer que já chegou a casa do jogo de póquer.

— Esquece — argumenta o Cooper. — Bolos de pastelaria são comida de rico. Nunca vês ninguém que ganhe o salário mínimo entrar numa loja e pedir uma caixa de croissants. Nós comemos donútes, *Pop-Tarts* frias e talvez um biscoito de alguma lata ou assim, mas nada de scones e essas merdas.

— Um donúte é um bolo, sem sombra de dúvida. E uma loja de donútes é uma espécie de pastelaria.

— Tretas. Há cinco pastelarias nesta cidade e três só abrem no verão. O que é que isso te diz?

— Que a população aumenta durante a época alta e as lojas abrem para responder à procura. Não diz nada sobre o perfil demográfico.

Ele ri-se, atirando um pau para a fogueira.

— Agora só estás a dizer parvoíces.

Embora pareça que estamos a discutir, a curva suave no canto da sua boca revela que é tudo na brincadeira. As discussões são praticamente um passatempo em minha casa, portanto, tenho bastante experiência. Não sei onde é que o Cooper aprendeu a discutir tão bem, mas ele dá-me luta. E nenhum de nós sabe admitir a derrota.

— Tu não és o clone mais irritante que já conheci — diz ele, pouco depois.

A Bonnie e o Evan ainda não voltaram. O passeio marítimo atrás de nós está praticamente em silêncio a esta hora tardia, e, mesmo assim, não estou cansada. Pelo contrário, sinto-me com

mais energia.

— Clone? — repito, olhando-o de esguelha. Esta é nova.

— É o que chamamos aos ricos. Porque vocês são todos iguais. — O seu olhar reflete um brilho pensativo sob o luar. — Mas talvez tu não sejas exatamente como os outros.

— Não sei bem se isso é um elogio insultuoso ou um insulto elogioso.

É a minha vez de lhe atirar areia para cima.

— Não, quer dizer, não és o que eu esperava. És fixe. Real. — Ele continua a analisar-me, abandonando a brincadeira e o fingimento. No seu rosto vejo apenas sinceridade. O verdadeiro Cooper. — Não és uma daquelas idiotas convencidas que estão sempre na sua porque adoram o cheiro da sua própria merda.

A voz dele deixa transparecer algo mais do que uma irritação superficial com turistas abonados e otários ricos. Soa a sofrimento verdadeiro.

Dou-lhe uma cotovelada para aligeirar o ambiente.

— Eu percebo. Cresci com pessoas assim. Seria de esperar que chegavas a um ponto e deixavas de reparar, mas não. Enfim, nem todos são maus.

— E o teu namorado? Qual é a cena dele?

— O Preston — digo. — Ele é daqui, na verdade, a família dele vive na costa. Anda na Garnet, obviamente. Estuda Gestão.

— Não me digas. — O Cooper assume um olhar sarcástico.

— Ele não é má pessoa. Acho que nem nunca jogou *squash* — digo, a gozar, mas ele não percebe a piada. — É um tipo fixe. Não é pessoa para ser imbecil com os empregados ou assim.

O Cooper ri-se baixinho.

— Não achas revelador que a tua resposta seja, basicamente, *ele é simpático para a criada*?

Suspiro. Acho que não sei como falar sobre o meu namorado com um tipo que acabei de conhecer. Especialmente sendo o Cooper claramente hostil a toda a nossa classe social.

— Sabes uma coisa? Podes ficar chocado, mas, se lhe deres uma hipótese, talvez até se deem bem. Não somos todos horríveis, sabes? — saliento.

— Nã. — O seu rosto volta a iluminar-se um pouco, e assumo que isso é bom sinal. — Tenho quase a certeza de que és a única exceção que conheci, e vivi toda a minha vida em Avalon Bay.

— Então fico satisfeita por poder mostrar algumas qualidades redentoras da minha classe.

Ele sorri, encolhendo os ombros.

— Vamos ver.

— Ai, sim? Isso parece-me uma provocação. Mas tu nem morto farias amizade com — suspiro para efeito dramático — um clone, certo?

— Nem pensar. Chama-lhe uma experiência. Podes ser a minha cobaia.

— E que teoria estamos a testar?

— Se um clone pode ser desprogramado para ser uma pessoa normal.

Não consigo deixar de rir. Já estou farta de me rir esta noite. O Cooper pode ter uma aparência de rebelde taciturno, mas é mais engraçado do que esperava. Gosto dele.

— Então, vamos mesmo fazer isto? — pergunto.

Ele passa a língua sobre o lábio inferior de forma nitidamente sensual.

— Sexo oral? Claro! Bora lá.

Rio-me novamente.

— Ser amigos! Estou a perguntar se vamos ser amigos! Fogo, Hartley, estás um bocado obcecado com sexo oral, já te disseram isso?

— Primeiro, já te viste ao espelho? Porra... — Ele interrompe-se, olhando para mim. — Qual é o teu apelido?

— Cabot — digo, prestável.

— Fogo, Cabot. — Ele gesticula. — Como posso eu não pensar em sexo oral quando estou sentado ao lado da mulher mais boazona do planeta?

Sinto-me a corar. Merda. A sua honestidade bruta é extremamente sexy.

Engolindo em seco, obrigo o meu corpo a não reagir à sua rudeza nem ao elogio. *Tu tens namorado, Mackenzie.* Soletro para o meu cérebro. N-A-M-O-R-A-D-O.

Será mau sinal ter de me lembrar disso várias vezes esta noite?

— Segundo — continua —, tens a certeza de que não nos vamos enrolar?

— Absoluta.

Ele revira os olhos.

— Pronto, terceiro: sim, acho que aceito a amizade.

— Que generoso.

— Sou, não sou?

— Oh, meu Deus. Já estou a reconsiderar. Sinto que vais ser um amigo exigente.

— O caraças — diz ele. — Vou ser o melhor amigo que alguma vez tiveste. Supero sempre as expectativas que os outros têm. Quer dizer, já libertei bodes pelos meus amigos. Podes dizer o mesmo?

Abafo uma gargalhada.

— Bodes, no plural? Queres dizer que houve mais do que um?

— Não, foi só um bode. Mas uma vez roubei um peixinho-dourado para a minha amiga Alana.

— Incrível. Tenho um amigo ladrão. — Espeto-lhe um dedo nas costelas. — Quero ouvir essa história do peixinho-dourado.

Ele pisca o olho.

— É uma boa história.

Falamos durante tanto tempo, os dois em torno da fogueira

adormecida, que só reparo que a noite escura deu lugar ao cinzento da madrugada quando o Evan e a Bonnie aparecem ao pé de nós com um ar de grande satisfação. Nessa altura, apercebo-me de que tenho uma dezena de mensagens do Preston a perguntar que raio me aconteceu. Ups.

— Fica com o meu número — diz o Cooper, com a voz rouca. — Manda-me mensagem quando chegares ao *campus*, para eu saber que chegaste bem.

Apesar dos sinais de alarme na minha cabeça, insiro o número no meu telemóvel.

Não há problema, asseguro ao meu lado desaprovador. É só uma mensagem quando chegar a casa, depois apago o número. Porque, por muito divertido que tenha sido brincar com a nossa amizade iminente, sei que é má ideia. Se aprendi alguma coisa com as comédias românticas, foi que não podemos ser amigos de alguém por quem nos sintamos atraídos. A atração em si é inofensiva. Somos seres humanos e a vida pode durar muitos anos. Estamos destinados a sentir atração por outras pessoas que não a nossa cara-metade. Mas quem se coloca no caminho da tentação quer arranjar problemas.

Assim, quando eu e a Bonnie cambaleamos para fora de um Uber e subimos até à nossa residência, estou absolutamente preparada para eliminar o Cooper Hartley do meu telemóvel. Envio apenas uma mensagem: *Ceguei bem!* Depois, carrego no seu número e passo o dedo sobre a palavra APAGAR.

Antes de conseguir carregar, aparece uma mensagem dele.

Cooper: *Foi fixe. Repetimos um dia destes?*

Mordo o lábio, olhando para o convite. A memória dos seus olhos negros a brilhar à luz do fogo, dos seus ombros largos e braços musculados, desperta o meu cérebro cansado e provoca uma sensação entre as minhas pernas.

Apaga-o, ordena uma voz severa.

Clico na nossa conversa. Talvez uma amizade com este tipo seja uma péssima ideia, mas não consigo resistir. Rendo-me.

Eu: *Eu levo os dónutes.*

CAPÍTULO 7

Mackenzie

Só passaram duas semanas desde o início do semestre e já estou farta. Não seria assim tão mau se pudesse investir numas cadeiras de Gestão e Finanças. Marketing e Direito da Comunicação de Massas. Até em alguma linguagem básica de programação. Em vez disso, estou enfiada num auditório a olhar para uma ilustração de uma espécie de pré-humano nu e peludo, um homem-macaco, que, francamente, não é muito diferente da sua versão atual sentada na aula.

As aulas de tronco comum do primeiro ano são uma treta. Até Psicologia ou Sociologia teriam alguma utilidade no meu trabalho, mas essas cadeiras estavam cheias. Assim, vim parar a Antropologia, que, até agora, consistiu em dez minutos de slides com proto-humanos de pele escura e quarenta minutos de conversa sobre a evolução. Nenhuma destas coisas beneficia a minha conta bancária. Os meus pais é que me impingiram a faculdade, mas eu esperava, pelo menos, poder ser produtiva enquanto aqui estivesse. Otimizar o *BoyfriendFails* e o site associado, segmentar palavras-chave, ver impressões de anúncios. Em vez disso, estou a tirar apontamentos, porque o nosso professor é um daqueles parvalhões que diz: «Um 20 é a perfeição, portanto, ninguém vai ter 20 nesta cadeira.» Assim, vejo-me obrigada a prestar atenção a esta imensa perda de

tempo, porque não vou andar por aí com uma média de 13.

Quando saio para o sol radioso, percebo que não sinto a ponta dos dedos. O auditório estava um gelo. Dirijo-me à associação de estudantes para beber um café e sento-me num banco de cimento, quente do sol, para descongelar à sombra de uma magnólia. Combinei encontrar-me com o Preston daqui a trinta minutos, por isso, ainda tenho algum tempo livre.

Vou bebendo o café enquanto vejo uns e-mails de trabalho, obrigando-me a não pensar no facto de hoje ainda não ter sabido nada do Cooper.

E digo *ainda* porque, desde sábado à noite, ele tem-me enviado mensagens todos os dias. Por isso, sei que terei notícias dele a qualquer momento, é apenas uma questão de saber quando. Da primeira vez que recebi uma mensagem dele, hesitei em abri-la, temendo que uma foto do seu «material» me aparecesse no ecrã. Ou será que talvez esperasse que isso acontecesse? Nunca fui muito de fotos de pilas, mas...

Mas nada!, grita uma voz na minha cabeça.

Certo. Não há *mas*. Eu não quero ver o pénis do Cooper Hartley. Ponto final, parágrafo. Quer dizer, porque haveria de querer ver o pénis do gajo rebelde, giro e tatuado com quem falei a noite inteira? É ridículo.

Enfim, já não tenho frio. Agora estou a arder.

Preciso de uma distração. Imediatamente.

Quando o número da minha mãe aparece no ecrã, penso em ignorar a chamada, porque, decididamente, não é a distração de que estava à espera. Mas a minha experiência ensinou-me que ignorá-la apenas a encoraja a enviar-me mensagens cada vez mais exigentes. E a seguir liga para o FBI a insistir que fui raptada com um pedido de resgate.

— Olá, mãe — digo ao atender, esperando que ela não perceba a minha falta de entusiasmo.

— Mackenzie, querida, olá.

Há uma pausa longa, durante a qual não consigo perceber se está distraída ou à espera de que eu diga alguma coisa. *Tu é que ligaste, mãe.*

— Está tudo bem? — pergunto, para pôr a conversa a andar.

— Queria saber de ti. Prometeste que ligavas assim que te instalasses, mas não disseste nada.

Bolas. Ela faz sempre isto. Faz-me sempre sentir culpada.

— Liguei lá para casa no fim de semana passado, mas a Stacey disse que tinhas saído, ou estavas ocupada, ou qualquer coisa assim.

Passo mais tempo ao telefone com a assistente pessoal da minha mãe do que com qualquer outra pessoa da minha família.

— Sim, bem, ando muito ocupada. A sociedade histórica está a patrocinar uma nova exposição no Capitólio Estadual e já estamos a planear a gala de angariação de fundos para o hospital pediátrico no outono. Mas pronto, a persistência é tudo, Mackenzie. Tu sabes. Devias ter tentado ligar mais tarde nesse dia.

Claro. A minha mãe tem assistentes pessoais e nem sequer consegue retribuir uma chamada à sua filha única, mas, como é óbvio, a culpa é minha. Enfim. Aprendi a viver com isso. A Annabeth Cabot não pode simplesmente estar errada. Herdei esse traço, pelo menos, quando se trata de discussões inúteis sobre dónutes e cenas. Essas, tenho sempre de ganhar. Mas, ao contrário da minha mãe, sou perfeitamente capaz de admitir quando erro.

— E a escola? — pergunta ela. — Gostas dos professores? Estás a achar as aulas difíceis?

— A escola está a correr bem.

Mentira.

— Os meus professores são tão cativantes, e, até agora, o programa do curso é muito interessante.

Mentira. Mentira.

— Adoro estar aqui.

Mentira.

Não ganho nada em dizer-lhe a verdade. Que metade dos professores parecem encarar o ensino das aulas que dão aos alunos do primeiro ano como uma provocação e a outra metade só aparece para entregar aos seus assistentes uma *pen* com apresentações de PowerPoint. Que o meu tempo seria mais bem aproveitado noutro lado qualquer, nomeadamente na minha empresa bem-sucedida. Ela não quer saber.

A verdade é que os meus pais nunca se interessaram pelo que eu tenho a dizer, a não ser que se trate de um guião que eles próprios tenham escrito e me tenham obrigado a ler. No caso do meu pai, o guião da filha é geralmente recitado em eventos públicos e acompanhado de sorrisos falsos e radiantes dirigidos aos seus constituintes.

— Quero que te apliques, Mackenzie. Uma senhora deve ser mundana e bem-educada.

Para as aparências é a parte que ninguém menciona. Não por uma questão prática, mas para que a senhora saiba ter conversas nas festas.

— Lembra-te de te divertires também. A faculdade é uma altura crucial na vida de uma jovem mulher. É aí que vais conhecer as pessoas que irão ser a tua rede durante muitos anos. É importante criar essas relações agora.

No que diz respeito à minha mãe, é suposto eu seguir as suas pisadas. Devo tornar-me uma simples dona de casa que participa em todas as instituições de caridade e organiza festas para apoiar as aspirações profissionais do marido. Deixei de tentar discutir este assunto com ela, não é essa a vida que quero, e, mais cedo ou mais tarde, espero, mudarei de rumo e será demasiado tarde para me impedirem.

Para já, alinhó.

— Eu sei, mãe.

— E a tua companheira de casa? Como é que ela se chama?

— Bonnie. É da Georgia.

— Qual é o nome de família dela? O que é que eles fazem?

Porque tudo se resume a isso. Eles são *alguém*?

— Beauchamp. Têm concessionários automóveis.

— Ah. — Outra pausa longa e desiludida. — Suponho que tenham algum sucesso.

O que significa que, se conseguem pô-la na mesma residência que eu, não devem ser uns desgraçados.

Abafo um suspiro.

— Tenho de ir, mãe. Tenho aula daqui a uns minutos — minto.

— Está bem. Falamos em breve, querida.

Desligo a chamada e, finalmente, respiro. A minha mãe é um bocado intensa, às vezes. Toda a minha vida acumulou expectativas, projetando-se em mim. Sim, temos as nossas parecenças — a aparência, a tendência para sermos impacientes, a ética de trabalho que demonstra nas suas caridades e que eu aplico à minha empresa e aos estudos. Mas, por muito semelhantes que sejamos, continuamos a ser duas pessoas diferentes, com prioridades completamente diferentes. Ela ainda não percebeu que não me pode moldar à sua imagem.

— Olá, linda.

O Preston aparece com um sorriso, parecendo totalmente recuperado da sua lesão no basquetebol e trazendo um pequeno bouquet de bocas-de-dragão, que eu suspeito terem sido roubadas de um canteiro qualquer do *campus*.

— Estás bem-disposto — brinco, enquanto ele me levanta do banco, puxando-me para si.

O Preston beija-me, envolvendo-me nos seus braços.

— Gosto de te poder ver mais vezes, agora que estás aqui.

Os seus lábios movem-se até ao meu pescoço, que ele beija suavemente antes de morder o lóbulo da minha orelha, brincalhão.

Tento não fazer uma careta, porque ele costuma fugir de tudo o que são demonstrações públicas de afeto. Na maioria das vezes, já é uma sorte segurar-me a mão. Mas o Preston nunca foi um namorado excessivamente físico, e isso é uma coisa que aprendi a aceitar nele. Quando muito, a falta de demonstrações públicas de afeto é uma mais-valia, especialmente quando estamos com as nossas famílias. Percebi desde cedo que esconder as minhas emoções e reprimir a minha ocasional veia selvagem eram ferramentas necessárias para sobreviver no nosso mundo.

— Estás pronta? — pergunta ele.

— Estou mesmo atrás de ti.

Está um dia lindo, ainda que um pouco quente. O Pres decidiu levar-me numa visita ao *campus*. A nossa primeira paragem, naturalmente, é o Edifício Kincaid, que alberga a Faculdade de Gestão. A família do Preston é uma família veterana na Garnet, remontando a várias gerações.

O Pres entrelaça os seus dedos nos meus e leva-me novamente para o exterior. Enquanto passeamos por um caminho ladeado de árvores em direção à Faculdade de Arte, vou admirando a paisagem envolvente. O *campus* é realmente bonito. Edifícios de tijolo vermelho. Uma grande torre de relógio sobre a biblioteca. Extensos relvados verdejantes e carvalhos gigantescos e majestosos. Posso não estar entusiasmada com a vida universitária, mas pelo menos dá gosto olhar para o espaço.

— O que é que estás a achar da escola?

Com o Preston posso ser honesta, por isso, suspiro.

— Estou a morrer de tédio.

Ele ri-se.

— Eu também me sentia assim quando era caloiro, lembra-te? Durante os primeiros dois anos, até nos podermos inscrever nas cadeiras mais avançadas, é bastante aborrecido.

— Pelo menos tu tens um objetivo. — Passamos pelo departamento de Teatro, onde vemos alunos no parque de estacionamento a pintar o que parece ser o cenário de uma rua antiga. — Precisas de um certo nível de habilitações para poderes ir trabalhar para o banco do teu pai. Há expectativas e requerimentos. Mas eu já tenho a minha empresa. Sou a minha própria chefe e não preciso de um diploma para provar nada a ninguém.

O Pres aperta-me a mão, sorrindo.

— É isso que eu adoro em ti, miúda. Não esperas que te digam o que fazer. Mal podias esperar para crescer e tornares-te uma magnata.

— Vês? — digo, radiante. — Tu percebes.

— Mas, olha, se queres mesmo continuar a trabalhar na tua cena tecnológica na faculdade, pensa na Garnet como a tua incubadora. Aqui, tens muitas oportunidades para fazer crescer a tua marca.

Hum. Não tinha pensado nisso. Embora não goste particularmente das suas palavras — *a minha cena tecnológica?* —, apercebo-me de que tem razão.

— Bem visto, Sr. Kincaid.

Ponho-me em bicos de pés e beijo a sua face bem barbeada antes de continuar a caminhar.

Outra razão pela qual eu e o Pres somos feitos um para o outro: somos ambos pessoas orientadas para o negócio. Nenhum de nós se sente atraído pelo idealismo dos artistas ou distraído por ideias românticas de atravessar a Europa de mochila às costas ou subir ao Machu Picchu. Somos produtos da nossa educação e o nosso sangue-frio é azul. Dois formidáveis futuros líderes de impérios.

A compatibilidade tem muito que se lhe diga.

Depois de explorarmos o edifício das artes e o pequeno museu onde os alunos expõem os seus trabalhos, e de passarmos pelas esculturas no jardim botânico, seguindo o trilho que atravessa a estufa e a horta, o Preston leva-me ao seu carro.

— Vamos, quero mostrar-te mais uma coisa.

Ele abre-me a porta e eu entro para o lugar do passageiro, forrado com um cabedal lustroso. Antes de arrancarmos, ele baixa a capota do seu *Porsche* prateado descapotável.

A viagem até às traseiras do *campus* é curta, passando pelo complexo desportivo e subindo uma colina, até, finalmente, chegarmos a um edifício alto e circular com uma abóbada no topo. O telescópio do departamento de Astronomia. O Preston leva-me à parte lateral do edifício, até uma porta entreaberta por um pequeno bloco de madeira.

— É suposto estarmos aqui? — pergunto, enquanto entramos sorrateiramente num corredor estreito que rodeia a circunferência do edifício.

— Eu conheço um tipo. — O Preston leva o indicador aos lábios. — Mas não, não é suposto.

Seguimos o corredor até uma escada de metal. No segundo piso, entramos numa sala com computadores junto à parede e um gigantesco telescópio ao centro a apontar para o céu através de uma enorme fenda no teto.

— Fixe — digo, aproximando-me do telescópio.

O Preston interrompe-me.

— Não foi isso que viemos ver.

Em vez disso, leva-me até uma porta e a uma escada que vai dar ao telhado. Daqui, vê-se todo o *campus*. Colinas verdejantes e edifícios brancos. Praticamente toda a cidade, até ao horizonte azul de Avalon Bay. É espetacular.

— Isto é mesmo incrível — digo, sorrindo perante o seu

cuidado e criatividade.

— Não seria uma visita VIP sem a vista panorâmica. — O Preston põe-se atrás de mim e envolve os braços na minha cintura, beijando-me a cabeça enquanto apreciamos a paisagem. — Estou mesmo feliz que estejas aqui — diz baixinho.

— Eu também.

Reconheço que as coisas estiveram ligeiramente tensas entre nós nos últimos anos, enquanto ele estava na faculdade e eu ainda no secundário. Estar numa relação à distância, mesmo podendo ver-nos ao fim de semana, foi desgastante. Retirou muita espontaneidade à nossa relação. Hoje, no entanto, lembro-me de como foi quando começámos a namorar. De quão apaixonada estava, sentindo-me como se tivesse ganhado um prémio por ter sido escolhida por um finalista.

No entanto, enquanto o Pres me abraça e acaricia o meu pescoço, um pensamento apodera-se da minha mente.

Um pensamento muito traiçoeiro.

Do queixo esculpido e do olhar insondável do Cooper. Da forma como a minha pulsação acelerou quando ele se sentou ao meu lado com aquele sorriso arrogante. Eu não sinto palpitações quando vejo o Preston. A minha pele não estremece quando ele me toca. As minhas coxas não se contraem, nem a minha boca fica seca.

Ao mesmo tempo, estas reações podem ser sobrevalorizadas. Demasiadas hormonas descontroladas podem toldar o raciocínio. Quer dizer, considere-se as estatísticas — todas aquelas pessoas que acabam em relações disfuncionais porque as baseiam apenas no sexo e não na compatibilidade. Eu e o Pres fomos feitos um para o outro. Damo-nos bem. Estamos na mesma trajetória. Os nossos pais já aprovaram a nossa relação e toda a gente se sente satisfeita. Eu podia andar por aí com uma dezena de Coopers e ser magoada por todos. Para quê

fazer isso a mim mesma?

Saber reconhecer uma coisa boa quando a encontramos tem muito que se lhe diga.

— Obrigada — digo ao Pres, virando-me nos seus braços para o beijar. — Este dia foi perfeito.

Mais tarde, nessa noite, quando estou no meu quarto a ver *Netflix* e a fazer as minhas leituras de Literatura Inglesa, estremeço de excitação quando o nome do Cooper aparece no ecrã do meu telemóvel. Depois, lembro-me de que preciso de me acalmar.

Cooper: *Queres ir jantar?* Eu: *Já comi.* Cooper: *Eu também.* Eu: *Então, porque é que perguntaste?* Cooper: *Para ver o que dizias.* Eu: *Tão dissimulado.* Cooper: *O que é que estás a fazer?* Eu: *Netflix e trabalhos de casa.* Cooper: *Isso é código para alguma coisa?* Eu: *Apanhaste-me.* Cooper: *Nem sequer consigo imaginar como será a pornografia dos ricos.*

As palavras que aparecem no ecrã fazem-me apertar as pernas uma contra a outra e encham a minha cabeça de péssimas ideias. Que prontamente enfio numa caixa etiquetada com *Nem penses nisso*.

Eu: *Basicamente, comemos scones em cima das páginas do Wall Street Journal.* Cooper: *Vocês são completamente marados.*

Expludo numa gargalhada e cubro rapidamente a boca antes que a Bonnie consiga ouvir-me e entre por aqui adentro para saber o que tem tanta graça. Ela é uma querida, mas não sabe o que são limites.

Eu: *O que é que estás a fazer?* Cooper: *A meter-me com uma miúda que acabei de conhecer.*

Pus-me mesmo a jeito.

Eu: *Ainda tenho namorado.* Cooper: *Por enquanto.* Eu: *Boa noite, aldeão.* Cooper: *Boa noite, princesa.*

Eu sei que ele está só a provocar-me. Começo a perceber que a cena do Cooper é tentar que eu tenha uma reação. Não posso propriamente dizer que odeio. É refrescante ter um amigo que compreenda essa parte da minha personalidade. E, pronto, tecnicamente, é um *flirt*, o que, tecnicamente, é mal visto, mas é tudo na brincadeira.

Independentemente da quantidade de reações hormonais que o Cooper me provoca, não vou deixar o Pres pelo primeiro rebelde tatuado que conheci na faculdade.

CAPÍTULO 8

Mackenzie

No dia seguinte, como tenho a tarde livre, decido explorar a cidade sozinha. O Preston inspirou-me a tentar aproveitar o meu tempo na Garnet em vez de o encarar como uma pena de prisão. Com esse pensamento presente, visto um vestido de verão às flores e chamo um táxi.

Avalon Bay é uma cidade costeira paradoxal cheia de pescadores vividos e de multimilionários. Num dos lados da rua principal, há lojas caras que vendem sabonetes artesanais. Do outro, lojas de penhores e estúdios de tatuagens. À tarde, durante a semana, o passeio marítimo é sossegado. A maioria dos bares tem poucos clientes, habitantes locais suados e empoleirados em bancos a ver a ESPN com os amigos.

Aventuro-me um pouco mais do que na última vez em que aqui estive e chego a uma zona que foi destruída pelos efeitos do furacão que por aqui passou há uns anos. Alguns edifícios estão em obras. Nas imediações, uma equipa trabalha na recuperação de um restaurante, no exterior do qual se erguem andaimes. As outras lojas foram vedadas com fita isolante e contraplacado. É evidente que ninguém toca nestes edifícios desde que a tempestade lhes arrancou os telhados e inundou o seu interior.

Detenho-me ao chegar a um pitoresco hotel de estilo

vitoriano tardio. O edifício é branco, com acabamentos em verde, e as suas traseiras foram evisceradas pelas marés da tempestade. As paredes do hotel foram arrancadas, as suas entranhas expostas. O mobiliário antigo e os tapetes ainda aguardam hóspedes que jamais chegarão. À entrada, a placa gasta diz *The Beacon Hotel* em letras douradas e está partida em dois sítios.

Pergunto-me o que terá acontecido aos donos para não chegarem a reconstruí-lo. E como é que ninguém interveio para reclamar a propriedade e restaurá-la à sua antiga glória? Encontra-se numa excelente localização.

Sinto o telemóvel vibrar algumas vezes com a chegada de e-mails, por isso, paro numa geladaria e compro um cone de baunilha. Depois, sento-me num banco, à porta, fazendo *scroll* pela caixa de entrada do e-mail usando apenas uma mão.

O primeiro e-mail é uma atualização de uma das moderadoras do meu site, a informar-me de que teve de bloquear vários utilizadores que andavam a deixar comentários racistas e sexistas nos posts do *GirlfriendFails*. Abro as capturas de ecrã anexas. Fico chocada com o nível de causticidade dos comentários.

Envio um e-mail rápido: *Fizeste bem em bloqueá-los*.

O próximo é um pedido de ajuda de um tipo que contratei para supervisionar o *BoyfriendFails*. Aparentemente, um utilizador está a ameaçar interpor uma ação judicial, afirmando que um dos posts no site é difamatório. Clico no post em questão. A sua autora saiu com um tipo, a quem chama «Ted», que não a avisou de que tinha um micropénis, apanhando-a de surpresa no seu primeiro encontro íntimo.

Regresso ao e-mail para ler a carta que o Alan, o meu administrador, recebeu de uma empresa de advogados de Washington DC com um cabeçalho assustador. Parece que a utilizadora — butterflykisses44 — escolheu um pseudónimo

demasiado parecido com o nome verdadeiro do seu namorado. O Ted, na realidade, chama-se Tad, e está devidamente indignado e humilhado, exigindo não só que o *BoyfriendFails* apague o post, como lhe pague uma indemnização devido ao sofrimento emocional causado.

Uma vez que o site é uma plataforma e não uma editora, não podemos ser processados pelo conteúdo dos nossos utilizadores, mas, por precaução, peço ao Alan que envie a carta ao meu advogado. Depois, desligo o telefone e devoro o resto do meu gelado derretido. Mais um dia na vida de Mackenzie Cabot, CEO.

Honestamente, nos últimos tempos tenho ansiado por... algo *mais*. Adoro as minhas aplicações, mas, hoje em dia, não posso fazer outra coisa que não seja dizer sim ou não. O verdadeiro entusiasmo surgiu no início, quando estava com os meus amigos a debater ideias de funcionalidades. A reunir com o responsável pelo desenvolvimento e com o programador, dando vida às minhas ideias. A criar a campanha de marketing para atrair utilizadores. O lançamento.

Foi desafiante e empolgante. Nunca me diverti tanto. *Essa* foi a parte de que gostei realmente, percebo agora. A criação, não a manutenção. Não é que eu odeie os sites e queira vendê-los. Não quero. Ainda são meus. Fazem parte do meu império em ascensão. Mas talvez esteja na hora de debater novas ideias de negócio.

Enquanto o sol se vai pondo no horizonte, caminho até à praia e sento-me na areia, ouvindo as ondas e vendo as gaivotas a planar ao vento. Atrás de mim, trabalhadores das obras terminam o dia. O ruído das máquinas parou.

Estou tão distraída, que só reparo que alguém se aproxima até estar ao meu lado.

— Então, princesa?

Estremeço de surpresa e fico a olhar para o Cooper, que se

põe a tirar a t-shirt e as luvas de trabalho.

Parece tão corpulento como na noite da fogueira, e eu fico pasmada com a sua presença. O seu cabelo e as calças de ganga estão cobertos de serradura e poeira. O seu peito e os abdominais musculados brilham de suor. É a primeira vez que vejo tão bem as suas tatuagens, que cobrem ambos os braços e se estendem até ao peito. Lambo os lábios e estremeço por dentro. Perante quem sou quando estou ao pé dele. Libidinosa. Irracional. Pego nesses pensamentos e enfio-os dentro de uma caixa com uma etiqueta a dizer *afasta-te*.

— Andas atrás de mim, é? — pergunto.

— Tu passas pelo meu local de trabalho com — ele gesticula, olhando-me de cima a baixo — um vestido ridículo de folhos a mostrar as pernas, tipo, «Oh, não se incomodem comigo, rapazes, eu *odeio* chamar a atenção».

— É *exatamente* assim que eu falo — respondo, revirando os olhos. — E qual é o mal do meu vestido? — Passo as mãos pela bainha do vestido de estampado floral.

— Tem flores. Tu não gostas de flores, Mac.

— Não me chames Mac.

— Porque não?

— Porque é uma alcunha que só os meus amigos usam.

— Nós somos amigos. Melhores amigos. — Sorri de forma enigmática. — Reparei que não negaste a parte de não seres uma pessoa que gosta de flores.

Ele tem razão. Normalmente, não gosto de estampados femininos ou de vestidos de verão com folhos. O meu estilo inclina-se mais para as t-shirts brancas e calças de ganga gastas, ou, quando está calor, uma camisola de alças e calções de ganga cortados. Mas, de vez em quando, gosto de me sentir gira. Não percebo qual é o mal. Enfim, ele não tem o direito de ser presunçoso em relação ao meu gosto, por isso, contrário-o só porque sim.

— Por acaso, adoro flores. Especialmente na roupa. Quanto mais vistosas, melhor.

O Cooper revira os olhos, como se soubesse que estou a mentir descaradamente.

— Sabes uma coisa? Não precisas de te esforçar tanto. — Ele cruza os braços, puxando os joelhos ao peito. — Eu sou bastante fácil.

— O quê? Quem é que está a esforçar-se demasiado? Estás sempre a mandar-me mensagens a falar de porno com scones.

— Tu és safada — diz, encolhendo os ombros. — Eu percebo. Não é a minha cena, mas, se te excita...

Ah, se ele soubesse da missa a metade... Eu e o Preston temos uma vida sexual perfeitamente satisfatória, mas não sei se teremos condimento suficiente para sequer sabermos a baunilha. No início, pensava que talvez o sexo devesse ser assim: funcional, rápido, um pouco aborrecido. Tinha 16 anos quando perdi a virgindade com o Pres e era bastante ingénua em relação a estas coisas. Só quando falei com amigas sobre os meus encontros medíocres é que percebi que o sexo deve ser — imagine-se — *divertido*.

Quando abordei o assunto com o Pres, de forma muito tímida, ele confessou que não me queria assustar ao ser «demasiado apaixonado». Eu respondi-lhe que se sentisse à vontade para subir a parada, e, de facto, as nossas atividades na cama tornaram-se bastante mais divertidas depois disso. Mas, muito honestamente, já passaram quatro anos, e aquela paixão que ele mencionou ainda não apareceu.

— Até estremeço só de pensar no que terás no teu inventário erótico — digo.

— Se estás a tentar levar-me para a cama, basta perguntares.

O Cooper dá-me um toque no braço com o cotovelo. A sua confiança é inabalável. É arrogante, mas encantador. Completamente seguro de si, mas não prepotente. Até é pena

que esteja a desperdiçar os seus talentos naturais na construção. Seria um excelente CEO, se a sua mente fosse orientada para os negócios.

— Esta tua psicologia inversa da treta não vai funcionar comigo — informo-o. Não teria feito o meu primeiro milhão se fosse facilmente manipulável. — Não vou ser coagida a acabar acidentalmente na cama com um tipo local que não conheço de lado nenhum só porque ele me desafiou.

No entanto, o seu sorriso brincalhão e olhar malandro não me passam ao lado. Não sou imune a ombros largos e abdominais firmes. Além disso, ele é uma espécie de enigma. Tudo o que vou conhecendo dele faz-me pensar se o que demonstra — as tatuagens, a atitude — não passa de uma camuflagem inteligente. Mas para esconder o quê? O meu cérebro adora puzzles.

— Nem morto me apanhavam a dormir com uma clone da Garnet. Tenho de proteger a minha imagem.

— Certo, claro. Não querias que alguém te confundisse com uma pessoa de bom gosto.

Ele esconde um sorriso, e, no seu olhar fugidio, vejo todo o tipo de más intenções. Vejo noites turvas e grandes arrependimentos. Respirações ofegantes. O suficiente para fazer a minha pulsação disparar e ficar com os dedos dos pés dormentes.

Este tipo é perigoso.

— Coop! — alguém chama da obra. — Vens ao bar ou quê?

Ele olha por cima do ombro.

— Vão sem mim.

Ouçó um riso cúmplice nas nossas costas. Ainda bem que os colegas do Cooper não conseguem ver a minha cara, porque tenho quase a certeza de que estou a corar.

— Porque é que fizeste isso? — resmungo.

— Isso o quê? Dizer-lhes que não vou ao bar?

— Sim. Agora vão pensar que ficaste para trás para dares uma queca na praia comigo, ou assim.

Ele dá uma grande gargalhada.

— Garanto-te que não estavam a pensar isso. Mas, agora, *eu* estou. Queres dar uma queca aqui ou vamos para debaixo do pontão?

— Vai ao bar com os teus amiguinhos, *Coop*. Terás mais hipóteses de ir para a cama com alguém lá do que aqui.

— Népia. Estou bem aqui.

Ele passa uma mão pelo cabelo escuro e eu não consigo evitar olhar fixamente para os seus bíceps fletidos.

— Então, vocês estão a arranjar aquele restaurante? — Obrigo-me a parar de olhar para os seus músculos sexy. — Parece um trabalho difícil.

— E é. E, assim que acabarmos este, temos, tipo, sei lá, mais meia dúzia de edifícios para restaurar.

Ele agita o braço esculpido na direção do passeio marítimo, evidenciando a destruição causada pelo furacão.

— Gostas de trabalhar nas obras?

O Cooper acena lentamente.

— Gosto, sim. Eu e o Evan trabalhamos para a empresa do nosso tio, por isso não temos de lidar com um patrão otário que tente roubar-nos ou que faça um mau trabalho para reduzir os custos. O Levi é um bom tipo, justo. E eu sempre fui bom a trabalhar com as mãos.

Engulo em seco. Não há uma insinuação evidente no seu tom, mas raios me partam se não desvio o olhar para as suas mãos. São fortes, grandes, com dedos longos e palmas calejadas. Não tem as unhas sujas, mesmo depois de um dia de trabalho manual.

— E tu, princesa? — Inclina a cabeça, curioso.

— Eu o quê?

— É a segunda vez que venho ter contigo e que fazes essa

cara.

— Qual cara? — Aparentemente, limito-me a repetir tudo o que ele diz. Mas a intensidade no seu olhar despertou em mim um ataque de ansiedade.

— A cara que diz que queres mais.

— Eu quero mais... E que mais quero eu?

Ele continua a analisar-me.

— Não sei. Só *mais*. É, tipo... uma mistura de tédio, insatisfação, frustração e desejo.

— Isso é muita coisa concentrada num só olhar — digo a gozar, mas o meu coração bate agora mais forte, porque ele resumiu praticamente tudo. Tem sido esse o meu estado de espírito desde que cheguei à faculdade. Não, minto, atrevo-me a dizer, em toda a minha vida.

— Estou errado? — pergunta bruscamente.

Olhamos um para o outro. A vontade de lhe contar tudo é tão forte que preciso de morder a ponta da língua para não o fazer.

Subitamente, por entre o som das ondas a bater e dos guinchos das gaivotas, ouço um uivo distante.

— Ouviste?

Olho em volta à procura da origem do som aflito e desesperado.

O Cooper ri-se.

— Para de me tentar distrair.

— Não estou. A sério, não estás a ouvir?

— A ouvir o quê? Eu não...

— Chiu! — ordeno.

Escuto, esforçando-me para identificar outra pista. Está a escurecer, a iluminação do passeio marítimo sobrepõe-se à luz do entardecer. Ouve-se outro uivo, desta vez mais alto.

Levanto-me de um salto.

— Não é nada — diz o Cooper, mas eu ignoro-o e sigo o som

na direção do pontão. Ele corre atrás de mim, a sua voz cansada assegurando-me de que estou a imaginar coisas.

— Não estou a imaginar — insisto.

É então que percebo a origem dos uivos. Para lá do pontão, no cais, distingo uma forma nas rochas, encurralada pela subida da maré.

Com o coração acelerado, viro-me para o Cooper.

— É um cão!

CAPÍTULO 9

Cooper

Antes de conseguir pestanejar, a Mackenzie arranca o vestido.

Quer dizer, esta miúda está mesmo a despir-se. Não completamente, apercebo-me, quando vejo que não tira o soutien nem as cuecas. A minha desilusão com a conclusão prematura do espetáculo de striptease esmorece pelo facto de ela ficar especialmente bem de soutien e cuecas.

Mas assim que se atira à maré alta, ficando imediatamente mergulhada até ao pescoço, a parte racional do meu cérebro entra em ação.

— Mac! — grito-lhe. — Volta aqui, caraças!

Ela já vai longe.

Excelente. Vai afogar-se para tentar trazer aquele cão sarnento de volta à costa.

Murmurando asneiras, dispo as calças de ganga e os sapatos e vou atrás da Mackenzie, que chegou às rochas e está agora a subir na direção do cão. Nado vigorosamente contra a corrente, enquanto as ondas tentam atirar-me contra os pilares do pontão ou contra as rochas. Finalmente, agarro-me a uma das pedras e saio da água.

— És maluca, sabias? — resmungo.

A cadela, a tremer, está sentada ansiosamente ao lado da

Mac, que tenta acalmá-la.

— Temos de a ajudar.

Merda. Esta coisa imunda e patética é apenas uma cachorra, mas a Mackenzie não vai conseguir nadar com ela de volta à costa. Eu próprio tive dificuldade em enfrentar a corrente, e provavelmente peso o dobro da Mac.

— Passa-ma cá — digo, suspirando. Quando a tento agarrar, ela esconde-se atrás da Mac e quase cai à água, tentando afastar-se de mim. — Anda lá, porra. Sou eu ou nada.

— Está tudo bem, pequena, ele não é tão assustador como parece — sussurra a Mac à cachorra. Fico ali a olhar para as duas.

A cadelinha continua a hesitar, por isso, finalmente, a Mac pega nela e pousa o fardo molhado e infeliz nas minhas mãos expectantes. Quase imediatamente, o animal assustado começa a arranhar-me e a espernear, tentando fugir. Isto vai ser um pesadelo.

A Mackenzie faz festas ao pelo ensopado do animal, numa tentativa fútil de a acalmar.

— Tens a certeza? — pergunta. — Eu posso tentar...

Nem pensar. As ondas arrancariam imediatamente a cadela das suas mãos e a pobre criatura afogar-se-ia enquanto eu arrastava a Mac até à costa. Isso não vai acontecer.

— Vai — ordeno. — Eu vou atrás de ti.

Com um aceno, ela mergulha e dirige-se à costa.

De pé, nas rochas, tenho uma pequena conversa com a cachorra.

— Estou a tentar ajudar-te, está bem? Não me arranques a cara. Vamos dar-nos bem nos próximos minutos. Combinado?

O animal choraminga e lamenta-se, e eu suponho que é o melhor que posso esperar.

Desço até à água o mais delicadamente possível e seguro nela como uma bola de futebol sobre as ondas, enquanto nado

apenas com um braço. Durante todo o tempo, a criatura passa-se, pensando que estou a tentar matá-la ou qualquer coisa do género. Ladra e arranha-me. Tenta libertar-se algumas vezes. Cada movimento seu arranca-me um bocado do corpo. Assim que chegamos à areia, liberto a cadela e ela corre imediatamente para a Mac, praticamente mergulhando nos seus braços. *Não tens de quê, sua traidora.*

— Estás bem? — pergunta a Mac.

— Sim, tudo bem.

Estamos os dois ofegantes depois de lutar contra as ondas. Está completamente escuro agora, a única luz provém do passeio marítimo. A Mackenzie não é mais do que uma forma indistinta à minha frente.

O meu temperamento leva a melhor, transbordando quando me aproximo dela.

— Que *raio* foi aquilo?

Ela pousa uma mão na anca nua. A outra mão segura a cadela de forma protetora.

— A sério? — exclama. — Estás zangado porque eu quis salvar um animal indefeso? Ela podia ter morrido!

— *Tu* podias ter morrido! Sentiste aquela corrente, minha querida? Aquela merda podia ter-te arrastado diretamente para o mar alto. Pelo menos uma vez por ano há pessoas a afogarem-se aqui, porque são parvalhonas irresponsáveis.

— Eu não sou a tua *querida* — resmunga. — E acabaste de me chamar parvalhona?

— Se ages como uma parvalhona, chamo-te parvalhona.

Sacudo furiosamente a água do cabelo. Reparo que a cadela está, neste momento, a fazer o mesmo. Somos ambos animais selvagens, suponho.

A Mackenzie abraça o seu novo animal com mais força.

— *Não vou* pedir desculpa por ter coração. Não posso acreditar que ias deixar morrer esta pobre cachorrinha. Meu

Deus. Sou amiga de um assassino de cachorros.

Fico de boca aberta.

Porra, esta miúda está a começar a dar trabalho. Nunca tive de me esforçar tanto para conquistar uma rapariga. E, porém, apesar de ter sido lacerado quase até à morte por causa dela — e de ter sido acusado de tentativa de homicídio canino —, a minha raiva dissolve-se numa onda de riso. Desato a rir, agarrado à barriga, pingando água do mar na areia.

— Porque é que estás a rir? — pergunta ela.

— Chamaste-me assassino de cachorros — consigo balbuciar entre gargalhadas. — És louca.

Um segundo depois, ela irrompe numa gargalhada. Hesitante, a cadela alterna o olhar entre nós enquanto estamos ali a rir como um par de idiotas ensopados e meio nus.

— Pronto — admite, quando o seu ataque de riso finalmente abranda. — Se calhar passei das marcas. Sei que estavas só preocupado com a minha segurança. E obrigada por nadares até lá para me ajudares. Agradeço mesmo.

— Não tens de quê. — Subo a cintura das calças de ganga. Os meus boxers estão agarrados às virilhas, tornando difícil apertar as calças. — Anda, vamos buscar as nossas coisas e passamos por minha casa. Tenho de mudar de roupa. Podes secar-te lá e depois dou-te boleia para casa.

Ela não diz nada, olhando fixamente para mim.

— Sim — suspiro —, traz a cadela.

Quando chegamos, a casa está às escuras. Nem a mota nem o jipe do Evan estão na entrada e, quando subo para o alpendre que dá a volta à casa, a porta de entrada está trancada. Felizmente, a casa não está uma grande bagunça. Com os nossos amigos a usá-la frequentemente como local de festas e ponto de passagem entre bares, tem tendência a ser muito concorrida. Eu e o Evan, apesar de nos faltarem outras aptidões

sociais, tentamos manter a casa limpa. Não somos completamente selvagens.

— Podes usar o meu chuveiro — digo à Mac, apontando na direção do meu quarto no piso térreo, depois de ligar as luzes e tirar uma cerveja do frigorífico. Mereço uma bebida depois dos meus esforços heroicos de salvamento canino. — Vou ver se arranjo umas roupas para te emprestar.

— Obrigada.

Ela leva a cadela consigo, toda aninhada e sonolenta nos seus braços. Na carrinha, disse-lhe que, se quisesse deixá-la aqui, eu podia levá-la ao canil de manhã. Embora comece a questionar-me se serei capaz de as separar.

Quando a Mac está na casa de banho do meu quarto, encontro uma t-shirt limpa e um par de calças de ganga que a Heidi cá deixou há uns anos. Ou talvez sejam da Steph. As miúdas deixam sempre coisas para trás depois de uma festa ou de um dia na praia, e eu já deixei de tentar devolvê-las.

Deixo as roupas dobradas em cima da cama, depois tiro as minhas roupas molhadas e enfio uma t-shirt e um par de calças de fato de treino. O vapor que sai de baixo da porta da casa de banho é inacreditavelmente tentador. Pergunto-me como reagiria a Mac se eu entrasse no chuveiro, me aproximasse por trás dela e lhe agarrasse as mamas.

Um gemido prende-se na minha garganta. O mais provável era cortar-me os tomates com as unhas, mas talvez valesse a pena, só para lhe poder tocar.

— Olá, olá — diz o meu irmão da porta de entrada.

— Estou aqui — respondo, encaminhando-me para a cozinha.

O Evan pousa as chaves na ilha de madeira lascada. Pega numa cerveja e encosta-se ao frigorífico.

— Que cheiro é este?

— Eu e a Mackenzie salvámos uma cachorra vadia no cais.

A pobrezinha cheirava mesmo mal. E parece que eu agora também cheiro. Excelente.

— Ela está cá? — Um sorriso malicioso surge no seu rosto enquanto olha em redor.

— No chuveiro.

— Bem, foi fácil. Quase tenho pena de não ter tido mais tempo para apreciar isto.

— Não é o que estás a pensar — resmungo. — A cadela ficou presa nas rochas e tivemos de entrar na água para a salvar. Disse à Mackenzie que podia vir cá tomar banho e que depois a levava a casa.

— Levá-la a casa? Meu. Esta é a tua oportunidade. Fecha o negócio. — Abana a cabeça, impaciente. — Ajudaste-a a salvar uma cachorra, por amor de Deus. Está no papo.

— Não sejas otário.

Há algo na forma como o diz que me irrita. Este plano não é propriamente ético, mas não é preciso ser vulgar.

— O que foi? — O Evan não consegue fingir que esconde a sua satisfação perante quão bem está a correr o plano. — Estou só a dizer.

— Bem... — Dou um gole na minha cerveja. — Guarda isso para ti.

— Olha — ouve-se a voz hesitante da Mac.

Ela entra, e a sua presença — vestindo a minha camisa, o cabelo escuro molhado penteado para trás — traz à minha mente todo o tipo de pensamentos pecaminosos. Não vestiu as calças de ganga, por isso as suas pernas estão nuas, bronzeadas, e parecem infinitamente compridas.

Foda-se.

Quero-as enroladas na minha cintura.

— Evan. — Ela cumprimenta o meu irmão, acenando como se soubesse, de alguma forma, que ele está a tramar alguma. Como seria de esperar, traz ainda a cachorra adormecida ao

colo.

— Bem. — O Evan oferece-lhe um sorriso de despedida enquanto pega na cerveja e se afasta do frigorífico. — Estou de rastos. Divirtam-se, miúdos.

O meu irmão não sabe ser subtil.

— Foi alguma coisa que eu disse? — pergunta ela, friamente.

— Não. Ele acha que nos vamos enrolar. — Quando levanto o braço para passar a mão pelo cabelo húmido, os seus olhos arregalam-se, alarmados. Franzo o sobrolho. — O que foi?

— Cooper. Estás ferido.

Olho para baixo, quase me esquecendo de que a sua querida cachorrinha praticamente me fez em filetes há quase uma hora. Ambos os meus braços estão cobertos de arranhões e tenho um corte fundo na clavícula.

— Ei, eu estou bem — asseguro-a. Estou habituado a ter cortes e arranhões, e estes, certamente, não são dos piores.

— Não, não estás. Temos de limpar esses cortes.

Com isto, leva-me até à casa de banho e, apesar dos meus protestos, obriga-me a sentar sobre o tampo da sanita. A cachorra é prontamente pousada na minha banheira de pés, onde se enrosca e adormece, enquanto a Mackenzie procura um kit de primeiros socorros nos meus armários.

— Eu posso fazer isso — digo, enquanto ela prepara um frasco de álcool e compressas de algodão.

— Vais ser difícil? — Ela olha para mim com uma sobrancelha erguida. A convicção sincera estampada no seu rosto é fofa, naquela forma obstinada que diz *cala-te e toma lá o remédio*.

— Está bem.

— Isso. Agora tira a camisa.

Um sorriso aflora-me aos lábios.

— Era este o teu plano? Pôr-me nu?

— Sim, Cooper. Eu invadi um canil, roubei uma cachorra,

pu-la numa situação de perigo, nadei para a salvar, só para não desconfiares de que, na verdade, tinha sido eu a encurralá-la no cais, e depois, telepaticamente, obriguei a cadela a arranhar-te todo. Tudo isto para poder ver os teus peitorais perfeitos. — Ela termina com um riso.

— Ações extremas — concordo. — Mas, eu percebo. Os meus peitorais são perfeitos. São transcendentais.

— Assim como o teu ego.

Tiro a camisa de forma deliberadamente lenta. Apesar de ela estar a gozar, o meu peito nu provoca-lhe uma reação. A sua respiração detém-se e ela desvia o olhar, fingindo estar concentrada em abrir o frasco de álcool etílico.

Escondo um sorriso e encosto-me para trás, enquanto ela começa a limpar as feridas no meu braço.

— Vocês vivem aqui sozinhos? — pergunta, curiosa.

— Sim. Eu e o Evan crescemos nesta casa. Os meus bisavós construíram-na depois de se casarem. Os meus avós viveram aqui depois, e por aí fora.

— É linda.

E era. Agora, está a cair aos bocados. O telhado precisa de ser substituído. As fundações estão com fissuras por causa da erosão da praia. A fachada já sofreu demasiadas tempestades e os soalhos estão gastos e empenados. Não é nada que eu não conseguisse reparar, se ao menos tivesse tempo e dinheiro, mas não é sempre a mesma história? A porcaria da cidade está toda cheia de *se ao menos*. De repente, lembro-me da razão por que estou aqui sentado, deixando que a namorada de um clone qualquer passe as mãos pelo meu peito nu.

— Pronto — diz, tocando-me no braço. — Assim é melhor.

— Obrigado. — A minha voz soa ligeiramente áspera.

— Na boa. — A dela soa levemente rouca.

Momentaneamente, dou por mim preso nos seus olhos verde-claros. Atormentado por lampejos do seu corpo quase nu no

limite da bainha da minha camisa, que vai subindo pelas suas coxas. A palma da sua mão quente sobre a minha pele. O latejar no seu pescoço, indicando que também não lhe sou indiferente.

Podia fazê-lo. Agarrá-la pelas ancas e pô-la em cima de mim. Enfiar a mão no seu cabelo e puxar a sua boca até à minha num beijo escaldante. Não é suposto dormir com ela a não ser que seja ela a tomar a iniciativa, mas se a química entre nós é reveladora de alguma coisa, desconfio que não ficaríamos pelo beijo. Seria um beijo que levaria à cama e a mim completamente dentro dela. Ela vai deixar o Kincaid mais depressa do que dizemos *game over*. Já ganhei. Missão cumprida.

Mas qual é a piada disso?

— Agora — digo —, em relação à tua amiga.

A Mackenzie pestaneja, como se despertasse do mesmo entorpecimento de desejo em que eu estava.

Preparamos um banho de espuma morno para a cachorra e pomo-la lá dentro. De repente, parece um animal completamente diferente. A ratazana afogada torna-se uma pequena *golden retriever* a chapinhar e a brincar com um frasco de champô que caiu para dentro da banheira. A pobrezinha é só pele e osso, perdida ou abandonada pela mãe, e não tinha coleira quando a encontrámos. O canil terá de perceber se tem chip ou não.

Depois de limparmos e secarmos a cadela, coloco uma tigela de água na cozinha e dou-lhe uns bocados de salsicha de peru. Não é o ideal, mas é o que se pode arranjar nestas circunstâncias. Enquanto a cachorra come, abro a janela e saio para o terraço das traseiras. A temperatura arrefeceu e a brisa sopra vinda do mar. No horizonte, vê-se o movimento cintilante de um pontinho minúsculo a sinalizar as luzes da proa de um barco.

— Sabes...

A Mac aproxima-se de mim.

Estou perfeitamente consciente da sua presença, todos os meus nervos estão em sintonia com ela. Esta miúda nem precisa de olhar para mim para eu ficar com tesão. É muito irritante.

— Eu não devia estar aqui — conclui ela.

— E porquê?

— Acho que sabes porquê.

A sua voz é suave, ponderada. Está a testar-nos aos dois.

— Não pareces ser o tipo de rapariga que faz alguma coisa que não queira.

Volto-me para encarar o seu olhar. Na minha experiência limitada, a Mackenzie é teimosa. Não é do tipo que se deixa intimidar. Sei perfeitamente que ela não está aqui devido à minha esperteza.

— Nem fazes ideia — diz, com tristeza.

— Conta-me.

Ela observa-me. Indecisa. Questionando a sinceridade do meu interesse.

Ergo o sobrolho.

— Somos amigos, não somos?

— Gostaria de pensar que sim — diz, cautelosa.

— Então, fala comigo. Deixa-me conhecer-te.

Ela continua a analisar-me. Meu Deus. Quando ela olha para mim desta forma, sinto que está a tentar decifrar-me, a tentar perceber as coisas. Nunca me senti assim tão exposto perante outra pessoa. Por algum motivo, não me incomoda tanto como provavelmente deveria.

— Pensava que ser livre era ser autossuficiente — confessa finalmente. — Estou a descobrir que isso não é exatamente verdade. Sei que isto pode parecer estúpido, vindo de mim, mas sinto-me encurralada. Por expectativas e promessas. Por

tentar fazer toda a gente feliz. Gostava de poder ser egoísta por uma vez na vida. Fazer o que eu quero, quando quero, como quero.

— Então, porque não o fazes?

— Não é assim tão fácil.

— Claro que é. — Os ricos não se calam sobre como o dinheiro é um grande fardo. Isso é porque não sabem usá-lo. Ficam tão enredados nas suas merdas, que se esquecem de que não precisam realmente dos burros dos seus amigos e dos seus estúpidos clubes privados. — Esquece isso. Alguém está a fazer-te infeliz? Alguém está a limitar-te? Esquece-os e segue em frente.

Ela crava os dentes no lábio inferior.

— Não posso.

— Então é porque não o queres realmente.

— Isso não é justo.

— Claro que não. Alguma vez as coisas são justas? As pessoas passam a vida inteira a queixar-se de coisas que não estão dispostas a mudar. A certa altura, ou arranjas coragem ou deixas de te queixar.

Ela começa a rir-se.

— Estás a mandar-me calar?

— Não, estou a dizer-te que há muitas maneiras de a vida e as circunstâncias fora do nosso controlo se unirem para nos deixarem em baixo. O mínimo que podemos fazer é não nos atrapalharmos a nós próprios.

— E tu? — Ela vira-se para mim, dirigindo-me a pergunta. — O que é que queres agora que não podes ter?

— Dar-te um beijo.

Ela semicerra os olhos.

Eu devia arrepender-me de o ter dito, mas não me arrependo. Quer dizer, o que é que me impede de beijá-la, de dizer que quero fazê-lo? Terei de avançar com isto a dada altura, certo?

Ela está interessada, claramente. Se eu não me comprometer com este plano agora, para que é que estou a perder tempo?

Assim, fico a olhar para ela, tentando perceber a sua reação através da fachada fria de indiferença. Esta miúda é implacável. Porém, por uma fração de segundo, vejo um brilho de excitação no seu olhar enquanto ela considera, avaliando as suas opções. Uma ação a gerar outra, um efeito cascata de consequências.

Ela humedece os lábios.

Eu aproximo-me. Ligeiramente. Tentando-me. A vontade de lhe tocar é quase insuportável.

— Mas depois estragaria uma bela amizade — digo, porque perdi completamente o controlo da porcaria da minha boca. — Por isso, controlo-me. É sempre uma escolha.

Que raio estou eu a fazer? Não sei o que me assustou, mas, de repente, estou a dar-lhe uma saída quando é suposto estar a puxá-la *para mim*.

A Mac vira-se para o mar, pousando os braços no parapeito.

— Admiro a tua honestidade.

Sinto a frustração crescer dentro de mim enquanto observo o seu perfil do canto do olho. Esta mulher é incrível, está a usar a minha camisa e nada mais, e, em vez de puxá-la para os meus braços e beijá-la loucamente, acabei de me colocar na «zona de amizade».

Pela primeira vez desde que idealizámos este plano, pergunto-me se isto não será demasiada areia para a minha camioneta.

CAPÍTULO 10

Mackenzie

Acordo de manhã com uma mensagem do Cooper. Se bem que acho que deve ter sido o Evan a tirar a foto, pois mostra o Cooper a dormir na cama com a cachorrinha aninhada no seu peito, o focinho enterrado sob o seu queixo. É absolutamente adorável. Ontem à noite, achei que aqueles dois estavam condenados, mas parece que resolveram as suas diferenças.

Espero que ele e o Evan decidam ficar com a cadela. Sei que a coisa certa a fazer é levá-la para o canil — eu não posso ficar com ela, de certeza —, mas o meu coração aperta-se um pouco com a ideia de não voltar a vê-la.

Respondo à mensagem do Cooper e, quando saio da segunda aula do dia, ainda não recebi uma resposta. Deve estar a trabalhar. Digo a mim mesma que é a preocupação com a cadela que me deixa desapontada. Mas quem é que eu quero enganar? Não consigo ignorar o que aconteceu no terraço ontem. A tensão sexual quase a transbordar, a sua admissão brusca de querer beijar-me. Se ele não tivesse recuado, talvez eu tivesse cedido num momento de fraqueza.

Subestimei o encanto do Cooper. A culpa é minha — não devia deixar-me seduzir por tipos lindos e seminus que correm para ajudar animais em perigo. Só tenho de ter mais cuidado daqui para a frente e continuar a lembrar-me de que somos

amigos. É isso. Não adianta confundir as coisas.

Quando o meu telemóvel vibra, arranco-o ansiosamente do bolso, mas é só uma mensagem do Preston. Não é o Cooper.

Afasto uma segunda onda de desapontamento para o fundo da minha mente e desbloqueio o ecrã com a impressão digital.

Preston: *Estou à tua espera no parque de estacionamento.*

Certo. Hoje combinámos almoçar fora do *campus*. Ainda bem que ele me lembrou, porque eu estava a cinco minutos de devorar um *wrap* de frango *fiesta* do snack-bar ao pé da Faculdade de Gestão.

Entro no descapotável do Preston e falamos das nossas aulas, enquanto ele conduz até Avalon Bay. O Pres estaciona na rua perto do passeio marítimo. A minha pulsação acelera e eu obrigo-me a não olhar na direção do restaurante que o Cooper e o tio estão a recuperar.

Consigo aguentar cerca de 3,5 segundos antes de ceder. Mas a obra está vazia. Devem estar no intervalo de almoço. Ou talvez hoje os trabalhadores estejam noutra obra.

Mais uma vez, finjo não ficar desapontada.

— Acabaste por não me dizer o que fizeste ontem. — O Pres dá-me a mão enquanto nos dirigimos para o bar onde nos vamos encontrar com uns amigos seus. — Chegaste a vir ao centro?

— Ah, sim, vim. Explorei o passeio marítimo e passei no paredão, depois vi o pôr do sol na praia. Foi muito fixe.

Imediatamente, tomo a decisão executiva de omitir o encontro com a cachorrinha. Não é que o Pres seja do tipo ciumento, mas não quero tornar isto numa discussão, especialmente porque acabei de chegar à Garnet e estamos tão bem os dois. Haverá oportunidade para lhe contar sobre a minha amizade com o Cooper. A certa altura. No momento

mais oportuno.

— Como correu o teu jogo de póquer? Agora que penso nisso, também não enviaste mensagem.

Mas eu também não sou do tipo ciumento. Como fizemos toda a cena da relação à distância, eu e o Pres estamos habituados à ocasional mensagem esquecida ou chamada não atendida. Se ficássemos preocupados de cada vez que um de nós não responde até à manhã seguinte, já teríamos acabado a relação. É uma questão de confiança.

— Como foi o jogo de póquer? — repete o Benji Stanton, que, por acaso, ouve a minha pergunta quando eu e o Preston nos aproximamos do grupo, rindo-se ruidosamente. — É melhor teres cuidado com o teu homem. Este miúdo é uma merda a jogar cartas e não sabe quando desistir.

— Então... nada de jeito? — pergunto, lançando um sorriso trocista ao Pres.

— De todo — confirma o Benji. Ele está a tirar Gestão, tal como o Pres. Conheceram-se numa aula no ano passado.

Os pais do Benji têm uma casa em Hilton Head, e o pai dele gere um fundo de investimento. Todos os amigos do Preston vêm de contextos semelhantes. São asquerosamente ricos. Finanças, mercado imobiliário, política — os pais são todos membros do clube dos bilionários. Até à data, foram todos amigáveis e acolhedores comigo. No início, estava nervosa, temendo que pudessem olhar para mim de lado, porque sou caloiira, mas só tenho boas impressões dos amigos do Preston na Garnet.

— Não liges, amor. — O Pres beija-me o topo da cabeça. — Eu estou a treinar para a maratona.

Uns minutos depois, subimos as escadas. O Sharkey's Sports Bar tem dois pisos: o primeiro andar consiste em mesas com vista para o mar e o piso térreo oferece mesas de jogo, uma série de televisões e o bar. Enquanto o empregado senta o

nosso grupo a uma mesa alta perto do varandim, os rapazes continuam a gozar com o Preston por ser péssimo a jogar às cartas.

— Esconde as tuas melhores joias, Mac — aconselha o Seb Marlow. O Seb vem da Florida, onde a sua família tem uma importante empresa de defesa que trabalha para o governo. É tudo muito sério e secreto. *Depois teria de te matar*, essas cenas. Ou, pelo menos, é essa a frase que usa nas festas. — Ele estava quase a apostar o *Rolex* para voltar a jogo.

Abafando uma gargalhada, questiono o Pres.

— Por favor, diz-me que ele está a gozar.

Ele encolhe os ombros, porque o dinheiro não significa nada para ele, já nem sabe o que fazer a tantos relógios.

— Que tal desafiarem-me no bilhar? — goza. — Isso é que é um jogo de cavalheiros.

O Benji olha para o Seb e sorri.

— O dobro ou nada?

Como não é pessoa de recuar perante um desafio, o Preston fica cheio de pica.

— Bora.

Os rapazes levantam-se da mesa e o Preston dá-me um beijo de despedida na bochecha.

— Um jogo — diz ele. — Volto já.

— Não apostes o carro — apresso-me a avisar. — Preciso de boleia para o *campus*.

— Não te preocupes — diz o Benji por cima do ombro. — Eu levo-te.

O Pres limita-se a revirar os olhos antes de seguir os amigos. Outra coisa de que gosto nele é que tem bom perder. Nunca o vi perder a cabeça por causa de um jogo estúpido, mesmo quando a sua carteira fica mais leve ao final da noite. Reconheço que é fácil ter bom perder quando parece haver uma fonte infinita de dinheiro para apostar.

— Agora que os rapazes se foram embora... — A Melissa, a namorada do Benji, empurra os copos de água para o lado para se aproximar de mim e da namorada do Seb, a Chrissy.

Eu não sei nada sobre a Melissa, a não ser que anda de barco, e sei ainda menos sobre a Chrissy. Gostava de ter mais em comum com estas raparigas além da conta bancária dos nossos pais.

Na verdade, não tenho muitas amigas. E estas últimas semanas confirmaram que continuo a ser péssima a estabelecer ligações com outras raparigas. Eu adoro a Bonnie, mas ela é mais como uma irmã mais nova do que uma amiga. Tive amigas no secundário, mas ninguém que considerasse uma amiga verdadeira. A única que está mais próxima de ser a minha «melhor amiga» é a minha velha amiga dos campos de férias, a Sara, com quem só fazia disparates no verão até fazer 18 anos. Ainda mandamos mensagens de vez em quando, mas ela vive no Oregon, e já passaram alguns anos desde a última vez que a vi.

Atualmente, o meu grupo social consiste na minha companheira de casa, o meu namorado e os amigos do meu namorado, que não perdem tempo a juntar as cabeças para trocar coscuvilhices.

— Então, o que é que descobriste sobre aquela rapariga do *Snapchat*? — pergunta a Melissa.

A Chrissy respira fundo, como se estivesse prestes a mergulhar numa piscina para ir apanhar um par de sapatos Jimmy Choo.

— Era uma rapariga qualquer do segundo ano que está na Garnet com uma bolsa. Encontrei a melhor amiga da sua companheira de casa no *Instagram* e mandei-lhe uma mensagem. Ela disse que a amiga lhe disse que a companheira de casa disse que se conheceram numa festa num barco e se enrolaram.

— Então, só se beijaram? — pergunta a Melissa, como se estivesse desiludida com a resposta.

A Chrissy encolhe os ombros.

— Supostamente, alguém da festa no barco apanhou uma pessoa em flagrante a quem estavam a fazer um broche. Talvez fosse o Seb, talvez não. Não interessa.

Se eu tivesse conhecido a minha mãe na faculdade, imagino que seria bastante parecida com a Chrissy. Afetada, sofisticada e imperturbável. Nem um cabelo ou pestana fora do sítio. Por isso, o facto de ela aceitar algo tão complicado como uma traição parece-me algo contraditório.

— Espera — interrompo —, o teu namorado está a trair-te e tu não queres saber?

As raparigas olham as duas para mim como se eu não estivesse a prestar atenção.

— Dois ex-presidentes dos Estados Unidos e o príncipe herdeiro da Arábia Saudita estavam na festa de aniversário do pai dele nas Seicheles, no ano passado — diz a Chrissy, categoricamente. — Tu não acabas com tipos como o Sebastian por causa de uma coisa tão insignificante como a infidelidade. É com ele que vais casar.

Faço uma careta.

— Casarias com alguém que sabes que está a trair-te?

Ela não responde, limitando-se a olhar para mim, pestanejando. Será que a expectativa da monogamia é assim tão banal e antiquada? Eu pensava que tinha uma mentalidade bastante aberta, mas, aparentemente, as minhas convicções sobre o amor e o romance são escandalosas.

— Quase não se pode considerar uma traição. — A Melissa ri-se, agitando desdenhosamente a mão. — O Seb enrolou-se com uma bolseira. E depois? Se fosse uma mulherzinha, seria outra história. Um verdadeiro motivo de preocupação.

— Uma mulherzinha? — repito.

A Chrissy lança-me um olhar condescendente.

— Para homens como o Seb, o Benji e o Preston, há dois tipos de mulheres. Uma mulherzinha e uma Marilyn. Aquela com quem te casas e aquela com quem vais para a cama.

Não podes ir para a cama com a tua mulher? Ou casar-te com quem vais para a cama? Engulo as perguntas. Que sentido é que isto faz?

— Não te preocupes — diz a Melissa, estendendo a mão sobre a mesa e pousando-a na minha, achando ser um gesto reconfortante. — Tu és decididamente feita para casar. O Preston sabe isso. A única coisa com que tens de te preocupar é assegurar isso e o anel. Tudo o resto é... — Ela olha para a Chrissy em busca da palavra. — Extracurricular.

Este é o conselho amoroso mais deprimente que já ouvi. Estas mulheres têm o seu próprio dinheiro de família e pequenos impérios — não precisam de alianças conjugais estratégicas. Então, porque alinham em esquemas sem amor?

Quando um dia me casar com o Preston, não há de ser pelo dinheiro ou pelas ligações familiares. Os nossos votos não irão incluir uma ressalva a dizer que a traição é tolerada desde que o preço das ações esteja elevado.

— Eu não quereria viver assim — digo-lhes. — Se uma relação não for construída com amor e respeito mútuo, de que serve?

A Melissa olha para mim com uma inclinação condescendente da cabeça e os lábios a fazer um leve beicinho.

— Oh, querida, toda a gente pensa assim no início. Mas, mais cedo ou mais tarde, temos de ser mais realistas.

A Chrissy não diz nada, mas a sua expressão indiferente e impassível provoca algo dentro de mim. É fugaz e indefinida, mas perturba-me o estômago.

A única coisa que eu sei é que não quero nunca chegar ao ponto de considerar a infidelidade como «extracurricular».

Mais tarde, quando o Preston me leva de volta para Tally Hall, abordo o assunto. Uma vez que a Melissa e a Chrissy não me pediram segredo, não me sinto mal em perguntar:

— Sabias que a Melissa e a Chrissy acham que o Seb anda a trair a Chrissy?

Ele não vacila, mudando de velocidade pelas estradas sinuosas em torno do *campus*.

— Tinha um pressentimento, sim.

Disfarço uma careta.

— É verdade?

— Não perguntei — diz ele. E, poucos segundos depois: — Não me surpreende.

Se o Preston estava naquela festa no barco ou se sabe do incidente em questão, é irrelevante. Seria incapaz de tramar o seu amigo se não acreditasse que era possível. O que me diz tudo o que preciso de saber.

— Ela nem sequer está zangada. — Abano a cabeça, incrédula. — Nenhuma delas, na verdade. Segundo elas, é o preço a pagar.

— Já desconfiava. — O Pres para o carro no parque de estacionamento à porta da minha residência. Tira os óculos escuros e olha-me nos olhos. — As pessoas andam a falar disso há umas semanas. Tanto quanto sei, o Seb e a Chrissy escolheram ignorar. Sinceramente, não é estranho.

— A traição não é estranha? — Para mim, a traição é uma coisa tão ofensiva. É como dizer ao nosso parceiro, *Não te amo o suficiente para te ser fiel e não te respeito o suficiente para te deixar*. É o pior tipo de armadilha.

Ele encolhe os ombros.

— Para algumas pessoas.

— Não sejamos essas pessoas — imploro-lhe.

— Não somos. — O Preston inclina-se sobre a consola central do carro. Acaricia o meu rosto e beija-me ternamente. Ao

afastar-se, os seus olhos azul-claros brilham confiantes. — Eu teria de ser um idiota chapado para pôr em causa a nossa relação, amor. Reconheço quando uma miúda é feita para casar.

Acho que o diz como um elogio, mas o facto de usar as palavras exatas da Melissa faz-me sentir enjoada. Se eu sou a mulherzinha, quer dizer que ele tem uma Marilyn? Ou várias Marylins?

Sinto a frustração subir-me à garganta. Odeio que a Melissa e a Chrissy tenham plantado esta horrorosa semente de desconfiança na minha cabeça.

— Sou feita para casar, hã? — gozo, tentando conter o meu mal-estar. — Porquê?

— Hum, bem... — Os seus lábios percorrem o meu rosto até à minha orelha, onde ele mordisca o meu lóbulo de modo provocador. — Porque és toda boa. E inteligente. Tens a cabeça bem assente. E és toda boa, claro. És leal. És toda boa. É irritante como, às vezes, gostas tanto de discutir...

— Ei — protesto.

— ... mas não reclamas nas coisas importantes — conclui. — Temos objetivos semelhantes em relação ao que queremos da vida. Ah, e já disse que és toda boa?

Os seus lábios roçam novamente os meus. Retribuo o beijo, embora esteja com a cabeça noutro sítio. A lista que ele recitou foi mesmo muito querida. Tão querida que sinto uma pontada de culpa, porque parece que isso faz de *mim* a cabra com esta cena toda do Cooper.

Amizade não é traição, mesmo que o outro seja atraente, mas será que pode ser uma espécie de traição?

Não. Claro que não. As mensagens não constituem adultério. Não é como se andássemos a enviar fotos nus um ao outro e a descrever as nossas fantasias sexuais. E, depois da noite passada, eu e o Cooper temos uma ideia bastante clara desse

limite. Mais do que nunca, sei que não devo ultrapassá-lo.

Estou a dirigir-me à residência quando recebo uma mensagem do próprio demónio, juntamente com uma fotografia do Evan e da cachorrinha a brincar na praia.

Cooper: *Mudança de planos. Ela vem viver connosco.*

CAPÍTULO 11

Cooper

— Quem é a menina mais linda do mundo? És tu? Porque eu acho que és tu! Olha para ti, que anjinho mais lindo. Apetece-me devorar-te de tão perfeita que és, coisa mais linda.

O tom de voz à bebé que sai da boca do meu irmão gémeo, que já é adulto, é vergonhoso.

E o objeto da sua adoração *não* tem vergonha. O elemento mais recente da família Hartley pavoneia-se pela cozinha como se tivesse acabado de ser nomeada líder suprema da matilha. Basicamente, é o que ela é. Tem o Evan na palma da pata. Já eu, não vou apaixonar-me pela primeira coisa fofinha que vejo.

— Meu — aviso. — Menos. Estás a fazer figuras tristes.

— Népia. Olha como está linda agora. — Ele apanha a cachorrinha do chão e empurra-a para mim. — Faz-lhe festinhas. Olha como está macia e sedosa.

Obedecendo, afago o seu pelo dourado, que, pelos cinquenta dólares que me custou a tratar dela ontem, é bom que esteja suave. Depois, arranco o animal das suas mãos e volto a pô-la no chão.

Onde ela imediatamente faz chichi.

— Filha da mãe — resmungo.

O Evan transforma-se instantaneamente numa mãe-galinha, pegando em toalhas de papel e arrulhando à sua nova

namorada, enquanto absorve a sua poça de chichi.

— Não faz mal, minha linda. Acontece a todos.

Estamos ainda a tentar perceber esta cena de treinar a cadela, aprendendo aos poucos com a ajuda de blogues de veterinários e websites sobre animais domésticos. Só sei que, nos últimos sete dias, limpei mais mijo e bosta de cão do que alguma vez pretendi na vida. Aquela criatura tem tanta sorte em ser fofinha. Na semana passada, depois de o veterinário do canil confirmar que ela não tinha chip e que, provavelmente, tinha sido abandonada há algum tempo, não tive coragem de voltar a pô-la numa jaula ou de a abandonar outra vez. Posso ser um sacana, mas não sou cruel. Então, o veterinário deu-nos uma comida especial para ela ganhar peso e mandou-nos embora, e agora temos uma cadela.

E um longo dia de trabalho manual, se o Evan deixar de bajular a sua linda menina.

Esta manhã, acordei cheio de pica para fazer coisas. Eu e o Evan estamos de folga, portanto, decidi — e porque não? — que não haverá um momento melhor para começar a pôr esta casa em ordem. É a única porcaria de herança que a nossa família nos deixou. Por isso, arranquei o Evan da cama cedo e dirigimo-nos à loja de ferragens para perceber o que precisamos.

A primeira tarefa na lista das obras da casa é substituir o telhado. Não vai ser barato. Será um rombo bastante grande nas minhas poupanças, mas, depois de o convencer, o Evan avançou com metade. Pelo menos, fazendo nós próprios o trabalho, irá poupar-nos alguns milhares.

— Anda lá, devíamos começar — digo ao meu irmão. Tencionamos passar o resto do dia a arrancar o telhado antigo, e amanhã pôr os materiais novos. Se formos rápidos, não devemos demorar mais do que dois dias.

— Vamos primeiro dar uma voltinha rápida. Quero cansá-la,

para ela ficar a dormir enquanto trabalhamos.

Sem esperar pela minha resposta, ele pega na cachorrinha e encaminha-se para a porta das traseiras, onde a sua trela está pendurada num gancho.

— Juro, se não voltares em dez minutos, levo-a para o canil.

— Vai à merda. Ela veio para ficar.

Suspirando, vejo-o descer as escadas do terraço com a cadela, em direção à areia. A nossa encomenda da loja de ferragens ainda não chegou, mas ao menos podíamos estar a aproveitar para preparar o telhado que lá está. Infelizmente, a ética de trabalho do Evan não é tão séria como a minha. O meu irmão arranja todas as oportunidades para procrastinar.

No terraço, apoio os braços no parapeito e sorrio ao ver a *golden retriever* ir diretamente para a água. Lá se vai a sua suavidade. Pode ser que o Evan aprenda.

Enquanto espero, saco do telefone e mando uma mensagem à Mac.

Eu: *Que tal Batata?*

A sua resposta é quase instantânea. Saber que tenho prioridade nas suas mensagens faz o meu ego ficar um pouco inchado.

Mackenzie: *Nem pensar.* Eu: *Mary Pawpins?* Mackenzie: *Melhor. Eu sugiro Daisy.* Eu: *Não consegues arranjar um nome ainda mais genérico?* Mackenzie: *Genérico és tu.* Eu: *Népia, miúda, eu sou único.* Mackenzie: *Não sou a tua miúda.* Eu: *O que é que estás a fazer?* Mackenzie: *Estou na aula.*

Ela remata com um *emoji* de uma arma ao lado de um *emoji* com a cabeça de uma rapariga. Rio-me.

Eu: *Está a ser assim tão má?* Mackenzie: *Pior. Estupidamente, entre as obrigatórias de Ciências, escolhi Biologia. Porque é que os nomes das espécies são todos em latim?!!! E tinha-me esquecido do quanto odeio teoria celular! Sabias que a célula é o componente mais essencial da vida?* Eu: *Pensava que era o sexo.*

A Mackenzie envia um *emoji* a revirar os olhos, depois diz que tem de ir, porque o professor está a começar a chamar os alunos para responderem a perguntas. Não a invejo.

Apesar de a Garnet ter oportunidades bastante decentes de bolsas para os habitantes locais, nunca tive grande vontade de frequentar a faculdade. Não percebo qual é o interesse. Tudo o que preciso de saber sobre construção ou carpintaria posso aprender com o meu tio, online ou nos livros da biblioteca. No ano passado, tive umas aulas de contabilidade no centro comunitário da cidade para poder aprender a gerir melhor as nossas finanças (por parcas que sejam), mas custou-me apenas cem dólares. Por que raio haveria de pagar vinte e cinco mil dólares por *semestre* para me dizerem que as células são importantes e que evoluímos dos macacos?

Uma buzina dela proveniente da entrada da casa chama-me a atenção. Chegou a nossa encomenda.

À entrada, cumprimento o Billy e o Jay West com o punho fechado e com palmadas amigáveis nas costas. Embora não os vejamos muito ultimamente, são tipos do velho grupo, cresceram em Avalon Bay.

— Deve estar aqui tudo o que precisam — diz o Billy, abrindo a bagageira da carrinha. Tivemos de comprar e pedir emprestadas algumas ferramentas específicas, arranjar um compressor de ar e tudo. No atrelado estão as ripas de madeira em paletes.

— Parece estar tudo — digo, ajudando-o a descarregar.

— O meu pai diz que não cobra pelo compressor se o

devolverem até segunda-feira. E arranja-vos o contrapiso e o vale de telhado a preço de custo.

— Obrigadão, B — digo, apertando-lhe a mão.

Em Avalon Bay, cuidamos uns dos outros. Temos o nosso próprio sistema de negociação — *hoje fazes-me um favor, amanhã ajudo-te eu*. Foi a única maneira que a maioria de nós arranjou para sobreviver às tempestades dos últimos anos. Temos de poder contar com os nossos vizinhos e apoiarmo-nos uns aos outros; caso contrário, esta cidade vai por água abaixo.

Sob um calor abrasador, eu, o Billy e o Jay descarregamos o atrelado. Quando levantamos a última palete, estamos os três encharcados em suor. Ao pousá-la no chão, o telefone do Billy toca e ele afasta-se para atender a chamada.

— Ei, Coop. — O Jay limpa a testa com a manga curta da camisa. — Tens um minuto?

— Claro. Vamos beber água. — Dirigimo-nos à geleira que está no alpendre e tiramos duas garrafas de água. Está um calor insuportável. O verão recusa-se a morrer. — O que se passa?

O Jay mexe desajeitadamente os seus enormes pés. É o maior dos cinco rapazes West — um metro e noventa e oito e mais de noventa quilos de músculo. A Steph chama-lhe o «gigante dócil», o que é uma boa descrição. O Jay é um querido, a primeira pessoa a ajudar quem precisa. Não tem um pinga de maldade no corpo.

— Queria perguntar-te uma coisa. — O seu rosto começa a corar lentamente, e não é do calor. — Tu e a Heidi...

Franzo a testa. Decididamente, não é o que estava à espera de ouvir.

— Ouvi uns boatos sobre vocês este verão e, hum... — Encolhe os ombros. — Não tinha a certeza se era uma cena ou não.

— Não é.

— Ah. OK. Fixe. — Ele bebe metade da garrafa antes de

voltar a falar. — Cruzei-me com ela no bar do Joe na outra noite.

Tento não me rir da sua expressão tímida. Agora sei o que ele quer, mas está a demorar a chegar lá.

— E como é que isso correu? — pergunto. Não vejo a Heidi ou as miúdas há vários dias.

— Fixe. Foi fixe. — Ele bebe mais água. — Não te importas que a convide para sair, pois não? Uma vez que vocês não são um casal...

O Jay West é o epítome do vizinho do lado, e a Heidi vai comê-lo vivo. Isto se ela lhe der uma hipótese sequer, o que duvido, pois tenho quase a certeza de que sou o único gajo da cidade com quem ela dormiu. Andou com um tipo no secundário durante um ano, mas ele não vivia em Avalon Bay. De qualquer maneira, a Heidi sempre foi uma pessoa livre. Estou sinceramente surpreendido por ela ainda não ter abandonado a cidade.

Não tenho coragem de dizer ao Jay que, provavelmente, ela irá dizer que não, por isso limito-me a dar-lhe uma palmada no ombro e digo:

— Claro que não me importo. Ela é uma miúda incrível. Vê se a trata bem.

— Palavra de escuteiro — promete ele, erguendo uma mão e fazendo o gesto dos escuteiros. É óbvio que foi escuteiro. Provavelmente, obteve todas as medalhas. Enquanto isso, eu e o Evan fomos expulsos do grupo dos escuteiros quando tínhamos 8 anos porque tentámos pegar fogo ao material do nosso chefe.

— Ei, não percebi que estavam aqui. — O Evan aparece com a cachorrinha pela trela, olhando pesarosamente para todos os materiais que descarregámos (não graças a ele). — Senão, teria dado uma mãozinha.

Rio-me. Claro que sim.

— Quando é que arranjaste um cão? — pergunta o Jay, encantado, ajoelhando-se imediatamente e começando a brincar com a cachorrinha, que tenta morder os seus dedos.
— Como é que ele se chama?

— Ela — corrijo. — Ainda não sabemos.

— Eu voto em *Kitty*, mas o Coop não percebe a ironia — queixa-se o Evan.

— Ainda estamos a decidir — digo.

O Billy acaba a chamada e aproxima-se. Acena ao Evan, que acena de volta e diz:

— Billy. Como vai isso?

— Tudo bem.

Os dois trocam um olhar inquieto, enquanto eu fico ali a sentir-me desconfortável. O Jay, o gigante dócil, permanece alheio à tensão, completamente ocupado com a cachorrinha. É por isso que já não nos encontramos com o Billy e os seus irmãos. É demasiado constrangedor.

Mas o Evan não consegue resistir. Leva sempre tudo até ao máximo constrangimento.

— E a Gen, como é que ela está?

O Billy resmunga um brusco *Bem* e apressa-se o mais possível a fechar o atrelado, até ele e o Jay praticamente arrancarem da nossa entrada.

— Que raio foi aquilo? — pergunto ao Evan.

— O quê? — Ele diz isto como se eu não soubesse exatamente o que se passa naquela maldita cabeça.

— Pensava que não estavas caidinho pela Genevieve.

— Não estou. — Ele manda-me embora e dirige-se ao alpendre, onde pega numa garrafa de água.

— Ela fugiu da cidade praticamente sem avisar — relembro-o. — Acredita, essa miúda não quer saber de ti.

— Já disse que não me incomoda — insiste o Evan. — Estava só a fazer conversa.

— Com os irmãos dela? Não me surpreenderia se o Billy te culpasse por ela ter fugido para Charleston. Tanto quanto sei, está à espera para te dar um enxerto de porrada.

A ex do Evan era a verdadeira diabinha do nosso grupo. Todos nós experimentámos a ocasional substância ilícita e transgredimos algumas leis, mas a Gen estava noutra nível. Se fosse uma coisa estúpida que pudesse matá-la, queria sempre mais. E o Evan estava mesmo ao seu lado. Alegadamente, foi-se embora para resolver as merdas dela. Novo sítio, nova vida. Quem sabe se é verdade? Não sei se alguma das miúdas ainda fala com ela, mas não costumam dizer nada, o que devia ser o suficiente para o Evan perceber que a Genevieve West se está nas tintas para o facto de lhe ter arrancado o coração.

— Ainda estás apaixonado por ela? — pergunto.

Ele tira a camisa para limpar o suor da cara, cruzando o olhar com o meu.

— Nem sequer penso nela.

Claro que não. Nem eu conheço a sua expressão. Era a mesma que eu fazia sempre que o nosso pai não aparecia. Sempre que a nossa mãe nos abandonava durante semanas ou meses de cada vez. Às vezes, ele esquece-se de que sou a única pessoa no mundo a quem não pode mentir.

O meu telefone vibra, distraíndo-me momentaneamente das tretas do meu irmão. Olho para o ecrã e vejo uma mensagem da Mac.

Mackenzie: O meu prof de biologia acabou de partilhar com a turma que tem uma cadela chamada Mrs. Puddles. Para mim, roubamos o nome e não pensamos mais nisso.

Não consigo evitar uma gargalhada, fazendo com que o Evan olhe para mim rispidamente sobre o gargalo da garrafa.

— E tu? — A sua voz adquire um tom mordaz.

— Eu o quê?

— Sempre que olho para ti estás a mandar mensagens ao clone. Vocês estão a ficar muito fofinhos.

— Pensava que era essa a ideia, génio. Ela não vai deixar o namorado por um tipo de quem não gosta.

— Do que é que vocês falam? — pergunta ele.

— Nada de importante. — Não é mentira. Normalmente discutimos sobre nomes e sobre como treinar o *nosso* cão. A Mac concedeu a si mesma custódia parcial e direitos de visita. Disse-lhe que podia contribuir com dinheiro para as fraldas e comida de cão. Ela pede que lhe envie mais fotos.

— Hum-hum. — Ele olha para mim com os olhos semicerrados. — Não estás a sentir cenas por essa galdéria rica, pois não?

— Então? — O Evan pode dizer toda a merda que quiser, mas a sua raiva não tem nada que ver com a Mac. — Ela não te fez nada. Na verdade, tem sido extremamente simpática. Por isso, vê lá o que dizes.

— Desde quando é que te preocupas? — Ele aproxima-se de mim, encarando-me. — Ela é um deles, lembras-te? Um clone. O merdoso do namorado convencido dela fez com que fosses despedido. Não confundas de que lado estás.

— Estou do teu lado — relembro-lhe. — Sempre.

Não há nada mais forte do que a minha ligação ao meu irmão. Ponto final. Nenhuma rapariga pode alterar isso. Só que, no que toca às pessoas da Garnet, o Evan tem uma espinha atravessada na garganta. Para ele, elas são o inimigo. É uma atitude partilhada pela maioria do pessoal com quem cresci, e não os censuro. Não me lembro da última vez que um clone fez outra coisa que não fosse usar e abusar de nós.

No fundo, a Mac é um produto das suas origens, como eu. Isso não quer dizer que, se não fôssemos pessoas diferentes — se viéssemos de contextos semelhantes, vivêssemos vidas

semelhantes —, eu não pudesse vir a gostar dela. Ela é inteligente, engraçada, sexy como tudo. Seria um idiota em não o admitir.

Mas nós não somos pessoas diferentes, e isto não é uma outra vida.

Em Avalon Bay, jogamos com aquilo que a vida nos dá.

CAPÍTULO 12

Mackenzie

Estou há vinte minutos na minha aula de biologia de quarta-feira quando percebo que é sexta-feira e que, na realidade, estou sentada na aula de Cultura dos Media. Agora, aqueles vídeos das *Real Housewives* no ecrã de projeção fazem muito mais sentido. Pensei que talvez fossem alucinações nervosas.

Na verdade, nos últimos dias não tenho estado em mim. A escola entedia-me e a insatisfação com a minha empresa tem vindo a crescer. Agora que deleguei a maioria das minhas obrigações a outras pessoas, é frustrante quão pouco trabalho preciso de fazer nas aplicações. Preciso de um novo projeto, algo grande e desafiante a que possa dedicar-me.

Para piorar ainda mais as coisas, ando com uma sensação constante de ter alguém a olhar por cima do meu ombro. Aproximando a lâmina de uma faca. Sempre que o meu telefone vibra, sinto uma injeção de endorfinas seguida de uma descarga de adrenalina e culpa, e uma sensação de náusea no estômago. Sou uma viciada, desesperada por uma dose, mesmo sabendo que isso me pode matar.

Cooper: *Que tal Moxie Crimefighter?* Eu: *Eu gosto de Jimmy Chew.*

Cooper: *É uma cadela!* Eu: *Continuo a achar que é uma Daisy.*

Cooper: *Muttley Crue.*

Trata-se de uma espécie de preliminares perversos. Discutir sobre nomes de cães como forma de sedução, cada intensificação como uma peça de roupa que desafiamos o outro a despir, num metafórico jogo de strip póquer. Já ultrapassámos todos os limites. Mas não consigo controlar-me. Sempre que ele me manda uma mensagem, digo que será a última vez, depois sustenho a respiração, escrevo uma resposta, envio, e espero pela próxima dose.

Cooper: O que é que estás a fazer? Eu: Estou na aula. Cooper: Queres passar aqui depois? Levamos a Moon Zappa a passear na praia.

Porque é que eu faço isto? Porque o Cooper me vira do avesso, dá-me a volta à cabeça. Acordo com suores frios de sonhos involuntários com o seu corpo esculpido e o seu olhar penetrante. Por muito que deseje negá-lo, estou a começar a gostar dele. O que faz de mim uma pessoa horrível. Uma namorada péssima e inútil. Embora ainda não tenha feito nada. Sou capaz de exercer autocontrolo. A mente sobre a matéria e isso tudo.

Eu: Vou ter aí daqui a uma hora.

Pela nossa cadela, digo a mim mesma. Para ter a certeza de que está a tomar bem conta dela.

Hum -hum.

Autocontrolo, o tanas.

Uma hora depois, estou à sua porta e o ambiente é constrangedor. Não sei se sou eu ou ele, ou os dois, mas, felizmente, a nossa cachorrinha é uma distração bem-vinda. Ela salta-me para os joelhos e eu passo os minutos seguintes totalmente concentrada em fazer-lhe festas, coçando-a atrás das

orelhas e dando beijinhos no seu focinho adorável.

Quando já vamos a meio da praia, depois de sairmos da sua casa, o Cooper toca-me no braço.

Olho para ele.

— O que foi?

— Passa-se alguma coisa? — pergunta.

A praia está vazia, por isso o Cooper solta a cadela e atira-lhe um pequeno pedaço de madeira para ela apanhar.

Não é justo. Ele acabou de tirar a camisa e agora eu sou obrigada a olhar para ele a passear de tronco nu com um par de calças de ganga assentes nas ancas. Por mais que tente desviar o olhar, este volta a cair sobre o delicioso V que desaparece pela cintura das suas calças. A minha boca fica a salivar como um dos estúpidos cães de Pavlov.

— Desculpa — digo. Tiro o pau à cadela quando ela o traz até mim, depois atiro-o outra vez. — Estou distraída com as coisas da faculdade.

Não demoramos muito a cansar a cachorra e a regressar a casa do Cooper. Ele veste uma t-shirt gasta da *Billabong*, tão fina que molda todos os músculos do seu peito perfeito. Está a tornar-se cada vez mais difícil não ter pensamentos para lá da amizade. O que significa que está na altura de me ir embora.

Porém, quando ele me pergunta se quero boleia para a minha residência, arranjo maneira de recusar sem dizer exatamente que não. Em vez disso, vamos parar à sua oficina, uma garagem ao lado da casa onde há serras de mesa, máquinas e uma série de outras ferramentas. Há prateleiras de madeira crua nas paredes. O chão está coberto de serradura. Ao fundo do espaço, vejo várias peças de mobiliário em madeira.

— Fizeste isto? — Passo as mãos por uma mesa de centro, uma cadeira, uma estante estreita. Há também uma cómoda e duas mesas pequenas. Todas têm acabamentos diferentes e uma estética costeira moderna. Lisas e simples. Elegantes.

— É uma espécie de passatempo — diz ele, orgulhoso. — É tudo madeira recuperada. Coisas que encontro. Decomponho-a na sua forma mais básica e reaproveito-a, extraindo dela aquilo que devia ser.

— Estou impressionada.

Ele encolhe os ombros, sacudindo o elogio como se eu estivesse apenas a ser educada.

— Estou a falar a sério. Cooper, és mesmo talentoso. Podias fazer bom dinheiro com isto. Sei de uma dezena de amigas da minha mãe que destruiriam este sítio como se fosse uma venda de garagem da Saks, cobrindo-te de dinheiro.

— Pois. — Ele esconde a cara enquanto arruma umas ferramentas e reorganiza a sua bancada de trabalho, como se precisasse de ter as mãos ocupadas. — Sem dinheiro para me despedir do meu emprego, não tenho tempo para produzir a quantidade de trabalho que seria necessário para tornar isto um negócio rentável. Vendo umas coisas de vez em quando. Faço algum dinheiro extra que podemos usar para arranjar a casa. É só um passatempo.

Pouso uma mão na anca.

— Tens de me deixar comprar-te alguma coisa.

Antes de poder pestanejar, ele aproxima-se e cobre as mobílias com um pano. Não olha para mim quando diz:

— Não faças isso.

— Isso o quê? — digo, sem expressão.

— Não faças isso. A partir do momento em que comesças a olhar para mim como um projeto, isto — gesticula entre nós — deixa de funcionar. Não preciso da tua ajuda. Não te mostrei estas coisas para te sacar dinheiro.

— Eu sei. — Agarro-lhe no braço, obrigando-o a olhar para mim. — Não se trata de caridade. Não é piedade, Cooper. Considero-o um investimento num talento por descobrir.

Ele ri baixinho.

— A sério. Quando começares a ter sucesso, posso dizer a toda a gente que cheguei primeiro. As meninas ricas adoram ser responsáveis por criar tendências.

Ele perscruta-me, procurando perceber-me com os seus olhos escuros. Há em si uma intensidade, uma aura natural igualmente magnética e perigosa. Quanto mais digo a mim mesma que devo afastar-me, mais atraída me sinto.

Finalmente, ele esboça um sorriso relutante.

— Cabrões dos clones.

— Ótimo. Pensa num preço justo para a mesa de centro e as cadeiras. De qualquer maneira, a mobília que temos na residência é horrível. Eu e a Bonnie íamos comprar outra, mas distraímos-nos com as aulas.

Sento-me numa mesa de trabalho, balouçando as pernas. Sei que devia ir-me embora, mas gosto demasiado da companhia deste rapaz.

Está a tornar-se um verdadeiro problema.

O Cooper continua a olhar para mim com uma expressão indecifrável. Ao receber uma mensagem, desvia o olhar. Pega no telemóvel e ri-se ao ler o que lhe enviaram.

— Qual é a graça?

— Nada. A minha amiga Steph acabou de mandar um post engraçado para a nossa conversa de grupo. Olha aqui. — Ele senta-se ao meu lado na mesa. Não lhe custa absolutamente nada içar o seu corpo possante e sentar o rabo ao meu lado.

Inclino-me para ele para olhar para o seu telemóvel, tentando valentemente não reparar em como cheira bem. Uma combinação de especiarias, serradura e mar — não é um cheiro que vem à cabeça quando se pensa em afrodisíacos e feromonas, mas, mesmo assim, faz-me ficar atordoada e arrepiada.

Estranhamente, a sequência da conversa mostra uma captura de ecrã de nada mais nada menos do que o meu website. Este

post em particular é do *GirlfriendFails*, e trata-se de uma história de uma rapariga que, numa noite, foi para casa com um tipo depois de o conhecer num bar. Dormiram juntos, mas, depois de ele adormecer, ela apercebeu-se de que lhe tinha vindo o período e não tinha um tampão ou um penso. Então, resolveu vasculhar o apartamento para ver se havia alguma coisa numa das casas de banho. A primeira casa de banho não tinha produtos menstruais, por isso, não teve outra hipótese senão entrar no outro quarto e invadir a casa de banho da suite. No preciso momento em que encontrou uma caixa de tampões sob o lavatório, alguém deu de caras com ela. Era a mãe do tipo, empunhando um candeeiro como arma, porque achava que estava a ser assaltada. Começou a gritar como uma alma penada, exigindo saber porque é que uma rapariga praticamente nua, de t-shirt e cuecas, estava a vasculhar a sua casa de banho às quatro da manhã.

— Consegues sequer imaginar? — O Cooper ri-se. — Até me sinto quase aliviado por a minha mãe não viver aqui.

Provavelmente, devia dizer-lhe que sou a responsável do site que está a fazê-lo rir. Mas não tenho coragem de dizer: «Sim, pois, esse site é meu. Lancei-o e fiz o meu primeiro milhão quando ainda andava no secundário. Mas conta-me mais sobre o teu negócio de mobiliário em dificuldades.» Isso faria de mim uma cretina.

Não costumo gabar-me do meu sucesso, mas parece-me especialmente errado dizer alguma coisa agora. Assim, reajo ao seu comentário sobre a mãe, perguntando:

— Onde é que ela está?

— Não faço ideia. — Sente-se um desconforto na sua voz. Sofrimento e raiva.

Apercebo-me de que toquei num ponto sensível e, enquanto penso em como mudar de assunto, ele liberta um suspiro rouco e continua a falar.

— Quando eu e o Evan éramos miúdos, ela nunca estava por perto. Andava com um gajo diferente a cada dois meses. Bazava num dia e depois aparecia inesperadamente a pedir dinheiro. — Ele encolhe os ombros. — A Shelley Hartley nunca soube ser uma verdadeira mãe.

O fardo que carregou — e ainda carrega — é evidente no descair dos seus largos ombros, na ruga que lhe surge na testa enquanto vai puxando fios das suas calças de ganga.

— Lamento — digo sinceramente. — E o teu pai?

— Está morto. Morreu bêbedo num acidente de viação quando tínhamos 12 anos, não sem antes acumular uma montanha de dívidas em cartão de crédito, que, por alguma razão, se tornaram um problema nosso. — O Cooper pega num cinzel, mexe-lhe durante um momento e, distraidamente, começa a esgravatar a superfície da mesa em madeira prensada. — A única coisa que qualquer um dos nossos pais alguma vez nos deu foi dívidas. — Então, com uma fúria repentina, espeta o cinzel diretamente na madeira. — Nem pensar que vou acabar como eles. Prefiro atirar-me de uma ponte.

Engulo em seco. Às vezes, ele é um pouco assustador. Não propriamente ameaçador, mas imprevisível, munido do potencial cinético dos demónios que lhe atormentam o pensamento. O Cooper Hartley tem traços sombrios e perigosos, e o meu lado imprudente — os impulsos que mantenho bem reprimidos — só quer atirar-se de cabeça e descobri-los.

O que, novamente, só prova que não sei o que estou a fazer.

Agarro-lhe na mão.

— Para que saibas — digo, porque ele agora precisa de um amigo que lhe diga que o ouve e o compreende —, não acho que sejas como eles. És trabalhador, talentoso, inteligente. Tens ambições. Acredita, isso é mais do que se pode dizer da maioria

das pessoas. Com alguma sorte e muita iniciativa, uma pessoa consegue fazer o que quiser da vida.

— Para ti é fácil falar. Quantos póneis é que os teus pais te ofereceram nos anos? — O seu golpe de sarcasmo atinge-me, e eu sei que é por eu ser o único alvo à sua frente.

Mostro um sorriso triste.

— Tenho sorte se conseguir passar pela assistente da minha mãe quando lhe telefono. Os meus postais de aniversário são enviados pela equipa de assistentes pessoais dela. A minha caderneta das notas e as autorizações dos encarregados de educação eram assinadas por funcionários.

— É justo, considerando que sempre tiveste o que querias com um estalar de dedos.

— É mesmo isso que pensas? — Abano a cabeça. — Sim, tenho muita sorte por ter nascido numa família rica. Mas o dinheiro torna-se uma desculpa para tudo. Torna-se um muro entre nós. Porque tens razão numa coisa: nós *somos* clones. Desde o dia em que nasci que os meus pais me criaram para ser como eles. Eles não pensam em mim como uma pessoa com os seus próprios pensamentos e opiniões. Sou um adereço. Juro, às vezes pergunto-me se só nasci para ajudar as aspirações políticas do meu pai.

O Cooper lança-me um olhar inquiridor.

— O meu pai é membro do congresso — explico. — E toda a gente sabe que os eleitores preferem candidatos com famílias. Pelo menos é isso que dizem as sondagens. Assim, *puf*, aqui estou eu. Nascida e criada para entrar em sessões fotográficas. Educada para mostrar sorrisos bonitos para a câmara e dizer coisas simpáticas sobre o papá nas angariações de fundos. E eu fiz isso, tudo isso, sem questionar e sem me queixar. Esperando, um dia, que me amassem por isso. — Rio-me com amargura. — Honestamente, acho que nem reparariam se eu fosse substituída por uma filha completamente diferente. Se eu fosse

outra personagem na minha própria vida. Eles não querem saber nada de mim como pessoa.

É a primeira vez que desabafo sobre isto em voz alta. É a primeira vez que deixo alguém aceder a esta parte de mim. Quer dizer, sim, desabafei com o Preston muitas vezes, mas não com tanta honestidade. Vimos os dois da mesma esfera. Para ele, é normal, ele não tem queixas sobre o seu círculo social. E porque haveria de ter? Ele é homem. Um dia, irá liderar o império da família. E eu? Eu tenho de manter as minhas ambições escondidas, para os meus pais não perceberem que não tenciono ser uma pacata dona de casa quando, finalmente, me passarem as minhas «futilidades adolescentes».

Eles acham que os meus websites são uma perda de tempo. «Uma tolice passageira», como lhes chamou a minha mãe durante o ano de intervalo pelo qual tive de lutar com unhas e dentes. Quando, orgulhosa, disse ao meu pai que a minha conta bancária tinha atingido oficialmente os sete dígitos, ele gozou comigo. Disse que um milhão de dólares era uma gota no oceano. Comparado com as centenas de milhões que a sua empresa lucra a cada trimestre, suponho que os meus rendimentos pareçam ridículos. Mas, pelo menos, podia ter fingido estar orgulhoso de mim.

O Cooper olha para mim em silêncio durante um bom bocado. Depois, como se acordasse de um devaneio, o seu olhar intenso volta a focar-se em mim.

— Está bem. Reconheço que ter pais emocionalmente ausentes não é muito melhor do que ter pais fisicamente ausentes.

Rio-me.

— Então, como é que estamos classificados no campeonato dos traumas infantis?

— Bem, ainda estou bué à frente, mas já estás no quadro.

— É justo.

Trocamos um sorriso cúmplice perante a futilidade destes argumentos. Não era a minha intenção transformar esta discussão numa competição — nunca faria pouco do sofrimento por que o Cooper passou —, mas acho que estava a reprimir um pouco mais de frustração do que me tinha apercebido. Como se tivesse transbordado.

— Ouve, o que fazes hoje à noite? — pergunta ele, levantando-se.

Hesito. Devia confirmar com o Preston, ver se ele vai fazer alguma coisa hoje com o pessoal.

Em vez disso, digo:

— Nada.

Porque, no que toca ao Cooper, o meu bom senso foi pelos ares.

Ele olha para mim de uma forma que me provoca um forte arrepio.

— Ótimo. Vou levar-te a sair.

CAPÍTULO 13

Cooper

— **S**empre quis andar num destes — diz a Mac, agarrando-me no braço e puxando-me em direção a uma monstruosidade giratória a trinta metros do chão.

Esta miúda está a falar a sério? Reviro os olhos.

— Se eu quisesse ficar tonto e sufocar no meu próprio vômito, podia fazer isso em terra firme.

Ela vira-se para mim de olhos arregalados e brilhantes sob as luzes coloridas.

— Não estás com medo, pois não, Hartley?

— Nunca — digo, porque a incapacidade de desistir de um desafio é um dos meus defeitos.

— Então, mostra o que vales, cobardolas.

— Vais arrepender-te — aviso, gesticulando para que ela vá à frente.

O festival anual do passeio marítimo é um destaque da temporada de outono em Avalon Bay. Supostamente, comemora a fundação da cidade ou qualquer coisa assim, mas, na verdade, tornou-se uma desculpa para organizar uma festa. Os restaurantes locais vendem comida nas suas carrinhas ou barracas, os bares servem cocktails exclusivos em carrinhos e o passeio marítimo enche-se de videojogos e carrosséis.

Eu e o Evan costumávamos fumar ganzas com os nossos

amigos, ficar pedrados e saltar de carrossel em carrossel para ver quem era o primeiro a largar o almoço. No entanto, nos últimos anos acho que nos fartámos disso.

Por alguma razão, sinto-me impelido a dar a conhecer o festival à Mac.

O passeio marítimo está apinhado. As músicas de feira competem com as bandas ao vivo que tocam em três palcos espalhados pela Cidade Velha. O aroma dos cachorros-quentes e do algodão-doce, das farturas e das pernas de peru flutua na brisa. Depois do Defletor de Ondas e do Tiro à Lua, descemos o escorrega Avalanche, de quinze metros, e enfrentamos o Poço da Gravidade. A Mac anda constantemente aos saltinhos e com um enorme sorriso na cara. Nenhuma apreensão. É uma aventureira, esta miúda. Gosto disso.

— E agora? — pergunta ela, enquanto recuperamos da última diversão que escolheu. Não me consideraria um medricas, mas a atrevida ao meu lado está decididamente a dar-me baile.

— Não podemos fazer uma coisa mais calma? — queixo-me.
— Tipo, dá-me cinco minutos para me readaptar à gravidade.

Ela sorri.

— Uma coisa mais calma? Fogo, avozinho, tipo o quê? Queres sentar-te quietinho na roda gigante ou apanhar aquele comboiozito lento que passa pelo Túnel do Amor?

— Se vais ao Túnel do Amor com o teu avô, tens outros problemas que devíamos resolver.

Ela mostra-me o dedo do meio.

— Que tal um intervalo para algodão-doce?

— Pode ser. — Enquanto nos encaminhamos para uma das barraquinhas, digo, em tom de conversa: — Sabes, uma vez fizeram-me um broche naquele túnel.

Em vez de ficar enojada, os seus olhos verdes brilham de prazer.

— A sério? Conta-me tudo.

Ficamos na fila atrás de uma mulher que está a tentar controlar três crianças com menos de 5 anos. Os miúdos são como uma ninhada de cachorros, incapazes de estar quietos, saltitando por causa da moca de açúcar com que estão.

Passo a língua pelo lábio inferior e pisco o olho à Mac.

— Conto-te mais tarde. Em privado.

— Provocador.

Chegamos ao balcão, onde compro dois sacos de algodão-doce para nós. A Mac pega avidamente num dos sacos, arrancando um bocado enorme e fofo e enfiando o algodão cor-de-rosa na boca.

— Tãaaaa bom. — As suas palavras são ininteligíveis graças à sua boca completamente cheia.

Ao vê-la chupar e sorver o doce açucarado, vêm-me à cabeça imagens pornográficas que me abrem um buraco cérebro.

O meu pénis aperta-se contra o meu fecho, dificultando a minha concentração na tagarelice da Mac.

— Sabias que o algodão-doce foi inventado por um dentista? Volto à realidade.

— A sério? Isso é que é uma forma proativa de garantir pacientes.

— É genial — concorda ela.

Enfio a mão no saco de algodão-doce e tiro um bocado. O algodão derrete-se ao tocar-me na língua, o sabor adocicado injetando-me um afluxo de nostalgia diretamente no sangue. Sinto-me outra vez uma criança. Quando os meus pais viviam connosco e estavam ainda apaixonados. Quando nos traziam, a mim e ao Evan, ao passeio marítimo, enchendo-nos de porcarias e de açúcar e deixando-nos andar à vontade. Voltávamos para casa a rir e animados, sentindo-nos como uma família a sério.

Quando eu e o Evan fizemos 6 anos, a sua relação tornou-se

conflituosa. O meu pai começou a beber mais. A minha mãe começou a procurar a atenção e validação de outros homens. Separaram-se, e eu e o Evan tornámo-nos considerações secundárias em relação ao álcool e ao sexo.

— Não — ordena a Mac.

Pestanejo outra vez.

— Não, o quê?

— Estás com aquela cara. Estás a cismar.

— Não estou nada.

— Estás, sim. A tua cara está mesmo a dizer: «Estou perdido nos meus pensamentos melancólicos, porque sou um rebelde TÃO atormentado.» — Ela lança-me um olhar severo. — Sai dessa, Hartley. Estávamos a falar de cenas bastante profundas.

— Estávamos a falar de algodão-doce. — O meu tom é seco.

— E então? Pode ser um assunto profundo. — Ela ergue uma sobrancelha, presunçosa. — Sabias que os cientistas estão a tentar usar algodão-doce para criar vasos sanguíneos artificiais?

— Isso parece-me uma grande treta — digo alegremente.

— Não é. Li sobre isso uma vez — insiste ela. — As fibras do algodão-doce são, tipo, superfinas. Têm a espessura dos nossos vasos sanguíneos. Não me lembro do processo exato, mas a premissa fundamental é: o algodão-doce equivale à inovação na medicina.

— Ciência da treta.

— Juro.

— Cita as tuas fontes.

— Foi numa revista qualquer.

— Ah, claro! Uma revista qualquer: a publicação mais bem considerada de sempre.

Ela olha para mim.

— Porque não aceitas que tenho razão?

— Porque não aceitas que podes não ter?

— Eu tenho sempre razão.

Começo a rir-me, fazendo com que ela me fuzile com os olhos.

— Acho que discusses só por discutir — declaro.

— Não é verdade.

Rio-me mais alto.

— Vês? És tão teimosa.

— Calúnias!

Uma mulher loura e alta, de mãos dadas com um rapaz, faz uma careta ao passar. A exclamação da Mac provoca um lampejo de preocupação no olhar da mulher.

— Está tudo bem — assegura a Mac. — Somos melhores amigos.

— Somos rivais implacáveis — corrijo. — Ela está sempre a gritar comigo, minha senhora. Por favor, livre-me desta relação tóxica.

A mulher lança-nos um olhar que diz «Vocês são incorrigíveis», como qualquer pessoa com mais de 40 anos ostenta ao lidar com crianças imaturas. Pior para ela. Estamos ambos na casa dos 20.

Continuamos a caminhar pelo passeio marítimo, parando para ver um tipo idiota a atirar dardos a uma parede de balões para tentar ganhar um peluche gigante para a namorada. Quarenta dólares depois, ainda não conseguiu o cobiçado panda e a namorada está agora mais entretida a olhar para mim do que a incentivá-lo.

— Viste aquela rapariga? — diz a Mac quando nos afastamos. — Juro que estava a imaginar-te nu, enquanto o pobre do namorado gastava o dinheiro todo por ela.

— Estás com ciúmes? — Mostro um sorriso.

— Não. Estou só impressionada. Tu és um bonzão, Hartley. Acho que não passámos por nenhuma miúda esta noite que não parasse para se babar toda por causa de ti.

— O que posso dizer? As mulheres gostam de mim. — Não

estou a tentar ser arrogante. É apenas um facto. Eu e o meu irmão gémeo somos bonitos, e os homens bonitos têm sucesso com as mulheres. Quem disser o contrário é estupidamente ingénuo. No que toca aos nossos instintos animais mais básicos, para as pessoas por quem nos sentimos atraídos sexualmente, a aparência é importante.

— Porque é que não tens namorada? — pergunta a Mac.

— Porque não quero.

— Ah, já percebi. Tens fobia do compromisso.

— Não. — Encolho os ombros. — Só não estou à procura, de momento. Tenho outras prioridades.

— Interessante.

O nosso olhar cruza-se durante um momento fugaz e ardente. Estou prestes a reavaliar as prioridades que acabei de mencionar quando a Mac engole visivelmente em seco e muda de assunto.

— Pronto, está na hora de outro carrossel — anuncia. — Já estamos a enganar há que tempos.

— Por favor, tem calma contigo — imploro.

Ela limita-se a rir e corre em busca da nossa próxima aventura perigosa.

Olho para ela, divertido. E com um toque de perplexidade. Esta miúda é demais. Não tem nada que ver com as outras clones aborrecidas da Garnet. Ela não quer saber da sua aparência — cabelo desgrenhado, maquilhagem esborratada. É espontânea e livre, o que torna muito mais difícil de compreender a razão por que está com aquele otário do Kincaid. Que raio tem aquele gajo que o torna tão incrível?

— Explica-me uma coisa — digo, enquanto nos aproximamos de uma coisa elástica enorme que projeta um pequeno cesto com duas vítimas aos gritos quase sessenta metros no ar.

— Se esta é a tua tentativa de empatar, posso dizer-te que não vai funcionar. — Ela marcha em direção ao operador do

carrossel e dá-lhe os nossos bilhetes.

— O teu namorado — começo, passando por ela para entrar primeiro no cesto.

O operador prende-me à cadeira e começa a dar-nos uma seca que se resume a: «Mantenham as mãos e os pés dentro do veículo, e, se morrerem, não somos responsáveis.»

Pela primeira vez esta noite, a Mac parece nervosa ao sentar-se ao meu lado.

— O que é que tem o meu namorado?

Escolho as palavras com cuidado.

— Quer dizer, ouvi algumas coisas. Nenhuma delas boa. E, para uma rapariga que insiste em não querer ser a princesa protegida da mamã e do papá, pergunto-me porque haverias de fazer o que é suposto e contentares-te com um clone da Garnet.

O conjunto grosso de cabos que, num instante, irá lançar-nos na direção do céu noturno ergue-se pela estrutura do carrossel, que forma um ângulo obtuso acima de nós.

— Não tens nada que ver com isso. — A sua expressão torna-se ilegível e o seu tom contrariado. Estou a pôr o dedo na ferida.

— Vá lá, se vocês fazem sexo incrível ou algo assim, podes dizer. Isso eu compreendo. Faz por ti, sabes? Eu respeito isso.

Ela olha em frente, como se houvesse alguma hipótese de me ignorar nesta lata de um metro e vinte.

— Não vou ter esta conversa contigo.

— Sei que não é pelo dinheiro — digo. — E o facto de nunca falares sobre ele diz-me que não estás empenhada a cem por cento.

— Estás completamente enganado. — A Mac vira rapidamente o olhar para mim, levantando um queixo desafiador, transbordando de espírito combativo. — Honestamente, sinto vergonha por ti.

— Ai é, princesa? — Não me contenho. Irritá-la faz-me ficar

excitado. — Quando foi a última vez que te masturbaste a pensar nele?

— Vai-te foder. — Ela fica corada. Consigo vê-la a morder o interior da bochecha enquanto revira os olhos.

— Diz-me que não tenho razão. Diz-me que ele te deixa excitada só de aparecer à tua frente.

A sua pulsação é visível no pescoço. A Mac ajeita-se no lugar, cruzando os tornozelos. Quando o seu olhar encontra o meu, ela lambe os lábios, e eu sei que está a pensar no mesmo que eu.

— Há coisas mais importantes do que a química — diz ela, e eu capto incerteza na sua voz.

— Aposto que dizes isso a ti própria há muito tempo. — Inclino a cabeça. — Mas talvez não estejas tão certa disso como costumavas estar.

— E porque é que dizes isso?

— Muito bem — anuncia o operador —, segurem-se. Vou contar a partir de dez. Estão prontos?

Que se lixe.

— Vou cobrar-te a minha recompensa — digo-lhe.

— A tua quê?

— *Oito. Sete.* — O operador continua a contar.

— A aposta que fizemos, lembras-te? Na noite em que nos conhecemos? Bem, eu ganhei, e sei o que quero como recompensa.

— *Seis. Cinco.*

— Cooper...

— *Quatro. Três.*

— Beija-me — digo asperamente. — Ou então diz-me que não me queres.

— *Dois.*

— Como é que vai ser, Mackenzie?

— *Um.*

CAPÍTULO 14

Cooper

Somos atirados para o ar e, durante uns momentos de fazer parar o coração e revirar o estômago, ficamos quase suspensos no tempo. Imobilizados pela força do carrossel, enquanto o chão desaparece sob os nossos pés. Um breve e espetacular momento de leveza ergue-nos do assento, depois a tensão dos cabos alivia um pouco e somos sacudidos uma, duas vezes, para lá do ponto mais alto. Viro a cabeça, e é nessa altura que os lábios da Mac encontram os meus.

É como um choque elétrico, uma crepitação de calor dos seus lábios diretamente para as minhas virilhas.

Ela agarra-me, enfiando as mãos no meu cabelo, beijando-me loucamente. Sabe a açúcar e a intermináveis noites de verão. Sinto-me faminto de ambas as coisas enquanto a minha língua escorrega sobre a sua e nós subimos tão alto que parece que jamais iremos descer.

A sua respiração aquece os meus lábios.

Beijo-a mais fundo, engolindo o seu gemido suave.

O cesto volta a saltar, descendo lentamente no nosso regresso à terra. Afastamo-nos para inspirar uma golfada de ar, e tenho de me lembrar onde estamos para não lhe arrancar as roupas. Estou teso e esfomeado.

— Não devíamos ter feito isto. — A Mac ajeita as alças da

sua camisola e limpa o batom esborratado dos lábios.

— Não estou arrependido — digo-lhe. Porque não estou. Há semanas que queria fazê-lo. E agora as cartas estão na mesa. Acabámos com a farsa e agora só podemos andar para a frente.

Ela fica em silêncio quando abandonamos o carrossel. Talvez tenha sido demasiado intenso. Assustei-a.

Quando percebo que está a dirigir-se à saída, engulo um suspiro.

Sim.

Está decididamente a fugir.

— Eu levo-te a casa, se quiseses — ofereço, seguindo-a até onde estacionámos a carrinha.

— Quero só despedir-me da *Daisy*.

Desta vez, nem me preocupo em corrigi-la. Esta batalha já está ganha.

— Depois apanho um táxi de tua casa — acrescenta.

Durante a viagem até minha casa, convenço-me de que nunca mais a vou ver e que estraguei o esquema todo. A minha cabeça está às voltas, tentando pensar em alguma coisa para dizer, alguma forma de atenuar as consequências. A única coisa que me ocorre é uma série de formas de lhe dar uma trancada à moda antiga. O que não ajuda nada.

— Ele mantém-me os pés assentes na terra.

Aquela sua declaração em voz baixa faz-me olhar para ela, surpreendido.

— O quê?

— O Preston. Há muitas razões para eu estar com ele, mas essa é uma das principais. Ele mantém-me os pés assentes na terra. — Do canto do meu olho, vejo que está a torcer as mãos. — Ele ajuda-me a ser mais controlada.

— Porque hás de ser controlada? — A minha voz sai impaciente.

— Em primeiro lugar, porque o meu pai é uma figura

pública.

— E então? Foi uma escolha do teu pai. Não tens de te transformar numa pessoa artificial por causa das decisões de vida dele. — Franzo a testa. — E não tens de aturar um namorado que te traz pela trela.

Os seus olhos reluzem.

— Não tenho nenhuma trela.

— O que é que achas que quer dizer «controlada»? — digo, com sarcasmo.

— Eu disse que ele me ajuda no *meu* controlo. Não é ele que me controla. Esquece. Tu não percebes. — Com os lábios apertados, ela olha fixamente pela janela do passageiro.

— Tens razão, não percebo. Acabei de passar as últimas horas a ver-te experimentar as diversões mais perigosas da feira. A emoção excita-te. A vida excita-te. Tens fogo dentro de ti, Mac.

— Fogo — repete ela, hesitante.

— Caramba, sim. Fogo. E escolhes estar com alguém que apaga esse fogo. Que se lixe isso. Precisas de um homem que o alimente.

— E o quê, esse homem és tu? — A sua pergunta sai cortante.

— Eu não disse isso. Estou só a dizer que a tua escolha atual fica seriamente aquém.

Quando chegamos, a casa está às escuras. O Evan disse que ia sair com os nossos amigos, mas talvez tivessem acabado por ir à feira. Assim que entramos em casa, cai novamente o silêncio sobre nós.

Ligo o interruptor da luz.

— Ouve — começo. — Não me arrependo do beijo. Ambos queríamos, e tu sabes. Mas se esta coisa da amizade for estranha para ti agora...

Olho para trás e vejo-a encostada à porta, com um ar

incrivelmente comestível. Ela não fala, limita-se a puxar-me a camisa, aproximando-me de si. Antes de poder sequer pestanejar, ela põe-se em bicos de pés para me beijar.

— Foda-se — suspiro contra a sua boca sôfrega.

Em resposta, ela põe uma perna à volta da minha anca e morde-me o lábio.

O meu cérebro hesita durante um segundo, até que acordo e deixo-me levar. Agarro-lhe na coxa, encaixando-me entre as suas pernas enquanto a beijo profundamente. Os seus dedos abrem caminho sob a minha camisa.

— Meu Deus, estes músculos todos. Caramba. — As palmas das suas mãos deslizam até ao meu peito, acariciando-o, depois até às minhas costas, as unhas arranhando-me suavemente pela coluna abaixo.

O seu toque ansioso envia todo o sangue do meu corpo até às minhas virilhas. Já fui. Teso. A respiração ofegante. Quero-a tanto que mal consigo respirar.

Por detrás das minhas pálpebras cerradas surge uma fantasia pormenorizada que implica curvá-la sobre a minha cama. Estou quase a pegar nela e a atirá-la sobre o ombro quando ouço a porta de vidro de correr a fechar-se com estrondo na cozinha.

As nossas bocas afastam-se.

— Desculpem, não queria interromper. — A Heidi aparece à porta da cozinha, olhando para nós com um sorriso sarcástico.

— Não sabia que já tinham voltado.

Ainda estou ofegante, a tentar recuperar a voz.

Ela dirige-se ao frigorífico para ir buscar cerveja.

— Por favor, estejam à vontade. Não quero interromper.

A Heidi pisca-me o olho, saindo por onde entrou.

Excelente.

— Tenho de me ir embora. — Imediatamente, a Mac liberta-se de mim, afastando-se. A cadela não veio a correr, o que quer dizer que o Evan está na praia com ela, a Heidi e o resto do

grupo.

— Aquela é a minha amiga Heidi — apresso-me a explicar, não querendo que a Mac se vá embora. — Desculpa. Não sabia que estava gente em casa.

— Não faz mal. Tenho de ir.

— Fica. Provavelmente, estão todos na praia. Vou buscar-te a *Daisy*.

— Não, deixa estar. Vou chamar um táxi.

— Eu levo-te — oponho-me.

Ela sai porta fora, esgueirando-se antes de eu conseguir impedi-la.

Merda.

— Pelo menos deixa-me fazer-te companhia.

Ela aceita, pelo menos, mas o momento já passou. Surge novamente uma imensa cratera entre nós enquanto esperamos em silêncio, e, quando ela se vai embora, não mereço mais do que um aceno de despedida.

Passo uma mão pelo cabelo e arrasto-me para dentro de casa. Que diabo. Um passo para a frente, dois para trás.

É a história da minha vida.

Na cozinha, pego numa cerveja, desenrosco a tampa e dou um grande gole antes de sair para o terraço. Onde está a Heidi. Já não tem as cervejas, por isso, deve tê-las deixado na praia e voltado para esperar por mim.

— Então? — digo asperamente.

— Então... — Ela encosta-se ao parapeito, mexendo com a mão nas pontas desfiadas da sua saia de ganga. — Quer dizer que a clone mordeu o isco.

— Parece que sim. — Dou um gole apressado na cerveja. Na verdade, o plano, a aposta, as regras... eram a última coisa a passar-me pela cabeça há bocado. Todo o meu mundo ficou reduzido à Mackenzie e em como sabia bem tê-la encostada a mim.

— Parece? A miúda estava a olhar para ti com os olhos a brilhar. Ela gosta de ti.

Em vez de comentar, dou a volta ao assunto, dizendo:

— Falando de pessoas que gostam de outras pessoas: o Jay West perguntou por ti.

Ela semicerra os olhos.

— Quando?

— Há uns dias. Disse que esteve contigo num bar ou uma cena assim.

— Ah, sim. Encontrámo-lo e ao Kellan no bar do Joe.

Ergo uma sobrancelha.

— Ele vai convidar-te para sair.

Ela não diz nada. Limita-se a olhar para mim, cautelosa.

— Vais dizer-lhe que não?

— Devia?

Um suspiro prende-se na minha garganta. Eu sei que ela quer que eu tome uma atitude, me atire aos seus pés e lhe implore que não saia com ninguém a não ser comigo. Mas não vou fazer isso. Disse-lhe que não queria uma relação quando nos enrolámos da primeira vez. Esperava que fosse apenas uma noite, cada um de nós satisfazendo o seu desejo, e depois voltávamos a ser amigos. Mas fui ingénuo. Uma noite levou a outras noites e, agora, a nossa amizade está mais tensa do que nunca.

— Faz o que quiseres, Heidi — digo, finalmente.

— Boa. Obrigada pelo conselho, Coop. — Sente-se o seu sarcasmo em cada palavra. Depois, com um sacudir frustrado, a Heidi desce as escadas, batendo com os pés.

Finalmente, respiro de alívio. Bebo o resto da cerveja. Ainda sinto o sabor da Mackenzie na língua. Açúcar e sexo, uma combinação viciante. Entro em casa para ir buscar mais uma cerveja, esperando que o álcool possa ajudar a diluir o sabor da mulher que estou ansioso por beijar outra vez.

Junto-me aos outros na praia. Sinto-me aliviado — e depois envergonhado do meu alívio — quando reparo na Heidi a cerca de dez metros, à beira-mar, a mandar mensagens no telemóvel. Talvez esteja a escrever ao Jay. Não, duvido. Ela nunca se sentiu atraída por rapazes decentes. Só por idiotas como eu.

Junto à fogueira, a Steph e a Alana estão a gozar com o Evan por causa de uma rapariga com quem ele se enrolou ontem, depois de andar à bulha com o namorado. É a primeira vez que ouço esta história, mas o Evan não é particularmente comunicativo no que toca às suas transgressões. Pelo que percebi, meteu-se com uns clones da Garnet que se recusaram a pagar depois de ele lhes ter dado uma abada no bilhar.

— Ela apareceu lá hoje de olhos arregalados, a perguntar onde podia encontrar-te — diz-lhe Alana.

Ele fica pálido.

— Não lhe deste o meu número, pois não?

A Alana deixa-o sofrer durante alguns segundos até ela e a Steph se partirem a rir.

— Claro que não. Isso iria contra as regras da amizade.

— Falando de regras da amizade, há alguma regra sobre sujeitarmos os nossos amigos a lugares na primeira fila para assistirem a uma babosa sessão de marmelada? — pergunta a Steph, gesticulando na direção do implicado.

Do outro lado da fogueira, o nosso amigo Tate está numa das nossas velhas espreguiçadeiras com uma miúda morena cheia de curvas deitada sobre ele como um cobertor. Ele tem uma mão enfiada no seu cabelo e a língua na sua boca, enquanto ela se esfrega nele como uma gata com o cio. Estão alheios à nossa presença.

— Desavergonhados — grita o Evan ao casal, fingindo-se chocado. Depois, mostra-nos um sorriso, porque o meu irmão é, ele próprio, um exibicionista.

O Tate dá uma palmada brincalhona no rabo da rapariga e

eles levantam-se, de rosto corado e lábios inchados.

— Coop — diz ele de forma arrastada. — Importas-te se formos lá para dentro ver um bocado de televisão?

Reviro os olhos.

— Claro que não. Mas não há televisão no meu quarto, por isso é bom que não vos encontre lá. — Eu adoro os meus amigos, mas prefiro que não deem quecas na minha cama. Ainda por cima, mudei os lençóis esta manhã.

Depois de o Tate e a morena desaparecerem, a Alana e a Steph aproximam-se e começam aos segredinhos.

— Partilhem com o grupo — troça o Evan, agitando um dedo às raparigas.

Com um ar de satisfação malvada, a Steph aponta o polegar na direção da Alana e diz:

— Esta marota dormiu com o Tate no fim de semana passado.

Ergo uma sobrelanceira.

— Ah, sim?

O Evan, indiferente, encolhe os ombros.

— Finalmente deste uma voltinha no Tatemóvil, hã? Surpreende-me que tenhas demorado tanto tempo.

O meu irmão tem uma certa razão. Desde o momento em que a família do Tate se mudou para Avalon Bay, quando andávamos no ciclo, que todas as miúdas da zona ficaram doidas por ele. Basta verem o sorriso convencido do Tate e ficam obcecadas.

A expressão da Alana não revela qualquer tipo de vergonha ou arrependimento; ela própria encolhe os ombros.

— Quase gostava de o ter feito mais cedo. O gajo fode bem. E também beija bem.

— Não é mau — concorda o Evan, e eu não consigo controlar-me e desato-me a rir.

— Merda — quase me falta o ar. — Esqueço-me sempre

daquela noite em que vocês se comeram.

Ele revira os olhos.

— Foi só um beijo.

— Meu, durou tipo três minutos. — A minha mente é invadida por imagens vívidas do Evan e do Tate a comerem a boca um do outro numa das festas em casa da Alana, quando tínhamos 16 anos. As raparigas incentivavam, os rapazes assobiavam. Foi uma noite bastante estranha.

— Em defesa do Evan, curtir com o Tate foi a única forma de eu e a Genevieve tirarmos as camisolas... — A Alana para de repente.

Ah, porra. Ela não resistiu e mencionou o nome da Genevieve, o Voldemort do nosso grupo. Suponho que as raparigas ainda mantenham o contacto. A Steph, a Alana, a Heidi e a Gen eram um quarteto feroz.

O Evan e eu temos o hábito de ler o pensamento um do outro, mas enquanto eu tenho algum tipo de autocontrolo, ele não sabe o que isso significa. Por isso, diz:

— Vocês ainda falam com ela?

A Alana hesita.

A Steph abre a boca, mas é interrompida pelo reaparecimento da Heidi.

— O que é que se passa? — pergunta ela, olhando cautelosa para o grupo. Depois, acena. — Ah. O Cooper contou-vos.

A Genevieve fica imediatamente esquecida enquanto o olhar de todos se volta para mim.

— Contou-nos o quê? — pergunta a Steph.

Encolho os ombros. Então, naturalmente, a Heidi não perde um segundo a contar-lhes sobre ter-me encontrado a mim e à Mackenzie enrolados à porta de casa.

— Tenho de admitir, Coop, nunca pensei que chegasses tão longe — diz a Alana, erguendo uma cerveja em saudação. — Estou impressionada.

— Já agora, mudei de ideias. — A Heidi olha para mim através das labaredas. — Estou totalmente de acordo com este plano. Mal posso esperar para ver a cara da rapariga quando perceber o que tu fizeste.

— Como é que vais fazer? — pergunta a Steph, entusiasmada.

Estas raparigas já não se divertiam tanto desde aquela vez em que perderam as estribeiras com o carro de um clone, depois de ele fugir com a parte de cima do biquíni da Alana enquanto ela estava a apanhar banhos de sol na praia.

— Sim, temos de falar sobre a conclusão — diz o Evan. — Seria uma pena desperdiçar uma oportunidade.

— Sim — concorda a Heidi. — Tens de arranjar maneira de ela e o Kincaid estarem no mesmo lugar. Ele vê-vos juntos e depois acaba com ela em público. Torna a coisa dramática. — A Heidi está de mau humor hoje. Sei que a culpa é minha, mas não sei bem como resolver as coisas entre nós. — Talvez pudéssemos organizar uma festa.

Na sua ânsia, a Steph atira cerveja para a fogueira.

— Não, demasiado monótono. Tem de ser no território dele. Só tem piada se o Kincaid for humilhado em frente aos da sua espécie.

— Eu sei onde podemos arranjar uns baldes de sangue de porco — diz a Alana, fazendo com que os outros desatem a rir.

Rio-me com eles, entrando no jogo. Porque, há umas semanas, não me importava com o que aconteceria à namorada clone de um otário rico que passou dos limites.

Mas, agora, já conheço a Mac e... gosto realmente dela. Não é merecedora do desprezo dos meus amigos só porque se relaciona com um parvalhão como o Kincaid. E, depois daquele beijo, eu sei que há algo real entre nós, mesmo que ela tenha medo disso. Embora não possa dizer a esta malta que estou com dúvidas. Dariam cabo de mim.

Agora que sentiram o cheiro do sangue na água, não vão ficar satisfeitos até sentirem o sabor da carne.

CAPÍTULO 15

Mackenzie

— Durante três dias consecutivos, houve um rapaz que me fechou a porta na cara no bar dos batidos. Nunca pediu desculpa. Comecei a pensar que fazia de propósito. Sou antiquada, OK? Valorizo as boas maneiras. Importas-te de abrir a porta a uma senhora?! Então, no quarto dia, vi-o a chegar. Estava pronta para ele. Da parte de dentro, agarrei na porta antes de ele conseguir abri-la e tranquei-a. O bar inteiro ficou refém, porque eu não ia deixar este gajo entrar. Só por cima do meu cadáver.

É segunda-feira de manhã, e eu e a Bonnie estamos de rastos. Ela vai contando esta história aos gritos, da casa de banho, onde está a maquilhar-se, enquanto eu faço café para nós na kitchenette. Não estou a prestar muita atenção e acabo por entornar leite na blusa.

— Quanto tempo durou isso? — pergunto do meu quarto, enquanto mudo de blusa. Mais tarde, vou encontrar-me com o Preston em sua casa para almoçarmos, por isso, tenho de garantir que vou bem vestida. Não é por ele, mas pela mãe. Ela gosta bastante de mim (acho eu), mas é muito... esquisita. Uma camisola de alças e calças de ganga não agradam à Coraline Kincaid.

— O tempo suficiente para o gerente intervir, exigindo que

eu deixasse sair as pessoas. E eu fiquei, tipo, *adorava, assim que este gajo pedir desculpa ou bazar*. Bem, finalmente, ele lá percebeu que eu não estava a brincar e bazou. No dia seguinte, trancou-me ele do lado de fora da loja das sanduíches até eu concordar em sair com ele. Então, vem buscar-me na sexta-feira à noite.

— Isso é ótimo! — grito, virando-me e apercebendo-me de que a Bonnie está mesmo atrás de mim com duas canecas de café para levar. — Desculpa.

— Pareces nervosa. — Fica a olhar para mim fixamente. — Tens um segredo.

— Não tenho nada.

De repente, os seus olhos azuis ficam esbugalhados.

— Beijaste um rapaz.

Bruxa.

— Quem é ele? — pergunta ela.

Não vale a pena negar. Estou absolutamente convencida dos poderes sobrenaturais da Bonnie. Ela vai moer-me o juízo até eu lhe dar o que ela quer.

— Um local qualquer — digo. Tecnicamente, é verdade. Ela não precisa de saber que o rapaz em questão é o Cooper.

Ufa. Só de pensar no seu nome, o meu coração bate mais depressa.

Que *raio* fui eu fazer? O beijo na feira? Posso dizer que a culpa foi da moca de açúcar. Então e a sessão de marmelada e apalpanços na casa dele a seguir?

Não tenho desculpa.

Sou uma pessoa horrível. Uma namorada horrível, egoísta e terrível que não merece um tipo decente como o Preston.

Não há absolutamente volta a dar em relação ao que fiz na sexta-feira à noite. Eu sei. E, mesmo assim, apesar do turbilhão de culpa que agora borbulha no meu estômago, há uma borboleta estúpida que continua a esvoaçar dentro de mim,

batendo as asas e invocando a memória dos lábios sedentos e do olhar ardente do Cooper.

A sua língua na minha boca.

Os meus dedos roçando os músculos definidos do seu peito incrivelmente torneado.

E não foi só a parte física que me ficou na cabeça. Foi tudo o que aconteceu antes. A conversa na oficina sobre as nossas famílias, a correria pelo passeio marítimo como se fôssemos um par de miúdos desordeiros. Quando estou com ele, não preciso de usar uma máscara. Não preciso de fingir que sou a senhora bem-educada e respeitável que todos esperam que seja. Sinto-me verdadeiramente eu quando estou com o Cooper. E isso... assusta-me.

— É só isso? — A voz da Bonnie arranca-me dos meus pensamentos inquietantes. — Não, nem penses. Exijo mais detalhes.

Encolho os ombros, sem jeito.

— Não há muito mais a dizer. Simplesmente, aconteceu.

— E irá simplesmente acontecer outra vez? — A sua expressão diz-me que está à espera de um sim.

— Não. De maneira nenhuma. Sinto-me tão mal. O Preston...

— Não precisa de saber. — A Bonnie termina a frase por mim. — Nada de bom virá de lhe contares. Se foi um erro, e mesmo que não tenha sido, as mulheres têm direito aos seus segredos. Acredita.

Sei que as suas intenções são boas, mas já escondi demasiadas coisas do Preston. Toda esta história com o Cooper foi longe demais. Não sou mentirosa e nunca pensei ser capaz de beijar outra pessoa que não fosse o meu namorado. Descobrir que não somos tão moralmente virtuosos como achávamos é uma lição de humildade.

A Bonnie está errada. O Preston tem de saber o que eu fiz à nossa relação.

A atitude certa agora é contar a verdade e aceitar quaisquer que sejam as consequências.

Nessa tarde, o Pres vem buscar-me às aulas para irmos almoçar. Durante todo o dia, ensaiei o que dizer. Como contar-lhe. Porém, quando ele me beija a bochecha e envolve os seus braços na minha cintura, perco a coragem e fico calada.

— Estás linda — diz ele, acenando em sinal de aprovação.

Sinto um imenso alívio percorrer o meu corpo. Graças a Deus. Experimentei três roupas diferentes antes de me decidir por uma blusa de seda e calças de sarja azul-escuras. Nem a minha mãe me provoca tanta ansiedade.

— O Freddy está a preparar pernil de cordeiro — acrescenta o Preston. — Espero que estejas com fome.

— Estou esganada — minto.

Ele conduz o *Porsche* até ao parque das instalações desportivas da Garnet e estaciona. Como é um cavalheiro, sai do descapotável e apressa-se a vir abrir-me a porta. Depois, estende-me a mão, eu agarro-a e dirigimo-nos ao seu helicóptero.

Sim. O seu helicóptero.

A maior parte das vezes, é assim que ele vem para a escola. A sua família mandou instalar o heliporto atrás do estádio de futebol durante o seu primeiro ano. É um pouco ridículo, mesmo no nosso círculo social, e a visão da aeronave branca e cintilante faz-me pensar no que diria o Cooper se visse...

Não. Nem pensar. Não vou pensar nele. Hoje, vou dizer a verdade.

Não demora muito até estarmos a sobrevoar a casa dos Kincaid, uma imensa propriedade privada na costa. Relvados intermináveis e carvalhos estendem-se por vários acres, ficando a propriedade separada do mar por uma extensa mansão branca. Com uma piscina, campos de ténis, um campo de

basquetebol e um jardim florido. Tudo mantido por, pelo menos, uma dúzia de empregados a toda a hora.

No pátio das traseiras, a sua mãe recebe-nos. Como sempre, está impecavelmente vestida. *Prada* da cabeça aos pés. Não sei bem porque se dá ao trabalho, uma vez que, na maior parte do tempo, tem poucos motivos para sair de casa. Tal como a minha mãe, a Coraline não trabalha, empregando uma equipa de assistentes pessoais que trata de todos os aspetos da casa e dos seus afazeres.

— Olá, mãe. — O Preston aproxima-se para beijar a bochecha da mãe.

— Olá, meu amor. — Sorrindo, desvia o olhar para mim. — Mackenzie, querida. — Abraça-me com o toque leve de alguém que se pode quebrar se a apertarmos com demasiada força. É uma mulher delicada. Frágil, não fraca. Só não se pode enfurecê-la. — Estás lindíssima.

— Obrigada, Sra. Kincaid. As suas novas rosas à volta do coreto são deslumbrantes.

Aprendi há muito tempo que a forma mais fácil de a fazer feliz é encontrar algo novo para elogiar em cada visita à propriedade. Senão, passa o tempo todo a comentar as minhas pontas espigadas ou o tamanho dos meus poros.

— Oh, obrigada, querida. O Raúl plantou-as esta semana. Ele é realmente um artista.

— Vai almoçar connosco? — pergunto. *Por favor, diz que não, por favor, diz que não...*

— Infelizmente, não. Tenho uma reunião com o meu arquiteto daqui a pouco. Deve estar a chegar. O Preston disse-te que estamos a construir uma nova casa da piscina?

— Não, não disse. Que emocionante. — Na verdade, a única coisa emocionante agora é ela não ir almoçar connosco.

E ainda bem, porque o almoço acaba por ser muito constrangedor. Não que o Preston dê conta. Na sala de jantar

formal, entre o pernil de cordeiro e a porcelana fina, ele não se cala sobre um professor que ele afirma andar a persegui-lo, enquanto eu debico a minha comida e ganho coragem para confessar os meus pecados.

— Podia ir falar com o reitor e resolver o assunto. E ele seria despedido. Mas pensei *que piada é que isso teria*, não é? Hei de lembrar-me de algo mais criativo. Damos-lhes algum respeito e, de repente, eles esquecem o seu lugar. Cabe-nos a nós lembrá-lo. Martha, traga mais um pouco — diz ele à empregada. — Obrigado.

Finalmente, já não aguento mais o buraco no estômago.

— Tenho de te contar uma coisa — balbucio.

Ele pousa o garfo e empurra o prato na direção da Martha.

— Está tudo bem?

Não. Nem pensar. Só agora é que me apercebo de que gosto do Preston. Não é só porque estamos juntos há bastante tempo. Nem por uma questão de lealdade.

O Cooper pode fazer-me ver o meu «verdadeiro eu», seja lá o que isso for, mas o Preston faz exatamente aquilo que eu disse ao Cooper no outro dia. Mantém-me os pés assentes na terra. É uma presença estável na minha vida. Ele conhece este mundo e sabe lidar com os nossos pais, o que é fundamental para a nossa sanidade mental. Ao pé dele, não me transformo num novelo de ansiedade e pavor.

E o que lhe fiz não é justo.

Espero até a Martha sair da sala de jantar e liberto um suspiro trémulo.

É agora ou nunca.

— Beije uma pessoa. Um tipo.

Ele fica a olhar para mim, como se esperasse que dissesse algo mais.

Devia. Vou dizer. Esta pareceu-me a forma mais adequada de começar. Mas, agora, arrependo-me de não ter esperado até

estarmos num sítio mais privado. Se a sua mãe decidir entrar neste preciso momento, talvez eu não saia viva da propriedade.

— É só isso? — pergunta o Preston.

— Não. Quer dizer, sim. Só nos beijámos, se é isso que queres saber. — Mordo o lábio. Com força. — Mas traí-te.

Ele levanta-se do seu lugar na ponta oposta da mesa e vem sentar-se ao meu lado.

— Eu conheço-o?

— Não. É um tipo daqui, que conheci num bar quando fui sair com a Bonnie. Foi uma cena estúpida. Estivemos a beber e eu não pensei e... — E não consigo evitar atenuar o golpe com outra mentira. Eu ia contar-lhe. Tudo. Agora, olhando-o nos olhos, não sou capaz de o magoar desta maneira. Embora ele esteja a aceitar melhor do que eu esperava. — Estou tão arrependida, Pres. Tu não mereces. Fiz um disparate e não tenho desculpa.

— Amor — diz, apertando-me a mão. Ele sorri, quase divertido. — Não estou zangado.

Pestanejo.

— Não?

— Claro que não. Então, bebeste demais e beijaste um tipo da terrinha. Bem-vinda ao primeiro ano de faculdade. Parece que aprendeste uma lição sobre a tua tolerância ao álcool.

Rindo-se, beija-me o topo da cabeça e oferece-me a mão para me ajudar a levantar da mesa.

— Como é possível que estejas a aceitar isto tão bem? — Estou absolutamente perplexa. De todas as formas que achei que ele iria reagir, esta não era uma delas.

Ele conduz-me à varanda das traseiras para nos sentarmos no baloiço do alpendre, onde a empregada já deixou dois copos de chá gelado.

— É simples. Eu vejo o panorama geral. Tu e eu temos um futuro juntos, Mackenzie. Não quero deitar isso a perder por

causa de uma pequena indiscrição. Tu queres?

— Claro que não. — Mas pensei que fosse haver algum tipo de humilhação, pelo menos.

— Ainda bem que disseste a verdade. Não fico feliz com o que aconteceu, mas compreendo e perdoo-te. São águas passadas. — Ele passa-me um copo de chá gelado. — Com pouco açúcar, como tu gostas.

Pronto.

Durante o resto da tarde, fico à espera de sentir algum afastamento do Preston. Que se mostre frio, infeliz, embora insistisse que estava bem.

Mas não é isso que acontece. Na realidade, mostra-se ainda mais carinhoso. Toda esta experiência só serviu para nos aproximar mais, o que, de certa forma, me faz sentir pior. Não sei dizer exatamente como teria lidado com isto se a situação fosse inversa, mas tenho quase a certeza de que não teria encolhido os ombros e dito: «São águas passadas.» Parece que o Preston é melhor pessoa do que eu.

Devo seguir o seu exemplo. Ser melhor. Concentrar-me mais na nossa relação. No panorama geral, como ele disse.

Assim, nessa noite, quando o Cooper me manda uma mensagem, sinto-me preparada. Estive todo o dia e noite à espera de que ele dissesse alguma coisa. Sabia que o faria, e sei o que tenho de fazer.

Cooper: Temos de falar. Eu: Não há nada para falar. Cooper: Deixa-me ir buscar-te. Eu: Não posso. Conteí ao Preston sobre o beijo. Cooper: E? Eu: Ele perdoou-me. Não posso voltar a sair contigo.

Passa um bom bocado, quase cinco minutos, até o Cooper enviar outra mensagem. Nesse momento, já estou com os nervos em franja, praticamente a trepar pelas paredes.

Cooper: *É mesmo isso que tu queres?*

Fico a olhar miseravelmente para o ecrã, sentindo um nó na garganta. Depois, obrigo-me a responder.

Eu: *Sim. Adeus, Cooper.*

Uma parte de mim odeia ter de afastá-lo de forma tão abrupta. Ele não tem culpa de eu ter feito asneira. Mas não consigo confiar em mim quando estou ao pé dele, e esta é a decisão que devia ter tomado há semanas. Fui estúpida. Pensei que pudéssemos ser amigos. Pensei que podia jogar em duas frentes. Agora, tenho de escolher.

Escolho o Preston.

CAPÍTULO 16

Cooper

No domingo à noite, estou na garagem quando o meu tio telefona a dizer que vai passar por aqui. De cada vez que o meu telefone vibra no bolso, durante um ou dois segundos penso que pode ser a Mackenzie. Depois, olho para o ecrã e lembro-me de que estraguei tudo. Julguei-a mal.

Adeus, Cooper.

Pois. Deve ter sido divertido para ela visitar a ralé com um tipo local qualquer e fingir que estava a viver perigosamente. E, depois, quando as coisas ficaram sérias, foi-se embora. Fui estúpido por pensar que podia haver outro desfecho.

Mas, porra, não consigo deixar de sentir o seu sabor na minha língua. Durante a última semana, acordei todos os dias com uma ereção só de imaginar as suas pernas à minha volta. Nem sequer consigo masturbar-me sem que imagens da Mac me invadam o pensamento. Esta miúda é um veneno de ação lenta. E eu só quero mais.

Hoje, graças ao Evan, tenho de construir outra mesa de centro. A que «vendi» à Mackenzie está ainda coberta com um pano, porque não me parece bem usá-la, no caso de ela decidir vir buscá-la. Digo a mim mesmo que é pelo dinheiro e deixo-a estar. Em todo o caso, será uma peça rápida e simples. Cabrão do Evan. Ontem à noite, durante uma festa improvisada que

começou em nossa casa, desentendeu-se com um tipo que andou connosco na escola secundária. Não sei como começou, só sei que acabou com um deles a atirar o outro contra a mesa e a deixar um rasto de sangue até à porta das traseiras. O Evan insiste que está bem, mas começo a preocupar-me com ele. Ultimamente, tem arranjado mais desculpas para andar à bulha. Está sempre de mau humor. A beber mais. Esta merda já cansa.

Quando o Levi aparece, traz um café que comprou no caminho e eu limpo dois bancos para nos sentarmos.

O Levi é irmão do nosso pai. Alto, robusto, de barba curta acastanhada e rosto quadrado. Embora seja parecido com o meu pai, os dois não podiam ser mais diferentes. Se o meu pai nunca perdia uma oportunidade para se lixar e depois atirar tudo para cima de nós, o Levi tem a vida organizada.

— O teu irmão está por aí? — pergunta ele.

— Saiu há um bocado. — Provavelmente, foi ao snack-bar buscar uma cura cheia de gordura para a ressaca. — Então? O que se passa?

— Nada. — Encolhe os ombros. — Apeteceu-me só passar por aqui e dizer olá. Já não venho cá há uns meses e queria ver como estavam as coisas. — O Levi olha para a mesa em construção. — Estás a trabalhar numa coisa nova?

— Nada de importante.

— Quando é que vais levar isto a sério, Coop? Lembro-me de dizeres que querias dedicar-te a isto há uns tempos.

— Sim, acho que isso ficou em águas de bacalhau.

— Não devia. Tu és bom. Por muito que goste de te ter na obra, podias fazer mais por ti.

O Levi arranjou-nos os nossos primeiros empregos a tempo inteiro a seguir ao secundário. Ele safa-se bem. Não está a nadar em dinheiro, de modo algum, mas mantém-se ocupado. Tal como aconteceu com muita gente, as tempestades fizeram

com que ficasse sem mãos a medir.

Dou um gole no café, encolhendo os ombros.

— Tenho algumas peças numa loja de mobília na área dos três condados. Talvez tenha cerca de dez mil dólares em poupanças, mas não é suficiente para todas as despesas que é preciso fazer para começar um negócio a sério.

— Se eu tivesse, dava-te o dinheiro — diz ele, e sei que está a ser absolutamente sincero. Sempre nos apoiou desde que o nosso pai morreu. Sempre que a nossa mãe estava pedrada ou desaparecida, sempre que o frigorífico estava vazio, sempre que havia trabalhos de casa para fazer. — Tudo o que tenho está investido na empresa. Adoro o meu trabalho, mas sai caro ter de acompanhar a procura.

— Não te preocupes. De qualquer maneira, não posso aceitar o teu dinheiro. Já fizeste mais do que o suficiente por mim e pelo Evan. — Nunca na vida pedi esmola, e não vou começar agora. Faço dinheiro que chegue a trabalhar para o Levi. Se continuar assim e poupar, farei o meu caminho. Mais cedo ou mais tarde.

— E se pedisses um empréstimo ao banco? — sugere.

Sempre resisti à ideia. Sobretudo porque lidei com bancos depois da morte do nosso pai — e estão todos cheios de executivos sanguessugas que mais depressa nos transformam em razão do que nos ajudam.

— Não sei — respondo, por fim. — Não gosto da ideia de ficar mais endividado. Ou de ter de alavancar a casa. — Sei que pareço um queixinhas. A dada altura, terei de tomar uma atitude. Ou levo a sério a criação de uma empresa própria, ou deixo de me queixar.

— Bem, isso é verdade. Fazer dinheiro custa dinheiro. Mas pensa nisso. Se queres realmente criar uma empresa, eu posso ajudar. Posso ser teu fiador.

É uma oferta generosa, que não encaro com leveza. Mesmo

que agora não me sinto entusiasmado com a ideia, não vou recusar a sua generosidade, por isso, aceno lentamente.

— Obrigado, Levi. Vou pensar nisso.

O Levi não fica mais do que uns minutos. Depois de acabarmos de beber o café, ele sai para se ir encontrar com um cliente por causa de outro trabalho, e eu volto às medições de uma tábua de cedro. Porém, tenho a cabeça noutro lado. Nunca é boa ideia operar ferramentas elétricas quando não estamos concentrados, portanto, desisto e abandono a oficina. Que se lixe. Hoje o Evan pode comer o jantar no chão, como a sua querida namorada *Daisy*.

Por falar na *Daisy*, assim que entro em casa, a cadela começa a morder-me os calcanhares. Nos dez minutos seguintes, praticamos o «senta» e o «fica», mas também não me sinto com cabeça para isto.

Adeus, Cooper.

Sinto-me... pesado. Como se estivesse a ser arrastado debaixo de água por uma âncora de ferro de quarenta e cinco quilos à volta do pescoço. Não é uma sensação nova para mim. Senti-me oprimido durante toda a minha vida. Pelas dívidas dos meus pais, as merdas do meu irmão, aquela sensação, por vezes, de estar preso na minha cabeça.

— Desculpa, pequena, vou ter de sair — digo à cadela, baixando-me para coçar a sua orelha macia. — Não demoro. Prometo.

É mentira. Vou demorar um pouco para fazer o que quero fazer. Mas a *Daisy* fica bem. O Evan vai enchê-la de mimos e atenção quando chegar a casa. Assim como a Mackenzie fazia sempre que estava com ela. Pergunto-me se voltará para a visitar.

Duvido. Provavelmente já se esqueceu de nós os dois.

Tenho de admitir que não esperava que fosse tão fria. Parece que, afinal, é como os outros clones da Garnet. De sangue

gelado até ao âmago.

Honestamente, é bem feito. Entrei nesta cena com más intenções, usei-a para me vingar do Kincaid.

O karma é lixado.

Obrigo-me a tirá-la do meu pensamento. Dez minutos depois, estou a estacionar a carrinha perto do passeio marítimo. Quando entro no estúdio de tatuagens, vejo que está vazio, tirando o Wyatt, com um ar exausto, sentado ao balcão com um bloco de desenho à frente.

— *Yo* — cumprimenta-me, a sua expressão animando-se.

— *Yo*. Tens tempo para me atender sem marcação?

O Wyatt é meu tatuador desde que eu era um fedelho de 16 anos e lhe pedi uma lápide no meu bíceps esquerdo. É claro que, na altura, ele só tinha mais um ano do que eu e uma máquina de tatuagem que comprara na loja de penhores, por isso, a minha primeira tatuagem não foi exatamente uma obra-prima. Se eu tiver filhos, a primeira coisa que vou dizer-lhes é que nunca deixem os seus amigos adolescentes idiotas enfiarem-lhes agulhas na pele. Felizmente, correu tudo bem. O Wyatt aperfeiçoou o ofício e agora é coproprietário do estúdio com outro artista. Entretanto, a minha lápide mal feita foi habilmente camuflada com uma tatuagem de braço inteiro de um cemitério submerso entre a rebentação das ondas de Avalon Bay.

— Depende — diz o Wyatt. — O que é que queres fazer?

— É simples e pequena. Quero uma âncora. — Passo os dedos pela nuca. — Aqui.

— Que tipo de âncora? Sem cepo? De almirantado?

Não sou um entendido em barcos, por isso, reviro os olhos.

— Como raio é suposto eu saber? Uma âncora de pescador. Sabes o que quero dizer.

Ele ri-se.

— De almirantado, então. Vem aqui atrás. Em menos de uma

hora estás despachado.

Enquanto o Wyatt prepara a mesa de trabalho, sento-me de frente para o espaldar da cadeira. É assim que funciona em Avalon Bay. Se formos bons para os nossos amigos, eles são bons para nós. Provavelmente, o Wyatt nem sequer me vai cobrar por esta tatuagem, por muito que eu insista. Em vez disso, daqui a uns meses, ou um ano, aparece em minha casa a pedir-me um favor qualquer, que eu terei todo o prazer em retribuir.

— Então, porque é que estavas com um ar incomodado quando eu cheguei? — pergunto.

Ele deixa escapar um gemido frustrado.

— Ah, pois. Estava a tentar desenhar uma cena tão sexy, que a Ren não teria alternativa senão aceitar-me de volta.

Disfarço uma gargalhada.

— Ela deixou-te outra vez?

— Para variar, não é?

Ele tem razão. O Wyatt e a Lauren, também conhecida por Ren, acabam a cada dois meses, pelo menos, e normalmente por causa da coisa mais estúpida que se possa imaginar. No entanto, são uma excelente fonte de entretenimento.

— O que aconteceu desta vez?

— Inclina-te para a frente — ordena, empurrando-me ligeiramente para que eu fique curvado sobre a cadeira, com a nuca à sua mercê.

Um segundo depois, sinto uma borrifadela fresca na nuca. O Wyatt limpa a zona com um pano macio e pega numa gilete.

— Olha — diz, começando a rapar os cabelos curtos do meu pescoço. — Preciso que imagines uma coisa. Estás pronto?

O meu riso sai abafado contra o meu antebraço.

— Claro. Estou pronto.

— Estás numa ilha.

— Deserta ou, tipo, turística?

— Deserta. Sobreviveste a um acidente de avião. Ou o teu barco naufragou. Não interessa.

— Como é que não interessa? — protesto. — Se estava num barco, provavelmente estaria mais familiarizado com ilhas e marés e merdas dessas, o que significa que teria mais hipóteses de sobreviver.

— Oh, meu Deus. Não é essa a questão — resmunga. — Porque é que tens de complicar, Hartley? Estás numa ilha deserta. Ponto final.

— Que história fixe, meu.

— Tens noção de que tenho uma agulha perto do teu pescoço neste momento, certo?

Suprimo outra gargalhada.

— OK. Estou numa ilha deserta. E agora?

— Queres que use o *stencil*, ou faço desenho livre?

— Livre. Confio em ti. — Além disso, se a tatuagem ficar uma porcaria, pelo menos é num sítio que não consigo ver.

O Wyatt continua a tagarelar enquanto prepara a tinta. Apenas tinta preta. Não sou exigente.

— Então, estás condenado. Esta é a tua vida agora, esta ilha. Mas... há boas notícias! Estás prestes a ter companhia. Aparecem dois barcos...

— Boa, então, estou salvo?

— Não! — Ele parece irritado. — Acabei de dizer que estás preso para sempre.

— Mas há barcos.

— Os barcos explodem passado cinco minutos, OK? Não há barcos. Fogo.

Ocorre-me que talvez não seja boa ideia antagonizar um tipo com agulhas na mão. Mas, caramba, irritar o Wyatt é divertido.

— No primeiro barco está a tua namorada, ou companheira, ou o que for. Mas só ela. Mais nada. O segundo barco não tem ninguém, mas tem tudo o que precisas para sobreviver na ilha.

Equipamento para fazer fogo, materiais de construção, comida, armas, quero mesmo dizer *tudo*.

Os meus lábios contorcem-se.

— Foi a Ren que te propôs este exercício mental?

— Sim — diz ele, em tom melancólico.

Viro a cabeça para olhar para ele.

— Seu estúpido. Trocaste-a pelo barco com os mantimentos?

— Como se não fizesses o mesmo — acusa.

O riso ressoa no meu peito.

— É uma questão de vida ou morte, Coop. Preciso de comida e abrigo! Claro, seria ótimo ter a Ren lá comigo, mas morreríamos em cinco segundos se não tivéssemos ferramentas para sobreviver. E, de qualquer maneira, com todas as coisas à minha disposição, podia construir uma jangada e voltar para casa. É senso comum.

— A Ren deixou-te por causa disso?

— O quê? Não. Isso não faz sentido. Acabou comigo porque cheguei uma hora atrasado ao jantar de aniversário da irmã. Estava a contar ao Tate o seu estúpido exercício mental e perdi a noção do tempo.

Fico a olhar para ele. Porque é que os meus amigos são assim?

Por outro lado, estou a sacar-lhe uma tatuagem de graça e a sua estupidez conseguiu ajudar-me a esquecer a Mackenzie.

Adeus, Cooper.

Ou não.

CAPÍTULO 17

Mackenzie

Tenho andado a portar-me bem. Não falo com o Cooper há duas semanas. Mantive-me afastada do passeio marítimo. Achei que, se me cruzasse com ele por acaso, seria ali, por isso, era melhor eliminar todas as tentações. Porém, o meu controlo não eliminou os sonhos. Ou as memórias proibidas que me invadem o pensamento sempre que estou nas aulas.

Dou por mim a reviver o nosso primeiro beijo durante a aula de Literatura Inglesa.

A recordar como as suas mãos me envolveram firmes contra a porta da sua casa durante a aula de Biologia.

Na aula de História da Europa, ponho-me a pensar no seu peito duro sob as palmas das minhas mãos e, de repente, sinto-me a corar e a ofegar, tentando perceber se alguém repara.

Pelo lado positivo, eu e o Preston estamos de pedra e cal e, finalmente, fiz uma amiga na Garnet que não é a Bonnie. O seu nome é Kate, e embora seja a irmã mais nova da Melissa, as duas não são nada parecidas. A Kate é hilariante, sarcástica e odeia andar de barco — só vantagens, para mim. Conhecemo-nos num jantar da Kappa Nu a que o Preston insistiu que eu fosse, porque acha que me devia esforçar mais para me relacionar com a Melissa, a Chrissy e as suas amigas da república. Em vez disso, passei metade da noite a um canto

com a Kate, a debater o mérito artístico de *The Bachelor*.

Assim, quando ela me manda mensagem na quinta-feira à noite a perguntar se quero ir jantar com ela e uns amigos ao centro, estou completamente interessada. Sei que corro o risco de me cruzar com o Cooper, mas não posso recusar o primeiro convite que recebo de outra pessoa que não a Bonnie.

— Queres vir connosco? — pergunto à minha companheira de casa, enquanto faço uma trança no cabelo na nossa casa de banho partilhada.

A cabeça da Bonnie surge atrás de mim no espelho.

— Até ia, mas hoje à noite vou sair com o Todd.

Sorrio ao seu reflexo.

— Outra vez? As coisas parecem estar a ficar sérias entre vocês... — Juro, ultimamente ela anda a sair muitas vezes com o tipo da loja das sanduíches. Lá se vai o seu fetiche por rebeldes. Conheci o Todd uma vez e não vi *piercings* nem tatuagens.

— Sério? Pfff! — Ela agita a mão. — Ele é um de três que vão rodando, Mac. Amanhã à noite vou ver o Harry e no sábado vou jantar com aquele rapaz de que te falei, o Jason. Aquele que parece o Edward.

— O Edward? — repito, sem expressão.

— Do *Crepúsculo*? — Ela estremece alegremente. — Ai, ele é *tãaaao* lindo que nem sequer me importava se fosse mesmo um vampiro. Não é uma loucura? E o sangue deixa-me maldisposta.

Rio-me.

— Tenho quase a certeza de que não é um vampiro. — Embora ainda não tenha afastado a possibilidade de a Bonnie ser uma bruxa.

Desejo-lhe sorte no seu encontro, saio da residência e dirijo-me ao parque de estacionamento, onde o Uber me espera. Combinei encontrar-me com a Kate e os amigos no Rip Tide. À

medida que o carro se aproxima da beira-mar, vem-me à cabeça a última vez que aqui estive, e o meu coração começa a bater mais depressa. Foi na noite em que conheci o Cooper. Na noite em que a Bonnie se enrolou com o seu gémeo enquanto eu e o Cooper ficámos acordados a noite toda a falar sobre tudo e sobre nada.

Já chega, ordena uma voz austera. *Esquece-o*.

Preciso mesmo de fazer isso. Estou com o Preston. Pensar no Cooper não é bom para a minha relação.

Agradeço ao motorista e saio do carro. Enquanto ajeito a minha trança, o meu olhar volta-se para o hotel em ruínas que vi pela primeira vez há um mês. Ainda está de pé. Ainda está vazio, ao que parece. Uma estranha sensação inflama a minha barriga quando olho para o imenso hotel, a sua fachada branca e desgastada resplandecendo com luz de um candeeiro de rua.

Faço um esforço surpreendente para afastar o olhar. Excelente. Primeiro, o meu cérebro fica obcecado pelo Cooper, e agora tem uma obsessão por um hotel abandonado? Eu não ando bem.

Dentro do bar, encontro a Kate numa mesa ao lado do palco. Está com outras três raparigas, duas das quais não reconheço. A terceira é a Melissa. Disfarço um suspiro, pois não me tinha apercebido de que a Melissa também vinha. Não tenho nada contra ela, mas a sua natureza coscuvilheira deixa-me alerta.

— Oi, miúda — cumprimenta-me a Kate.

Tal como a irmã, tem o cabelo claro e enormes olhos cinzentos, embora os seus estilos sejam completamente diferentes. A Kate tem um vestido azul curto que mal lhe cobre as coxas, havaianas e pulseiras largas em ambos os pulsos. Enquanto isso, a Melissa traz um vestido cor-de-rosa pelo joelho, abotoado até ao pescoço, e dois enormes diamantes a brilhar nas orelhas.

— Olá. — Dirijo um sorriso constrangido ao lado oposto da

mesa. — Olá, Melissa.

A Kate apresenta-me às suas duas amigas, Alisha e Sutton. Por insistência da Melissa, acabamos por pedir daiquiris, mas, quando eu e a Kate nos dirigimos ao bar para fazer o pedido, ela pisca-me o olho e pede-nos também dois shots de vodca.

— Não digas à minha irmã — diz ela, e bebemo-los com um sorriso cúmplice.

Na mesa, a primeira rodada de daiquiris desaparece num piscar de olhos, portanto, rapidamente pedimos mais. À terceira rodada, os assuntos de conversa passam das nossas aulas e planos para o futuro para histórias embaraçosas e homens. A Kate conta-nos sobre um professor auxiliar que tem uma enorme paixão por ela e que demonstra o seu amor agraphando uma flor seca na última página de cada trabalho que ela entrega.

Desato a rir.

— Não! Não acredito.

— Ah, acredita. E se achas que a promessa de amor eterno que o consome me dá direito a notas melhores, estás enganada. No meu último trabalho, deu-me um 10. — Parece furiosa. — Que se lixem as tuas pétalas de petúnia perfeitamente prensadas, Christopher. Dá-me lá um 20.

A história da Alisha é ainda melhor do que a da Kate, sobre um professor que lhe enviou acidentalmente um e-mail com uma apaixonada carta de amor, supostamente para a ex-mulher.

— Chamava-se Alice, por isso, acho que ele usou o preenchimento automático do e-mail com «Al» e clicou no meu nome por engano. — Ela roda a palhinha do daiquiri, rindo. — O e-mail era uma lista de todas as razões pelas quais ela não devia avançar com o divórcio. Basicamente, apresentando o seu caso em como ele era uma pessoa fantástica.

A Melissa fica de boca aberta.

— Oh, meu Deus. Que razões eram essas?

— Não me lembro de todas, mas a primeira era... esperem...

— A Alisha faz uma pausa para efeitos dramáticos. — «Amante adequado.»

A mesa inteira irrompe numa enorme gargalhada.

— Adequado? — diz a Kate, entre risadas. — Oh, pobre mulher.

Sorvo o resto da bebida. Ocorre-me que não saio propriamente com amigas desde o secundário, desencadeando a percepção de que tenho sido terrível a manter o contacto com as minhas amigas de Spencer Hill. É verdade que elas também não me contactaram, portanto, acho que isso diz bastante sobre a nossa amizade. Prometo ser mais atenta em relação a estas amigadas da faculdade.

A nossa conversa degenera ainda mais quando a Sutton sugere jogarmos um jogo. Quer dizer, não é bem um jogo, mas um «vamos classificar quão bonzões são os gajos que passam pela nossa mesa».

— Oh, e aquele? — pergunta a Alisha num murmúrio audível.

Apreciamos um tipo surfista de cabelo comprido, camisola de alças vermelha e calções de banho cor de laranja.

— Dois em dez por noção de moda — diz a Melissa, levantando o nariz. — Vermelho e laranja? Por favor. Tenha algum amor próprio, cavalheiro.

Não consigo evitar rir. A Melissa bêbeda é ativa na mesma, mas é também maliciosa, o que eu adoro.

— Rabo? Nove em dez — decide a Kate. — É um bom rabo.

— Aposto que se lhe atirasse uma moeda fazia ricochete — concorda a Alisha.

Sim, estamos a objetificar estes rapazes. As raparigas, quando estão com os copos, não têm vergonha nem escrúpulos.

— Um sete no total — diz a Sutton.

— Três — corrige a Melissa, projetando o queixo. — Não consigo ignorar a combinação vermelho/laranja. Não consigo.

— Hum, meninas? — sibila a Alisha, inclinando-se avidamente para a frente. — Às seis horas, na outra ponta do bar. Acabei de encontrar um dez perfeito.

Viramo-nos todas na direção do bar. Quase me engasgo com a língua.

O dez perfeito da Alisha é o Cooper Hartley.

A Kate assobia baixinho.

— Oh, sim. Gosto.

— Eu *adoro* — corrige a Alisha, a sua expressão adquirindo um brilho sonhador.

Não a censuro. O Cooper está especialmente atraente esta noite. Veste aquela t-shirt gasta que eu gosto, que tem o logo da *Billabong* e se estica sobre os seus ombros largos, fazendo sobressair o seu peito definido. Além disso, o cabelo escuro desgrenhado, as duas tatuagens a cobrir os braços e as calças cargo, envolvendo um rabo ainda mais rijo do que o do surfista, resultam num belo pedaço de homem.

Como se se apercebesse da atenção feminina, o Cooper volta-se de repente. Um segundo depois, está a olhar para a nossa mesa. Quando o meu olhar encontra o seu, sinto o rosto a ferver. Merda. Estarei a corar? Espero não estar a corar.

Ao ver-me, ele semicerra os olhos. Os lábios estreitam-se por um segundo e depois abrem-se num leve sorriso.

Ao meu lado, a Alisha sobressalta-se.

— Ele está a olhar para ti — acusa. — Conhece-lo?

— Eu... hum... — O meu pensamento atropela-se na tentativa de arranjar uma boa desculpa para o facto de ter um tipo local bonzão a olhar fixamente para mim.

— Mackenzie? — O olhar astuto da Melissa abre-me um buraco na cara. — Conheces aquele tipo?

A minha garganta fica completamente seca. Afasto o olhar do

Cooper e pego no meu copo. Enquanto sorvo a minha bebida, tenho mais uns segundos para, em pânico, pensar numa desculpa. A Melissa não é só intrometida — também é esperta. Se eu admitir que conheço o Cooper, mesmo só como amigo, irei provocar a sua tendência para a fofoca. Ela irá fazer mais perguntas e, se uma das minhas respostas não lhe parecer verdadeira, pode ir contar ao Preston, que, literalmente, acabou de me perdoar por beijar outro tipo.

Por isso, não. Não posso confessar que conheço o Cooper, nem pensar.

— Evan — balbucio.

A Melissa faz uma careta.

— O quê?

Pouso o meu daiquiri. Sinto o alívio e a satisfação percorrerem o meu corpo devido à minha ideia genial.

— É o Evan Hartley. A minha companheira de casa enrolou-se com ele no início do semestre.

Ela relaxa ligeiramente, os seus dedos de unhas bem tratadas brincando com o diamante na sua orelha.

— A sério? A pequena Bonnie papou aquilo?

— Sim. — Consigo dar uma gargalhada e espero que ninguém perceba quão tensa estou. — Abandonou-me completamente para se enrolar com ele na praia à noite.

Perfeito. Agora, se a Melissa quiser verificar os factos, a Bonnie pode corroborar facilmente. Desde que o Cooper fique na outra extremidade do bar e não...

Se aproxime.

Caraças, ele está a vir para aqui.

O meu coração começa a bater mais depressa do que a música de dança enlatada que sai das colunas. O que está ele a fazer? Eu disse-lhe que não podia voltar a vê-lo. Fui clara, bolas. Não pode simplesmente chegar à minha mesa como se nada fosse e...

— Evan! — exclamo, numa voz demasiado alta e com um sorriso demasiado radiante.

O andar do Cooper hesita um segundo. Depois, as suas longas pernas retomam uma passada rápida até ficar à minha frente. Ele enfia as mãos nos bolsos, exibindo uma pose preguiçosa e pronunciando lentamente:

— Mackenzie.

— Olá, Evan. Como é que vai isso? — pergunto, amigável e descontraída, como se não nos tivéssemos enrolado, como se nunca tivesse sentido a proeminência da sua ereção a pulsar contra a minha barriga. — Não te vejo desde aquela noite em que saíste com a minha companheira de casa e a seduziste.

A Kate ri-se.

Mantenho-me focada no Cooper, esperando que os meus olhos transmitam tudo o que não posso dizer em voz alta. *Entra no jogo. Por favor. Não posso ter estas miúdas aqui a falar de nós e arriscar que o Pres saiba. Por favor, entra no jogo.*

O facto de não estar a confirmar a sua verdadeira identidade faz-me sentir culpada, mas não se compara a quão horrível me senti por trair o Preston. Beijar o Cooper foi um erro. Porém, contei a verdade ao meu namorado, a minha consciência está tranquila, e agora só quero seguir em frente. O que não será possível se a Melissa decidir que há potencial de fofoca. Assim, imploro silenciosamente ao Cooper, que não dá parte fraca.

O seu sorriso rasga-se mais, os seus olhos negros brilhando de uma forma que não consigo decifrar.

Quando finalmente fala, estou uma pilha de nervos, a suar através da camisola de alças.

— Não ouvi a Bonnie queixar-se nessa noite — diz ele, piscando o olho.

Quase desmaio de alívio. Espero que ninguém repare na minha mão a tremer ao pegar na minha bebida.

— Bem, não foi ela que teve de voltar de Uber para o

campus, sozinha, às duas da manhã. — Dou um gole rápido antes de fazer as apresentações. — Alisha, Sutton, Kate, Melissa. Meninas, este é o Evan.

É engraçado: até este momento, em que o Cooper se transforma no Evan, nunca tinha reparado no quão diferentes são os dois gêmeos. Os seus olhos, habitualmente intensos e melancólicos, brilham maliciosamente. Passa a língua pelo lábio inferior de forma provocadora e exhibe um sorriso convencido às minhas amigas.

— Então. — Até a sua voz parece diferente agora. Mais leve. Mais sedutora. — Qual das amigas da Mackenzie é que vou seduzir esta noite?

Seria de supor que uma frase tão rasca provocaria protestos. Em vez disso, as raparigas ficam todas dengosas. Até a Melissa fica afetada. O rosto corado, os lábios ligeiramente entreabertos.

Não as censuro. Este tipo é o sexo em pessoa. É indiferente estar a ser ele próprio ou a fingir ser o seu irmão mulherengo, ele derrama energia sexual.

— Aguenta os cavalos, *Evan*. — O meu tom é suposto ser de brincadeira, mas parece um aviso.

O seu sorriso cresce.

— OK. — A Sutton liberta um suspiro exagerado e salta do banco. — Posso ser eu a sacrificar-me. — A sua expressão ligeiramente ébria revela que já está a fazer sexo com o Cooper em pensamento. — Que tal dançarmos primeiro e depois discutirmos essa oferta de sedução?

Não há um único músculo do meu corpo que não esteja a contorcer-se de tensão. Os meus dedos envolvem o copo, apertando-o com força. Tenho medo de o esmagar. Ainda bem que esta porcaria é feita de plástico, senão, haveria estilhaços de vidro por todo o lado.

O olhar brincalhão do Cooper percebe a minha reação. Ele

observa-me, mesmo enquanto responde à Sutton.

— Dançar parece-me uma excelente ideia. Vai tu à frente, miúda.

Três segundos depois, está embrulhado com a Sutton na pista de dança em frente ao palco. Os braços dela envolvem o pescoço dele, a figura esguia dela encosta-se à figura robusta dele. As mãos do Cooper tocam ao de leve na parte de trás da sua blusa rendada, mantendo uma mão mais abaixo, pousada logo acima da curva do seu rabo. A outra mão sobe pelas costas dela e entrelaça-se no seu rabo de cavalo escuro, repousando na sua nuca.

Uma raiva amarga arranha-me a garganta. Pego no meu daiquiri, tentando livrar-me do mau gosto, mas o meu copo está vazio.

— Uf, não acredito nesta miúda — queixa-se a Alisha.

Ela? Eu não acredito é *nele*. O que está ele a fazer, a dançar de forma provocadora com uma estranha?

Ao meu lado, a Kate bate no braço da Alisha.

— Lamento, querida. Para a próxima tens de ser mais rápida.

— Meu Deus, o gajo é tão *bom* — observa a Melissa, a sua atenção vidrada no Cooper e na Sutton. — Se eu não estivesse com o Benji, não me importava nada de passar a noite com um daqueles.

Ergo uma sobranceira.

— Pensei que as atividades extracurriculares fossem perfeitamente aceitáveis.

Ela ri-se.

— Hum, não. Para nós não, fofa. Pelo menos enquanto não assegurarmos o *Sim*. Depois, podes comer todos os tratadores de piscina e jardineiros que quiseres.

A Kate revira os olhos à irmã mais velha.

— És uma cabra cheia de classe, Mel.

A Melissa encolhe os ombros.

— O que foi? É assim que as coisas são.

Ignoro-as, distraída pela exibição vertical de sexo a acontecer a três metros da nossa mesa. A Sutton está agora em bicos de pés, sussurrando ao ouvido do Cooper.

Ele ri-se e eu fico tensa. De que estarão eles a rir-se?

Ele tem *mesmo* de tirar as mãos do rabo dela. Tipo, agora. Está a exagerar às minhas custas e eu não lho admito. Mordo o interior da bochecha. Com força.

— Devia ter reclamado a posse no segundo em que ele se aproximou de nós — queixa-se a Alisha. Também ela está a olhar obsessivamente para a pista de dança.

— O passarinho madrugador é que apanha a pila — diz a Kate solenemente.

— Uf. Que se lixe. — A Alisha bate com o copo na mesa e amua. — Ela também é só conversa. A Sutton não faz sexo casual. Ela não vai para a cama com um tipo qualquer com quem nem sequer... — A Alisha detém-se abruptamente, ficando boquiaberta.

Sigo o seu olhar a tempo de ver o Cooper e a Sutton a sair juntos do bar.

CAPÍTULO 18

Mackenzie

Na manhã seguinte, a aula de Cultura dos Media é cancelada.

O professor envia um e-mail geral que desafia as leis da partilha exagerada, informando-nos de que os seus intestinos se revoltaram contra o rolo de carne cozinhado pela mulher no jantar da noite passada.

Estou solidária, amigo. O meu estômago está revoltado desde que vi o Cooper sair do Rip Tide com o braço à volta da Sutton.

Será que fizeram sexo? Só a ideia deixa-me maldisposta. E um pouco zangada. Como pôde ele ir para a cama com uma miúda que conhecia há 2,5 segundos? Ou talvez não tenham dormido juntos. Talvez ela só lhe tenha feito um broche.

Uma névoa enraivecida apodera-se do meu campo de visão ao imaginar a Sutton a fazer um broche ao Cooper. Apetece-me arrancar-lhe a pila por tê-la deixado tocar-lhe.

Hum. OK. Talvez esteja mais do que um «pouco» zangada.

Mas não me posso sentir assim. O Cooper não é meu namorado. O Preston é que é. Não posso ter uma opinião sobre com quem o Cooper resolve enrolar-se e, decididamente, não devia estar a pegar no telefone agora e a abrir a nossa conversa e...

Eu: Não era preciso fazeres isso por mim. E com «fazeres isso» estou a referir-me à Sutton.

Merda. O que é que se passa comigo? Arrependo-me imediatamente de enviar a mensagem. Toco freneticamente no ecrã à procura de uma opção para cancelar o envio, mas não é assim que funcionam as coisas.

E agora o Cooper está a escrever uma resposta.

Com o coração a bater desenfreado, sento-me na cama e castigo-me internamente pela minha falta de autocontrolo.

Cooper: *Ah, agora já falamos?* Eu: *Não. Não falamos.* Cooper: *Fixe. Tchau.*

Fico a olhar para o telefone, sentindo-me frustrada. Mas estou mais frustrada comigo do que com ele. Disse-lhe que não podíamos ser amigos. Disse-lhe, literalmente, «Adeus, Cooper». Na noite passada chamei-lhe Evan e, praticamente, atirei-o às minhas amigas solteiras para que a Melissa não desconfiasse de nada e contasse ao Benji. A culpa é minha. É claro que o Cooper não quer falar comigo.

E, mesmo assim, os estúpidos dos meus dedos têm vontade própria.

Eu: *Estou só a dizer. Obrigada por entrares no jogo quando te chamei Evan, mas não era preciso encarnares tão bem a personagem.* Cooper: *Ó princesa, que tal preocupares-te mais com a pila do teu namorado e menos com a minha?*

Apetece-me gritar. Que me dera nunca ter conhecido o Cooper Hartley. Não me sentiria assim agora. Toda torcida por dentro. Já para não falar dos ciúmes que me consomem a garganta como ácido de bateria por causa da sua resposta. Estará ele a dizer que a sua pila *foi* um fator ontem à noite?

Estou a três segundos de pedir o número da Sutton à Kate para poder confirmar *exatamente* o que aconteceu ontem,

quando o bom senso prevalece. Se o meu objetivo ontem à noite era garantir que a Melissa não suspeitasse de nada, passar-me dos carros com a Sutton não vai ajudar em nada.

Concentrando toda a minha força de vontade, ponho o telefone de lado e agarro no computador portátil. Não ter aula significa que tenho mais tempo para me dedicar ao trabalho, o que é sempre uma boa distração.

Consulto o e-mail, mas não há nada de urgente que precise de ser tratado. O assunto com o Tad e o seu micropénis felizmente já passou. E os meus moderadores e gestores de publicidade informaram-me de que setembro foi o nosso melhor mês até agora no que toca aos rendimentos. É o tipo de informação que qualquer proprietário de uma empresa gostaria de receber, e eu não quero parecer ingrata, *fico* feliz. Mas, ao passar as horas seguintes a fazer a manutenção básica da empresa, sinto a frustração voltar, crescendo-me na garganta. Sinto uma súbita vontade de sair do *campus* e ir dar uma volta. Estou farta da mesma paisagem de sempre. Farta dos meus pensamentos obsessivos sobre o Cooper.

Dez minutos depois, estou num táxi a caminho de Avalon Bay. Preciso de apanhar ar e sol. O carro deixa-me perto do paredão e eu caminho em direção ao passeio marítimo, com as mãos enfiadas nos bolsos dos calções de ganga. É incrível quão amena está a temperatura em outubro, mas não me estou a queixar. Gosto de sentir a brisa morna acariciar-me a cara.

Quando o meu andar me conduz até ao hotel, apercebo-me de repente do que me motivou a vir aqui hoje. Sinto a mesma emoção de possibilidade pulsar no meu sangue ao deparar-me com o hotel ainda vazio. Expectante.

Sei que é uma loucura, mas, ao olhar para o edifício em ruínas, o meu corpo começa a vibrar. Até os meus dedos estão inquietos, como uma necessidade metafórica de manter as mãos ocupadas. Será este o desafio que eu procurava? Este

hotel condenado, sobre o qual não consigo deixar de fantasiar?

Nem sequer está à venda, recordo. Mas isso não parece ser importante. A vibração que sinto recusa-se a acalmar.

Surge-me uma ideia quando estou a regressar ao centro, onde paro num café para beber qualquer coisa. Quando a mulher atrás do balcão me dá o meu sumo com gás, hesito um instante. Avalon Bay é uma terra pequena. A julgar pelas terras pequenas que vi em séries de televisão, como *Gilmore Girls*, toda a gente sabe tudo sobre todos e sobre tudo.

Por isso, arrisco e pergunto:

— Sabe alguma coisa sobre o velho hotel abandonado no passeio marítimo? O Beacon? Faz alguma ideia do motivo pelo qual o dono não fez nada com ele?

— Porque não lhe pergunta?

Pestanejo.

— Desculpe?

Ela acena na direção de uma mesa junto à janela.

— Aquela é a dona.

Sigo a direção do seu olhar e vejo uma idosa com um chapéu de abas largas e enormes óculos escuros a tapar-lhe grande parte da cara. Pelo modo como está vestida, parece mais uma respigadora do que a proprietária de um hotel.

Que coincidência! A vibração intensifica-se, até todo o meu corpo ser invadido por uma corrente elétrica. Isto só pode querer dizer alguma coisa.

Pegando na minha bebida, aproximo-me lentamente da mesa junto à janela.

— Desculpe incomodá-la. Será que posso falar consigo sobre o seu hotel? Posso sentar-me?

A mulher não levanta o olhar do seu bolo de café e chávena de chá.

— Estamos fechados.

— Sim, eu sei. — Respiro fundo. — Esperava poder mudar

isso.

Ela debica o bolo com dedos frágeis, tirando pequenas migalhas que vai pondo lenta e delicadamente na boca.

— Minha senhora? O seu hotel. Importa-se que lhe faça umas perguntas?

— Estamos fechados.

Não consigo perceber se está a gozar comigo ou se não regula bem. Não quero ser mal-educada ou aborrecê-la, por isso, faço uma última tentativa.

— Quero comprar o seu hotel. Estaria interessada?

Finalmente, ela ergue a cabeça para olhar para mim. Não consigo ver os seus olhos por causa dos óculos escuros, mas o comprimir pensativo dos seus lábios confirma que chamei a sua atenção. Bebe um gole demorado de chá. Depois, pousando a chávena, empurra uma cadeira com o pé, na minha direção.

Sento-me, esperando não parecer demasiado ansiosa.

— O meu nome é Mackenzie Cabot. Sou estudante na Universidade Garnet, mas sou também uma espécie de empresária. Estou muito interessada em falar sobre o seu hotel.

— Lydia Tanner. — Depois de uma longa pausa, tira os óculos escuros e pousa-os em cima da mesa. Uns olhos surpreendentemente astutos focam-se nos meus. — O que quer saber?

— Tudo — respondo com um sorriso.

Falamos sobre a história do hotel durante mais de uma hora. Sobre como o construiu com o marido depois da guerra. Sobre como foi praticamente demolido e reconstruído três vezes desde então, até o marido morrer, há dois anos. Depois da última tempestade, sentiu-se demasiado velha e cansada para voltar a reconstruí-lo. Não se sentia motivada, e os seus filhos não estavam interessados em recuperar a propriedade.

— Tive algumas ofertas — diz, com uma voz segura e firme. Não parece de todo a velhota tímida que aparentava ser. —

Algumas generosas. Outras nem por isso. Construtoras que queriam deitá-lo abaixo e construir um horroroso arranha-céus no seu lugar, tornar este sítio numa espécie de Miami. Só cimento e vidro reluzente.

A sua fungadela trocista revela exatamente como se sente em relação a isso.

— Esta terra nunca será como Miami. Tem demasiado encanto — asseguro-a.

— As construtoras não querem saber disso. Só veem cifrões. — A Lydia pega na sua chávena de chá. — A única condição que imponho é: quem comprar o meu hotel tem de preservar a sua intenção. Manter o carácter. Quero ir viver para perto dos meus netos, passar o tempo que me resta com a minha família — suspira. — Mas simplesmente não suporto ir-me embora sem saber que o Beacon está em boas mãos.

— Posso prometer-lhe isso — digo, sinceramente. — Foi o encanto do hotel que me apaixonou. Comprometo-me a recuperar tudo para que fique o mais próximo possível do original. Atualizar as ligações elétricas e a canalização. Reforçar as fundações. Assegurar-me de que sobrevive outros cinquenta anos.

A Lydia olha para mim com atenção, como se hesitasse entre levar-me a sério ou considerar-me uma universitária tola que está a fazê-la perder tempo.

Passam alguns segundos até ela acenar lentamente.

— Bem, menina, faça uma proposta.

Uma proposta? Eu não sei nada sobre o mercado imobiliário dos hotéis, por isso, ao escrever um valor na aplicação das notas do meu telefone, estou a improvisar completamente. É a minha melhor estimativa relativamente ao custo de uma propriedade destas, mas não é suficiente para esvaziar completamente a minha conta empresarial.

Empurro o telefone na sua direção. A Lydia examina o ecrã,

erguendo uma sobancelha como se estivesse surpreendida por eu ter dinheiro verdadeiro para oferecer.

Durante os dez minutos seguintes, andamos para a frente e para trás. Vejo-me obrigada a negociar um pouco. E talvez tenha sido instigada a propor um valor mais alto por causa das fotografias dos seus netos, mas, finalmente, chegamos a um acordo.

E, de repente, estou prestes a ser a feliz proprietária de um hotel no passeio marítimo.

Fico eufórica depois de fechar o meu primeiro negócio de sucesso, e começo a sentir uma excitação vertiginosa a correr-me pelas veias. *Que emoção.* Ao mesmo tempo, é uma loucura. Tenho 20 anos e acabei de comprar um *hotel*. Apesar de parecer uma loucura, faz todo o sentido. O meu pensamento atropela-se imediatamente ao considerar os próximos passos. Num instante, consigo ver o meu futuro, o meu império a crescer. Prometi aos meus pais que me concentraria nos estudos, e ainda planeio fazê-lo — simplesmente, irei focar-me também na minha nova função como proprietária de um hotel. Consigo fazer as duas coisas.

Talvez.

Espero que sim.

Mesmo depois de eu e a Lydia fecharmos negócio e de eu ligar ao meu advogado para começar a tratar da papelada, não me parece real até convencer o Preston a visitar a propriedade no dia seguinte.

Porém, em vez de partilhar da minha euforia, ele destrói o meu entusiasmo.

— O que é isto? — O Preston faz uma careta ao ver o hotel com as suas paredes em ruínas e mobiliário danificado pela água.

— O meu novo hotel.

Com os olhos semicerrados, o Preston inclina a cabeça na minha direção. Como se dissesse «Explica-te».

— Eu sei que não parece grande coisa agora. Tens de imaginá-lo depois de uma renovação total. — Quase me retraio ao ouvir o tom de desespero na minha voz. — Vou recuperá-lo todo. Totalmente *vintage*. Coberto de luxos do pós-guerra. Vou transformar este sítio numa estância de cinco estrelas.

— Estás a gozar. — A sua expressão abate-se. A boca comprime-se numa linha dura. Não é exatamente a receção que esperava.

— Pronto, eu percebo que não sei nada sobre ser proprietária de um hotel, mas vou aprender. Também não sabia nada sobre criar um website ou gerir uma empresa. Mas isso nunca me impediu, certo? Talvez mude a especialização para hotelaria ou assim.

Ele não responde.

Cada segundo de silêncio suga lentamente a minha alegria.

— Preston. O que é que se passa? — pergunto debilmente.

Ele abana a cabeça, levantando as mãos.

— Não estou a perceber nada, Mackenzie. Esta é provavelmente a coisa mais irresponsável e imatura que já fizeste.

— O quê?

— Ouviste bem.

Parece o meu pai, não gosto nada disso. É verdade que não pensei muito no assunto antes de tomar uma decisão — tenho tendência a agir mais por instinto. Mesmo assim, pensei que ele ficasse um pouco feliz por mim.

— Estou muito desiludido contigo, francamente. Pensei que, depois da nossa conversa, depois do teu pequeno erro, estivéssemos na mesma página. Relativamente ao plano. Ao nosso futuro.

— Preston, isso não é justo. — Atirar-me a história do beijo à

cara é um golpe baixo. Uma coisa não tem nada que ver com a outra.

Ele ignora-me, dizendo:

— Esse plano não inclui um hotel. — Os seus lábios contraem-se numa expressão de desaprovação.

— Não vês o potencial deste lugar? De todo? — pergunto com tristeza.

— Potencial? Olha para este sítio. É uma espelunca. Na melhor das hipóteses, podes demoli-lo. Talvez consigas ganhar algum dinheiro com o terreno, mas uma renovação? Não estás boa da cabeça. Não sabes nada sobre isso. Pensaste sequer dois segundos antes de alavancares a tua conta poupança neste disparate?

Sinto-me indignada.

— Sou mais capaz do que tu pensas. E não usei a minha conta poupança. Tenho dinheiro em caixa, se queres saber.

— Como? — pergunta ele.

Levanto o queixo.

— Dos meus sites.

O Pres parece alarmado.

— Aquela tolice da tua cena tecnológica?

Agora estou mesmo chateada. Consigo sentir o meu rosto a ferver, enquanto cravo as unhas nas palmas das mãos.

— Sim, a tolice da minha cena tecnológica — repito amargamente.

Nunca falei muito sobre quanto dinheiro fazem os meus sites e ele nunca pareceu particularmente interessado, a não ser para gozar. Pensava que era uma cena de gajo. Uma brincadeira inofensiva. Por vezes, ele aparecia quando eu estava a trabalhar no *BoyfriendFails* e dizia-me que ficava fofinha com o rosto franzido de concentração. Sorria e chamava-me a sua «magnata sexy». Pensei que estivesse orgulhoso de mim, orgulhoso de todo o trabalho que investi na empresa.

Só neste momento é que percebo que não sorria de orgulho. Nem me via como «magnata».

Estava a rir-se de mim.

— Isso devia ser um passatempo — diz categoricamente. — Se eu soubesse que estavas a ter rendimentos com isso, teria...

— Terias o quê? — desafio-o. — Obrigavas-me a parar?

— Orientava-te na direcção certa — corrige ele, e o seu tom condescendente faz o meu sangue ferver. — Já falámos sobre isto. Muitas vezes. Íamos juntos para a faculdade. Tinhas os hobbies que quisesses durante a escola. Eu acabava o curso primeiro e assumia uma posição no banco do meu pai. Tu acabavas o curso e juntavas-te às administrações das fundações da tua mãe. — O Preston abana a cabeça, olhando para mim. — Concordaste que eu seria o ganha-pão da relação, enquanto tu te focarias no trabalho de beneficência e em cuidar da nossa família.

Fico de boca aberta. Meu Deus. Sempre que falava dessas coisas, usava uma voz brincalhona. Fazia tudo parecer uma piada.

Estava mesmo a falar *a sério*.

— Vais desistir do negócio. — A perentoriedade com que me dá uma ordem solta qualquer coisa dentro de mim. — Tens sorte de eu estar aqui para te impedir antes de os teus pais saberem. Não sei o que é que te deu ultimamente, Mackenzie, mas tens de ver se te controlas.

Fico especada a olhar para ele. Estupefacta. Nunca imaginei que ele odiasse esta ideia com tanta ferocidade. No mínimo *dos mínimos*, pensei que apoiasse a minha decisão. O facto de não o ter feito deixa-me abalada.

Se o julguei tão mal em relação a este assunto, em que mais me terei enganado?

CAPÍTULO 19

Cooper

— Já não temos álcool.

Reviro os olhos ao Evan, que está deitado na sala com um braço pendurado numa das extremidades do sofá. A mesa de centro que construí no fim de semana passado já está manchada de cerveja e coberta de beatas de cigarro. Alguém deve ter derrubado o cinzeiro ontem à noite, durante mais uma das festas improvisadas do Evan.

— É meio-dia de domingo — digo ao meu irmão. — Não precisas de álcool. Bebe água, porra.

— Não estou a dizer que me apetece beber agora. Mas alguém tem de ir comprar cerveja. Amanhã o pessoal vem cá jogar póquer.

Ao dizer «alguém», está claramente a referir-se a mim, uma vez que fecha logo os olhos e diz:

— Leva a *Daisy*. Ela gosta de andar na carrinha.

Deixo o Evan entregue ao seu sono de beleza e chamo a cadela com um assobio. Normalmente, não deixo o meu irmão dizer-me o que fazer, mas a verdade é que me sinto a enlouquecer.

Não me juntei às festividades ébrias da noite anterior. Em vez disso, passei a maior parte da noite na oficina, fui para a cama antes da meia-noite e despertei subitamente às sete da

manhã com um perturbador sonho erótico com a Mackenzie. Estávamos juntos na cama, eu por cima, a entrar fundo dentro dela enquanto ela gemia contra os meus lábios. Depois, levantei a cabeça e a cara da Mac transformou-se na cara daquela miúda, a Sutton, acordando-me imediatamente.

Juro, esta rapariga semeou o caos na minha cabeça. Não importa se estou a dormir ou acordado — os pensamentos sobre a Mackenzie envenenam a minha consciência e suscitam toda uma série de emoções que preferia não sentir.

Raiva, porque escolheu o Kincaid em vez de mim.

Frustração, porque sei que se passou algo real entre nós.

Culpa, porque as minhas intenções eram bastante desonestas.

E nos últimos dias? Aversão. Porque, para afastar a suspeita de que pudéssemos conhecer-nos perante as suas amigas, obrigou-me a fingir que era o meu irmão gémeo — e ainda teve o descaramento de me chatear por me enrolar com outra rapariga. Não é que eu e a Sutton tivéssemos chegado a enrolar-nos. Demos uma volta e pu-la num táxi. Mas mesmo assim. A Mackenzie não tinha o direito de ficar chateada. Foi ela que me beijou e depois me mandou dar uma volta.

— Anda — murmuro à *Daisy*. — Vamos comprar cerveja para o teu namorado.

Quando me vê pegar na trela, a *golden retriever* começa a dançar alegremente aos meus pés. Dirigimo-nos à carrinha e eu abro-lhe a porta do pendura. Só aprendeu a fazer isso recentemente. Antes, era demasiado pequena, mas agora as suas patas estão naquela fase adolescente desengonçada, permitindo-lhe força suficiente para saltar mais alto. Está a crescer tão depressa.

— Que pena a Mac não poder ver-te — digo à cadela, cujo olhar curioso e excitado está colado à janela. De cada vez que o vento acaricia o seu focinho, ela solta um latido esganiçado. Os prazeres mais simples deixam-na feliz.

No centro, compro umas grades de cerveja, uma garrafa de tequila e uns aperitivos. Quando estou a pôr as compras na carrinha, ouço chamar o meu nome.

Viro-me e vejo o Tate a caminhar pelo passeio na minha direção. Numa mão, traz uns óculos escuros de avião e, na outra, as chaves e o telemóvel.

— Olá — cumprimento-o. — Tudo bem?

— Tudo. Vou encontrar-me com o Wyatt no Sharkey's para almoçar, se quiseres vir.

— Sim, bora. — A última coisa que me apetece fazer agora é ir para casa e limpar a porcaria do Evan. — Deixa-me ir buscar a *Daisy*.

— Claro — diz o Tate, reparando na cabeça da cadela de fora da janela do pendura. — Traz o íman das miúdas.

A maioria dos bares e restaurantes de Avalon Bay permite a entrada de cães — nomeadamente o Sharkey's, onde os funcionários trazem tigelas com água e guloseimas para os seus clientes caninos. Assim que eu e o Tate subimos a instável escada de madeira até ao segundo andar do bar, a *Daisy* é tratada como a rainha que pensa que é.

— Oh, meu Deus! — exclama a empregada à entrada, completamente deliciada. — Olha para esta fofura! Como é que se chama?

— *Daisy* — responde o Tate por mim, tirando-me a trela da mão, reivindicando a propriedade da cachorra. — E tu és?

— A Jessica — chilreia a empregada, ficando com um brilho nos olhos ao reparar no Tate e na sua aparência de menino de ouro. O gajo tem uma capacidade infalível de deslumbrar todas as mulheres que conhece.

Não é que eu não atraia a minha quota de atenção. Mas é um tipo diferente de atenção.

Quando as mulheres olham para o Tate, são atingidas por ideias românticas de casamentos e bebés.

Comigo, veem sexo puro e duro. Porém, elas é que perdem. O Tate é o maior vadio de Avalon Bay. A Jessica deve estar cá há pouco tempo, senão, estaria bem ciente deste facto.

— Eu acompanho-vos à vossa mesa — diz, e ela, o Tate e a minha cadela vão-se embora.

Sigo-os com um sorriso, apostando em silêncio que o Tate vai conseguir o número dela antes sequer de pegarmos nas ementas.

Perco logo. Ele só consegue o feito quando ela traz as nossas águas.

— Bom trabalho, parceira — diz o Tate à *Daisy*, sentada aos seus pés a olhar para ele com adoração.

O Wyatt chega cerca de dez minutos depois. A Ren não vem com ele, suponho que ainda estejam separados.

— A Ren, não veio? — O Tate franze a testa. — Ainda não te aceitou de volta?

— Não. — Depois de cumprimentar a *Daisy* com um afago na cabeça, o Wyatt deixa-se cair no banco à minha frente e pega numa ementa. Depois, pousa-a sem ler. — Quem é que quero enganar? Toda a gente sabe que vou pedir a sanduíche de peixe.

— Porque é que a Ren está a demorar tanto tempo a perdoar-te? — pergunta o Tate, sorrindo. — As vossas reconciliações épicas costumam acontecer bastante depressa.

— Desta vez ela está a engonhar — queixa-se o Wyatt. — Saiu com um palerma qualquer do ginásio ontem à noite e enviou-me uma *selfie* deles a verem *The Bachelorette* juntos, porque sabia que me iria irritar.

Levanto uma sobranceira.

— Porque haveria de te irritar?

— Porque é o nosso programa favorito, otário. Ela está a trair-me a ver televisão com um gajo que usa camisolas de alças de rede.

O Tate ri-se.

— Estás mais aborrecido com o facto de a Ren estar a ver um *reality show* estúpido sem ti ou por andar a pinar com um gajo do ginásio?

O Wyatt agita a mão.

— Ela não anda a pinar com ele. Só está a sair com ele por vingança. Como quando eu saí com aquela miúda que trabalha na escola de surf depois de a Ren deitar fora todas as minhas t-shirts de bandas sem me avisar.

— Mas não acabaste por papar a gaja da escola de surf? — diz o Tate, confuso.

O Wyatt fica a olhar para ele.

— Isso foste tu, palhaço.

Após uns segundos de concentração, o Tate acena de uma forma decisiva.

— Ah, sim. Tens razão. — Sorri. — Essa miúda era doida. Consegui convencer-me a experimentar Viagra pela primeira vez. Foi uma longa noite.

Parto-me a rir.

— Tomaste Viagra sem mim, meu? — acusa o Wyatt.

Rio-me ainda mais.

— Desde quando é que isso é uma atividade de grupo? — berro ao Wyatt.

A Jessica regressa para tomar nota dos nossos pedidos e começa a namoriscar descaradamente com o Tate.

— E esta fofura, gosta de passear?

Ele pisca o olho.

— Esta fofura *adora* passear.

— Estava a falar da cadela.

— Também eu — diz ele, de forma inocente.

— Saio daqui a uma hora, mais ou menos. Porque é que tu e a Daisy não vão ter comigo à praia quando acabarem de comer e eu terminar o serviço?

Antes de poder relembrar ao Tate que a *Daisy* não é dele, ele exhibe as suas covinhas à empregada e diz:

— Está combinado.

Quando a Jessica se afasta, reviro os olhos.

— Estás mesmo a usar a minha cadela para engatar miúdas?

— Claro. Já te disse, cães bebês são ímanes de miúdas. — Afasta uma madeixa de cabelo da testa. — Empresta-ma só durante algumas horas, meu. Sabes que tenho jeito com cães. Tenho três em casa.

— Está bem. Mas não vou ficar no centro por causa de ti. Leva-a a casa mais tarde. Ela janta às cinco. Não te atrases, parvalhão.

O Tate sorri.

— Sim, pai.

— Achas que se eu tiver a *Daisy* comigo quando for ver a Ren, terei mais hipóteses de a ter de volta? — pergunta o Wyatt, pensativo.

— De certeza — diz o Tate.

O Wyatt vira-se na minha direção.

— Podes emprestar-ma amanhã?

Os meus amigos são uns idiotas.

Mas, vendo bem, eu também. Porque quando o meu telefone vibra e o nome da Mac aparece no ecrã, não faço o que devia fazer, que seria ignorar a chamada.

Atendo-a.

CAPÍTULO 20

Mackenzie

No verão a seguir a acabar o secundário, viajei sozinha pela Europa. Foi um presente dos meus pais. Tinha acabado de regressar ao Coliseu vinda do Vaticano quando, numa espécie de ataque de impulsividade maníaca, passei em frente ao meu hotel e fui direta à estação de comboios. Não sabia aonde estava a ir. Simplesmente, comprei um bilhete de primeira classe no comboio seguinte, que, por acaso, ia para Florença. E daí, Bolonha. Milão. Depois, atravessei a Suíça, França e Espanha. Dois dias depois de sair de Itália, telefonei para o meu hotel e pedi-lhes que enviassem a minha bagagem para Barcelona.

Até hoje, não sei o que me deu. Uma vontade súbita e urgente de me libertar, de desaparecer. De perturbar a ordem da minha vida e provar a mim mesma que estava viva e que controlava o meu próprio destino. Isto para dizer que não me lembro de decidir ligar ao Cooper; só sei que, no dia a seguir ao Preston destruir a fantasia do meu hotel, duas semanas depois de beijar o Cooper e de lhe dizer que não voltasse a contactar-me, e quinze minutos depois de desligarmos a chamada, ele está ao meu lado no passeio marítimo a olhar para o exterior delapidado do Hotel Beacon.

— Tu... compraste-o? — Perplexo, o Cooper passa a mão

pelo seu cabelo escuro.

Fico momentaneamente distraída pelo seu antebraço bronzeado, o bíceps definido. Está a usar uma t-shirt preta. Calças de ganga de cintura baixa. Parece que estou a vê-lo pela primeira vez. Não me esqueci do que a sua presença me faz sentir, mas, agora que a minha tolerância enfraqueceu, a sensação parece mais forte. O meu coração está a bater mais depressa do que o habitual, as palmas das minhas mãos estão mais húmidas, a minha boca mais seca.

— Bem, ainda falta a papelada e as devidas diligências. Mas, se isso correr bem...

Estou mais nervosa agora do que quando fiz a proposta à Lydia. Do que quando o mostrei ao Preston. Por alguma razão, preciso que o Cooper fique feliz por mim, e não tinha percebido o quanto até este momento.

— Podemos entrar?

Ele não deixa transparecer nada. Nem aborrecimento, nem desaprovação. Nem entusiasmo. Mal nos cumprimentámos, e não mencionámos uma palavra sobre os nossos beijos ou a nossa discussão. Só: «Olha, então, hum, vou comprar um hotel. O que achas?» Não faço ideia porque aceitou encontrar-se comigo aqui.

— Claro — digo. — O inspetor disse que o piso térreo está estável. Mas é melhor não irmos lá acima.

Damos uma volta pela propriedade, pisando alguma mobília devastada pela tempestade e carpetes bolorentas. Alguns quartos interiores estão em condições quase perfeitas, enquanto os quartos com vista para o mar são pouco mais do que carcaças vazias expostas aos elementos, onde as paredes desabaram, e há muito que as tempestades arrastaram tudo para o mar. A cozinha quase podia ser posta a funcionar amanhã. O salão de baile mais parece o cenário de um filme de terror passado num navio fantasma. No exterior, a fachada do

hotel que está virada para a rua esconde a destruição no interior, mantendo-se intacta, exceto as telhas em falta e o excesso de vegetação.

— Quais são os teus planos? — pergunta o Cooper, enquanto espreitamos para a receção. Um antiquado livro de hóspedes, com as palavras *Hotel Beacon* gravadas na capa em letras douradas, está ainda arrumado numa prateleira junto à parede com as chaves dos quartos. Algumas caídas, outras ainda nos ganchos.

— A antiga proprietária tinha uma exigência: não o demolir para construir um arranha-céus horrível.

— Quando era miúdo passava aqui a vida. Eu e o Evan frequentávamos a piscina e ficávamos nas barracas da praia até sermos expulsos. A Steph trabalhou aqui alguns verões durante o secundário. Lembro-me da madeira antiga, dos acabamentos em latão.

— Quero recuperá-lo todo — digo. — Aproveitar o máximo possível. Procurar fornecedores de antiguidades *vintage* para o resto.

Ele assobia baixinho.

— Seria caro. Estamos a falar de mobiliário de cerejeira que tem de ser feito por encomenda. Candeeiros feitos à mão. Há aqui ladrilhos de pedra e tampos de bancada que já nem sequer se fazem, exceto em pequenas quantidades.

Aceno.

— E eu já sei que a instalação elétrica não está de acordo com as normas. Tem de se retirar toda a placa de reboco.

— Mas consigo imaginar. — Ele passa pela receção em direção à grande escadaria, passando a mão pelo corrimão primorosamente entalhado. — Com o toque certo e dinheiro suficiente, tem potencial.

— A sério?

— Sim. Imenso potencial.

— Sei que isto parece estúpido — digo, sentando-me ao fundo das escadas —, mas, quando vi este sítio pela primeira vez, veio-me uma imagem à cabeça. Os hóspedes sentados no terraço em cadeiras de baloiço, a beber vinho e a ver a maré a subir. Era uma imagem tão clara.

— Não é estúpido. — O Cooper senta-se ao meu lado.

Não sinto qualquer hostilidade vinda dele, é como se fôssemos quase amigos outra vez. No entanto, sinto a mesma atração magnética a pedir-me para passar os dedos pelo seu cabelo.

— Quando ponho uma peça de madeira reaproveitada na minha bancada, não tenho um plano para o que será. Fico à espera. À espera de que se revele. Depois, praticamente constrói-se sozinha na minha cabeça e eu vou acompanhando.

Mordo o lábio.

— Os meus pais não vão gostar disto.

Ultimamente, não é preciso muito para provocar o meu pai. A maioria das vezes tem que ver com stress do trabalho, mas parece que está numa luta constante com uma coisa ou outra. Provavelmente, a minha faceta combativa vem daí. A questão é que, quando as lutas acabam mal, a sua frustração tende a manifestar-se numa decepção vocal em relação a mim.

— O que é que isso interessa? — brinca o Cooper.

— Pois, é fácil para ti falar.

— Estou a falar a sério. Desde quando é que te importas com o que as outras pessoas dizem?

— Não sabes quão difícil é libertar-me do seu domínio. Eles praticamente controlam a minha vida toda.

— Porque tu deixas.

— Não, mas...

— Ouve. Desde que te conheço que és uma chata inflexível e obstinada.

Rio-me, admitindo a mim mesma que a maior parte das

nossas conversas acabaram por se tornar discussões que não foram a lado nenhum.

— Não é culpa minha que nunca tenhas razão.

— Cuidado, Cabot — diz ele com um brilho ameaçador e brincalhão no olhar. — Agora a sério. Tens a vida mais organizada do que a maioria das pessoas que conheço. Que se lixe a aprovação dos teus pais. Sê tu própria.

— Não os conheces.

— Não preciso. Conheço-te a ti. — Ele vira-se para me encarar completamente, olhando-me nos olhos com um ar sério. — Mac, tu és forte. Tu não tens de aturar merdas, tens o controlo. Não te esqueças disso.

Merda. Grande merda.

— Porque é que fazes isso? — murmuro, levantando-me. Não consigo controlar os meus músculos. Preciso de me mexer, apanhar ar.

— Isso o quê? — Ele levanta-se, seguindo-me pelo espaço.

— Porque é que és tão... — gesticulo de forma incoerente na sua direção. — Assim.

— Não estou a perceber.

É mais fácil quando está a ser idiota. A flirtar, a ser agressivo. A discutir comigo e a chamar-me princesa. É mais fácil pensar nele como mais um bonzão com a mania, alguém que não deve ser levado a sério. Depois, fica todo querido, generoso e doce e dá-me a volta à cabeça, metendo o meu coração ao barulho, contra a minha vontade.

— Não sejas simpático comigo — balbucio, frustrada. — Torna-se confuso.

— Pois, fiquei um bocado confuso quando estavas a arranhar-me as costas com as unhas, mas, pá, deixei-me ir.

— Isso — digo, virando-me para apontar para ele. — Faz isso. Assim, está bem. Lido melhor contigo quando és otário.

— Então é isso? Tens medo de te interessar porque depois

não consegues continuar a mentir a ti própria sobre nós?

— Não há nós — respondo imediatamente. — Beijámo-nos. Grande coisa.

— Duas vezes, princesa.

— E correu tão bem que não falámos durante duas semanas.

— Ei, tu é que me ligaste. — Desafiando-me, olha fixamente para mim. Uma provocação.

— Agora percebo que foi um erro.

Cerrando os dentes, começo a andar, de olhar fixo na porta em arco que dá para a saída. Mas isso implica que tenho de passar pelo Cooper, que me agarra pela cintura antes que eu consiga esquivar-me.

Num piscar de olhos, estou nos seus braços, apertada contra o seu peito. Sinto cada centímetro quente e firme do seu corpo contra o meu. O silêncio cai sobre nós quando ele inclina a cabeça para olhar para mim. Perco o fôlego. Esqueço-me de quem era antes de o conhecer. Nesta bolha, neste lugar tranquilo onde ninguém nos encontrará, podemos ser inteiramente nós mesmos.

— Bem... — murmuro, esperando que ele diga alguma coisa, faça alguma coisa. Qualquer coisa. A expectativa está a dar cabo de mim, e acho que ele sabe disso.

— Podes ir-te embora quando quiseres — diz ele bruscamente.

— Eu sei. — Porém, os meus pés não se mexem. O meu coração bate violentamente contra as minhas costelas. Sinto-me a sufocar, mas a única coisa que me apetece fazer é afundar-me ainda mais no seu abraço.

Estremeço quando o seu polegar acaricia levemente o meu corpo sobre o tecido fino da minha blusa branca larga. Depois, o seu toque leve transforma-se em dedos fortes que agarram a minha anca, fazendo vacilar os meus joelhos. Sou como fumo nos seus braços. Não me sinto sólida.

— O que é que estamos a fazer, Mac? — O seu olhar profundo e escuro penetra-me.

— Pensava que sabias.

Sofregamente, os seus lábios cobrem os meus. Os seus dedos cravam-se na minha anca enquanto os meus serpenteiam pelo seu cabelo, puxando-o para mim. O beijo é sôfrego, desesperado. Quando a sua língua atravessa os meus lábios, procurando entrar na minha boca, gemo baixinho e dou-lhe o que ele quer. As nossas línguas encontram-se e eu quase desfaleço outra vez.

— Eu seguro-te — sussurra o Cooper, e, antes que eu perceba o que está a acontecer, tenho os pés no ar e as pernas enroladas à sua volta.

Ele avança até me encostar contra o cimento exposto de uma parede rachada. Sinto a sua ereção contra mim. Não consigo contrariar a onda de excitação constante que me incita a roçar-me contra ele, procurando a fricção que libertará este nó de desejo reprimido que carrego dentro de mim há semanas. Eu não sou assim. Não sou a rapariga que perde a cabeça por causa de um gajo, que se enrola em interlúdios a meio da tarde em aventuras semipúblicas e semissexuais. E, porém, aqui estamos, as bocas fundidas, os corpos querendo aproximar-se mais.

— Foda-se — geme. As suas mãos percorrem o meu corpo sob a blusa, os dedos calejados enfiando-se sob as copas do meu soutien.

Quando me toca nos mamilos, é como se alguém abrisse as cortinas de um quarto completamente às escuras, a ofuscante luz do sol sobressaltando-me ao irromper pelas janelas.

— Não posso — murmuro contra os seus lábios.

O Cooper afasta-se imediatamente e põe-me no chão.

— O que se passa?

Os seus lábios estão molhados e inchados. O seu cabelo

despenteado. Passam-me várias fantasias pela cabeça enquanto tento controlar a minha respiração. A parede atrás de mim é a única coisa a manter-me de pé.

— Ainda tenho namorado — digo, desculpando-me. Porque, embora possa não estar feliz com o Preston neste momento, não acabámos oficialmente.

— Estás a falar a sério? — O Cooper afasta-se, olhando para mim com exasperação. — Acorda, Mackenzie. — Atira as mãos ao ar. — És uma miúda inteligente. Como podes ser tão cega?

As minhas sobranceiras contraem-se, confusas.

— O que queres dizer com isso?

— O teu namorado anda a trair-te — balbucia.

— O quê?

— Perguntei por aí. Há dois anos que toda a gente de Avalon Bay vê esse otário ir para a cama com tudo o que mexe.

Uma expressão zangada contorce a minha boca.

— Estás a mentir.

Se ele acha que vou cair num truque tão óbvio, meteu-se com a rapariga errada. Está só a dizer isto porque quer ir para a cama comigo, fazendo-me ficar chateada o suficiente com o Preston para ceder à atração inegável que há entre nós. O Cooper nem sequer o conhece. Se conhecesse, iria compreender que o Pres é a última pessoa que andaria por aí a engatar miúdas.

— Adorava estar. — O Cooper aproxima-se de mim, visivelmente agitado. Não sei dizer qual de nós está mais chateado neste momento. — Aceita, princesa. O teu Príncipe Encantado vê mais rabos que o banco de um bar.

Algo se apodera de mim.

Uma raiva ardente e cega.

Dou-lhe uma estalada. Com força. Com tanta força que me fica a doer a mão.

O som ecoa pelo hotel vazio.

A princípio, ele fica só especado a olhar para mim. Chocado. Zangado.

Depois, um riso grave e trocista sai da sua garganta.

— Sabes que mais, Mac? Acredita se quiseres. — Ri-se outra vez. Um aviso áspero e sombrio. — De qualquer forma, eu vou estar a ver dos bastidores, sabendo que tinha razão, quando finalmente enfrentares a realidade.

CAPÍTULO 21

Mackenzie

A acusação do Cooper contra o Preston atormenta-me durante as vinte e quatro horas seguintes. Nublando-me a mente, envenenando os meus pensamentos. Não presto um pingão de atenção às aulas de segunda-feira, continuando a repetir as palavras do Cooper na minha cabeça uma e outra vez, alternando entre a raiva, a inquietação e a dúvida.

Há dois anos que toda a gente de Avalon Bay vê esse otário ir para a cama com tudo o que mexe.

Aceita, princesa. O teu Príncipe Encantado vê mais rabos do que o banco de um bar.

Estaria a dizer a verdade? Não tenho motivos para confiar nele. Pode ter feito a acusação só para me enervar. Sabe bem como fazê-lo.

Mas, ao mesmo tempo, que motivos teria para mentir? Mesmo que eu deixasse o Preston, não quer dizer que fosse a correr para os braços do Cooper.

Ou será que quer?

Ontem, quando voltei à residência depois da nossa discussão, tive de me obrigar a não ligar ao Preston e abrir o jogo. Fazer perguntas e exigir respostas. Ainda estou zangada com ele pela forma como reagiu ao meu hotel. Zangada pela constatação de que não me leva a sério como empresária e pela forma como

categoricamente planeou um futuro que me retira toda a agência.

Antes de o Cooper lançar as suas acusações, já tinha razões de sobra para questionar a minha relação com o Preston. Agora, sinto-me ainda mais confusa. A minha cabeça está feita em papa, as minhas entranhas do avesso.

Saio do auditório de cabeça baixa, não paro para fazer conversa com nenhum dos meus colegas. Lá fora, respiro o ar puro, agora um pouco mais frio, à medida que o outono começa a surgir depois de um longo verão.

O meu telemóvel vibra dentro do saco de pano. Pego nele e vejo uma mensagem da Bonnie a perguntar se quero almoçar com ela. A minha companheira de casa tem uma capacidade incrível de me ler mente, por isso, digo-lhe que tenho de estudar. Depois, encontro um banco vazio no pátio e saco do portátil.

Preciso de uma distração, uma fuga aos meus pensamentos caóticos. Fazer planos para o hotel proporciona-me essa trégua.

Durante as horas seguintes, pesquiso na Internet quais os recursos de que preciso para dar início a este projeto. Faço uma lista de empresas de construção, contactando cada uma e pedindo uma visita ao local para que me façam um orçamento sobre quanto custa pôr o edifício todo de acordo com os regulamentos. Procuo determinações legais do distrito e licenças. Vejo alguns vídeos sobre canalização comercial e instalações elétricas. Leio sobre as mais recentes construções à prova de furacões e avaliação de apólices de seguro.

É... muita coisa.

Quando estou a guardar o portátil no saco e a levantar-me para esticar as pernas, recebo uma chamada da minha mãe. Estar sentada num banco de ferro durante três horas deu-me cabo dos músculos.

— Olá, mãe — cumprimento.

Ignorando as gentilezas, ela vai direta ao assunto.

— Mackenzie, eu e o teu pai gostávamos de te levar a ti e ao Preston a jantar fora esta noite. Que tal às sete?

Cerro os dentes. O seu sentido de oportunidade é irritante como tudo. Ela age como se eu tivesse voto na matéria, quando ambas sabemos que não é verdade.

— Não sei se o Preston está disponível — digo com firmeza. Ando a evitá-lo há dois dias, desde que destruiu os meus sonhos e me chamou irresponsável e imatura.

A memória das suas palavras duras e condescendentes reacende a minha raiva para com ele. Não. Nem pensar que vou levá-lo a jantar esta noite e arriscar-me a ter uma discussão enorme à frente dos meus pais. Já dei uma bofetada num tipo. É melhor não passarem a ser dois.

Porém, a minha mãe estraga tudo.

— O teu pai já falou com o Preston. Ele disse que terá muito gosto em juntar-se a nós.

Fico boquiaberta, em choque. A sério? Combinaram com o meu namorado antes de me ligarem a *mim*, a própria filha?

A minha mãe nem me dá tempo para protestar.

— Vemo-nos às sete, querida.

Assim que desliga, apresso-me a ligar ao Preston. Ele atende logo.

— Olá, amor.

Olá, amor? Ele está a gozar com a minha cara? Desde sábado à tarde que tenho ignorado as suas chamadas e mensagens. No domingo de manhã, quando ameaçou aparecer na residência, mandei-lhe uma mensagem a dizer que precisava de espaço e que lhe ligava quando me sentisse preparada.

E agora vem-me com *amores*?

Será que não percebe como estou zangada?

— Fico feliz por teres finalmente ligado. — O seu arrependimento audível confirma que reconhece a minha

infelicidade. — Sei que ainda estás magoada com a nossa pequena briga, por isso, estava a tentar dar-te o espaço que pediste.

— Ah, sim? — digo amargamente. — Foi por isso que aceitaste jantar com os meus pais sem sequer falares comigo?

— Terias atendido se te tivesse ligado? — contrapõe.

Boa pergunta.

— Além disso, acabei agora mesmo de falar com o teu pai. Ligaste-me antes sequer de eu conseguir ligar-te.

— Está bem. Pronto. Mas eu não quero ir hoje, Preston. Depois do que aconteceu no sábado, no hotel, preciso mesmo de espaço.

— Eu sei. — O tom de arrependimento na sua voz parece sincero. — Reagi mal, não posso negá-lo. Mas tens de perceber, apanhaste-me completamente desprevenido. A última coisa que esperava era que me disseses que tinhas comprado um *hotel*. É muita coisa para processar, Mac.

— Eu percebo. Mas falaste comigo como se eu fosse uma criança desobediente. Será que te apercebes sequer de quão humilhante... — Interrompo-me, respirando fundo. — Não. Não quero reviver isto agora. Precisamos de falar, mas agora não. E não posso ir ao jantar. Simplesmente, não posso.

Há uma breve pausa.

— Mackenzie. Ambos sabemos que não vais dizer aos teus pais que não podes ir.

Pois.

Ele tem razão.

— Apanha-me a um quarto para as sete — murmuro.

Em Tally Hall, passo a ferro um vestido que espero que a minha mãe aprove e ponho-me apresentável. Decido vestir uma camisola azul-escura com decote à barco que é tudo menos modesta. Trata-se do meu protesto silencioso contra a minha

noite ter sido desviada. Assim que o Preston me vem buscar à residência, sugere que eu vista um casaco.

Permaneço em silêncio durante a viagem até ao novo restaurante fino, que fica próximo do *campus*. O Preston é suficientemente inteligente para não me obrigar a falar.

No restaurante, dão-nos uma sala privada, graças à assistente do meu pai, que ligou com antecedência. Ao entrar, o meu pai, como é habitual, cumprimenta amigavelmente os seus eleitores e depois posa para uma fotografia com o gerente, que acabará emoldurada na parede e aparecerá amanhã no jornal local. Quando o meu pai aparece, até o jantar se torna um grande evento, uma vez que o seu ego não fica satisfeito por ir jantar fora anonimamente com a família. A minha mãe permanece ao seu lado, as mãos entrelaçadas à sua frente numa pose delicada, um sorriso forçado na cara. Não consigo perceber se ainda gosta destas coisas ou se o botox quer dizer que já não sente nada.

Ao meu lado, o Preston tem os olhos a brilhar.

Por entre cocktails e aperitivos, o meu pai não se cala sobre uma nova lei de gastos. Nem sequer consigo fingir interesse enquanto vou empurrando a minha salada de beterraba pelo prato. O Preston faz conversa com um entusiasmo que, por alguma razão, esta noite, me está a dar cabo dos nervos. Sempre gostei da capacidade do Preston de fazer conversa com os meus pais, aliviando-me algum do peso destas coisas. Eles adoram-no, por isso, a sua presença mantém-nos de bom humor. Só que agora estou a achá-lo incrivelmente chato.

Por um breve momento, considero ganhar coragem para contar a novidade aos meus pais — *Adivinhem! Comprei um hotel!* Mas como a minha mãe começa a dizer que mal pode esperar para me ver mais envolvida nas suas instituições de solidariedade, fico convencida de que não reagiriam muito melhor do que o Preston.

— Este verão, gostava que me deixassem levar a Mackenzie à Europa — diz o Preston, quando chegam as entradas. — Finalmente, o meu pai cedeu à pressão e concordou levar a minha mãe para comprarem uma nova casa de férias. Vamos passear de iate ao longo da costa entre Espanha e Grécia.

Isto é novidade para mim. Tenho quase a certeza de que não houve nenhuma conversa recente sobre os meus planos para o verão, e, mesmo que tivesse havido, foi antes de ter um hotel para recuperar. O Preston sabe perfeitamente que não posso sair de Avalon Bay este verão.

Ou talvez esteja confiante de que consegue convencer a sua namorada imatura, irresponsável e feita para casar a não avançar com a compra.

Sinto uma amargura arranhar-me a garganta. Engulo-a com uma garfada do meu linguado, temperado com limão e alho.

— Que maravilha — diz a minha mãe, com a voz ligeiramente esganiçada.

Um dos seus maiores arrependimentos em relação à carreira do marido — não que não tenha desfrutado do privilégio de ser a esposa de um congressista — é a miséria forçada de ter apenas duas casas de férias no país enquanto todos os seus amigos fazem constantes escapadelas aos seus chalés privados em Zermatt ou nas vilas de Maiorca. O meu pai diz que não parece bem ostentarem a sua riqueza enquanto recebem dinheiro dos contribuintes — ainda que a grande maioria do dinheiro da família provenha de heranças e da corporação da qual o meu pai se afastou para se candidatar ao Congresso, embora ainda esteja na administração. Porém, demasiada atenção suscita perguntas, e o meu pai odeia perguntas.

— Ela atura-lhe muita coisa — brinca o Preston, sorrindo para a minha mãe. — É como a Mackenzie. — Acena na minha direção e encontra a minha mão sob a mesa, apertando-a.

Liberto-me da sua mão e pego no meu copo de água.

A minha paciência está por um fio. Costumava ser tão boa a desligar-me destas conversas. A ignorá-las como uma brincadeira inofensiva para manter os meus pais felizes. Desde que o Preston os mantivesse entretidos e todos se dessem bem, a minha vida era infinitamente mais fácil. Agora, parece que o *status quo* já não basta para mim.

— Quais são os teus planos para o ano que vem, quando terminares o curso? — pergunta o meu pai ao Preston. Praticamente, não me dirigiu a palavra toda a noite. Como se eu fosse uma desculpa para estarem com o seu verdadeiro filho.

— O meu pai quer que vá para a sede do seu banco em Atlanta.

— Será uma grande mudança — diz o meu pai, cortando o bife malpassado.

— Estou ansioso pelo desafio. Tenciono aprender tudo sobre os negócios da família, começando por baixo. Desde o processamento da correspondência até às aquisições e fusões.

— E a aprovação de regulamentos — acrescenta o meu pai. — Devíamos combinar qualquer coisa para o próximo mandato. Pô-lo no Capitólio. Há algumas propostas de lei importantes a ir a comité. Seria uma experiência de aprendizagem inestimável, assistir a uma dessas audiências. Ver como as coisas são feitas, digamos.

— Parece-me ótimo — diz o Preston, radiante. — Gostaria muito.

O meu pai nunca se ofereceu para me levar a Washington num daqueles dias de levar os filhos para o trabalho. A única vez que pus os pés no edifício do Capitólio foi para uma sessão fotográfica. Quando o meu pai tomou posse, fui levada para uma sala com as outras famílias novatas, posei e fui rapidamente expulsa de lá. Eu e os outros filhos irresponsáveis dos congressistas acabámos por andar descontrolados pelos bares e discotecas de DC, até o filho de um senador resolver

atacar o filho de um diplomata, dando origem a um confronto entre os Serviços Secretos e as forças de segurança estrangeiras.

— É uma pena o Preston e a Mackenzie terem apenas um ano na Garnet antes de se separarem novamente. Mas sei que vão arranjar uma forma de fazer com que resulte — intervém a minha mãe.

— Na verdade — diz o Preston —, a Mackenzie vai comigo para Atlanta.

Vou?

— A Garnet oferece um programa integral online para ela acabar o curso sem precisar de mudar de escola — continua. — E se, por alguma razão, precisar de visitar o *campus*, de Atlanta aqui é um voo curto.

Que merda é esta?

Fico de boca aberta a olhar para o Preston, mas ele não repara ou não quer saber. Os meus pais também ignoram a minha crescente aflição.

— É uma excelente solução — diz o meu pai ao Preston.

A minha mãe acena, perfeitamente de acordo.

O que faço eu aqui se a minha participação na conversa, na minha vida, é completamente supérflua? Sou pouco mais do que um ornamento, uma peça de mobiliário que eles vão mudando entre divisões. Estes são os meus pais. O meu namorado. As pessoas que, aparentemente, mais gostam de mim em todo o mundo.

Porém, sinto-me completamente invisível. E não é a primeira vez.

Enquanto continuam a conversar durante o primeiro prato, ignorando a minha crise existencial, vejo subitamente os próximos cinco, dez, vinte anos da minha vida fecharem-se sobre mim.

Trata-se mais de uma ameaça do que um futuro.

Mais uma sentença do que uma oportunidade.

É então que me ocorre que já não sou uma criança. Não sou obrigada a estar aqui. Na verdade, não há absolutamente nada a prender-me a esta cadeira. O meu pensamento regressa àquele almoço com os amigos do Preston, ao modo como as raparigas aceitaram tão bem as aparentes incursões do Seb pelos felícios extracurriculares. E, mais tarde, à forma como o Preston me perdoou tão facilmente a minha indiscrição. As pistas alinham-se e o quadro torna-se evidente.

Tão estupidamente evidente.

Afastando o meu prato, atiro o guardanapo para a mesa e empurro a cadeira para trás.

A minha mãe olha para cima, franzindo ligeiramente o sobrolho.

— Desculpem — anuncio à mesa. — Tenho de me ir embora.

Sem um segundo de hesitação, saio disparada em direção à porta, antes que alguém possa dizer alguma coisa. No exterior do restaurante, tento esconder-me nos arbustos, perto do arrumador, enquanto chamo um táxi apressadamente, mas o meu esconderijo é uma treta e o Preston vê-me assim que chega cá fora.

— Que raio foi aquilo? — pergunta.

Respiro lentamente.

— Não quero discutir contigo. Volta lá para dentro, Pres. Eu vou-me embora.

— Fala baixo. — Mandando-me calar, agarra-me no cotovelo e arrasta-me até ao virar da esquina, para que ninguém nos ouça, como se eu fosse uma criança a levar um ralhete. — Que raio se passa contigo?

Solto o meu braço do seu.

— Não consigo fazer mais isto. Tu, eles, isto tudo. Estou tão farta que me sinto a transbordar de apatia. Aquilo, ali, fui eu a deixar de me importar.

— Perdeste a cabeça de vez? — O Preston olha para mim,

encolerizado. — É o que isto é, esta birra, o disparate do hotel. É stress. O stress do primeiro ano está a afetar-te. Estás a ceder à pressão. — Ele começa a acenar com a cabeça. — Eu compreendo. Podemos arranjar-te ajuda, mandar-te para um spa ou qualquer coisa assim. Tenho a certeza de que podemos convencer o reitor a acabares o semestre...

— Um spa? — Não consigo evitar. Passo-me de vez, rindo-me na sua cara. Neste momento, acho que ele nunca me conheceu tão mal.

Ele semicerra os olhos perante o meu riso de escárnio.

— Isto não é stress. É clareza. — Sinto o meu humor a desvanecer e olho-o nos olhos. — Andas a trair-me, Preston.

Ele franze o sobrolho.

— Quem é que te disse isso?

Esta é a sua resposta? Se ainda duvidava, agora tenho a certeza. Nem sequer se dá ao trabalho de negar?

— Estás a dizer que não é verdade? — provoco. — Que não és como o teu amigo Sebastian, a dormir por aí com miúdas que não são «feitas para casar» enquanto jura amor eterno à Chrissy? A Chrissy, que nem sequer se importa que ele durma com outras. — Abano a cabeça, incrédula. — Olha-me nos olhos e diz-me que não és assim.

— Eu não sou assim.

Mas ele não me olha nos olhos.

Sai-me um riso seco.

— Por isso é que não ficaste incomodado com a atitude do Seb, não foi, Preston? Porque és exatamente como ele. E sabes o que é estranho? Nem sequer estou zangada. Devia estar — digo, porque sinto bastante raiva pela forma como ele me desrespeitou esta noite. — Devia estar furiosa. Mas esta noite percebi que já não quero saber.

— Não podes acabar comigo — diz, severo, como se estivesse a dizer-me que não posso comer rebuçados porque me fazem

mal aos dentes.

— É o que estou a fazer. O que fiz.

— Esquece o que quer que seja que pensas que fiz. São só atividades extracurriculares... — Outra vez aquela palavra. — Não tem nada que ver com a nossa relação. Eu amo-te, Mackenzie. E tu amas-me também.

Durante anos, confundi o que tínhamos com amor. Eu amo o Preston. Ou, pelo menos, amava, a dada altura. Começou por ser assim. Tenho a certeza. Mas nunca estivemos *apaixonados*. Confundi o aborrecimento com o conforto e o conforto com o romance. Porque não sabia o que era a verdadeira paixão. Não sabia o que estava a perder, o que é suposto sentirmos quando não conseguimos conter-nos, quando o desejo pelo outro nos consome tão completamente, quando o nosso apreço e afeto por ele é total e incondicional.

— Para com isso, Mackenzie. — Ups. Agora está chateado. Ainda me manda para o quarto sem sobremesa. — Estás a fazer uma birra e não tem graça. Volta lá para dentro. Pede desculpa aos teus pais. Vamos esquecer que isto aconteceu.

— Tu não percebes. Eu já decidi. Acabou.

— Não acabou nada.

Não queria ter de recorrer à opção nuclear, mas ele não me dá hipótese.

— Há outra pessoa.

— Como assim, foda-se? Quem? — Ele passa-se, o seu rosto fica vermelho de raiva.

O meu táxi para junto ao passeio. Graças a Deus.

— Não mereces saber — digo friamente. — E agora vou-me embora. Não venhas atrás de mim.

Pela primeira vez esta noite, ele ouve-me.

CAPÍTULO 22

Mackenzie

Quinze minutos depois, estou à porta de casa do Cooper.

Acho que, quando abandonei a mesa do jantar, já sabia para onde ia. Sabia — quando ontem me afastei do Cooper, quando passei horas com as suas palavras às voltas na cabeça, recordando os nossos beijos ávidos — que se voltasse aqui outra vez, seria com um propósito.

Quando ele abre a porta, quase perco a coragem. Veste uma t-shirt e calças de ganga rasgadas. O cabelo molhado, como se tivesse acabado de tomar banho. A sua aparência, o seu corpo, as suas tatuagens são pura tentação. Odeio que ele não precise de fazer nada, ou dizer nada, para me deixar completamente paralisada e baralhada. Não é justo.

— Olá. — Engulo, sentindo a boca seca.

Ele fica a olhar para mim fixamente, sem dizer uma palavra. Estava à espera de raiva. Ou talvez de ser expulsa com um aviso para nunca mais mostrar a cara por estas bandas.

Isto é pior.

— Ouve, vim pedir desculpa.

— Ah, sim? — O Cooper ocupa toda a ombreira da porta, os braços fortes apoiados um de cada lado.

— Passei dos limites — digo, arrependida. — Nunca devia ter insinuado que tinhas herpes. Perpetuar o estigma das DST e

envergonhar as pessoas é errado, peço desculpa.

Embora tente escondê-lo o melhor possível, o Cooper não consegue disfarçar completamente o sorriso que lhe aflora ao canto dos lábios. Deixa cair os braços.

— OK, podes entrar.

Ele conduz-me através da casa vazia até ao terraço iluminado das traseiras, que tem vista para a baía. Nenhum de nós sabe exatamente como começar, por isso, ambos nos encostamos contra o parapeito, fingindo olhar para as ondas na escuridão.

— Nunca tinha dado uma bofetada a ninguém — confesso, porque sinto a responsabilidade de quebrar o gelo e, por alguma razão, isto é mais difícil do que estava à espera.

— Tens bastante jeito — diz, friamente. — Doeu como o caracas.

— Se te faz sentir melhor, quando acordei esta manhã ainda tinha a mão dorida. Tens uma cara dura.

— Por acaso, faz-me sentir melhor — diz ele, com um sorriso na voz. — Um bocadinho.

— Desculpa. Reagi mal e perdi o controlo. Senti-me tão mal. Ainda me sinto mal.

O Cooper encolhe os ombros.

— Esquece isso. Já me aconteceu pior.

Uma parte de mim quer que ele se revolte. Que me diga que sou uma fedelha e uma cabra mimada. Mas está tão sereno e calmo. Impossível de perscrutar, sem transparecer nada, tornando tudo isto quase impossível. Porque, apesar de tudo o que sei sobre o Cooper, não o conheço de todo. Às vezes, acho que partilhamos uma ligação, depois começo a pensar nisso até me convencer de que inventei tudo na minha cabeça. Como se, cada vez que nos encontramos, acordasse de um sonho e não me lembrasse do que é real.

— Queres saber onde estive esta noite? — Não sei porque o digo, a não ser porque quero que ele saiba, mas dizê-lo assim

de repente parece... presunçoso?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Bem, em primeiro lugar, virei costas aos meus pais.

— E a casa veio abaixo? — pergunta, sem sequer tentar esconder o divertimento.

— Não sei. Eu, tipo, saí a meio do jantar. — Faço uma pausa.

— Sabes o que fiz mais?

— O quê?

— Acabei com o meu namorado.

Isto chama-lhe a atenção. O Cooper vira-se, encostando-se contra o parapeito e cruzando os braços, atento.

Ri-se, abanando a cabeça.

— Pronto, agora faz sentido. Estás em fuga e pensaste: «Qual o melhor sítio para me esconder? Não há hipótese de alguém vir procurar-me aqui.» Tenho razão?

— Qualquer coisa assim — respondo timidamente. Este pensamento não estava explícito na minha mente quando dei a morada do Cooper ao taxista, mas certamente terá sido um instinto inconsciente.

— Então, quanto tempo estás a planear passar despercebida? Não quero parecer um otário, mas isto não é um hotel, princesa.

— *Touché*.

O silêncio engole-nos, mais ruidoso do que o bater das ondas a rebentar na costa.

Esta manhã, acordei a suar. Enquanto me habituava à luz do sol, as imagens do Cooper a empurrar-me contra a parede — as minhas pernas em torno das suas ancas, as suas mãos queimando a minha pele — evaporaram-se com o orvalho da manhã no parapeito da minha janela. O que é que devo fazer? Estes sentimentos são novidade para mim. Nunca me senti tão nervosa por causa de um tipo. E, sim, está bem, ele demonstrou algum interesse também, mas, se ele não der o próximo passo,

não sei o que tudo isto significa.

— Uma parte de mim gostava que nunca nos tivéssemos conhecido — diz, finalmente, as sombras das luzes do terraço a dançar no seu rosto.

— E porquê? — Quer dizer, além do óbvio. Tenho sido uma grande chata com ele e, provavelmente, dado mais trabalho do que outra coisa.

— Porque isto vai complicar-se. — Com os braços ao lado do corpo, encurta a distância entre nós, encostando-me contra o parapeito apenas com o olhar.

Algo muda na sua expressão e, como um sinal subliminar acordando o meu sistema, fico subitamente alerta.

— O que é que se...

Antes de conseguir terminar o raciocínio, os seus lábios colam-se aos meus.

Prendendo-me contra o parapeito, o Cooper beija-me profundamente. Com urgência. Durante todo este tempo, durante semanas, sustivemos a respiração até este momento. Que libertação. Quando as suas mãos encontram as minhas ancas e me empurram contra a madeira lascada, esqueço-me de mim, consumida pela luxúria. Respondo ao seu beijo como uma mulher esfomeada, gemendo quando ele afasta as minhas pernas com as suas e sinto a sua ereção.

— Diz-me agora — murmura ele, percorrendo o meu pescoço com a boca. — Vais pedir-me para parar?

Devia considerar a pergunta. As implicações futuras. Todas as formas em que estou completamente desprevenida para o que vai acontecer quando acordar amanhã e analisar os estragos desta noite.

Mas não o faço.

— Não — respondo. — Não pares.

Liberto, o Cooper não hesita. Baixa a parte da frente do meu vestido, o suficiente para expor os meus seios. Quando envolve

os lábios num dos meus mamilos, a onda de excitação, a injeção de adrenalina através do meu peito, é avassaladora. Sou uma pessoa diferente com ele. Descontrolada. Agarro na sua mão e puxo-a para baixo até ele abrir caminho sob o meu vestido. Depois, os seus dedos afastam as minhas cuecas, deslizando pelo meu clítoris e entrando dentro de mim.

— Foda-se — sussurra contra a pele febril do meu pescoço.
— Tão molhada.

Dois dedos movem-se dentro de mim, enquanto o seu polegar se ocupa das terminações nervosas a pulsar de excitação. Agarro-me aos seus ombros largos, mordendo o meu lábio com tanta força que sinto o sabor do sangue, até as minhas pernas ficarem a tremer com um orgasmo.

— É isso mesmo, minha linda. — Ele sorri, curvando-se para me beijar os lábios e engolindo a minha respiração ofegante.

As suas palavras provocam-me arrepios. A sua linda. Eu sei que ele não quer dizer isso, é só uma força de expressão, mas a ideia de ser sua, inteiramente dominada por ele esta noite, origina em mim uma nova onda de desejo.

Apresso-me a desapertar a parte da frente das suas calças de ganga e tiro-o para fora, acariciando-o. O seu gemido de resposta é música para os meus ouvidos. As suas mãos descem para apalpar o meu rabo, o seu olhar escuro cintila de desejo.

— Vamos lá para dentro — peço.

— Tenho um preservativo no bolso. — A sua voz sai rouca enquanto o sinto latejar na minha mão.

— A sério, porquê?

— Não faças perguntas dessas.

É justo. Até há uma hora, eu tinha namorado. O que quer que o Cooper estivesse a fazer, ou a planear fazer, não é da minha conta.

Ele abre o preservativo e coloca-o, depois põe uma das minhas pernas em torno da sua anca. Subitamente, estou

sentada no parapeito, agarrada a ele, enquanto ele entra lenta e sofregamente em mim. Se agora me largasse, eu caía. Mas confio nele. Entrego-me completamente, confiando no seu abraço firme, sentindo-o duro dentro de mim.

— Sabes tão bem, Mac. — Ele beija-me novamente, penetrando-me fundo, fazendo-me sentir um desejo irracional.

Uma brisa morna passa pelo meu cabelo. Não quero saber se a qualquer momento podemos ser apanhados. Se o seu irmão está sequer em casa. Se alguém nos está a ver por entre as silhuetas que circundam a casa. Não quero saber de nada a não ser das sensações novas que me percorrem o corpo, esta sensação de plenitude, exatidão. Quando os dedos do Cooper se enfiam no meu cabelo e puxam a minha cabeça para trás para me beijar o pescoço, nada me distrai dos seus movimentos longos e fundos e do desejo selvagem e carnal que nos impele aos dois.

— Vais-te vir outra vez? — sussurra ele ao meu ouvido.

— Talvez.

— Tenta.

Ele afasta-se, deixando apenas a ponta dentro de mim, depois mergulha outra vez. Com força, decidido. Mantendo um braço firme à minha volta, põe a outra mão entre as minhas pernas e desliza os dedos sobre o meu clítoris. Suspiro de prazer.

— Continua a fazer isso — suplico.

O seu riso rouco faz-me cócegas na boca quando ele curva a cabeça para me beijar. As suas ancas continuam a mover-se, mais lentamente agora, provocando, tentando levar-me novamente ao limite. Sob a sua adoração deliberada do meu corpo, não demora muito até o prazer voltar a crescer, contrair-se e enovelar-se, para depois rebentar numa torrente ofuscante.

— Sim — diz, sibilante, e o seu ritmo acelera. Penetra-me com abandono até gemer com o seu próprio orgasmo, estremecendo e com a respiração entrecortada.

Engulo em seco, respirando fundo para tentar regular o meu batimento cardíaco.

— Isto foi... — Nem tenho palavras.

Ele produz um som ininteligível, também sem saber o que dizer.

— Foi... pois.

Rindo baixinho, afastamo-nos um do outro. Desço do parapeito desajeitadamente. Ajeito o vestido. O Cooper pega-me na mão e leva-me para dentro de casa.

Depois de um duche, empresta-me umas roupas suas e levamos a *Daisy* a dar uma volta pela praia ao luar. Os meus dedos estão ainda um pouco dormentes, as pernas pesadas. Ele é tudo o que eu esperava e melhor. Bruto, fervoroso.

Agora, fico surpreendida por não sentir qualquer constrangimento. Nunca tinha estado com outra pessoa a não ser o Preston, por isso, não sabia o que esperar depois de... não sei o que isto é. Um engate? Um encontro? Uma coisa sobre a qual não iremos falar de manhã? De qualquer maneira, não quero saber. Para já, estamos bem.

No caminho de regresso a casa, o Cooper brinca com a *Daisy* com uma cana comprida.

— Então, queres ficar cá a dormir? — pergunta ele.

— Sim, está bem.

A partir deste momento, vou deixar de pensar tanto. Tábua rasa. Vou começar do zero.

Está na hora de aproveitar a vida.

CAPÍTULO 23

Cooper

A minha cabeça está uma confusão. Ao acordar com a Mac na minha cama, o meu primeiro instinto é voltar a tomar más decisões. Depois, lembro-me de que estou metido num grande sarilho. Estava a pensar nisso ontem à noite quando ela praticamente me saltou para cima. Mas, depois, aconteceu uma coisa estranha: não queria que ela se fosse embora. Comecei a pensar: *Fogo, o que é que acontece se ela voltar para casa e eu receber outra mensagem estúpida, tipo, «Desculpa, fiz asneira, cometi um erro e vou voltar para o anormal do meu namorado»?*

E foi mais ou menos nessa altura que percebi que estou completamente lixado.

— Bom dia — murmura ela, de olhos fechados.

Quando se vira e cobre a minha perna com a sua coxa, provocando a minha ereção, não me contenho e apalpo-lhe o rabo.

— Bom dia — respondo.

Ela reage beijando-me o peitoral esquerdo e dando-lhe uma pequena mordidela.

Esta miúda é demais. São sempre as raparigas bem-comportadas, não é? É tudo conjuntos de duas peças e boa educação até as apanharmos sozinhas. Aí, enfiam a nossa cabeça entre as suas pernas e saem com sangue nas unhas.

Ficamos abraçados durante uns minutos, confortáveis e preguiçosos na minha cama. Depois, a Mac levanta a cabeça e olha para mim.

— Posso fazer-te uma pergunta? — Parece apreensiva.

— Claro.

— É uma pergunta um bocado indiscreta.

— OK.

— Tipo, não é de todo da minha conta.

— Vais perguntar ou queres continuar a debater o próprio processo de fazer perguntas?

Ela morde-me outra vez, encostando um mamilo provocador ao meu ombro.

— Pronto. Foste para a cama com a Sutton?

— Não. Demos um passeio pelo cais e depois ela vomitou sobre o varandim, por isso, pu-la num táxi.

A Mackenzie continua a querer saber mais.

— Se ela não tivesse vomitado, terias feito alguma coisa? Tê-la-ias beijado? Ou trazido para cá?

— Talvez. Provavelmente. — Quando sinto o seu corpo retesar-se ao meu lado, enfio os meus dedos nos seus longos cabelos. Outros tipos talvez admitissem, mas eu não sou como os outros tipos. Ela perguntou. Eu respondi. — Quiseste saber.

— Sim, quis. E fui eu que a atirei para cima de ti. Não tenho o direito de sentir ciúmes. — A Mac resmunga baixinho. — Mas sinto, que raio.

— Bem-vinda ao clube — resmungo também. — A ideia de haver outra pessoa que não eu a pôr-te as mãos em cima faz-me sentir homicida.

Ela ri-se.

— Alguma vez te disseram que és um bocado intenso?

Encolho os ombros.

— Tens algum problema com isso?

— De todo.

Enrolo uma madeixa do seu cabelo no meu dedo.

— Sabes — digo, pensativo —, por muito chateado que estivesse contigo nessa noite, tinha-me esquecido de quão divertido é ser o Evan. Já não fazíamos uma troca destas há anos.

Ela inclina a cabeça, curiosa.

— Vocês trocavam muitas vezes?

— A toda a hora. Ele costumava fazer todos os meus testes de Geografia na escola. Juro, aquele miúdo tem uma memória estranhamente boa no que toca às capitais de estado. Às vezes, acabávamos com as namoradas um do outro.

A Mackenzie sobressalta-se.

— Isso é horrível.

— Não foram os nossos melhores momentos — concordo. — Também trocámos de lugar para gozar com os nossos amigos, embora a maioria consiga distinguir-nos, mesmo quando parecemos idênticos da cabeça aos pés. Mas sim, às vezes é bom fazer um intervalo de mim próprio e ser o Evan. Viver a vida sem me preocupar com as consequências. Fazer o que quero, foder quem eu quero, sem arrependimentos.

— Não sei... eu acho que és fixe assim. — A palma da sua mão desce lentamente pelo meu peito nu. — Mais do que fixe, na verdade.

— Espera. Quero preparar-te o pequeno-almoço — digo, quando ela enfia a mão nos meus boxers.

— Não podemos fazer isto primeiro? — A Mac olha para cima e lambe os lábios.

Caramba. Sim, princesa, por favor, eu adoraria ver-te com a minha pila na boca, mas estou a experimentar esta nova cena de ser um cavalheiro, se me deixares.

Como eu disse, a minha cabeça está uma confusão.

— Se começares a fazer isso — aviso —, não saímos da cama.

— Não me importo.

Lamentando-me, afasto-a de mim e deslizo para fora da cama.

— Tentador. E, acredita, eu saltava-te em cima, completamente, mas eu e o Evan vamos receber hoje uma encomenda para as obras da casa. Temos de começar cedo.

A Mac amua, a minha t-shirt descaindo do seu ombro bronzeado. As suas pernas nuas imploram-me que volte para a cama. Isto dá cabo de mim.

— Está bem. Podemos tomar o pequeno-almoço. Tens scones?

— Vai à merda — digo a rir-me, enquanto me encaminho para a casa de banho.

Depois de lhe tirar uma escova de dentes do armário, a Mac abre a embalagem. Lavamos os dentes lado a lado, mas traçamos aí o limite. Ela expulsa-me para poder fazer chichi, enquanto eu vou responder a uma mensagem do Billy West sobre a encomenda de madeira. Estou ainda a escrever a mensagem quando a Mac sai do meu quarto em direção à cozinha.

Assim que estou despachado, sinto o aroma do café acabado de fazer a flutuar pela casa.

— Claro, querida, serve-te à vontade — ouço o Evan dizer, de forma arrastada.

Dobro a esquina e vejo a Mac junto à máquina do café com uma caneca na mão.

— Achei boa ideia fazer café para quem quisesse — diz ela, reparando, tal como eu, no sarcasmo na voz do Evan. — Espero que não haja problema.

— Claro que não — digo claramente ao Evan. Não percebo a sua atitude repentina. — Senta-te. Vou fazer uns ovos mexidos. Queres bacon?

— Querem que peça à criada que traga a louça boa, ou sua majestade prefere que lhe deem a papinha à boca? — pergunta

o Evan, pegando numa embalagem de cereais.

— Ei. — Empurro-o quando ele tenta impedir-me de chegar ao frigorífico. Que infantil. — Para com isso, meu.

A Mac está visivelmente desconfortável.

— Bem, sabes, de qualquer maneira tenho de voltar para a residência, por isso vou andando.

— Vá lá, fica — peço-lhe. — Eu levo-te depois do pequeno-almoço.

Mas é tarde demais. O que quer que tenha dado ao Evan esta manhã já a assustou. A Mac foge de nós o mais rapidamente possível, correndo para o meu quarto, de onde chama um táxi enquanto veste o vestido de ontem à noite.

— Desculpa por isto — digo-lhe, agarrando-a pela cintura antes que ela saia pela porta da rua. — Ele costuma acordar com os pés de fora da cama.

— Não te preocupes. A sério.

Examino o seu rosto. Limpou a maquilhagem e tem o cabelo apanhado num puxo desgrenhado no topo da cabeça. Nunca me pareceu tão bonita. E agora estou a pensar que devíamos ter seguido o seu plano e ficado na cama o dia todo.

— Tenho a certeza de que se tivesse irmãos também seriam uns chatos do caraças.

A Mac põe-se em bicos de pés para me dar um beijo. Interpreto-o como um sinal de que vamos continuar a falar.

Depois de ela sair, vou ter com o Evan à garagem.

— Ei, o que é que foi aquilo? — pergunto bruscamente.

— É melhor fazeres essa pergunta a ti mesmo — riposta, passando por mim com o cinto de ferramentas sobre o ombro. — Desde quando andas a fazer de mordomo da princesa? O plano era fazê-la acabar com o Kincaid, não brincar às casinhas.

— Sim, e resultou. — Sigo-o pelo jardim, de volta à casa, optando por ignorar o modo como a inflexão de ódio na sua

voz me espicaça os nervos. — Ela acabou com ele ontem à noite.

— Ótimo — diz ele, tirando uma cerveja da geleira no alpendre. Às sete da manhã. — Então, está na hora de te livrares dela. Arranjamos maneira de ter os dois no mesmo sítio, deixamo-lo ver-vos juntos e acabam-se os clones. Ponto final.

Arranco-lhe a cerveja da mão e deito-a fora.

— Paras com esta merda? Não te quero bêbedo a disparar uma pistola de pregos na minha direção.

— Sim, papá — diz ele, enxotando-me.

— Ei. — Espeto um dedo no seu peito, porque ele sabe perfeitamente a merda que acabou de fazer. — Dizes isso mais uma vez e vamos ter problemas.

Ele desvia a minha mão.

— Sim, como queiras.

O Evan está alterado hoje, e eu estou farto desta merda. Mas não posso preocupar-me com o que o deixa transtornado, porque preciso de perceber como raio vou lidar com a Mackenzie. Nem pensar que o meu irmão e os nossos amigos me vão deixar escapar desta. Têm andado os quatro a rondar, aguardando o frenesim alimentar. Querem sangue.

Estive todo o dia a pensar nisto, mas não me ocorre nenhuma solução. Mais tarde, quando chegamos ao bar do Joe, apanhando a Steph no seu turno, não me ocorre nada melhor do que empatar e esperar que não mencionem o plano.

Estamos a dar-nos bem outra vez, eu e o Joe. Ainda me sinto desapontado com o facto de me ter despedido tão facilmente, mas percebo porque o fez. É difícil ficar ressentido com um tipo que tem uma hipoteca e os empréstimos da faculdade do filho para pagar. Não seria justo esperar que se sacrificasse por mim quando tem uma família para proteger.

Sentamo-nos numa mesa junto ao bar, com o Evan ao meu

lado e a Heidi e a Alana à nossa frente. A Steph aparece com o menu das bebidas, que nenhum de nós precisa de consultar. As miúdas pedem shots. Eu e o Evan ficamos pela cerveja. Tirámos o dia para reconstruir o alpendre, o que significa que amanhã vamos fazer um turno duplo para o Levi. Vamos acordar de madrugada, e eu preferia não estar ressecado. Tenho a certeza de que o Evan se está a lixar para isso.

Naturalmente, ele não perde tempo a contar às miúdas os últimos desenvolvimentos sobre a Mackenzie.

— Estou tão excitada neste momento — diz a Alana, com um sorriso malicioso e honestamente perturbador. Esta miúda é assustadora, às vezes. — Olha aqui. — Estica o braço na nossa direção. — Estou toda arrepiada.

Pegando no telemóvel, a Heidi percorre o perfil de *Instagram* do Kincaid.

— Basta estarmos atentos para ver onde é que ele vai estar numa destas noites. Um sítio público. Depois, trazes a ex dele e humilhamo-lo. Caraças, provavelmente até podíamos vender bilhetes.

— Despachem-se — lamenta-se a Steph. — Se ele não deixar de vir aqui, vou envenenar-lhe a bebida com laxantes. Quero que tenha medo de aparecer em público.

— Porque não este fim de semana? — sugere o Evan, dando-me uma cotovelada, enquanto eu me concentro na minha cerveja, tentando ignorá-los. — Amanhã. Convidas a princesa para sair. Steph, tu pedes à Maddy ou a alguém que o convide e encurralamo-lo.

Finalmente, resolvo participar na conversa.

— Não.

O Evan faz uma careta.

— Desculpa?

Ouvi-lo a atacar a Mac outra vez cansa-me. Estou farto deste esquema estúpido e farto de fingir que estou a alinhar.

Abandonei o comboio no momento em que percebi quão fixe a Mac é. Quão inteligente e sexy e intrigante. Diferente de todas as mulheres com quem já estive.

— Acabou — digo aos meus amigos, fitando-os sobre o gargalo da garrafa. — Esqueçam.

— Como assim, esqueçam? — O Evan arranca-me a cerveja.

Os meus ombros ficam tensos. É melhor ele ter muito cuidado com o que diz a seguir.

— Tínhamos um acordo — diz, bruscamente.

— Não, tu tens uma vendeta e eu já não quero fazer parte disso. Fui eu que fui despedido, não tu. O que significa que tenho a última palavra. E quero acabar com isto.

Ele abana a cabeça, incrédulo.

— Eu sabia. Ela deixou-te apanhadinho, não foi? A merda da clone tem-te na palma da sua mãozinha afetada.

— Já chega. — Bato com a mão na mesa, fazendo abanar as bebidas. — E isto serve para todos — digo às raparigas. — Ninguém lhe toca. No que a vocês diz respeito, ninguém se mete com ela.

— Quando é que isto aconteceu? — A Steph olha para mim, estupefacta. Não a censuro. Até este momento, mantive-os a todos na ignorância.

— É por isto que não podemos ter coisas boas — diz a Alana.

— Estou a falar a sério. Ouçam, eu gosto da Mac. — Suspiro. — Não estava à espera, mas aconteceu. Estou interessado nela.

Do outro lado da mesa, os lábios da Heidi contorcem-se numa careta.

— Homens — murmura em voz baixa.

Ignoro o comentário.

— Não sei o que irá acontecer entre nós, mas espero que sejam todos simpáticos com ela. Esqueçam que alguma vez pensámos neste esquema estúpido. Já não vai acontecer. Acabaram-se as bocas foleiras — digo ao meu irmão. E, às

miúdas: — E nada de intrigas nas costas dela. Para melhor ou pior, vocês, seus parvos, são a minha família. Peço-vos que façam isto por mim.

No silêncio que se segue, cada um deles acena brevemente.

Depois, obviamente, o Evan sai enfurecido. A Steph encolhe os ombros e vai cuidar das suas mesas. A Heidi e a Alana limitam-se a olhar para mim como se eu fosse o maior idiota que já conheceram. Não é a aprovação entusiasta que queria, mas, honestamente, foi melhor do que estava à espera. Ainda assim, não tenho ilusões de que isto será fácil para nenhum de nós.

A Heidi enfia uma mão no cabelo curto e continua a olhar para mim. Deteto um lampejo de raiva na sua expressão. Talvez uma ponta de pena. E um vislumbre de outra coisa qualquer. Algo vingativo, alarmante.

— Nem uma palavra disto à Mac — aviso a Heidi. — Jamais.

CAPÍTULO 24

Mackenzie

Passo a semana seguinte a evitar o Preston com tanta habilidade, que é uma pena a evasão não ser um desporto olímpico. Se fosse, a Bonnie também seria uma participante à altura. Uma noite, na nossa residência, encobriu-me abrindo a porta em tronco nu para o assustar. Independentemente das indecências a que o Pres se dedica no seu tempo livre, sempre ficou aterrorizado com a vergonha pública. Assim, quando a Bonnie começa aos gritos e os vizinhos do nosso andar começam a assomar às suas portas para ver o que se passa, o Preston rapidamente bate em retirada.

Ignorar as suas mensagens e telefonemas é fácil. Esconder-me dele no *campus* tem sido mais difícil. Comecei a fugir das aulas pela porta das traseiras, uns minutos mais cedo ou mais tarde, para ter a certeza de que ele não está à minha espera. E a pedir a colegas com quem fiz amizade que me mandem uma mensagem a avisar quando o virem por perto. Dá muito trabalho, mas é muito menos complicado do que ser encurralada.

Parece que tudo na minha vida foi reduzido ao ato de fugir. Evitar o Pres. Trabalhar no hotel sem os meus pais saberem. Esgueirar-me para me encontrar com o Cooper. Não posso arriscar que alguém do *campus* o reconheça ou que vá contar ao

Preston, e acho que o Cooper me está a esconder do Evan, portanto, os nossos encontros têm-se tornado cada vez mais criativos.

E embora ainda não tenhamos tido A Conversa sobre a nossa situação, não conseguimos largar-nos. Estou viciada. Completamente viciada nele. A Bonnie diz-me que sou uma tarada por pila. Até contestaria, não fosse dar-se o caso de ela ter tido razão sobre absolutamente tudo desde o momento em que nos conhecemos.

No sábado à noite, encontro-me com o Cooper num dos nossos locais habituais, na praia em frente à sua casa. Esta zona de Avalon Bay foi a mais afetada pelos últimos furacões e está praticamente abandonada há vários anos. Não há nada além de casas vazias e restaurantes decadentes em frente ao mar e um velho pontão de pesca destruído e maioritariamente tomado pelas marés. Soltamos a *Daisy* para que possa correr um pouco, e ela não perde tempo a aterrorizar os pequenos caranguejos e a perseguir os pobres pássaros.

Parando para se sentar num pedaço de madeira, o Cooper puxa-me para o seu colo, de frente para si. As suas mãos agarram-me no rabo e eu passo as pontas dos dedos pela sua nuca, de uma forma que o faz ficar ligeiramente excitado.

— Se continuares a fazer isso — avisa —, vou comer-te aqui mesmo à frente das gaivotas.

— Animal — digo, mordendo-lhe o lábio.

— Provocadora. — Ele beija-me. As suas mãos fortes deslizam pelas minhas costelas, apertam delicadamente os meus seios e pousam na minha cintura. Ele afasta a boca e olha-me nos olhos. — Estava a pensar. Há uma festa hoje à noite. Vem comigo.

Ergo uma sobancelha.

— Não sei. Estaríamos a sair em público. Tens a certeza de que estás pronto para isso?

— Porque não haveria de estar?

As nossas escapadelas não têm sido um tema de conversa explícito, mais um acordo tácito. Alterar esse acordo, embora inevitável, traz todo um novo conjunto de consequências. O que não quer dizer que tornar isto oficial não me faça feliz. Surpreendida, talvez.

— Então... — Passo as mãos pelo seu peito, sentindo todos os seus músculos firmes até chegar com as mãos à sua cintura.

— Tipo um encontro.

— *Tipo* um encontro, sim. — O Cooper faz uma coisa quando acha que está a ser encantador, que é lamber os lábios. É estupidamente atraente.

— O que significa que estamos *tipo* a namorar.

— Vamos pôr as coisas nestes termos. — O Cooper afasta o cabelo do meu ombro, enrolando a ponta no seu punho e puxando. Ligeiramente. É um gesto subtil e evocativo que se tornou código para *Quero arrancar-te a roupa*. Como quando morde o seu lábio ou puxo a parte da frente das suas calças, ou olho para ele, ou respiro. — Eu não ando a dormir com mais ninguém. E também não quero que andes a dormir com mais ninguém. Se alguém olhar para ti de lado, eu parto-lhe a cara. O que achas?

Não é exatamente poesia, mas é capaz de ser a coisa mais romântica que algum rapaz alguma vez me disse. O Cooper pode ser um pouco grosseiro e bruto, mas eu gosto disso.

— Parece-me bem.

Sorrindo, empurra-me para fora do seu colo.

— Anda, vamos levar o monstinho para casa. E eu quero tomar um duche rápido antes de sairmos. Juro, tenho sempre uma camada de serradura em cima.

— Eu gosto. É másculo.

Ele revira os olhos.

Caminhamos até sua casa, entrando pelo terraço das

traseiras. Encho a taça da *Daisy* com água enquanto o Cooper vai tomar um duche. Até me juntava a ele, mas sequei o cabelo antes de vir e não quero estragá-lo, especialmente agora que vamos a uma festa.

— Olá — resmunga o Evan, a sua figura alta e larga surgindo à porta da cozinha. Está descalço, vestindo umas calças de ganga gastas e uma t-shirt vermelha. — Não sabia que estavas cá.

Sento-me num banco ao balcão e olho para a *Daisy*, enquanto sorve ruidosamente a sua água.

— Sim. Aqui estou. O Cooper está a tomar banho.

O Evan abre um armário e pega num pacote de batatas fritas. Abre-o e leva algumas batatas à boca. Enquanto mastiga, olha para mim com desconfiança.

— O que é que vão fazer hoje à noite?

— O Cooper disse que havia uma festa. Acho que vamos até lá.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ele vai levar-te a casa do Chase?

— Sim. — Faço uma pausa. — Tens algum problema com isso?

— De todo, princesa.

— Oh, a sério.

— Já está na altura de saíres connosco — acrescenta o Evan, encolhendo os ombros. — Se andas com o meu irmão, mais cedo ou mais tarde tens de conhecer o pessoal. Conquistá-los.

Ora, bolas. Agora estou nervosa. Porque haveria ele de dizer isto desta maneira?

E se os amigos do Cooper me odiarem?

A minha aflição fica momentaneamente esquecida com o ladrar urgente da *Daisy*. Olho para a cachorra e vejo que está a ladrar à parede.

— *Daisy* — ralho.

— Não te preocupes — diz o Evan. — Deve ser só o fantasma.

Reviro os olhos na sua direção.

— O Coop não te falou do nosso fantasma? — Inclina a cabeça. — A sério? Normalmente, é a primeira coisa que digo aos convidados. É um motivo de orgulho, viver numa casa assombrada.

— A vossa casa está assombrada? — digo, ceticamente. Porque, vá lá, não sou assim tão crédula.

— Um bocado. Mas não nos incomoda muito — explica o Evan. — Portanto, não é exatamente uma assombração. Mas ela anda por aí, sem dúvida.

— Ela... Ela quem?

— A Patricia qualquer coisa. Uma menina que se afogou ali há uns cem anos. Tinha 6, 7 anos? Já não me lembro da idade dela. Mas, em dias de tempestade, consegues ouvi-la gritar e, de vez em quando, as luzes da casa tremeluzem, geralmente quando ela tem vontade de brincar...

Ele para abruptamente quando, juro, o candeeiro por cima da ilha da cozinha começa a tremeluzir.

Era o que faltava.

O Evan percebe a minha inquietação e sorri.

— Vês? Está só a brincar connosco. Não te preocupes, princesa. A Patricia é um fantasma amigável. Como o Casper. Se quiseres saber mais, acho que a biblioteca municipal tem uns artigos de jornal antigos sobre esta história. — Ele aproxima-se da *Daisy*, que já se acalmou, para fazer-lhe uma festa. — Linda menina. Diz a essa fantasminha como é que é.

Tomo uma nota mental para visitar a biblioteca de Avalon Bay. Na realidade, não acredito em fantasmas, mas gosto de histórias e, agora que sou proprietária de um hotel, estou ainda mais curiosa para conhecer a história desta terra.

— Eu vou com vocês no carro, pode ser? — diz o Evan,

depois sai da cozinha antes de eu poder responder. Acho que era uma pergunta retórica.

Suspirando, fico a olhar para a porta por onde ele saiu. Acho que só há uma pessoa que preciso realmente de «conquistar» neste momento, e essa pessoa é o gêmeo do Cooper.

Chase, o amigo do Cooper, tem uma casa de dois andares na cidade, com um enorme jardim voltado para uma área de floresta. Quando lá chegamos, fico ligeiramente ansiosa com o número de pessoas. Está lá tanta gente. Lá dentro, a jogar *beer pong*. No exterior, à volta da fogueira. A música aos berros. Gargalhadas estridentes. Damos uma volta enquanto o Cooper faz as apresentações. Teria sido divertido se eu não reparasse que está toda a gente a olhar para mim. Alheio a tudo isso, o Cooper mantém o braço em torno da minha cintura enquanto fala com os amigos. Para onde quer que olhe, há gente a olhar de lado, por cima do ombro, ou a murmurar de forma conspícua. Não costumo sentir-me constrangida em situações sociais, mas é difícil não me sentir assim quando todos estão a deixar bem clara a sua opinião de que eu não pertenço aqui. É enervante. Sufocante.

Se quero sobreviver a esta noite, preciso de mais álcool.

— Vou buscar outra bebida — digo ao Cooper. Ele está a falar com um tipo tatuado chamado Wyatt, que se queixa do facto de a sua namorada não o aceitar de volta. Ali perto, no jardim, um pequeno grupo está a ver um jogo de Twister com pessoas em biquíni e cuecas.

— Eu vou buscar — voluntaria-se ele. — O que é que queres?

— Não, deixa estar. Fica a conversar. Eu volto já.

Com isto, esgueiro-me antes de ele conseguir contestar. Abro caminho pela casa e vou parar à cozinha, onde encontro uma única garrafa de vinho tinto por abrir e decido que é a bebida menos provável de provocar uma violenta ressaca de manhã.

— És a Mackenzie, certo? — pergunta uma rapariga lindíssima de cabelo comprido e pele morena. Veste a parte de cima de um biquíni e uns calções de cintura subida, e está a misturar uma bebida ao balcão. — A Mackenzie do Cooper.

— Sim, sou eu. A Mackenzie do Cooper. — Parece o nome de uma série de polícias dos anos 70.

— Desculpa — diz, com um sorriso amigável. Põe uma tampa no *shaker* de cocktails e agita-o vigorosamente sobre o ombro. — Queria dizer que ouvi falar muito de ti pelo Coop. Eu sou a Steph.

— Ah! A rapariga do bode?

Os seus lábios contorcem-se.

— Desculpa... hã?

Rio-me acanhadamente.

— Desculpa, foi um bocado despropositado. O Cooper e o Evan contaram-me uma história sobre salvarem um bode, quando eram pré-adolescentes, a pedido da sua amiga Steph. Eras tu?

Ela desata a rir.

— Oh, meu Deus. Sim. O Grande Roubo do Bode. A ideia foi toda minha. — Subitamente, abana a cabeça. — E eles contaram-te a parte em que abandonaram o bode no meio da floresta? Quer dizer, que merda!

— Não é? — exclamo. — Foi o que eu disse! O pobrezinho foi certamente devorado por pumas ou qualquer coisa assim.

Ela ri-se.

— Bem, nós vivemos numa cidade costeira, por isso, se calhar pumas não. Mas de certeza que foi atacado por algum predador.

Pouso a garrafa de vinho no balcão e abro uma gaveta em busca de um saca-rolhas.

A Steph verte a sua mistura em dois copos vermelhos e oferece-me um.

— Deixa o vinho. Isso não presta para nada. Experimenta isto. — Empurra a bebida na minha direção. — Confia em mim. É bom. Não é demasiado forte.

Não faz sentido ofender a única pessoa que falou comigo em toda a noite. Bebo um gole e fico agradavelmente surpreendida pelo ligeiro gosto adocicado a laranja e a plantas.

— Isto é bom. Mesmo bom. Obrigada.

— Na boa. Não digas a ninguém onde a arranjaste — diz, tocando numa das narinas. Como se dissesse, *se a polícia fizer uma rusga à festa e te apanhar a beber, sendo tu menor, não te chibes*. — Estava à espera de que o Cooper decidisse partilhar-te. Estávamos todos ansiosos por te conhecer.

— Nós?

— Sim, o pessoal.

— Certo.

O Evan também usou essa palavra. Pergunto-me quem mais fará parte deste «pessoal». Eu e o Cooper não avançámos muito no domínio do conhecimento mútuo esta semana. Além do anatómico.

Falando de anatomia, um tipo estupidamente atraente e anatomicamente perfeito entra na cozinha. Alto, louro e munido de um par de covinhas, mostra um sorriso à Steph.

— Quem é a tua amiga? — pergunta, os seus curiosos olhos azuis pousando em mim.

— Mackenzie — digo, estendendo a mão.

— Tate. — Ele aperta a minha mão estendida, os seus dedos demorando-se.

A Steph ri-se.

— Controla-te, miúdo. Ela está com o Coop.

— Ah, sim? — O Tate parece impressionado. Varre-me com o olhar, analisando-me lenta e deliberadamente. — O Coop é um sortudo. — Tira umas cervejas do frigorífico. — Querem vir até lá fora, para a fogueira?

— Já vamos — responde a Steph.

— Fixe. — Ele acena e sai da cozinha.

Assim que ele sai, a Steph não perde tempo a contar-me tudo sobre o Tate. Aparentemente, é um mulherengo, mas as suas covinhas e encanto descontraído tornam difícil considerá-lo um cretino.

— É tão estupidamente adorável, sabes? — Ela suspira. — Eu odeio pessoas assim.

— Estes otários adoráveis — concordo, solene.

Continuamos a conversar enquanto bebemos os nossos cocktails. Quanto mais falamos, mais gosto dela. Parece que temos ambas uma paixão por parques de diversão e pelas bandas *pop* de um só êxito do início dos anos 2000.

— Vi-os no ano passado em Myrtle Beach. Estavam a abrir para os... — A Steph pensa um pouco e depois ri-se para si. — Pois, não me lembro. Agora têm 50 anos.

— Meu Deus, não acredito que ainda estão juntos.

— Foi estranho — diz, servindo mais dois cocktails.

— O que é que foi estranho? — Uma rapariga de cabelo platinado e com uma t-shirt preta de mangas cortadas surge ao lado da Steph.

— Nada — diz a Steph, continuando a sorrir até ver o olhar duro na cara da loura. Então, todo o seu bom humor desaparece. — Heidi, esta é a Mackenzie.

Noto demasiado ênfase no meu nome. Não consigo evitar pensar no que o Cooper lhes terá dito, deixando-me significativamente em desvantagem.

— Prazer em conhecer-te — digo, para quebrar a tensão. Presumo que a Heidi seja mais um elemento deste «pessoal».

— Fixe — diz ela, aborrecida assim que olha para mim. — Steph, podemos falar?

Ao seu lado, uma ruiva sorridente revela que não faço parte da brincadeira, seja ela qual for.

Fico com a nítida impressão de que já não sou bem-vinda.

— Sabes, devia ir procurar o Cooper — digo à Steph. — Foi um prazer conhecer -vos.

Não fico à espera de resposta e saio, deixando a minha bebida para trás.

O Cooper ainda está no jardim, mas, agora, junto à fogueira, ao lado de uma morena muito gira cujo rabo está a tentar saltar dos calções. Quando a sua mão toca no peito do Cooper, sinto vontade de a atacar como um touro. Em vez disso, mantenho a calma e aproximo-me dele, agarrando-o pelas presilhas do cinto. Consigo chamar a sua atenção. O canto da sua boca contorce-se num esgar.

— Anda — digo, ignorando a expressão irritada da morena. — Quero apalpar-te no escuro.

O Cooper não hesita. Pousa a garrafa nos blocos de cimento que rodeiam a fogueira.

— OK.

Juntos, circundamos o lado da casa até à rua, onde está estacionada a carrinha do Cooper. Ele levanta-me, sentando-me na bagageira. Com um sorriso maroto, põe-se entre as minhas pernas.

— Vieste marcar território, hã? — Passa os seus dedos calejados para cima e para baixo sobre as minhas coxas expostas. O meu minúsculo vestido amarelo subiu-me quase até à cintura, mas o corpo grande do Cooper esconde-me da vista.

— Qualquer coisa do género, acho que sim.

— Gosto disso — diz ele, sorrindo. — Estiveste desaparecida um bom bocado. Está tudo bem?

— Tudo bem. Estive a confraternizar. Conheci o teu amigo Tate. — Pisco o olho. — É giro.

Os seus olhos escuros estreitam-se.

— Ele fez-se a ti?

— Durante, tipo, um segundo. Afastou-se quando percebeu

que estava contigo.

— Ótimo. Já não preciso de o matar. Conheceste mais alguém?

— Algumas pessoas — digo vagamente, porque não me apetece falar sobre isso.

A verdade é que esta noite foi um fiasco, o que me deixa ansiosa em relação à forma como eu e o Cooper vamos encaixar na vida um do outro. Quanto mais penso no assunto, mais a dúvida ganha raízes no meu cérebro. Não quero pensar. Quero que o Cooper me dissipe todos estes receios. Por isso, enfio as minhas mãos no seu cabelo e puxo-o para mim, beijando-o com propósito até sentir um leve gemido vindo do seu peito. Ele envolve os braços à minha volta, beijando-me mais fundo.

— O que é que se passa, pombinhos? — Sobressalto-me quando o Evan aparece atrás de nós, apontando a lanterna do telemóvel aos nossos olhos. — A festa ficou sem *Dom Pérignon*?

— Vai à merda — resmunga o Cooper, afastando o telefone. — Não consegues encontrar outra pessoa para te entreter?

— Não é preciso. Vim ver o que os meninos estavam a fazer.

O Evan mostra um sorriso e acena-me com a garrafa de cerveja que tem na mão. Na noite em que nos conhecemos, na praia, achei que o Evan era fixe. Desde então, acho-o insuportável e propositadamente antipático. Não lhe chega ser um otário para mim; ele quer que eu perceba que está a *tentar* ser um cabrão. É este empenho que me chateia.

— Já viste. — O Cooper arrasa o irmão com o olhar. Entre eles, há toda uma conversa silenciosa que não consigo traduzir. — Tchau.

— Diz-me uma coisa, Mac.

— Meu, para com isso. — O Cooper afasta-se de mim, tentando conduzir o irmão claramente bêbedo em direção à casa.

O Evan olha para mim por cima da garrafa de cerveja. Bebe mais um gole enquanto empurra o irmão.

— Estava desejoso de perguntar. As miúdas ricas gostam de levar no cu?

— Já chega, parvalhão. Deixa-a em paz.

— Ou pagam a alguém para fazer isso por elas?

Acontece num piscar de olhos.

Num segundo, o Evan está a rir-se da sua piada sem graça.

A seguir, está estendido no chão, com sangue a escorrer-lhe da boca.

CAPÍTULO 25

Cooper

Deito-o ao chão com um soco. Se o Evan não estivesse completamente bêbedo, talvez reagisse melhor ao impacto. Sinto uma pontada de arrependimento quando vejo o sangue a escorrer para o asfalto, mas todo o remorso desaparece quando o Evan se põe de pé e se atira contra mim.

Bate com o ombro contra o meu estômago, agarrando-me pela cintura, e caímos de costas contra a carrinha. Ali perto, ouço a Mac a gritar connosco, mas não serve de nada. O Evan está possesso. E quando desfere uns duros golpes nas minhas costelas, já não quero saber quem ele é. Algo quebra dentro de mim e todo o meu mundo fica reduzido à missão de lhe dar uma coça. Desferimos golpes um ao outro até ficarmos a rebolar no meio da rua, esfolando-nos no asfalto. Subitamente, sinto alguém prender-me os braços e afastar o Evan.

— Vai-te foder, meu — grita o Evan.

— Estavas a pedi-las — rosno.

Ele ataca outra vez.

Levanto os punhos.

Corpos metem-se no espaço entre nós, tentando separar-nos à força.

— O que é que se *passa* com vocês? — berra a Heidi. Ela e o Jay West agarram no Evan, pondo-se entre nós enquanto eu

afasto as mãos de, pelo menos, três tipos que estavam na festa.

— Eu estou bem — protesta o Evan. — Deixem-me. — Ele liberta-se e afasta-se, furioso, pela rua fora.

— Eu vou buscá-lo — voluntaria-se a Steph, suspirando baixinho.

Vendo que a luta terminou, todos, tirando os meus amigos mais próximos, voltam para dentro de casa.

— Não, deixa-o acalmar-se — aconselha a Alana.

A Heidi olha para mim de lado antes de se afastar, com o Jay no seu encalço como um cachorrinho apaixonado. Pergunto-me se terão vindo juntos. Espero que sim. Talvez agora ela deixe de me odiar tanto.

A Steph e a Alana observam-me com a mesma expressão. Quero lá saber. Estou-me nas tintas para o que pensam de mim neste momento. O Evan mereceu todos os golpes.

A Mac agarra-me na cara, inspecionando os danos.

— Estás bem?

Estremeço quando ela passa os dedos na zona abaixo do meu olho esquerdo, que está a inchar rapidamente.

— Estou ótimo. — Examino o seu rosto com a mesma atenção. — Estamos bem? — Não me arrependo de ter batido no Evan por causa do que ele disse, ninguém pode falar assim com a Mac, mas lamento que ela tivesse de assistir a isto.

Foda-se, se for isto a afastá-la...

Ela beija-me na bochecha.

— Devias ir atrás dele.

Hesito.

— Estarei aqui quando voltares — promete, como se lesse os meus pensamentos.

Não tenho outra hipótese senão acreditar nela. Além disso, o Evan, cheio de raiva e álcool, a andar pelas ruas sozinho à noite, é um desastre à espera de acontecer. Assim, decido ir à sua procura. Olho por cima do ombro, uma, duas vezes.

Efetivamente, a Mackenzie ainda lá está, junto à minha carrinha.

Finalmente, encontro o Evan sentado num banco, num pequeno parque infantil, iluminado apenas por uns fracos candeeiros de rua.

— Ainda tens os dentes todos? — pergunto, sentando-me ao seu lado.

— Já. — Ele esfrega o queixo. — Bates como um miúdo de 10 anos.

— Ainda te dei uma coça.

— Eu é que dei.

— Deste uma porra — digo, olhando para ele e sorrindo.

Ficamos algum tempo sentados em silêncio, olhando para os baloiços a balançar na brisa. Há muitos anos que eu e o Evan não lutávamos assim. Dando golpes a sério. Estaria a mentir se dissesse que não estava à espera. Há algum tempo que a tensão anda a acumular-se dentro dele. Talvez o idiota seja eu por não ter falado com ele sobre isso mais cedo. Ao mesmo tempo, descarregar as suas cenas na Mac é doentio, e eu não o vou deixar continuar a fazê-lo.

— Passaste das marcas.

— Ah, vá lá. Até teve piada. — Ele encosta-se no banco, afastando as pernas, como se fosse escorregar dali em estado líquido.

— Estou a falar a sério. Ela não te fez porra nenhuma. Se tens um problema comigo, cresce e fala sobre isso. Acabaram-se os comentários sarcásticos e as merdas passivo-agressivas.

— Até parece que estás a fazer-me um ultimato. — O Evan inclina a cabeça na minha direção. — É isso que está a acontecer?

— Caramba, meu. És meu irmão. Somos família. Nada muda isso. — Abano a cabeça, frustrado. — Porque é que ela te incomoda tanto?

— É uma questão de princípio. Ela é um clone, Coop. Essas pessoas têm o pé no nosso pescoço desde que somos miúdos. Ou já não te lembras? Otários a aparecer nos seus estúpidos carros de golfe, a atirar bebidas para cima de nós, a empurrar as nossas bicicletas para fora da estrada.

Uma vez, o Evan acabou com um braço partido. Caiu numa valeta, por cima do guiador, quando um deles bateu contra o seu pneu. Uma semana depois, voltámos lá e furámos-lhes os quatro pneus. Foram anos desta merda. A andar à porrada. Olho por olho.

— As outras pessoas — relembro-lhe. — Ela não. Não podes culpar a Mac por tudo o que te fizeram. Seria exatamente o que eu estaria a fazer-lhe se tivesse mantido o plano. E teria sido um cabrão por causa disso — resmungo baixinho. — Porque não me dás uma trégua?

Os seus ombros retesam-se.

Quer dizer, caramba, todos vivemos a telenovela quotidiana do Evan e da Genevieve. Constantemente a discutirem em frente de toda a gente. Obrigando-nos a tomar partido em discussões das quais não queríamos fazer parte. Acabando a relação. Andando com outras pessoas. Reatando como se nada tivesse acontecido. Eu nunca fiz birra por causa disso, e certamente não a tratei mal, esperando que se fosse embora. Se o Evan estava apaixonado por ela, isso era problema dele.

Então, agora que encontrei alguém de quem gosto, porque há de ele comportar-se como um idiota?

O Evan suspira, passando as mãos pelo cabelo.

— Não consigo evitar, meu. Atormenta-me. Porque é que tinha de ser um deles? Podias apontar para qualquer direção e acertar em dez miúdas que ficariam de joelhos por ti.

— Não sei o que dizer. Ela é diferente. Se lhe desses a mínima hipótese, perceberias isso.

Não há uma boa razão para eu e a Mac resultarmos. Não

consigo mesmo pensar em nenhuma. E, porra, talvez não resultemos. Ela é uma chata de primeira, teimosa e obstinada. Mas também é linda, engraçada, espontânea e ambiciosa. Parece que é esse o meu gênero. Ela deixa-me louco. Nunca conheci uma rapariga que ficasse na minha cabeça dias e semanas depois de ter estado com ela. Ela mexe comigo. E apesar de sermos completamente diferentes em tantas coisas, ela compreende-me como quase ninguém.

Se estou a iludir-me, se esta coisa toda acabar por me rebentar na cara, que seja. Pelo menos tentei.

— Não te consigo convencer do contrário, então? — diz ele, a sua determinação a desvanecer.

— Peço-te, como meu irmão, que aceites.

Ele pensa sobre isso. Demasiado tempo, na minha opinião. Pela primeira vez na vida, estamos em lados opostos, e eu questiono-me se não haverá demasiada animosidade em si — demasiada raiva relativamente aos clones — para ele voltar para o meu lado.

Então, o Evan suspira novamente e levanta-se do banco.

— Sim, OK. Parece que não te consigo salvar de ti mesmo. Eu afasto-me.

Aceito o que conseguir do Evan e fazemos as pazes. De volta à festa, mando-o para casa no carro da Alana, para garantir que chega bem, e levo a Mac à residência.

— Desculpa lá aquilo — digo, depois de uns minutos em silêncio. Ela olha pela janela do pendura, perdida em pensamentos, o que me preocupa. — Não teve nada que ver contigo. O Evan tem muita raiva mal resolvida.

— Os irmãos não deviam lutar.

Espero um pouco, sem saber ela se vai continuar a falar. A minha inquietação adensa-se quando não diz mais nada.

— Fala comigo, Mackenzie. — A minha voz sai um pouco rouca.

— E se isto for má ideia?

— Não é.

— Estou a falar a sério. — Do canto do olho, vejo que ela está a olhar para mim. — Não quero ser a razão do vosso desentendimento. Não é bom para ninguém. Não podes ser feliz porque ele está chateado, e eu não posso ser feliz porque tu estás chateado. Todos ficam a perder.

É exatamente por isso que o Evan tem de ultrapassar as suas merdas e deixar-nos em paz. Ela não é a pessoa que ele imagina, e, se a compreendesse minimamente, perceberia quão injusto tem sido.

— O Evan vai ultrapassar isto.

— E se isso não acontecer? Estas coisas podem corroer.

— Não te preocupes com isso, Mac. A sério. — Não quero saber se o meu irmão se comporta como um fedelho mal-humorado, desde que se porte bem ao pé da Mac e que guarde os seus comentários para si. Toda a vida vivi pelos dois. Pelo Evan e por mim. Mas, desta vez, tenho de pensar só em mim.

Claramente, não estou a ter muito sucesso em apaziguar a infelicidade da Mac, porque ela deixa escapar um gemido miserável.

— Não me quero meter entre ti e o teu irmão gémeo, Cooper. Olho para ela. Severamente.

— Fiz a minha escolha. Quero estar contigo. O Evan terá de lidar com isso.

A inquietação cintila no seu olhar.

— O que é que isso quer dizer, estar comigo? Eu sei que há bocado dissemos que estávamos a andar, e eu estava na boa com isso...

— *Estavas?* — resmungo.

— Mas, depois, fomos à festa, e viste como estavam todos a olhar para nós? Não, a olhar para *mim*, como se eu não pertencesse ali. E aquela rapariga? A Heidi? Congelou-me

completamente com o olhar. E ouvi umas miúdas a chamar-me menina rica e a dizer que o meu vestido era ridículo.

— Porque é que o teu vestido é ridículo? — Na minha opinião, o seu curto vestido amarelo parece-me ridiculamente sexy.

— Porque é da *Givenchy* e mais ninguém usa um vestido que custa mil dólares para ir a uma festa daquele género. — O rosto da Mac cora de vergonha. — É a assistente da minha mãe que me compra a maior parte da roupa. Caso não tenhas reparado, eu não ligo nadinha à moda. Ando sempre de calças de ganga e t-shirt. — Parece cada vez mais angustiada. — Só vesti este vestido estúpido porque é giro e leve e suficientemente curto para te dar a volta à cabeça.

Disfarço uma gargalhada. Obrigo-me também a não comentar que o pedaço de tecido amarelo que mal cobre o seu deleitável corpo custou *mil paus*.

— Talvez parecesse que estava a exhibir-me? Sei lá. Não era minha intenção. Só sei que ninguém me queria ali esta noite.

— Eu queria.

— Tu não contas — resmunga.

Estendo a mão sobre a consola central e agarro na sua. Entrelaço os meus dedos nos seus.

— Eu sou o único que conta — corrijo.

— Eles também — reclama. — Tens todo um grupo de amigos, e vocês conhecem-se todos desde sempre. Eu tenho, tipo, duas amigas, uma das quais é minha companheira de casa, por isso, é mais ou menos obrigada a gostar de mim.

A gargalhada escapa-me.

— Quem me dera ter um grupo grande de amigos como o teu. Tenho inveja — diz ela, sinceramente. — E queria mesmo que todos gostassem de mim esta noite.

Solto a sua mão e paro a carrinha na berma da estrada. Puxo o travão de mão e viro-me para ela com o olhar firme.

— Miúda. *Eu* gosto de ti. OK? E os meus amigos hão de mudar de ideias e passar a gostar de ti. Prometo.

Ela faz uma careta.

— Não faças promessas que não podes cumprir.

— Estou a falar a sério. Dá-lhes tempo — digo bruscamente.

— Não desistas de mim, de nós, só porque a receção esta noite não foi a mais calorosa, e porque umas miúdas criticaram o teu vestido, que, para que saibas, é a coisa mais sexy de sempre e eu quero arrancar-te esse tecido de mil dólares com os dentes.

A Mac ri-se, ainda que debilmente.

— Por favor. — O tom de súplica que ouço na minha voz quase me faz impressão. — Não desistas de mim, princesa.

Dentro da carrinha, as sombras dançam sobre o seu belo rosto enquanto ela fica em silêncio por um momento. Parece passar uma eternidade até que, finalmente, responde.

Os seus olhos verdes cintilam com os faróis de um carro que passa. Ela inclina-se e beija-me. Com força. Com bastante língua. Depois, afasta-se, ofegante, e murmura:

— Não vou desistir de ti.

CAPÍTULO 26

Mackenzie

*D*á-lhes tempo, disse ele.

Eles hão de mudar de ideias, disse ele. Não sei quem é que ele está a tentar enganar com estas tretas, sinceramente. Desde o desastre da festa, tenho andado numa campanha para seduzir corações e mentes, fazendo os possíveis e os impossíveis para conquistar o «pessoal» do Cooper. Embora jamais o admitisse, eu sei que ele se sente incomodado pela clivagem entre mim e os seus amigos, e eu não quero ser o motivo pelo qual se afasta das pessoas de quem gosta. Eles estão na sua vida há muito mais tempo do que eu. Para mim, não há razão nenhuma para não nos darmos todos bem.

Por isso, estou a tentar. Estou mesmo, mesmo a tentar. Quer no bar, a jogar dardos, ou numa fogueira na praia, nas últimas semanas tenho-me esforçado. A maioria dos amigos homens do Cooper — o Tate, o Chase, o Wyatt — parece estar a aceitar-me completamente. Até fomos jantar uma noite com o Chase e o namorado, um gajo giro chamado Alec que também anda na Garnet. Mas eles não contam, porque não são eles quem preciso de conquistar, mas o pessoal, o círculo íntimo.

Além da Steph, que continua a ser uma aliada, parece que não consigo abrir a cortina de ferro que são a Alana e a Heidi. E embora o Evan não tenha sido abertamente hostil

ultimamente, no que me toca a mim, parece ter optado pela abordagem do silêncio. *Se não tens nada simpático para dizer*, essas coisas.

Por isso, achei que esta noite seria a oportunidade perfeita para um encontro mais íntimo. Só o *peçoal*. Marshmallows, filmes de terror, talvez um Verdade ou Consequência e um Eu Nunca... Confraternização e coisas do género.

Assim, como já era de esperar, os aguaceiros dispersos previstos para esta noite tornam-se tempestades fortes e avisos de tornado nas duas Carolinas.

Excelente. Até o tempo está contra mim.

Há uma hora, o Cooper e o Evan saíram para ajudar o Levi a fechar os alçapões numa das suas obras. Por isso, agora estou aqui sentada em casa deles com quatro quilos e meio de asas de frango frias e pão de alho com queijo, enquanto, para lá das portas de correr envidraçadas, o céu vai ficando mais cinzento e ameaçador sobre a baía. Sem grande coisa para fazer e porque, por acaso, adoro tempestades — gosto da antecipação violenta e elétrica do caos —, abro a porta das traseiras para deixar entrar o ar fresco e enrosco-me no sofá a fazer uns trabalhos para a faculdade. Ao fundo, a televisão está ligada baixinho nas notícias locais, mostrando meteorologistas em frente de uma imagem de radar cheia de manchas vermelhas e laranja, usando palavras como *agachar-se*.

Acabo as minhas leituras de Antropologia e estou a ver uns vídeos no portátil para a aula de Cultura dos Media quando um gigantesco relâmpago estala lá fora e o conseqüente trovão faz abanar a casa. A assustadora rajada deixa-me sem ar. A *Daisy*, que estava aninhada debaixo de um cobertor aos meus pés, sai da sala a correr e enfia-se no seu esconderijo favorito, debaixo da cama do Cooper. A chuva começa a cair lá fora, num repentino dilúvio a engolir o horizonte por detrás de uma cortina prateada. Salto do sofá e depressa fecho a porta de

correr, limpando a água que entrou com um pano da loiça.

É então que ouço um leve choro ao longe.

— *Daisy?* — chamo, olhando em volta. Teria corrido lá para fora quando eu não estava a ver?

Não. Uma espreitadela rápida ao quarto do Cooper mostra que está deitada debaixo da cama, as patas dianteiras estendidas no soalho, escondendo o pequeno focinho.

— Eras tu que estavas a chorar, pequenina? — pergunto, sobressaltando-me quando o ouço outra vez. É mais um grito do que um choro e, sem dúvida, vem lá de fora.

Em dias de tempestade, consegues ouvi-la gritar...

A minha pulsação acelera ao recordar as palavras do Evan. Estaria a falar a sério sobre este sítio estar assombrado? Como raio disse que ela se chamava...

— Patricia? — digo debilmente, o meu olhar cauteloso movendo-se pelo quarto. — És tu?

O candeeiro sobre a minha cabeça tremeluz.

Da minha garganta sai um grito assustado, fazendo com que a *Daisy* se encolha e desapareça debaixo da cama.

Saio do quarto do Cooper com o coração aos saltos. Velas. Provavelmente, devia ir procurar umas velas no caso de a eletricidade ir abaixo. Porque nada me parece menos convidativo do que ficar no escuro a ouvir os gritos de uma criança que morreu há cem anos.

Como se na deixa certa, os ruídos estridentes começam novamente, uma cacofonia de som confundindo-se com o estrondo dos trovões no exterior da velha casa de praia.

— Patricia — chamo. A minha voz sai firme. Já as mãos, nem por isso. — Ouve, vamos ter calma, OK? Eu sei que, provavelmente, não tem piada estar morto, mas isso não significa que tenhas de desatar aos gritos. Se usares a tua voz interior, terei todo o gosto em sentar-me e ouvir o que quer que tenhas...

Outro grito atravessa o ar.

— Ou não — recuo. — Tudo bem. Ganhaste, Patricia. Continua a assustar-me, pronto.

Na cozinha, começo a abrir os armários de baixo à procura de velas ou lanternas. Encontro uma embalagem de velinhas e respiro de alívio. Ótimo. Agora só preciso de pegar num dos milhões de isqueiros que estão na mesa de centro e tenho tudo o que preciso.

A caminho da sala de estar, um zumbido chama-me a atenção. Penso que pode ser o meu telefone, até perceber que ainda o tenho no bolso. Sigo o som até à bancada da cozinha, onde o telemóvel do Cooper parou de vibrar. Merda. Esqueceu-se do telemóvel. Com o ecrã ainda iluminado, vejo que tem várias chamadas não atendidas e mensagens. Não as tento ler, não quero invadir a sua privacidade, mas reparo nos nomes da Steph e da Alana.

Dada a quantidade de chamadas e mensagens, pode ser urgente. Até ligava ao Evan para o avisar, mas não tenho o número dele e não consigo desbloquear o telemóvel do Cooper para o procurar. Assumo que, se for importante, as raparigas tentam ligar ao Evan. Assim, trato das minhas coisas e volto aos trabalhos da faculdade.

Porém, o zumbido continua. Durante mais meia hora, a cada cinco minutos, o telefone do Cooper vibra na bancada da cozinha. Que se lixe. Desta vez, assim que surge uma nova chamada, pego no telefone e atendo.

— Olá, Steph — digo, lendo o seu nome no ecrã.

— Quem fala?

— É a Mackenzie. O Cooper saiu com o Evan e o Levi. Deixou o telemóvel em casa.

— Merda — diz ela, bufando de frustração. — Tenho estado a tentar ligar ao Evan, mas ele também não atende.

— O que se passa?

— Está a entrar água pelo teto da casa de banho. Ouvimos um barulho que parecia ser uma árvore a cair no telhado e, de repente, há água a escorrer pela parede.

— Estão todos bem?

— Nós estamos, mas precisamos de arranjar isto antes que a casa fique toda inundada. Pusemos umas toalhas no chão, mas há demasiada água e não conseguimos pará-la.

Merda. Se elas não conseguem contactar o Evan, provavelmente significa que os gémeos ainda estão ocupados a ajudar o tio. A tempestade está mesmo a soprar violentamente agora, trovões e relâmpagos com intervalos de poucos minutos, vento e chuva golpeando as janelas. E, segundo o radar da televisão, não vai terminar tão depressa. O que significa que a Steph e a Alana irão precisar de uma jangada em breve.

Pausando um momento para pensar, ocorre-me que a carrinha do Cooper ainda cá está, e as suas chaves estão na mesa de centro. Aposto que tem todo o tipo de coisas na garagem — uma escada e lonas.

Esboço um plano na minha cabeça.

— OK. Guarda o meu número e manda-me a tua morada — digo à Steph. — Eu vou aí.

— Uh... — Ouve-se alguém a falar ao fundo, que eu assumo ser a Alana. — Não sei bem se...

— Vou buscar algumas coisas à garagem do Cooper e vou para aí. Confia em mim, vai resultar.

— Está bem — aceita, por fim. A sua voz parece sugerir algum alívio.

Depois de desligarmos a chamada, vou buscar uma capa impermeável ao armário do Cooper, pego nas suas chaves e atravesso a chuva e a lama até à garagem. Lá dentro, pendurado na parede, está empilhado todo o tipo de material de construção, por causa das obras que ele e o Evan têm andado a fazer em casa. Entre eles, um material preto

semelhante ao vinil e corda. Felizmente, o Cooper tem as ferramentas bem organizadas, pelo que encontro facilmente um martelo, pregos e uma pistola de grampos industrial. Terá de servir.

Dez minutos depois de desligar a chamada com a Steph, faço marcha-atrás na carrinha do Cooper até à porta da garagem, ponho tudo na bagageira, atrapalho-me com a escada de três metros e meio, e dirijo-me a casa da Alana e da Steph.

Tudo parece normal quando chego à pequena casa azul. Não há sinais evidentes de danos na fachada. Assim que toco à campainha, a Steph abre a porta impetuosamente e puxa-me para dentro, a água da chuva criando uma poça aos meus pés.

— É por aqui — diz, depois de um breve cumprimento. Leva-me até ao alpendre coberto nas traseiras. Daí, vejo os ramos de uma árvore caídos sobre o canto traseiro da casa. — Tivemos sorte por conseguirmos aguentar o último furacão com aqueles ramos suspensos sobre a casa. Era uma questão de tempo.

— O Evan estava sempre a dizer que viria podá-los. — A Alana sai para o alpendre com os braços carregados de toalhas ensopadas. — Mas, claro, esqueceu-se.

A Steph olha para ela.

— Põe essas toalhas na máquina de secar para termos alguma coisa para pôr quando as outras também estiverem ensopadas.

A Alana suspira.

— Espero que ninguém estivesse a contar tomar banho esta noite.

— Ajudem-me aqui fora — digo-lhes. — Primeiro, temos de subir ao telhado e tirar aqueles ramos dali. Com o vento e tudo, deixá-los ali pode ser pior.

— O quê? — A Steph olha para mim, horrorizada. — Não estás a pensar ir lá fora, pois não?

— O que é que achavas? — Forço uma gargalhada. — Não

estavas a ligar ao Cooper para te trazer mais toalhas.

— Mas é perigoso. Há relâmpagos.

A Steph tem razão, claro. A alternativa é inundar a sua casa toda e acabar com um enorme buraco no telhado. De qualquer maneira, passei três anos do secundário na equipa de cenografia do departamento de teatro. Sei ser habilidosa quando é preciso.

— Vou subir ao telhado, atar uma corda à volta dos ramos e puxá-los para vocês. Depois, tenho ali materiais para tapar o buraco. Vou ser rápida. — Estou a mentir. Não vou ser rápida. Mas tem de ser feito, e quanto mais tempo a Steph nos mantiver aqui a preocuparmo-nos, pior.

— Diz-nos o que fazer — diz a Alana, acenando. Deve ser o maior número de palavras que me disse sem um sorriso sarcástico. É um progresso, suponho.

Juntas, atravessamos a chuvada para colocar os materiais em posição no jardim das traseiras e encostamos a escada à parede lateral da casa. O tapete da sala que descanse em paz. Sei que estou a arriscar a vida ao subir a uma escada de metal no meio de uma trovoada, mas passaram-se vários minutos desde o último relâmpago, por isso, arrisco e subo com a corda ao ombro.

Usando um par de botas de caminhada da Steph, avanço pelo telhado inclinado. Cada passo é como andar em patins de gelo pela primeira vez, com a exceção de que, aqui, não me posso agarrar ao corrimão para me apoiar. Cautelosa para não fazer nenhum movimento repentino, consigo atar a corda ao enorme ramo bifurcado da árvore, apertando-a, e, dando o meu melhor passe longo, atiro-a sobre o galho exposto da árvore para funcionar como roldana. Consigo à primeira tentativa. Fantástico.

Lá em baixo, a Steph e a Alana assumem o peso o melhor que podem, enquanto, cautelosamente, ajudo a afastar o ramo da

casa. Quando estão a descê-lo até ao chão, vejo imediatamente onde faltam algumas telhas e onde o buraco de trinta centímetros, que atravessou o telhado, está a deixar entrar água.

Desço cuidadosamente até ao chão, onde elas já desataram a corda.

— É muito mau? — pergunta a Steph, limpando, em vão, a água que lhe escorre pela cara. Nesta altura, estamos enterradas em dez centímetros de lama. O jardim tornou-se praticamente líquido e os meus pés chapinham dentro das botas da Steph.

— Não é grande, mas há um buraco, sem dúvida — anuncio.

Estamos praticamente a gritar através do vento e da chuva ensurdecedores que golpeiam o telhado de metal do alpendre e desabam sobre as árvores.

Afasto o cabelo molhado da testa.

— O melhor que temos a fazer é tapá-lo e esperar que a chuva pare em breve.

— Do que é que precisas? — A Alana olha ansiosamente para mim por baixo da pala de um boné de beisebol. O seu cabelo ruivo claro está colado ao pescoço.

— Eu levo a pistola de grampos, o martelo e os pregos. Depois, tu e a Steph atam a lona à corda para eu poder puxá-la quando estiver lá em cima.

— Tem cuidado — relembra-me a Steph pela quinta vez.

Agradeço a preocupação, mas, na verdade, quero terminar isto e secar-me. Os meus dedos já estão a ficar engelhados, tenho as cuecas encharcadas e enfiadas no rabo, e o frio chega-me aos ossos. Depois de me passarem a lona e de eu cortar um bocado suficientemente grande com o canivete da Alana, prendo-a no sítio com a pistola de grampos e coloco-lhe pregos mais resistentes. Estou a tremer tão violentamente e a bater os dentes, que demoro uma eternidade a pôr os pregos.

— Estás bem? — grita a Steph lá de baixo.

Consigo enfiar um prego até meio, mas depois falho, e o martelo escorrega-me das mãos e dobro a porcaria do prego. Que se lixe. Está bom assim.

— Vou descer — grito, em resposta.

Apresso-me a descer a escada e corremos todas para dentro, deixando a corda e a lona no jardim, no exato momento em que o estalido de um relâmpago parece cair mesmo em cima de nós.

— Foi por pouco. — A Alana exhibe um sorriso rasgado e eufórico, que eu retribuo sinceramente, ambas aparentemente cientes de que escapámos por uma unha negra.

— Demasiado pouco — diz a Steph com uma expressão ansiosa. — O que é que diria ao Cooper se tivesses sido eletrocutada?

— Pois, esquece. — A Alana tira três mantas do armário da roupa para nos aquecermos. — Teríamos de esconder o corpo e dizer ao Cooper que tinhas fugido da cidade. — Quando ergo uma sobancelha, ela encolhe os ombros, sorrindo jovialmente. — O que foi? Ainda não conheces o temperamento do Cooper. Aquilo é instinto de sobrevivência.

Eu e a Alana dirigimo-nos à sala. A Steph põe café a fazer. Estou a tremer, enrolada numa manta no sofá, como se estivesse num casulo, quando a Alana recebe uma chamada.

— Oi — atende. — Sim, nós resolvemos o assunto. Está aqui, na verdade. Claro. Até já. — A Alana pousa o telefone e senta-se ao meu lado. — Eles estão a caminho.

— Achas que podes emprestar-me roupa para ir para casa? — pergunto. Com as minhas coisas na máquina, não quero sair daqui só de roupa interior e a capa impermeável do Cooper.

— Na boa.

A Steph volta com o café. Normalmente, ponho leite e um monte de açúcar, mas, de momento, não estou para exigências

e café simples a ferver é perfeito para me aquecer o sangue.

— OK, aquilo ali foi uma cena impressionante — admite a Steph, enfiando-se no sofá entre mim e a Alana. — Não achei que fosses do tipo de fazer trabalho manual. — Ela olha para mim com um sorriso pesaroso, apercebendo-se de que posso considerá-lo um insulto.

— No segundo ano do secundário, tive um professor de Química cujo fetiche era mandar abaixo as médias dos alunos com *quizzes* impossíveis. A única forma de conseguir créditos extra era fazer horas de voluntariado, por isso, ajudei a construir cenários e cenas para as peças de teatro da escola. Acabou por ser divertido. Tirando a vez em que quase perdi um dedo quando o Robbie Fenlowe lhe passou um berbequim por cima. — Mostro à Steph a cicatriz no meu dedo indicador. — Carne dilacerada e tudo.

— Argh, que nojo.

— Já, mesmo — diz a Alana, o seu rosto a ficar de uma cor avermelhada parecida com o seu cabelo. — Obrigada por teres vindo. Se não fosses tu, estávamos feitas.

— Pois — diz a Steph, a rir-se —, a Alana é uma medricas. Tem medo de alturas.

A Alana olha ameaçadoramente para a Steph, mostrando o dedo do meio.

— Obrigada, cabra.

— O que foi? — A Steph encolhe os ombros. — É verdade.

— Estou a ser simpática, OK? Não me chateies.

Não conheço bem a Alana, mas diria que estamos a fazer progressos. Só foi preciso um ato de heroísmo mortal para a convencer. Já são dois terços. Agora, só falta perceber como chegar à Heidi.

Durante os quinze minutos seguintes, eu e as raparigas continuamos a falar. Quando lhes conto sobre o hotel que comprei, a Steph dá-me um monte de informações sobre o sítio,

recolhidas durante os três verões em que lá trabalhou. Percebendo que o seu conhecimento é inestimável, tomo uma nota mental para a convidar a visitar o espaço assim que eu for proprietária. A sua familiaridade com o hotel pode ser um verdadeiro trunfo.

— Chegou a ajuda, meninas! — O Evan irrompe pela porta pouco depois, em tronco nu e a pingar. — Onde é o fogo?

Algueres, alguém já fantasiou com ele assim. O que é estranho, porque, mesmo andando a dormir com o seu gémeo idêntico, o Evan seminu não me afeta minimamente.

— Chegaste duas horas atrasado — diz a Alana, pouco impressionada com a sua entrada triunfal.

— Peço desculpa. — O Evan sacode a água do cabelo com toda a elegância de um cão vadio e lança um olhar sarcástico à Alana. — Acho que não recebi a tua taxa de retenção este mês para estar à tua disposição.

O Cooper tem de praticamente empurrar o irmão da ombreira para entrar em casa e sair da tempestade. Parece um pouco perplexo ao ver-me no sofá das suas amigas, enrolada numa manta como um cachorro -quente empapado.

— Não pude deixar de reparar na minha carrinha lá fora — diz ele, com uma sobrelanceira erguida. — Aproveitaste, hã?

Encolho os ombros, retribuindo o seu sorriso enviesado.

— Também roubei montes de cenas. Acho que tu és uma má influência.

Ele solta uma gargalhada.

— Ai é?

Algo no brilho do seu olhar começa a parecer-me preliminares. Sempre que ele está por perto, acontece rapidamente. Vai de zero a *fode-me* em dez segundos. Não consigo evitar pensar que todos os outros conseguem perceber, mas não me importo. O Cooper Hartley entra numa divisão e eu perco completamente a cabeça. Odeio. Adoro.

— Tivemos sorte por ela ter vindo — diz a Steph, enquanto os rapazes se servem de café na cozinha.

— Esta maluca subiu ao telhado e tapou o buraco sozinha. — A Alana ergue a caneca de café para o Evan voltar a encher, o que ele faz, revirando os olhos à imagem de nós as três aconchegadas nos nossos casulos. — E por falar nisso — acrescenta ela —, ninguém use a casa de banho dos hóspedes. Agora é um aquário.

— Sempre odiei aquele papel de parede, de qualquer forma — observa a Steph, e, por alguma razão, faz-nos rir, a mim e à Alana.

— Espera. — O Cooper detém-se no meio da sala. O seu olhar desconfiado fixa-se em mim. — Tu subiste ao telhado?

— Talvez tenha encontrado uma nova vocação — digo, bebericando o café. — Eu é que devia fazer as obras do hotel, como as pessoas da televisão.

— Oh. — A Steph bate-me no braço. — Reclamo o direito de apresentar o *reality show*.

— Ainda não acredito que compraste o Beacon. — A Alana soa admirada. — Não faz sentido nenhum.

O Cooper bate com a chávena de café no armário da televisão, derramando o líquido e deixando a sala em silêncio.

— Nenhuma de vocês tentou sequer impedi-la?

— Coop, correu tudo bem. — A Steph despreza a sua explosão. — Foi só um bocadinho de chuva.

— Isso é porque não eras tu que estavas lá em cima.

O veneno na sua voz surpreende pela sua severidade. Não sei de onde vem esta raiva repentina. Se foi uma coisa particularmente responsável de se fazer? Não. Mas ninguém se magoou. Exceto o rabo do Cooper, aparentemente.

Faço-lhe uma pequena careta.

— Ei, está tudo bem. Eu estou bem. Elas precisavam de ajuda e eu ofereci-me para vir. A decisão foi minha.

— Não me interessa quem teve esta ideia estúpida. Devias ter mais juízo — diz ele, com um tom condescendente não muito diferente do que ouvi do Preston quando lhe mostrei o hotel.

Agora estou um bocado chateada. Porque é que todos os gajos com quem ando acham que precisam de ser meus pais? Não acabei a relação com o Preston para agora deixar outro gajo tratar-me como uma criança.

— E vocês as duas — diz, olhando para as amigas — deviam tê-la impedido.

— Meu, calma. — A Alana atira a cabeça para trás com um suspiro aborrecido. — Ela é crescidinha. E estamos contentes por ela estar aqui. — Sinto que é o pedido de desculpa mais sincero e possível de arrancar à Alana. O nosso esforço conjunto esta noite atenuou a indiferença com que me tem tratado, e acho que agora estamos numa boa.

— Vai à merda, Alana. Ela só fez esta brincadeira para tu e Heidi deixarem de a ignorar.

— Não me lembro de te pedir que falasses por mim — exclamo, porque, obrigada, parvalhão. Estava a fazer progressos e isto não está a ajudar.

O Cooper aproxima-se do sofá, pairando sobre nós.

— Podias ter morrido — exclama. — Caso não tenhas reparado, estamos praticamente no meio de um furacão.

Fico boquiaberta.

— Estás a gozar comigo? *Caso não tenha reparado?* E agora, de repente, estás preocupado com a minha segurança? Foste tu que me deixaste em tua casa no meio de um furacão. Eu estava lá sozinha! Só eu e a Patricia, a gritar que nem uma bruxa!

Ele pestaneja, olhando para mim como se eu fosse louca.

— Ela chama-se *Daisy*.

Ponho-me de pé, agarrando a manta contra o corpo como uma toga.

— Não estou a falar da cadela! Estou a falar da Patricia!

— Eu sei lá quem é a Patricia, sua lunática!

— A menina que se afogou à frente da tua casa há cem anos e...

Interrompo-me, o meu olhar furioso voltando-se para o Evan, cujos lábios se contraem de forma descontrolada.

— Seu estúpido — vocífero. — A sério?

O Evan cruza os braços sobre o peito.

— Mackenzie. Querida. Não vou pedir desculpa por acreditares em tudo. A culpa é tua.

No sofá, a Alana e a Steph ficam histéricas. A Steph tem lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto enquanto sibila *menina morta* entre risinhos.

À minha frente, o Cooper está claramente a tentar não se rir.

— Não te atrevas — aviso, espetando um dedo no espaço entre nós.

— Quer dizer — o Cooper treme, tentando combater o riso —, ele tem razão. A culpa é tua.

Fico a olhar para ele.

— Ele é um sádico! E tu és um parvalhão.

— Eu sou um parvalhão? Lembra-me lá quem é que subiu ao telhado e quase foi atingida por um relâmpago?

— Oh, meu Deus, eu não fui quase atingida por um relâmpago. Agora estás a ser ridículo. — Indignada, pouso as mãos nas ancas, esquecendo-me da manta enrolada à minha volta.

A manta cai no tapete molhado, deixando-me apenas de soutien de desporto preto e cuecas de biquíni cor-de-rosa néon.

O Evan lambe o lábio inferior.

— Assim, sim.

Apesar do lampejo de desejo na sua expressão, o tom do Cooper permanece calmo.

— Vai buscar as tuas roupas, Mac. Vamos embora.

— Não — digo teimosamente.

Ele semicerra os olhos.

— Anda.

— Não. Eu vivo aqui agora.

A Alana ri-se.

— Mackenzie. — Dá um passo em frente, ameaçador. — Vamos.

— Não. — A minha garganta fica subitamente seca. A tensão adensa o ar. Não sei se o Cooper está zangado ou excitado, mas o seu olhar ardente suga todo o oxigénio da sala.

O Cooper olha para o irmão.

— Evan, dá-me as tuas chaves. Podes levar a minha carrinha para casa.

Com um sorriso cúmplice, o Evan põe a mão no bolso e atira um molho de chaves ao irmão.

Levanto o queixo.

— Não sei o que pensas que está a acontecer neste momento, mas eu *não* vou...

Antes de conseguir sequer pestanejar, sou atirada sobre o ombro do Cooper. Fico a olhar para as suas botas molhadas enquanto ele nos leva até à porta.

— Põe-me no chão! — grito, mas a chuvada que nos atinge no momento em que saímos de casa afoga a minha súplica furiosa.

Bruscamente, o Cooper atira-me para o lugar do pendura no jipe do Evan e corre para o lado do condutor. Quando liga o motor e se vira para olhar para mim, tenho a minha resposta à pergunta *zangado versus excitado*.

O seu olhar derrete-se.

— Vou pôr-me dentro de ti assim que chegarmos a casa. — Uma ameaça. Uma promessa.

Excitado.

Decididamente excitado.

CAPÍTULO 27

Mackenzie

— Chuveiro. Já.

A ordem resmungona do Cooper faz-me sentir um arrepio no corpo. Acabámos de correr do jipe para a sua casa, ficando completamente ensopados. Continuo apenas de roupa interior e tenho os dentes novamente a bater. Felizmente, não fico com frio durante muito mais tempo. Na sua casa de banho, o Cooper abre a água quente e, rapidamente, há vapor a sair do chuveiro revestido a mosaico.

Dispo o soutien de desporto e as cuecas e entro no chuveiro, gemendo de prazer à medida que o calor permeia o meu corpo. Um momento depois, a temperatura sobe mais não sei quantos graus, quando o Cooper, nu, se põe atrás de mim.

Ele envolve-me nos seus braços fortes, abraçando-me contra si. As minhas costas ficam encostadas ao seu peito largo. Consigo sentir a saliência da sua ereção contra o meu rabo.

— Tu deixas-me louco. — As suas palavras roucas são abafadas pela água do chuveiro.

— A sério? Parece que tu é que estás a *deixar-me* louca. — Estremeço de prazer quando as palmas das suas enormes mãos deslizam pelas minhas costelas para acariciar os meus seios. Os meus mamilos contraem-se.

— Podias ter-te magoado naquele telhado.

— Mas não magoei.

— Estavas mesmo com medo aqui sozinha? — Parece sentir-se culpado.

— Um bocadinho. Estava a ouvir um grito vindo lá de fora e as luzes não paravam de tremeluzir.

Ele ri-se.

— O ruído do vento é bastante ensurdecedor. E precisamos de renovar a maior parte das instalações elétricas da casa. A eletricidade é uma merda.

— Estúpido do Evan — murmuro, irritada por ele ter conseguido fazer-me questionar a minha antiga descrença na existência de fantasmas.

— Que tal não falarmos sobre o meu irmão quando estamos os dois nus? — sugere o Cooper.

— Boa ideia. — Viro-me, estendendo a mão entre nós e começando a acariciá-lo.

Ele estremece.

— Sim. Continua a fazer isso.

— O quê? Isto? — Envolver os meus dedos em torno do seu pénis e faço-lhe uma carícia provocadora.

— Hum.

— Ou... — Faço-lhe mais uma carícia, outro lento deslizar, e ponho-me de joelhos. — Ou podia fazer *isto*?

Antes de ele conseguir responder, envolvo-o com os meus lábios e chupo delicadamente.

O Cooper geme e impulsiona as ancas para a frente.

Uma onda de puro poder atravessa o meu corpo. Era capaz de me habituar a esta sensação. A satisfação de saber que fui eu a provocar aquela expressão carente e desesperada nas suas feições. Saber que, neste momento, o tenho na palma da mão. Ou melhor, na ponta da língua. Dou-lhe uma pequena lambidela e a sua reação rouca faz-me sorrir.

— Estás a provocar-me — murmura.

— Hum-hum. — Provo-o mais uma vez, uma lambidela longa e molhada por toda a sua extensão. — É divertido.

A sua mão desce, os seus longos dedos emaranhando-se no meu cabelo encharcado. A água cai sobre nós. Os pingos agarram-se ao seu peito antes de lhe escorrerem pelo corpo, viajando sobre músculos e tendões.

Apoio uma mão na sua coxa firme, envolvendo a outra na sua ereção e chupando-o profundamente. Ele guia-me em silêncio, encorajando-me com a mão na nuca. O meu corpo inteiro ferve, tenso de desejo. Quando olho para o Cooper e vejo os seus braços tatuados, a barba a escurecer-lhe o queixo, e sinto o seu latejar na minha língua, não me arrependo de nada do que me trouxe até aqui.

Tens fogo dentro de ti, Mac. Disse-me ele na noite da feira. Disse que eu me excitava com a emoção, com a *vida*. Tinha razão. Nunca me senti tão viva desde que acabei com o Preston e comecei a andar com o Cooper.

— Não me quero vir assim — murmura. Depois, põe-me de pé e beija-me com tanta força que me tira o fôlego.

As suas mãos sedentas acariciam o meu corpo enquanto a sua língua brinca com a minha. Sinto-me excitada e dorida e mais do que pronta para ele. Porém, apesar da minha busca pela emoção, o sexo sem proteção não está na minha lista de desejos, e eu e o Cooper estamos juntos há pouco tempo.

— Preservativo. — Relembro, sussurrando contra os seus lábios ávidos.

Sem argumentar, ele desliga o chuveiro e corremos para o quarto, pingando água por todo o lado e rindo da nossa urgência.

— Na cama — ordena ele, devorando o meu corpo nu com o olhar.

Assim que me deito, o meu cabelo molhado ensopa a almofada, mas estou demasiado excitada para me sentir mal

com isso, e o Cooper não parece importar-se. Ele está de preservativo posto e em cima de mim antes sequer que eu consiga pestanejar. Beija-me novamente, excitado, voraz, a sua língua deslizando para dentro da minha boca enquanto me penetra fundo.

Arquejo, estremecendo com o arrepio de prazer que me sobe pela espinha. Roço as unhas pelas suas costas húmidas e envolvo as pernas à sua volta, puxando-o mais fundo.

— Sabes tão bem — murmura ele contra os meus lábios.

— Tu também. — Ergo as ancas para ir ao encontro dos seus movimentos apressados, agitando-me contra ele. Louca de desejo. — Mais depressa — imploro.

Ele move-se mais rapidamente, não demorando muito até eu estar a ver estrelas e a estremecer com o orgasmo. O Cooper não demora muito mais do que eu. Começa a mover-se com mais ímpeto contra mim, continuando a beijar-me, e morde-me o lábio ao vir-se.

Ficamos deitados de barriga para cima a recuperar o fôlego. Uma sensação de puro contentamento abate-se sobre mim. Não me lembro da última vez em que me senti tão saciada depois do sexo. Saciada em geral.

— Ainda estou chateado por teres subido ao telhado.

Viro a cabeça para olhar para ele.

— A sério?

— Foi uma cena estúpida.

— Eu não me arrependo — digo orgulhosamente.

— Claro que não. — Parece que está a tentar não se rir. Ou talvez esteja a tentar não me estrangular.

Aparentemente, somos ambos péssimos a desistir de uma discussão. Não está na nossa natureza, suponho. Mas eu consigo viver com isso. Não seria capaz de o respeitar de outro modo. A última coisa que quero é um capacho.

Por outro lado, demasiadas discussões não são bom sinal,

pois não?

Suspiro.

— Nós discutimos muito. Sinto que é a segunda coisa contra nós.

— Qual é a primeira? — pergunta, curioso.

— Somos totalmente opostos. E, sim, dizem que os opostos se atraem e que a discussão pode ser uma libertação saudável da paixão e tudo isso, mas vimos de contextos tão diferentes. — Hesito, e depois confesso: — Às vezes, não faço ideia de como é suposto encaixarmos na vida um do outro. Além do facto de seres um idiota do contra e que, na maior parte do tempo, só me apetece bater-te... — Sai-me outro suspiro. — Como eu disse, são duas coisas contra nós.

— Mac. — O colchão agita-se quando ele se senta. Os seus olhos negros olham para mim. Intensos, com uma sugestão de brincadeira. — Primeiro, *dizem*? Quem é que *diz* e quem é que se importa? Algumas pessoas querem calma, outras querem paixão. Somos nós que definimos a nossa relação. E, segundo, detesto ser eu a dizer-te, mas somos *ambos* idiotas do contra.

Sorrio.

— A única coisa oposta em nós são as nossas contas bancárias. Nós dois somos muito mais parecidos do que tu e o teu ex certinho.

— Ai é?

— Podes crer que é. Sabes o que é que eu acho?

— Por favor, partilha — digo graciosamente.

— Acho que estavas com aquele imbecil porque ele era seguro. Tu própria o disseste, ele ajudava-te a ser controlada. E tu precisavas disso porque, no teu mundo, não te podes exprimir ou ser tu própria ou fazer alguma coisa que possa atrair atenções negativas à tua família, certo? Bem, não precisas de fazer isso comigo. Essas duas coisas que mencionaste podem ser fatores no teu outro mundo, mas, aqui,

tu e eu somos exatamente quem e o que devemos ser.

O meu coração aperta-se. Enfim. Quando ele diz coisas destas, torna-se muito difícil não ficar completamente apanhada por ele.

Bonnie: *Não vou estar em casa hoje ? noite! Tenta não sentir demasiado a minha falta, 'tá? Sei que será difícil, mas tenho fé em ti!*

Sorrio com a mensagem. A Bonnie é a maior. Sentada na cama, escrevo-lhe uma resposta rápida.

Eu: *Oh, a sair numa noite de escola, sua marota. Deixa-me adivinhar, vais fazer uma festa do pijama com o... Edward?* Bonnie: *Queres dizer o Jason. Ele é só parecido com o Edward. Mas não.* Eu: *O Todd?* Bonnie: *Esse está fora de circulação.*

Perscruto o meu cérebro, tentando lembrar-me dos tipos com quem ela tem saído nestas últimas semanas. Mas ando um bocado distraída, com todo o sexo louco que ando a fazer com o Cooper.

Bonnie: *Fazemos assim, querida. Diz-me o nome do teu gajo local e eu chibo-me sobre a minha nova conquista.*

Esta rapariga é como um cão que não larga o osso. A Bonnie chateia-me todos os dias para saber com quem ando a sair. Sinto-me mal por estar a esconder-lhe o Cooper — afinal, ela estava lá quando começou —, mas também sei que o conhecimento nas mãos erradas pode ser uma arma. Não sei se estou pronta para armar esse canhão.

Eu: *O meu gajo local ainda é segredo.* Bonnie: *PRONTO! Então, o meu também é.*

Dois segundos depois, manda-me outra mensagem.

Bonnie: *Quem é que estamos a enganar? Ambas sabemos que não te consigo esconder nada. Chama-se Ben e é lindo!*

A seguir, manda-me uma captura de ecrã de uma fotografia do *Instagram* que mostra um rapaz alto com ar de deus nórdico.

Eu: *Boooooaaaa. Diverte-te.* Bonnie: *Oh, vou mesmo. Até amanhã!*

Pouso o telemóvel na mesa de cabeceira e pego no livro de Antropologia. É segunda-feira à noite e, apesar de, neste momento, preferir estar nua na cama do Cooper, passámos o fim de semana todo juntos. Assim, esta noite obrigo-me a ficar na residência. Não só para pôr os trabalhos da cadeira em dia, mas porque demasiado tempo juntos pode levar ao cansaço, e a última coisa que quero é que o Cooper se farte de mim. Sabe Deus quão longe estou de me fartar *dele*. Sem exagero, passo três horas por dia a fantasiar sobre ele.

Portanto, como boa rapariga que sou, acabo as leituras de Antropologia e Biologia, escrevo um esboço do trabalho de Literatura Inglesa e vou para a cama a uma hora bastante razoável: 22h45.

Infelizmente, a boa noite de sono que eu antecipava não acontece.

Por volta das duas da manhã, sou bruscamente acordada por três chamadas consecutivas do Evan.

Às quais se segue uma mensagem que diz: *Esquece. Não é urgente.*

Se fosse outra pessoa a ligar-me a meio da noite dizendo que não é urgente, mandava-a dar uma volta. Mas o facto de ser o Evan faz-me pensar. Só recentemente trocámos números de telefone, depois da noite da tempestade, quando eu não tinha

maneira de o contactar. Por isso, tenho a certeza de que ele não abusaria dos seus privilégios telefónicos a não ser que fosse, realmente, uma emergência. Ou, pelo menos, alguma situação dramática.

Afasto o cabelo dos olhos e ligo-lhe de volta.

— Estás bem? — pergunto, quando ele atende.

— Nem por isso. — As suas palavras pesam com gravidade.

— Onde é que estás?

— À porta do Sharkey's. Podes vir buscar-me? — diz, entre dentes. — Eu sei que é tarde, e não queria ligar, mas...

— Evan — interrompo. — Não há problema. Fica aí. Vou sair agora.

CAPÍTULO 28

Mackenzie

Quinze minutos depois, salto de um Uber e passo os olhos pelo passeio em frente ao Sharkey's Sports Bar. Não demoro muito a encontrá-lo. O Evan está sentado no passeio, com um ar de fundo de caixote do lixo que alguém deixou à chuva durante um mês.

— O que te aconteceu? — pergunto, reparando na mancha de sangue que tem na cara, a camisa rasgada no ombro e as mãos arranhadas e inchadas. Consigo sentir o cheiro a álcool a mais de meio metro.

Com os braços apoiados nos joelhos fletidos, parece exausto. Derrotado, até. Mal ergue a cabeça para me cumprimentar. Quando fala, a sua voz sai fatigada e frágil.

— Podes levar-me daqui?

É então que percebo que sou a sua tábua de salvação. Pedir a minha ajuda é mais doloroso do que qualquer coisa por que tenha passado esta noite, e, agora, o que mais precisa é de bondade.

— Está bem. — Baixo-me e passo um dos seus braços sobre o meu ombro para ajudar a aguentar o seu peso. — Eu seguro-te.

Quando estamos a levantar-nos, três tipos assomam à esquina. Ostentando as suas letras gregas nas t-shirts, gritam algo indistinto e incoerente ao aproximarem-se.

— Oh, olá, bebé — diz um deles, pousando o seu olhar turvo em mim e esboçando um sorriso pegajoso. — O que tens aí? Encontraste um vadio na sarjeta?

— Vai-te lixar, cabrão. — O Evan resmunga um insulto hesitante. Mal se aguenta em pé, apoiando-se em mim, mas isso não o impede de arranjar discussão. Há que admirar a sua força moral.

— Este filho da puta outra vez? — O mais alto dos universitários aproxima-se, olhando para o Evan antes de se virar para os seus amiguinhos. — Vejam quem voltou, rapazes.

Olho para os três tipos com um olhar fatal.

— Deixem-nos em paz.

— Não tiveste já a tua conta, meu? — O terceiro tipo aproxima-se, baixando-se para olhar o Evan nos olhos enquanto ele tenta levantar a cabeça. — Pensaste que estavas a ser hilariante quando nos tentaste enganar, hã? Agora não te estás a rir, pois não? Aldeão de merda.

O meu olhar torna-se feroz. Estou cansada, irritada e sem mãos a medir com o Evan. Não há um pinga de paciência que sobre para estes idiotas.

— Ei, eu conheço-te — diz, subitamente, o mais alto, semicerrando os olhos.

— Duvido — apresso-me a responder.

— Não, eu conheço-te. Sim. És a namorada do Preston Kincaid. — Ele ri-se jovialmente. — Sim, és a miúda do Kincaid. Eu estou na república dele. Vi-vos aos dois numa festa da faculdade há uns tempos.

Uma sensação de inquietação invade-me a garganta. Excelente. A última coisa de que preciso é que as atividades desta noite cheguem aos ouvidos do Preston. Agarro o Evan com mais força e digo:

— Não faço ideia de quem tu és, meu. Agora, por favor, sai do caminho.

— O Kincaid sabe que andas por aí com outros nas costas dele? — O seu riso torna-se maníaco. — E com este merdas, ainda por cima? Fogo. Vocês, mulheres, são mesmo vadias.

— Vadias — repete um dos outros tipos, bêbedo.

Quando ambos tentam aproximar-se mais, já estou oficialmente pelos cabelos.

— Saiam daqui, filhos da puta. — A minha voz estala como um chicote, ecoando na parede de tijolo do bar.

— Senão o quê? — goza o mais alto.

Com um resmungo impaciente e zangado, enfio a mão na carteira e saco de uma lata de gás-pimenta, apontando-a aos universitários até eles recuarem.

— Juro que sou mais doida do que pareço. Experimentem.

Algures, ao longe, uma sirene soa. É o suficiente para os assustar.

— Meu, esquece esta cabra, vamos embora.

Apressam-se a entrar num carro que está do outro lado da rua e fogem, os pneus a chiar quando dão meia-volta.

— De onde raio é que isso veio? — O Evan consegue dar uma gargalhada, ainda agarrado a mim com um braço sobre o meu ombro.

— Uma mulher prevenida vale por duas.

— Claramente.

— Também viajei sozinha durante algum tempo, o que, no mínimo, me ensinou a estar preparada para o que se esconde nas sombras. — Com isto, arrasto-o até ao jipe e tiro-lhe as chaves do bolso. Ele consegue subir para o lugar do pendura e eu ponho-me atrás do volante.

— Não posso ir para casa — diz ele. De olhos fechados, agita a cabeça contra a janela. Está demasiado pesada para o seu pescoço.

Ajusto o lugar do condutor para acomodar as minhas pernas mais curtas.

— OK... E a casa da Steph e da Alana?

— Por favor, não. — Ele fala em lufadas entrecortadas. — O Coop não pode saber.

Não sei bem os seus motivos ou a que se refere, mas compreendo o seu desespero. O que não me deixa alternativa senão levá-lo para Tatty Hall.

Conseguir levá-lo até à minha residência no quarto andar é um desafio, mas conseguimos chegar inteiros. Lá dentro, sento-o na borda da banheira para lhe limpar as feridas. Tenho uma sensação de déjà-vu. Qual é a cena destes Hartley, hã?

Enquanto lhe limpo o sangue do rosto com um pano molhado, não consigo ignorar o seu olhar a seguir todos os meus gestos. Tem algumas nódoas negras e pequenos cortes, mas nada de grave. Preciso só de aplicar um pouco de pomada e pôr uns pensos rápidos.

— Maus perdedores — diz ele.

— Hã?

— Aqueles gajos. Venci-os no bilhar e eles não reagiram bem. Não deviam jogar a dinheiro, se não estão preparados para perder.

— Costumas atacar as pessoas quando estás em desvantagem numérica?

Ele solta uma gargalhada e retrai-se, agarrado ao flanco.

— Pensava que tinha a vantagem de estar a jogar em casa. Parece que havia mais pessoas a guardar rancor do que eu pensava.

Ergo uma sobrancelha, olhando para ele.

— Não têm um ditado sobre não cuspir no prato onde se comeu?

— Sim, sou capaz de já ter ouvido esse.

— Tens de diversificar.

— Adaptar-me ou morrer, é isso?

— Qualquer coisa do género. — Assim que termino o

curativo, dou-lhe um copo de água e uma aspirina e trago-lhe um saco de gelo. — Podes curar a bebedeira no quarto da Bonnie — sugiro. — Ela não está cá esta noite e sei que não se importa.

— É bom que não se importe. Eu fi-la vir-se três vezes nessa noite.

Disfarço uma gargalhada.

— Que generoso. — Parece que se passaram anos desde que o Evan e a Bonnie desapareceram juntos pela praia. Um dia depois, ela já andava atrás da sua próxima conquista. Não houve confusões entre aqueles dois.

Levo-o até à beira da cama da Bonnie e começo a despi-lo da forma mais clínica possível. Tento não olhar para o seu corpo e compará-lo ao do Cooper, mas é difícil. O seu peito está mesmo ali e, sim, é tão musculado como o do irmão. Mas não tem tatuagens. Pelo menos, até eu o ajudar a virar e perceber que tem uma tatuagem enorme nas costas. Está demasiado escuro para perceber o que é.

— Obrigado — diz, assim que se deita.

Embora não diga mais do que isso, sei que é sincero. O que quer que se passe entre ele e o Cooper, é bom saber que pedir a minha ajuda foi a melhor opção. Considero-o um passo na direção certa, saber que o Evan confia em mim desta maneira. Um dia de cada vez.

Delicadamente, passo-lhe a mão pela cabeça, como se ele fosse uma criança com uma ligeira febre.

— Não tens de agradecer.

Na manhã seguinte, estou a arranjar-me para ir para as aulas quando o Evan irrompe do quarto da Bonnie, agarrado ao telefone.

— Sim, eu sei, eu sei. Vou já para aí. Já ouvi, foda-se. — Ele anda aos tropeções a tentar vestir as calças de ganga enquanto

vasculha o quarto da Bonnie à procura de alguma coisa. — Dez minutos.

Quando o questiono com o olhar, faz o gesto das chaves. As chaves! Ainda tenho as chaves do jipe no meu quarto. Saio a correr e pego nelas, atirando-lhas. Ele apanha-as no ar, facilmente.

— Não — diz, ao telefone. — Meu, estou a sair agora, vê lá se te acalmas.

É o Cooper?, articulo em silêncio, ao que o Evan acena com a cabeça. Estendo a mão para que me passe o telefone. A princípio, fica desconfiado, depois, cede.

— Olha, a princesa quer falar contigo. — Desta vez, em vez de uma expressão sarcástica, ele sorri com os olhos. Talvez seja uma súplica.

— Oi — digo, não dando hipótese ao Cooper de me interromper. — Convidei o Evan para tomar o pequeno-almoço, mas o sítio estava à pinha e perdi a noção das horas. Tinha de pedir o *soufflé*, sabes como é.

— Pequeno-almoço, hã? — Está desconfiado, claro. É natural.

Mantenho a história.

— Sim, achei que seria uma oportunidade para conversarmos, sabes? Passar tempo com a família.

Através do telefone, consigo praticamente sentir o Cooper a revirar os olhos.

— Pois. Diz-lhe mas é que venha trabalhar.

— OK, beijos, adeus — entoo docemente, porque quanto mais baralhar o Cooper, mais ele aceitará esta premissa completamente descabida. Terminando a chamada, devolvo o telefone ao Evan. — Acho que ele acreditou.

Ele lança-me um olhar divertido, mas confuso.

— Salvaste-me a vida.

— Eu sei. Agora, posso perguntar porque estás a mentir ao

teu irmão?

Passando as mãos pelo cabelo, o Evan suspira. Ele é do tipo que odeia ter de se explicar. Eu percebo. Mas o que é justo é justo.

— O Coop já anda em cima de mim — diz, relutantemente. — Se ele descobre o que aconteceu ontem à noite, vai fazer uma intervenção ou uma merda estúpida dessas.

— Precisas de uma intervenção? — Sei que o Cooper tem andado preocupado com o Evan, por estar a perder o controlo, mas não me contou pormenores. A julgar pela noite de ontem, suponho que os possíveis culpados sejam o álcool e a porrada.

— Decididamente, não — assegura-me o Evan.

Não sei bem quem está a tentar convencer, mas não resulta com nenhum de nós.

Suspiro.

— Promete-me uma coisa.

Ele revira os olhos. É nestas alturas que eu me esqueço de que ele e o Cooper não são a mesma pessoa.

— Eu não conto nada desde que sejas honesto comigo. Se não queres falar com o Cooper, eu sentir-me-ia melhor se, pelo menos, me deixasses ficar de olho em ti.

— Não preciso de uma *baby-sitter*. — Ele remata a frase com uma expressão carrancuda.

Pois. Já percebi porque estão sempre à bulha. O Cooper é autoritário e o Evan é um idiota obstinado. Fazem uma tempestade perfeita.

— Eu não quero ser tua *baby-sitter* — digo-lhe. — Por isso, que tal sermos amigos? Combinado?

Ele lambe os lábios para tentar reprimir um sorriso. Chega a ser encantador.

— Está bem, princesa. Combinado.

Apertamos as mãos. Dou-lhe para aí cinquenta por cento de hipóteses de cumprir a sua parte do acordo. Ainda assim,

estamos a quilómetros do nosso ponto de partida, e eu sou suficientemente inteligente para aceitar o que vier.

CAPÍTULO 29

Cooper

Hoje, a Mac tem mais uma inspeção no hotel, portanto, tiro a tarde de folga para ir lá com ela. Ela diz que é para eu lhe traduzir as coisas, mas acho que está nervosa pelo sarilho em que se meteu. Não posso censurá-la. Mesmo que tivesse uma batelada de dinheiro de família, meter-me numa coisa tão complicada como renovar um hotel — já para não falar em gerir aquela porcaria — também me deixaria bastante ansioso. Assim, enquanto o inspetor faz o que tem a fazer, eu e a Mac damos uma volta pelo passeio marítimo à espera do veredito.

— Começo a pensar que não é fácil comprar um hotel condenado — diz, triste.

Não consigo evitar sorrir.

— Ai é?

— Sim. — Ela baixa-se para fazer festinhas à *Daisy*, que está sentada aos seus pés. Quando estamos em casa, esta cadela não me deixa em paz um segundo, mas, assim que a Mac aparece, deixa de saber quem eu sou.

— Podes desistir. — Segundo percebo, a venda final da propriedade ainda está dependente da conclusão desta última inspeção. Os últimos pormenores e assim.

— Não, estou empenhada. É só muita coisa, percebes? Pensar em tudo o que há para fazer. Tudo o que não sei.

— Então, mas vais perceber.

Ela morde o lábio.

— Certo. — Depois, acena, rápida e decididamente. — Tens razão. Vou perceber.

É *disto* que eu gosto nela. A sua confiança. A coragem. Teve uma ideia e um pouco de iniciativa e atirou-se para a frente. A maioria das pessoas passa a vida a desistir dos sonhos. A mencionar as razões por que as coisas são demasiado difíceis ou inatingíveis. A Mac não.

— Quando olhas para este sítio, ainda sentes o mesmo que sentias quando fizeste a proposta de compra? — pergunto.

Ela sorri, a ambição cintilando-lhe no olhar ao encarar o edifício em ruínas.

— Sinto.

— Avança. Não podes ganhar se não apostares.

— Isso é a lotaria — diz ela, tocando-me no ombro.

— É a mesma coisa.

Na verdade, fiquei contente por ela me ter pedido para vir. Mesmo que fosse só para apoio moral. Não tenho muito para dar a uma rapariga como a Mackenzie Cabot. Nada que ela não tenha já ou que não possa conseguir sozinha. Mas todos queremos sentir-nos úteis. Não sei quando é que aconteceu, mas, a determinada altura, comecei a querer que ela precisasse de mim.

Passadas umas horas, o inspetor aparece com o seu bloco de notas e percorre a lista com a Mac. A maior parte das coisas já esperávamos, algumas, não. Todas vêm com um preço.

— Qual é o prejuízo? — pergunta a Mac, depois de ele referir os pontos um a um.

— Vai sair caro — diz o homem através do seu enorme bigode. — Dito isto, não há razão para este sítio não ficar operacional outra vez. Desejo-lhe sorte.

Depois de apertarem as mãos, ele passa-lhe a papelada e

dirige-se ao seu carro.

— Então? — apresso-me a perguntar, tirando-lhe a trela da *Daisy* das mãos.

Ela hesita. Apenas por um segundo. Depois, esboça um sorriso.

— Acho que é melhor ligarmos ao banco.

Admito que é bastante excitante ela conseguir reunir alguns milhões como se estivesse a apostar nos Panthers. Assenta-lhe bem.

Depois de desligar o telefone, passeamos pela praia e deixamos a *Daisy* correr um bocado.

— Ouve. — A Mac levanta a areia com os dedos dos pés, apanhando as conchas que lhe chamam a atenção. Pega numa concha, olha para ela e deixa-a cair na areia. — Eu sei que estou fora do meu elemento. Tenho mais jeito para passar cheques do que para renovar a instalação elétrica de um edifício.

— Não tem nada que saber. Conheço muita gente num raio de quinze quilómetros que faz este tipo de trabalho.

— É isso que quero dizer. Tu conheces a área, as pessoas.

Vem aí um pedido, e não consigo imaginar porque não vai direta ao assunto.

— Desembucha, Cabot.

Ela vira-se para mim, arqueando uma sobrancelha.

— Quero contratar o teu tio Levi para fazer esse trabalho.

Franzo a testa.

— Que parte?

— Tudo. O máximo possível. O que ele conseguir, quero que subcontrate pessoas em quem confia. Os tipos que usaria para renovar a casa da mãe. Manter a coisa na família, por assim dizer.

— Uau. OK... — Quer dizer, estava à espera de que ela falasse com ele, talvez. Pedir-lhe algumas referências. Talvez

atirar-lhe um projeto ou dois.

Isto é... muita coisa.

— Pareces hesitante — observa a Mac.

— Não, não. Não estou. É, hum...

— Um grande compromisso? — Ela começa a sorrir. A rir, na verdade. Acho que esta miúda está a rir-se de mim.

— Não tenho medo do compromisso, se é isso que estás a sugerir.

— Hum-hum — diz ela.

— Vou comprometer-te toda.

— Ótimo. — Pensando que já ganhou, vira-se e continua a andar. — Então, está combinado. Marca uma reunião com o Levi para podermos discutir objetivos e um preço justo.

— Espera aí, princesa. Ele tem outros trabalhos em curso. Não sei qual é a sua disponibilidade. Não te precipites.

— Pormenores. — Ela agita a mão na minha direção. — Tudo pode ser negociado. Com determinação, tudo é possível.

— Está bem, eu apresento-lhe a proposta se guardares esses lugares-comuns pirosos para ti mesma.

A Mac pega num pedaço de madeira e atira-o à *Daisy*.

— Não prometo nada.

Reviro os olhos nas suas costas. Esta mulher é um bocado insuportável, mas eu adoro. De alguma forma, ela mexe comigo. Gosto dela, mesmo quando está a ser irritante.

— Diz-me a verdade — digo, não conseguindo evitar. — Esta cena toda faz alguma mocha na tua conta poupança?

Até me custa adivinhar um valor. A dada altura, todos os zeros começam a misturar-se. A diferença entre cem milhões e quinhentos milhões é a mesma entre nadar até à China ou até à Nova Zelândia para um homem que está a afogar-se.

Ela fica calada um instante. Depois, mais um pouco. Uma inquietação aparente tira-lhe a boa disposição.

— Na verdade, não posso tocar na minha conta poupança até

fazer 25 anos.

Isto faz-me pensar... Então, como é que comprou um hotel? Sei que os pais não lhe têm dado dinheiro. Ela tem-me falado da desaprovação deles quanto às suas ambições.

— A não ser que sejas uma baronesa da droga, e se fosses, eu estaria completamente na boa, onde raio é que uma miúda de 20 anos arranja esse dinheiro todo?

— Vais achar estúpido — diz ela, parando a olhar para o chão.

Começo a ficar um bocado nervoso. De repente, pergunto-me se seria na boa ela dizer-me que é uma *camgirl* ou assim. Ou pior, se me tentasse convencer a entrar no seu esquema de pirâmide para investir em óleos essenciais.

Felizmente, ela ganha coragem para desembuchar antes de a minha imaginação levantar realmente voo.

— Lembras-te de quando me vieste mostrar aquela história engraçada do namorado? Aquela em que a rapariga estava à procura de tampões na casa de banho da mãe do tipo com quem tinha saído?

As minhas sobrancelhas até voam. O que tem isso que ver com o que quer que seja?

— Sim...

— Fui eu que criei esse site. *BoyfriendFails*. Que acabou por dar origem a outro, chamado *GirlfriendFails*.

— Espera, estás a falar a sério?

Ela encolhe os ombros.

— Estou.

Caramba.

— E fizeste esse dinheiro todo com isso?

Outro encolher de ombros envergonhado. Fico confuso, por que razão há de sentir-se envergonhada?

— Mackenzie, isso é do caraças — digo.

— Não achas que é estúpido? — Ela olha para mim com os

seus olhos verdes enormes e esperançosos. Não sei se deva sentir-me um idiota por ela achar que a julgaria por causa disto.

— Que raio, claro que não. Estou impressionado. Aos 20 anos, eu deixava o arroz queimar. — Quer dizer, *ainda* deixo o arroz queimar.

— Os meus pais odeiam. — A sua voz torna-se amarga, como acontece sempre que falamos deste assunto, embora ultimamente seja pior. — É como se tivesse feito uma tatuagem na testa ou qualquer coisa assim. Eles continuam à espera de que «isto me passe». — Faz um gesto zangado de aspas no ar, levantando areia com o pé. — Eles não percebem.

— O que é que não percebem? A sua filha nem sequer pode alugar um carro, mas já se tornou milionária por conta própria.

— Sentem-se envergonhados. Consideram que é um disparate estúpido e tonto de escola secundária. Sei lá, se calhar até é. Mas qual é o mal, se faz as pessoas rir, não é? Para eles, a minha empresa é uma distração. A única coisa que esperam de mim é que tire um curso respeitável e case com alguém rico para poder ser como a minha mãe e participar nas suas beneficências. É tudo uma questão de aparência. É tudo moda para eles.

— Uau, isso parece-me completamente estúpido. — Abano a cabeça, porque, realmente, não percebo. Ricos a comprarem símbolos de estatuto social para impressionar outros ricos que compraram os mesmos símbolos de estatuto social para os impressionar. Um círculo vicioso de desperdício e presunção. — Dar centenas de milhares de dólares a uma universidade só pela aparência? Que raio.

— Eu nem sequer queria vir para a Garnet, mas foi a única forma de aceitarem o ano que tirei a seguir ao secundário para ter tempo de criar as minhas aplicações e expandir a empresa. Mas, desde que cá cheguei, só me apetece abraçar um novo

desafio, encontrar um novo empreendimento que me entusiasme tanto quanto os meus sites quando os lancei.

— Sabes o que eu acho? Faz o que te apetecer e que se lixe o que os outros pensam.

— É mais fácil falar do que fazer — diz ela, com o familiar tom ansioso.

A *Daisy* traz-nos um pequeno caranguejo-eremita escondido na casca. A Mac pega nele e pousa-o na areia, pegando noutro pau para atirar em vez do caranguejo.

— E então? — Para ela, os pais sempre foram um obstáculo intimidante a impedi-la de perceber o que realmente quer da vida. Para alguém com todas as vantagens, isso é treta. Ela é mais forte do que isto. — Se queres alguma coisa realmente, luta por isso. Apara os golpes. Qual é a pior coisa que podem fazer, cortar relações contigo? Se fores honesta com eles sobre o quanto isto significa para ti e, mesmo assim, não apoiarem os teus sonhos, será que te vão fazer assim tanta falta?

Ela liberta um leve suspiro.

— Honestamente, às vezes, pergunto-me se me amam sequer. A maior parte do tempo não passo de um adereço ou uma peça no tabuleiro do seu grande jogo de estratégia. Sou como uma boneca.

— Eu podia aborrecer-te de morte com histórias familiares de merda — digo. — Por isso, eu percebo. Não é a mesma coisa, mas, acredita, eu sei o que é sentirmo-nos sozinhos e desprezados. Sempre a tentar preencher esse vazio com alguma coisa, qualquer coisa. Quase consigo perdoar o meu pai por ter sido um cabrão, sabes? Ele tinha um vício. Transformava tudo o que tocava em merda. Por fim, esse vício matou-o. Nem sequer fiquei muito triste, tirando o facto de que, de repente, só tínhamos a minha mãe. Só durante um tempo, de qualquer maneira, porque depois ela também se foi embora. Estavam os dois ansiosos por fugir de nós. — Sinto a garganta fechar-se. —

Passei demasiado tempo com medo de ficar igual a qualquer um deles. Com medo de estar a remar contra a maré, independentemente do que faça, e acabar morto ou ser um falhado.

Foda-se.

Nunca tinha dito estas palavras em voz alta.

É assustador como a Mac puxa por mim. E como quero que ela me conheça. É assustador como não controlo o meu coração, que corre para a apanhar. Para a manter. Receio que a qualquer momento ela caia em si e acabe comigo.

— Ei. — Ela pega-me na mão, e a única coisa que me vem à cabeça é que, por esta miúda, eu atirava-me para o meio da estrada. — Vamos fazer um pacto: não podemos deixar que nenhum de nós se torne como os nossos pais. O sistema de parceiros nunca falha.

— Combinado. — É tão foleiro que me arranca um meio sorriso. — Mas a sério. Não desperdices o momento. Se o teu coração te diz que deves seguir uma coisa, não hesites. Não deixes que ninguém te limite, porque a vida é demasiado curta. Constrói o teu império. Derrota dragões.

— Devias estampar isso numa t-shirt.

A *Daisy* volta, enroscando-se aos pés da Mac. Parece que, finalmente, se cansou. Ponho-lhe a trela, e eu e a Mac sentamo-nos na areia. Um silêncio confortável cai sobre nós. Não compreendo como consegue incutir igualmente o caos e a paz dentro de mim. Às vezes, quando discutimos, só me apetece esganá-la. Ela dá-me cabo dos nervos. Faz coisas estúpidas, como subir escadas de metal a meio de uma trovoadas. E, de repente, temos momentos como este, sentados lado a lado, calados, perdidos nos nossos pensamentos, mas completamente em sintonia. Ligados. Não sei o que isto quer dizer. Como podemos nós estar a gritar um com o outro num momento e, no momento seguinte, estar totalmente em paz? Talvez queira

apenas dizer que somos ambos doidos.

Ou talvez signifique que estou a apaixonar-me por ela.

CAPÍTULO 30

Mackenzie

Uns dias a seguir à inspeção do hotel, encontro-me com a Steph e a Alana no centro da cidade, numa loja de sanduíches. É estranho como mal nos falávamos há poucas semanas, e agora conversamos quase todos os dias. Tudo começou quando a Steph resolveu incluir-me numa mensagem de grupo com a Alana para partilhar umas fotos do Evan no telhado a arranjar o buraco causado pela tempestade. Nas fotos, viam-se as suas calças de ganga descaídas, mostrando metade do rabo, e ela pôs a seguinte legenda: *Alguém está a fazer um trabalho desalinhado*. Depois, a Alana partilhou uma captura de ecrã engraçada do *BoyfriendFails*, e — embora tivesse medo de parecer que me estava a gabar ou que fosse mais uma alusão evidente ao assunto do dinheiro — confessei-lhes que tinha sido eu a criar aqueles sites. Felizmente, isso só fez com que gostassem mais de mim.

— Tira-nos aqui uma teima — diz a Alana, gesticulando sobre a mesa com um garfo de pickles. — É verdade que o Cooper tem a pila tatuada?

Quase me salta uma batata frita da boca.

— Desculpa?

— Há uns anos, houve uma história de uma rapariga que deu uma queca no terraço da esquadra de polícia no fim de semana

do 4 de Julho — diz a Steph, ao meu lado. — E andava uma fotografia a circular de um gajo com uma tatuagem na pila, mas nunca chegámos a saber quem era.

— Não perguntaram à Heidi?

Elas olham para mim com apreensão.

— O que foi, não era suposto eu saber? — O meu tom é superficial. Pensei que fosse óbvio que aqueles dois se enrolaram a dada altura num passado recente.

A Steph e a Alana olham uma para a outra, debatendo em silêncio como responder.

Encolho os ombros.

— É na boa. Eu percebo, ela é a vossa melhor amiga.

— Eles nunca andaram nem nada — diz a Steph, em jeito de consolação. — Eram, tipo, amigos coloridos.

Para o Cooper, talvez. Mas, quando se trata deste tipo de acordos, sei que, invariavelmente, há sempre uma pessoa mais interessada do que a outra.

— A Heidi ainda tem uma cena por ele — acrescenta a Alana, que não é pessoa para estar com rodeios.

Já suspeitava de que houvesse sentimentos não correspondidos, ou talvez uma separação, na origem do ódio irracional que a Heidi tem em relação a mim. Regra geral, tenho um bom instinto para estas coisas, por isso, a confirmação da Alana dá-me praticamente razão.

— Bem me parecia — digo. — Talvez ela se sinta pronta para partir para outra um dia destes. O Cooper disse-me que havia um rapaz interessado nela. Jay-qualquer-coisa?

Isto arranca um gemido a ambas.

— Nem me faças falar desse tipo — queixa-se a Alana. — Sim, eu quero que ela ultrapasse essa cena do Cooper para a vida voltar ao normal, mas, de todas as pessoas, tinha de ser o irmão da Genevieve?

— Quem é a Genevieve?

— A ex do Evan — responde a Steph. — A Gen agora vive em Charleston.

— Tenho saudades dela — diz a Alana, visivelmente deprimida.

A Steph ri-se.

— O Evan também. Senão, não estaria a tentar dormir com toda a gente para conseguir esquecê-la. — Passa o rabo de cavalo por cima do ombro e vira-se para mim, sorrindo. — É tudo muito incestuoso aqui em Avalon Bay. O Evan e a Genevieve. A Heidi e o Cooper. Ainda bem que isso acabou. Os amigos não se deviam envolver, é estar a pedi-las. — O seu olhar desloca-se intencionalmente para a Alana. — E depois temos esta miúda aqui que insiste em ir à segunda volta com o Tate. Ou já vamos na terceira? Quarta?

— O Tate? — repito, sorrindo. — Oh, ele é giro.

A Alana agita a mão.

— Não, isso já acabou. Também não gosto dessa cena dos amigos coloridos.

— Eu nunca tive isso. — Encolho os ombros com uma expressão autodepreciativa. — A minha história de engates consiste no Cooper e numa relação de quatro anos com um tipo que, aparentemente, andava a dormir com tudo o que mexe.

A Steph faz uma careta.

— Sinceramente, nem acredito que andavas com esse nojento.

Sinto cavar-se um sulco na minha testa.

— Conheces o Preston? — Senti uma estranha familiaridade na sua afirmação.

— O quê? Ah, não, não conheço. Bem, sei quem é. O Cooper disse-nos que ele andava a trair-te. Simplesmente assumo que todos os traidores são nojentos. — A Steph pega no seu café e dá um gole, desviando o olhar, e só depois mostra um sorriso reconfortante. — E, olha, não te preocupes com a Heidi. O

Cooper é louco por ti.

— E a Heidi já foi avisada para se portar bem — conclui a Alana, reagindo com o sobrolho franzido quando a Steph lhe mostra uma expressão equivalente ao pontapé debaixo da mesa. Estas duas são tão subtis como um martelo pneumático.

Não é a primeira vez que apanho uma troca semelhante entre as duas, como se estivessem a ter uma conversa inteira em silêncio, da qual eu não faço parte. A minha relação com a Steph e a Alana melhorou significativamente — e não tenho dúvidas da sinceridade do Cooper em relação a nós os dois —, mas tenho a sensação de que há muita coisa que não sei sobre este grupo tão unido. Obviamente, não posso esperar entrar completa e rapidamente no seu círculo de confiança.

Mas porque é que parece que os seus segredos têm algo que ver comigo?

Não tenho hipótese de pensar muito sobre esta questão, porque o meu telemóvel começa a vibrar no bolso. É a minha mãe. Outra vez. Esta manhã, quando acordei, tinha várias mensagens dela, continuando a discussão das mensagens a que não respondi na noite anterior. Periodicamente, bloqueio-lhe o número só para ter descanso da sua tendência para atafulhar o meu telefone. São diatribes consecutivas sobre eu ter acabado com o Preston. Não há mais nada a dizer sobre esse assunto. Pelo menos para mim.

Mas parece que a minha mãe está determinada a obrigar-me a falar sobre isso. Olho para o telemóvel e percebo que desistiu de mandar mensagens e passou para as chamadas. Deixo a chamada ir para o voicemail, ao mesmo tempo que vejo uma mensagem de emergência da Bonnie a avisar-me de que chegou o dia do juízo final.

— O que é que se passa? — A Steph espreita sobre o meu ombro, aparentemente alarmada pelo facto de eu ter ficado pálida.

— Os meus pais estão aqui.

Bem, não aqui. Na residência. A pobre da Bonnie está encarcerada à espera de mais indicações.

Bonnie: *O que é que eu faço com eles?* Eu: *Diz-lhes para irem para o café. Eu vou lá ter com eles.*

Eu sabia que isto iria acontecer. Tenho andado a evitar chamadas e mensagens, a fazer-me de desaparecida. Mas era apenas uma questão de tempo até virem acertar contas comigo.

Ninguém vira costas ao meu pai.

Arranjo uma desculpa para me baldar ao almoço e regresso ao *campus* com a tensão a disparar. Depois de um breve telefonema, o melhor que podia fazer era atraí-los para um local público. Os meus pais não se atreveriam a armar uma cena. Aqui, tenho uma vantagem estratégica — e uma saída de emergência.

Apesar disso, quando entro no café e os vejo sentados junto à janela, à espera da sua filha desnaturada, tenho dificuldade em pôr um pé à frente do outro. Independentemente da minha idade, vejo-me outra vez com 6 anos, na nossa sala, onde o meu pai me repreende por entornar o sumo de frutas no vestido antes de tirarmos a fotografia para o postal de Natal, depois de me ter dito especificamente que só podia beber água, enquanto a minha mãe permanece tensa a um canto, ao pé do carrinho de bebidas.

— Olá — cumprimento-os, pendurando a alça da mala nas costas da cadeira. — Desculpem ter-vos feito esperar. Estava a almoçar com umas amigas no centro...

Detenho-me quando vejo a expressão de impaciência na cara do meu pai. Está vestido de fato, com uma manga arregaçada, mostrando o relógio. Percebo a mensagem. Alto e bom som. Está a faltar a reuniões, e sabe-se lá a que outros

acontecimentos que podem mudar o mundo, para lidar com a filha malcomportada. Como me atrevo a obrigá-lo a dignar-se a ser meu pai.

E, depois, a Querida Mãe, tamborilando com as suas unhas arrançadas na carteira de pele da *Chanel*, como se também eu a impedisse de ir a algum lado. Honestamente, nem sequer sei dizer que raio faz o dia todo. Certamente, algures na sua agenda, haverá uma chamada para uma empresa de *catering*. As suas semanas são uma bruma interminável de decisões como frango ou peixe.

Por uma fração de segundo, quando os dois olham para mim com contrariedade e desdém, consigo ver o molde das suas vidas sobrepondo-se ao meu futuro e sinto uma dor no flanco. A minha garganta fecha-se. O pânico instala-se no meu sistema nervoso. Imagino que seja assim a sensação de afogamento.

Já não consigo viver assim.

— Ainda bem que vieram — começo, mas o meu pai levanta a mão. *Por favor, cala-te*, diz a mão. Está bem.

— Acho que nos deves um pedido de desculpas, minha menina. — Às vezes, pergunto-me se o meu pai usa este termo porque, por momentos, se esqueceu do meu nome.

— Realmente, desta vez foste longe demais — concorda a minha mãe. — Fazes ideia da humilhação que causaste?

— O que vai acontecer é o seguinte. — O meu pai não olha para mim, optando por percorrer os seus e-mails no telemóvel. Trata-se de um discurso preparado que não inclui a minha participação. — Vais pedir desculpa ao Preston e aos pais dele por este episódio. Assim que o fizeres, eles concordaram que a vossa relação pode continuar. Depois, vais passar o fim de semana a casa enquanto pensamos em como proceder. Acho que te permitimos demasiada liberdade nos últimos tempos.

Fico a olhar para ele.

Quando percebo que está a falar a sério, sai-me um riso

incrédulo.

— Hum, não. Não posso fazer isso.

— Desculpa? — A minha mãe ajusta a *écharpe*, uma espécie de tique nervoso que tem quando está plenamente ciente de que não pode passar-se comigo à frente de tantas testemunhas.

— O teu pai não te está a dar uma escolha, Mackenzie.

Bem, pelo menos um deles sabe o meu nome. Imagino-os a escolher nomes de bebé. Se houve um momento em que quiseram ter um filho, foi nessa altura, certo?

— Eu não vou voltar para o Preston. — O meu tom não convida à discussão.

Por isso, obviamente, é isso que acontece.

— Porque não? — lamenta-se a minha mãe, exasperada. — Não sejas tonta, querida. Aquele rapaz será um marido leal e honesto.

— Leal? — Rio-me suficientemente alto para atrair o olhar de algumas mesas vizinhas.

O meu pai faz uma careta.

— Fala baixo. Estás a dar nas vistas.

— Acreditem quando vos digo que o Preston *não* é leal a ninguém a não ser a si próprio. Vou poupar-vos os pormenores.

— Por exemplo, como ele foi um sacana traidor que, provavelmente, já andava com outras quando começámos a namorar. Como, de alguma forma, nos salvou aos dois, porque eu também não fui uma santa. — Mas basta dizer que já não partilhamos uma ligação. — Hesito. Depois, penso, *que se lixe*. — Além disso, ando a sair com outra pessoa.

— Quem? — pergunta a minha mãe de forma inexpressiva, como se o Preston fosse o único homem à face da Terra.

— Um rapaz local — respondo, porque sei que vai fazê-la trepar pelas paredes.

— Chega.

Sobressalto-me quando o meu pai bate com o telefone na

mesa. Quem é que está a dar nas vistas agora?

Percebendo o que fez, o meu pai baixa a voz, falando através dos dentes cerrados.

— Esta desobediência acaba agora. Não vou aturar mais as tuas provocações. Vais pedir desculpa. Vais voltar para o rapaz. E vais atinar. Ou podes dizer adeus à tua mesada e aos cartões de crédito. — Os seus ombros tremem de raiva contida, agora tenho toda a sua atenção. — Juro que te deserdar e verás exatamente quão sombrio pode ser esse caminho.

Não duvido dele nem por um segundo. Sempre soube que era impiedoso no que a mim diz respeito. Sem ternura. Sem tratamento especial. Isso costumava assustar-me.

— Fazemos assim — digo, tirando a minha carteira das costas da cadeira —, eis a minha contraproposta: não.

Os seus olhos, do mesmo tom verde-escuro que os meus, cintilam de desaprovação.

— Mackenzie — avisa.

Enfio a mão na mala.

— Façam o que quiserem, mas eu estou cansada de viver com medo de vos desiludir aos dois. Estou farta de nunca estar à altura dos vossos ideais. Já tive a minha dose de me estafar a fazer-vos felizes e a falhar constantemente. Nunca vou ser a filha que querem, e não quero continuar a tentar.

Encontro o que procurava na mala. Pela primeira vez na minha vida, os meus pais ficam sem saber o que dizer enquanto olham para mim a preencher um cheque.

Empurro-o sobre a mesa na direção do meu pai.

— Toma. Isto deve chegar para cobrir o que gastaste no primeiro semestre. Decidi que tenho outros interesses.

Sem mais nada para dizer — e certa de que este acesso de loucura e coragem vai durar pouco —, sustenho a respiração, levanto-me da mesa e saio, nem me dignando a olhar para trás.

Assim, sem mais nem menos, sou uma pessoa que desistiu da

faculdade.

CAPÍTULO 31

Mackenzie

Nessa noite, estou à porta de casa do Cooper à espera de que ele chegue do trabalho.

Depois de deixar os meus pais, fiquei com muita energia acumulada e sem saber como libertá-la, por isso, andei pelo passeio marítimo durante um bocado, depois passei pela praia, e acabei à porta da sua casa. Passado algum tempo, ainda estou sentada no alpendre quando a carrinha do Cooper estaciona à entrada e ambos os irmãos saem.

— Tudo bem, princesa? — Encaminhando-se para a porta de casa, o Evan pisca-me o olho e entra. Agora somos velhos amigos, eu e o Gémeo Mau.

— Há quanto tempo estás aqui? — Ao subir as escadas, o Cooper parece surpreendido por me ver.

Momentaneamente, esqueço-me do que perguntou, porque estou demasiado ocupada a olhar para ele de boca aberta. Cada vez que o vejo fico sempre caidinha. Os seus olhos negros e o cabelo despenteado. A sugestão do seu corpo sob a t-shirt e as calças de ganga gastas brincam com a minha memória. Há algo estupidamente másculo nele. Passou o dia todo na obra, a sua pele e roupas estão ainda cobertas de resíduos de pó. De cheiro a serradura. Sinto-me absolutamente perigosa. Todo o meu ser se reduz a *quero quero quero*.

— Mac? — pergunta. Faz um sorriso cúmplice.

— Oh. Desculpa. Uma hora, talvez?

— Passa-se alguma coisa?

— Não, está tudo bem. — Pego na mão que ele me estende e deixo-o ajudar-me a levantar. Entramos. Assim que tiramos os sapatos, levo-o imediatamente para o quarto.

— Tenho novidades — anuncio.

— Sim?

Fecho a porta e tranco-a. Ultimamente, já aconteceu o Evan divertir-se a mexer no puxador quando sabe que estamos a fazer alguma coisa, só para me assustar. Ele precisa de arranjar um passatempo.

— Desisti da faculdade. — Mal consigo conter o entusiasmo. E algum medo, também. Parece-me tudo o mesmo, a transbordar dentro de mim.

— Caramba, que grande novidade. Como é que isso aconteceu?

— Os meus pais encurralaram-me no *campus* e obrigaram-me, praticamente.

O Cooper tira a t-shirt e atira-a para o cesto da roupa suja. Quando começa a desapertar o cinto, eu atravesso o quarto e afasto as suas mãos, assumindo o comando. Ao abrir o seu fecho, sinto-o a olhar para o topo da minha cabeça e vejo o seu abdómen contrair-se.

— Como é que isso correu? — Parece um pouco distraído agora.

Sem lhe despir as calças de ganga, enfio a mão dentro dos seus boxers e começo a acariciá-lo. Está já meio duro quando lhe toco. Depressa fica totalmente ereto e com a respiração ofegante.

— Disse-lhes para irem dar uma volta. — Deslizo o polegar pela gota de humidade na sua ponta. Ele inspira profundamente. — Não por estas palavras.

— Estás a sentir-te bastante senhora do teu nariz, hã? — As suas mãos passam pelo meu cabelo e apertam-me o couro cabeludo.

Aproximo-me e beijo-o sob a curva do queixo.

— Um bocadinho.

Depois, empurro-o até as suas pernas baterem contra a cama e ele se sentar na borda.

O desejo tolda-lhe o olhar.

— O que é que provocou isso?

— Eu, principalmente. — Tiro um preservativo da sua mesa de cabeceira e atiro-o para ele. Depois, dispo o vestido pela cabeça. — Tu, um pouco.

O meu soutien e as minhas cuecas vão parar ao chão.

— A independência fica-te bem — diz ele, asperamente, movendo o punho para cima e para baixo sobre o seu pénis, observando todos os meus gestos.

Lentamente, sento-me no seu colo. Ele murmura palavrões ao meu ouvido, agarrando-me o rabo com as duas mãos. Encostando as palmas das mãos ao seu peito, faço-o entrar em mim. Suavemente, no início, sentindo uma confusão de arrepios pelo corpo todo. Estar com o Cooper é sempre um choque para o meu sistema. Tudo nele parece certo, mas ainda não me habituei. Acho que não quero sequer habituar-me. Ele ainda me surpreende. Ainda fico atordoada sempre que os seus lábios percorrem a minha pele.

Movo-me para a frente e para trás. Desavergonhadamente. Quero-o mais fundo ainda, mais perto. Deixo cair a cabeça sobre o seu ombro e mordo-o para não fazer barulho enquanto me roço nele.

— Oh, foda-se, não vou aguentar — murmura ele.

— Ótimo — sussurro.

Ele geme e dá um impulso para cima, os seus braços apertando-me com força.

Sorrio ao ver a névoa de êxtase que inunda a sua expressão, ao ouvir os sons roucos que faz ao vir-se. Depois de tirar o preservativo, deita-me na cama e beija-me desde os seios até à barriga. Mais abaixo, instala-se entre as minhas pernas e abre-me à sua língua. O Cooper chupa-me até eu lhe puxar o cabelo e gemer de prazer. Ele é demasiado bom com a boca. É viciante.

Mais tarde, depois de um duche e outra ronda de orgasmos, sentamo-nos no alpendre com a *Daisy*, enquanto uma pizza congelada cozinha no forno.

— Não sei se teria feito o que fiz se não te tivesse conhecido — digo ao Cooper, a nossa cachorrinha a dormir no seu colo. — Desistir da faculdade, quero dizer.

— Terias, pois. Mais cedo ou mais tarde. Eu sou a desculpa que te motivou.

— Talvez — admito. — Inspiraste-me.

Ele revira os olhos.

— Cala-te. Estou a falar a sério. — Uma coisa que aprendi sobre o Cooper: é péssimo a receber elogios. É uma das suas qualidades mais encantadoras. — Tu não tens medo de nada nem de ninguém. Fazes as tuas próprias regras. Os outros que se lixem.

— É mais fácil quando não tens nada.

— Tu acreditaste em mim — digo. — És o único que o fez. Isso é muito importante para mim. Nunca me vou esquecer.

Ao mesmo tempo que desfruto da minha recente independência, não sou assim tão ingénua para acreditar que os meus pais vão aceitar a minha decisão sem dar luta. Hão de arranjar uma forma de me fazer pagar. Ninguém contraria o meu pai e sai ileso. Decididamente, haverá consequências para este meu súbito acesso de desobediência. É só uma questão de saber *quão graves*.

Não demora muito até as consequências das minhas ações se revelarem. Exatamente seis dias depois de desistir da faculdade, recebo um e-mail da reitora dos alunos. Curto e conciso. Um educado «Venha cá já».

Chego uns minutos atrasada à reunião e sou conduzida pela secretária até um escritório com acabamentos em madeira de cerejeira. A reitora está ocupada e virá ter comigo dentro de momentos. Será que desejo uma água?

Suponho que os meus pais tenham feito algumas chamadas na esperança de que uma entidade externa imparcial me pudesse convencer em seu nome a não desistir da faculdade. Embora, pela parte que me toca, a única coisa que falta são as formalidades burocráticas. É verdade que não concluí a minha desistência da Garnet. Entre o hotel e os sites, que ocupam grande parte da minha atenção, tenho andado a desfrutar mais do meu tempo livre.

— Peço desculpa pelo atraso. — A reitora Freitag, uma mulher cuja pele curtida se agarra aos ossos em rugas frágeis, entra no escritório. Recuperando o fôlego, dá a volta à secretária, tirando a humidade do cabelo louro, tipo capacete, que lhe dá pelos ombros. Ajusta o casaco do fato cor de arando e tira a *écharpe* de seda do pescoço. — Lá fora está mais calor do que na banheira do diabo.

A reitora liga uma pequena ventoinha de secretária e aponta-a para si, usufruindo da brisa por um momento antes de voltar a sua atenção para mim.

— Bem, menina Cabot. — A sua atitude muda rapidamente. — Chegou aos meus ouvidos que não frequentou nenhuma aula na semana passada.

— Não. Decidi desistir do semestre.

— Ah, sim? Se bem me lembro, o seu primeiro ano já começou com um atraso de doze meses. — Ergue uma sobancelha desenhada a lápis. — O que será tão urgente que

mereça interromper a sua educação?

Há algo na sua ignorância amigável que me enerva. Como se estivesse a cair numa armadilha.

— Na verdade, vou desistir da Garnet. Não voltarei no próximo semestre.

Ela olha para mim, impassível, durante vários segundos. Tantos, que quase me sinto obrigada a desenvolver o assunto para que continue a falar. Quando finalmente o faz, não consigo deixar de sentir alguma vingança na sua voz.

— Suponho que tenha pensado bastante sobre isto.

— Pensei. Sim.

Nos seus lábios surge um breve sorriso que diz *você é que sabe*. A reitora agita o rato do computador para acordar o ecrã, olhando para ele enquanto fala.

— Bem, nesse caso, certamente poderemos ajudá-la nesse processo. Vou pedir à minha secretária que disponibilize os formulários necessários. — Ela olha para mim com um olhar nada tranquilizador. — Não se preocupe, trata-se apenas de uma ou duas assinaturas. — Clica no rato. — Claro que deverá desocupar a residência de Tally Hall em vinte e quatro horas, depois de submeter a notificação à Secretaria de Residência Estudantil. — Lança-me um sorriso de concurso de misses. — Que... já está!, acabei de submeter.

E aqui está. Uma grande armadilha.

Um enorme *vai-te lixar* do papá.

Ela tem razão, claro. Não tenho o direito de ocupar uma residência se não for aluna aqui. Um pequeno detalhe que me escapou. Sem dúvida que os meus pais passaram a semana passada à espera que eu voltasse para casa a rastejar, para ter onde ficar.

— Precisa de mais alguma coisa? — A reitora sorri para mim como se eu lhe tivesse feito isto. Uma desfeita pessoal.

Contudo, não me torturo nem por um segundo que seja. Para

melhor ou pior, isto acabou.

— Não. — Ofereço um sorriso melífluo e levanto-me. — Parece que é tudo.

Uma hora depois, estou na residência a empacotar as minhas coisas. Pouco mais de três meses. Foi esta a duração da minha carreira académica, e, porém... não me sinto triste por ter acabado.

Estou a tirar roupa dos cabides quando ouço a vibração de uma mensagem. Pego no telefone, que está em cima da secretária. É uma mensagem da Kate, que não vejo há semanas. Convidei-a para sair algumas vezes — não queria ser uma daquelas raparigas que abandona os amigos assim que começa a namorar —, mas tem andado ocupada a ensaiar com uma banda a que se juntou no mês passado. Aparentemente, toca baixo.

Kate: Olá, miúda! Então, só para avisar: falei com a minha irmã ao telefone há bocado e falámos de ti. A Mel disse que o teu ex anda por aí a fazer perguntas, a tentar descobrir com quem andas. Parece que alguém te viu no centro com um tipo daqui.

Digo um palavrão em voz alta. Estúpido do Evan. Eu sabia que aquela noite acabaria por se virar contra nós.

Eu: Argh. Fantástico. Kate: Pois. O Preston anda em missão agora. Foste avisada. Eu: Obrigada por me dizeres. Kate: Na boa. Já agora — o nosso primeiro concerto é na próxima sexta, é microfone aberto no Rip Tide, no centro. Aparece! Eu: Manda-me os detalhes!

Antes de conseguir voltar às arrumações, o telefone vibra novamente na minha mão. Falando no diabo. Desta vez é o Preston, e não está contente.

Preston: *Desististe da Garnet? Que raio se passa contigo, Mackenzie? Porque é que estás a desperdiçar a tua vida?*

O meu maxilar contrai-se. Estou tão farta das suas merdas altivas. A forma crítica e condescendente como me trata, agindo como se eu fosse incapaz de viver a minha própria vida.

Eu: Só por curiosidade, andas a espiar-me pessoalmente ou andas a pagar a outras pessoas para o fazerem? Preston: O teu pai ligou-me. Ele acha que perdeste o juízo. Eu: Estou-me nas tintas para o que ele pensa. Eu: Também me estou nas tintas para o que tu pensas. Eu: Para de me mandar mensagens.

Quando vejo que ele está a escrever, ativo o modo Não Incomodar. Ainda não consigo bloquear o seu número. Uma cedência devida ao nosso passado, talvez. Mas, mais cedo ou mais tarde, sinto que terei de o fazer.

Quando a Bonnie regressa à residência a seguir à sua aula da tarde, já tenho tudo arrumado. A loura baixinha detém-se na área comum do dormitório e fica a olhar para a meia dúzia de caixas encostadas à parede.

— Vais fugir? — Ela atira a mochila e tira uma água do frigorífico, permanecendo junto à porta aberta a refrescar as pernas.

— Fui expulsa — respondo, com um encolher de ombros. — Ia acabar por acontecer.

— Que merda. — Ela fecha a porta do frigorífico com o pé. — Achas que agora vou ficar com a residência só para mim?

Sorrio. A Bonnie não é uma rapariga particularmente sentimental, mas eu sei que gosta de mim.

— Também vou ter saudades tuas.

— O que vais fazer com as tuas cenas todas? — Acena na direção das caixas. Depois, esboça um sorriso malicioso. — Se

calhar podemos pedir o *Porsche* emprestado ao teu ex traidor.

Rio-me.

— Tenho a certeza de que isso seria boa ideia. — Dirigindo-me ao meu antigo quarto, tiro o telefone do bolso. — Não há problema, sei de uma pessoa que tem uma carrinha. Deixa ver se ele pode apanhar-me.

— Oh, é o rapaz da pila mágica?

— Talvez. — Rindo-me, enfio-me no quarto para fazer a chamada.

— Oi, miúda. O que é que se passa? — A voz rouca do Cooper excita-me o ouvido e faz-me sentir um arrepio na espinha. Até a voz dele é sexy.

— Olá. Então. Tenho um grande favor para te pedir.

— Conta. — Ouve-se o som de marteladas e o zumbido de serras ao fundo, como se estivesse a afastar-se da obra.

— Tenho de desocupar a residência. Fui expulsa, basicamente. Parece que não me deixam viver num alojamento para estudantes se não for aluna.

— Tens noção de que isso é uma decisão absolutamente razoável da parte da escola, certo?

— Deram-me um aviso de vinte e quatro horas — afirmo. — Parece-te razoável?

Ele ri-se.

— Precisas de ajuda para fazer as malas?

— Não, mas tinha esperança de que pudesses apanhar-me depois do trabalho para eu poder transportar as caixas na tua carrinha. Vou pôr a maior parte das coisas numa arrecadação até encontrar um apartamento. — Hesito. — E, hum, precisava de um sítio onde ficar até encontrar algo mais permanente. Se não for pedir muito.

Quer dizer, é pedir muito. Mal começámos a namorar. Mudar-me para casa dele, mesmo temporariamente, não é um favor pequeno. Sim, eu e o Evan damo-nos bem agora, o que

alivia uma possível tensão, mas eles não estavam propriamente a contar com um terceiro elemento lá em casa.

— Não, olha, sabes que mais — interrompo-o assim que ele começa a responder —, eu vou para um hotel. Faz muito mais sentido.

Realmente, em que é que eu estava a pensar? Foi uma ideia estúpida. Como pude pensar que a minha primeira opção seria invadir a casa do Cooper, como se o conhecesse há mais do que poucos meses? É de loucos.

— Há aquele motel a norte da praia. Aposto que alugam quartos à semana...

— Mac?

— Sim?

— Cala-te.

Abafo uma gargalhada.

— Bruto.

— Não vais ficar num pardieiro na zona norte. Ficas comigo. Ponto final.

— Tens a certeza? Não pensei muito sobre isto antes de ligar, só...

— Estou despachado às seis. Vou buscar-te ao *campus* a seguir.

Um nó de emoção sobe-me à garganta.

— Obrigada. Eu, hum... fogo, Cooper, agradeço mesmo.

— Não te preocupes, princesa. — Ele desliga com um adeus sofrido, deixando-me a sorrir para o telefone. Não que eu esperasse que o Cooper fosse ser uma besta, mas está a aceitar tudo bastante bem.

— Desculpa, será que ouvi bem? — Uma voz incrivelmente excitada surge através da minha porta aberta. — Terei acabado de te ouvir chamar *Cooper* ao nosso homem mistério?

Olho para os seus olhos arregalados, sentindo-me envergonhada.

— Assim, tipo, Cooper Hartley?

Aceno.

A Bonnie lança um suspiro tão alto que me assusta, apesar de estar mesmo à minha frente.

— Oh, querido menino Jesus! *Era isso* que andavas a esconder de mim? — Entra disparada no quarto, com os seus caracóis louros a esvoaçar sobre os ombros. — Não te deixo sair da residência sem me contares todos os pormenores. Quero *todos*.

CAPÍTULO 32

Cooper

Esta miúda é doida.

— O que é que a manteiga de amendoim está a fazer no frigorífico? — grito da cozinha.

Juro, com três pessoas a viver cá em casa, este sítio transformou-se num circo. Costumava saber por onde é que andava o Evan pelos rangidos e gemidos que a casa fazia com a sua presença. Agora são dois, e é como se a velha casa estivesse assombrada — há barulhos constantes a vir de todas as direções. Fogo, a esta altura quase me podiam convencer *a mim* de que a Patricia existe.

— Ei! — grito novamente para o vazio. — Onde raio é que foste?

— Estou aqui, anormal.

O Evan aparece ao meu lado, empurrando-me com o ombro e tirando dois packs de cerveja do frigorífico, que põe numa geleira.

— Não és tu. A outra.

Ele responde com um encolher de ombros e sai da cozinha com a geleira.

— O que é que se passa? — A Mac aparece sabe-se lá de onde envergando um biquíni minúsculo. As suas mamas transbordam da parte de cima e a pequena tira de tecido entre

as suas pernas implora que a arranque com os dentes. Caramba.

— Foste tu que fizeste isto? — Levanto o frasco de uma manteiga de amendoim de cuja marca nunca ouvi falar. Enquanto esvaziava os armários da cozinha à procura de um frasco de *Jif*, este frasco estava na porta do frigorífico.

Ela faz uma careta.

— O quê?

— Quem é que põe manteiga de amendoim no frigorífico?

— Hum... — Ela aproxima-se e tira o frasco da minha mão, rodando-o na sua. — Diz aqui no rótulo.

— Mas depois fica dura. É nojento. — Abro o frasco e vejo uma camada de óleo sobre a manteiga solidificada. — Que merda é esta?

— É orgânica — diz ela, como se eu fosse estúpido por perguntar. — A gordura separa-se. Tens de mexer um bocadinho.

— Por que raio haveria alguém de querer *mexer* a manteiga de amendoim? Tu comes isto?

— Sim. É deliciosa. E sabes que mais? Não te faz mal nenhum cortar nos açúcares adicionados. Pareces um bocado tenso.

Estarei a ter uma trombose? Sinto que estou a enlouquecer.

— O que é que isso tem que ver?

A Mac revira os olhos e dá-me um beijo na cara.

— Há manteiga de amendoim normal na despensa. — Depois sai para o terraço atrás do Evan, abanando o rabo.

— Qual despensa? — grito.

Como ela me ignora, viro-me para olhar em volta, até finalmente ver o armário das vassouras. Sinto um aperto no coração.

Abro a porta do armário e descubro que a Mac tirou dali todas as ferramentas, materiais de emergência em caso de furacão e outras merdas que estavam perfeitamente

organizadas, substituindo-as por toda a comida verdadeira que tinha desaparecido misteriosamente depois de ela se mudar para cá e começar a encher os nossos armários com bolachas de sementes de linhaça de comércio justo e com certificação «sem OGM», ou sei lá mais o quê.

— Vamos embora. — O Evan espreita para a cozinha.

— Viste isto? — pergunto-lhe, apontando para a «despensa».

— Sim, muito melhor, não é? — Ele volta a sair, dizendo, por cima do ombro: — Vai ter à porta.

Traidor.

Só passou uma semana desde que a Mac se mudou para cá e já trocou as voltas todas à dinâmica da casa. Nos últimos tempos, o Evan anda estranhamente de bom humor, o que me deixa desconfiado. Todo o espaço da minha bancada da casa de banho foi anexado. A comida é esquisita. O papel higiénico é diferente. E, de cada vez que viro costas, a Mac muda as coisas de sítio.

Mas, depois, acontece uma coisa destas. Tranco a porta da frente e saio para o alpendre, onde vejo a Mac e o Evan a rirem-se de qualquer coisa a bandeiras despregadas, enquanto esperam por mim. Parecem felizes. A comportar-se como se se conhecessem desde sempre.

Ainda não sei como ou por que razão as coisas mudaram. Um dia, o Evan deixou de sair das divisões em que ela entrava e de murmurar entre dentes. Passou a incluí-la na irmandade. É uma de nós. Praticamente família. Um pensamento assustador, nem que seja por não estar à espera disto. Até certo ponto, achei que travaríamos uma luta de sangue, locais *versus* clones, até estarmos fartos um do outro. Fico feliz por estar enganado. Embora uma parte de mim não confie no estado das coisas, porque nada pode ser assim tão fácil por muito tempo.

Eu e o Evan levamos a geleira para a carrinha e pomo-la na bagageira. O meu irmão sobe também, usando a mochila como

almofada e deitando-se como um idiota preguiçoso.

— Acordem-me quando chegarmos — diz, com ar arrogante, e eu comprometo-me a acertar no maior número possível de buracos a caminho do passeio marítimo, onde vamos encontrar-nos com amigos. Mais cedo nesse dia, o Wyatt ligou ao pessoal para organizarmos um campeonato de vôlei. Quase todos alinhámos, querendo aproveitar o bom tempo enquanto durar.

— Olha — diz a Mac, quando me sento no lugar do condutor. — Tirei um livro da tua estante, para o caso de queres ler alguma coisa entre jogos.

Ela vasculha no enorme saco de praia aos seus pés. Para minha desilusão, vestiu uma camisola de alças e um par de calções, tapando aquele biquíni de fazer perder a cabeça.

— Obrigado. Qual?

Ela mostra-me o livro — *Como Enriquecer do Dia para a Noite: 10 Bilionários que Vieram do Nada e Fizeram Tudo*. O título é piroso como tudo, mas o conteúdo é ouro puro.

— Fixe. — Aceno. — Esse é bom.

— A tua estante é fascinante — diz ela, com naturalidade. — Acho que nunca conheci ninguém que lesse tantas biografias.

Encolho os ombros.

— Eu gosto de biografias.

Conduzo a carrinha pela entrada poeirenta e coberta de areia até ao sinal de Stop no final da estrada. Faço pisca para a esquerda e, quando rodo o corpo para ver se o caminho está livre, sinto subitamente os dedos da Mac a roçar-me a nuca.

Sinto imediatamente um calor na parte inferior do corpo. Uma reacção normal ao seu toque.

— Só reparei nisto agora — diz, surpreendida, passando os dedos pela minha tatuagem mais recente. — Sempre tiveste esta âncora?

— Não. Fi-la há uns meses.

Quando ela tira a mão, fico com uma sensação de perda. Se dependesse de mim, esta miúda não me largava nunca.

— Gosto. É simples, nítida. — Ela sorri. — Gostas mesmo de cenas náuticas, não é?

Esboço um sorriso.

— Quer dizer, eu vivo na praia. Embora, para ser sincero, seja apenas coincidência que a maioria das minhas tatuagens tenha que ver com água. E a âncora foi uma tatuagem feita num momento impulsivo, quando estava de mau humor. — Olho para ela de lado. — Foi depois de me dizeres que escolhias o teu ex em vez de mim.

— Foi o erro mais estúpido que já cometi.

— Podes crer. — Pisco-lhe o olho.

— Felizmente, retifiquei-o. — Ela sorri e põe a mão na minha coxa. — Então, a âncora representa o quê? Estares chateado comigo?

— Sentir-me vergado. Tinha acabado de ser rejeitado pela miúda mais fixe, mais inteligente e mais engraçada que alguma vez conheci. E ela não me quis. — Encolho os ombros. — Toda a vida me senti oprimido. Por esta cidade. Pela memória dos meus pais. O meu pai era um falhado. A minha mãe é uma falhada. — Mais um encolher de ombros, desta vez acompanhado por um sorriso seco. — Tenho o péssimo hábito de fazer tatuagens muito diretas e pouco metafóricas. No meu corpo não há subtextos.

Isto fá-la rir-se.

— Por acaso, gosto muito deste corpo. — Ela aperta-me a coxa, de forma nada subtil. — E tu não és um falhado.

— Decididamente, estou a tentar não ser. — Gesticulo na direção do livro no seu colo. — Leio coisas dessas, biografias, memórias de homens e mulheres que saíram da pobreza ou de circunstâncias desfavoráveis e se tornaram alguém, porque me inspiram. Um dos bacanos desse livro, a mãe ficou viúva, com

cinco filhos que não conseguia criar, por isso, enviou-o para um orfanato. Ele era pobre, estava sozinho e foi trabalhar para uma fábrica, quando ainda era miúdo, para fazer moldes de peças de automóveis e armações de óculos. Aos 23 anos, abriu a sua própria loja de moldagem. — Inclino a cabeça na direção da Mac. — E essa loja acabou por criar a marca *Ray-Ban*.

A mão da Mackenzie desloca-se até ao meu joelho, apertando-o, e depois agarra a minha mão na manete das mudanças, entrelaçando os nossos dedos.

— Tu inspiras-me — diz, simplesmente. — E, já agora, não tenho dúvidas de que, um dia, o teu nome acabará por ir parar a um livro destes.

— Talvez.

Na praia, o Wyatt e o resto do pessoal já ocuparam uma das redes de vólei. Ali perto, as meninas estão instaladas na areia com um guarda-sol. A Steph está a ler um livro, a Heidi a apanhar banhos de sol de barriga para baixo e a Alana, como é habitual, parece aborrecida com tudo, bebericando um cocktail escondido numa garrafa de água.

Eu e o Evan cumprimentamos os nossos amigos com o punho fechado. Mal acabámos de nos cumprimentar, já o Wyatt está a gritar com toda a gente para se dividirem em equipas.

— Ter levado uma tampa transformou-o num verdadeiro ditador, hã? — murmura o Tate, enquanto vemos o nosso amigo a dar ordens como um sargento.

Rio-me.

— Ela ainda não o aceitou de volta?

— Não. Desta vez, é capaz de ter acabado mesmo... — O Tate para, semicerrando os olhos.

Vejo o Wyatt a puxar a Alana da cadeira de praia. Ela suspira e pega-lhe na mão. Parece que vai ficar na equipa dele. Mas porque estará a sussurrar-lhe ao ouvido daquela maneira?

— O que é que se passa com aqueles dois? — pergunto ao

Tate.

— Não faço ideia. — O seu maxilar fica tenso.

OK.

O campeonato de vôlei começa. E como somos todos competitivos aqui em Avalon Bay, rapidamente se torna intenso. A Mac está na minha equipa e eu fico agradavelmente surpreendido por descobrir que ela faz serviços incríveis. Graças a ela, ficamos depressa em vantagem e ganhamos o primeiro jogo. A equipa do Wyatt ganha o segundo. No jogo de desempate, a Mac pede à Steph para tomar o seu lugar e vai à água.

— Já volto — diz-me. — Vou só refrescar-me um pouco.

Aceno e volto à missão de arrasar a equipa do Wyatt e do Evan. Só depois de uma hora é que percebo que a Steph ainda está a jogar no lugar da Mackenzie.

— Meu! — queixa-se o Tate, quando falho um remate.

Agora estou preocupado em encontrar a Mac. O meu olhar varre a praia até que finalmente a vejo. Está à beira-mar a conversar com alguém.

Apesar de sentir o sol a bater-me na cabeça e no tronco nu, todo o meu corpo gela quando reconheço a pessoa que está com ela.

Kincaid.

CAPÍTULO 33

Cooper

— **C**oop, és tu a servir — diz a Steph, à espera.

— Estou fora — digo ao grupo, erguendo as mãos. Procuro o olhar do meu irmão do outro lado da rede. — Evan — é tudo o que preciso de dizer para ele vir a correr até mim. Quando aceno na direção da Mac, a sua expressão ensombra-se.

— Foda-se — diz.

— Eu sei.

Tentando parecer que não estamos com pressa, dirigimo-nos a eles, com as nossas equipas a protestarem por abandonarmos o jogo. Que se lixe o jogo. Estou prestes a ficar na merda se isto correr mal.

— Como é que vamos fazer isto? — murmura o Evan.

— Não sei bem. Faz o que eu fizer. — À medida que nos aproximamos da beira-mar, ocorre-me que teria sido melhor se eu tivesse fingido não reparar no Kincaid e mantivesse a distância, camuflado pelo grupo de jogadores de vólei. Mas nem pensar que vou deixar a Mac ao pé daquele idiota.

— Há algum problema? — Pondo o meu braço à volta dos ombros da Mac, faço peito ao Kincaid, que está visivelmente sozinho.

Um momento de confusão passa-lhe pelo rosto ao reconhecer-me. Talvez fosse esperar demais que se tivesse

esquecido de mim.

Ele semicerra os olhos, tentando perceber.

— Espera, este é que é o gajo? — pergunta, virando a cabeça para a Mackenzie.

A Mac olha para mim com uma expressão frustrada. Repara no Evan ali perto e suspira.

— Sim, este é que é o gajo. Agora vamos embora. Aproveita o resto da tarde, Pres.

— Espera aí. — Quando começamos a afastar-nos, ele parece furioso. — Isto é muito conveniente. Eu *conheço* este imbecil.

Sinto a Mac ficar ligeiramente tensa. Ela para, voltando-se para o seu ex.

— Do que é que estás a falar?

O Kincaid olha para mim com um sorriso arrogante.

— Ela não faz ideia, pois não?

Tenho uma fração de segundo para decidir. No fundo, sei que não tenho escolha, pelo menos não aqui, com o Kincaid como espetador.

Por isso, digo:

— É suposto saber quem tu és?

Ninguém se faz tão bem de parvo como um miúdo que, na escola, trocou de lugar com o seu irmão gémeo em quase todos os testes de Álgebra.

— Pois, nem penses, meu. — Volta a atenção para a Mac. — Deixa-me adivinhar, este gajo apareceu logo a seguir a chegares à cidade? Um aldeão simpático com quem te cruzaste, por acaso, numa noite com as tuas amigas. Onde é que eu já ouvi isto?

Os lábios da Mac contorcem-se num esgar.

— Cooper, do que é que ele está a falar?

Assim que ela fixa os seus olhos verdes aflitos em mim, a minha boca parece areia.

— Não faço ideia — minto.

Assusta-me a facilidade com que lhe minto. A forma convincente como as palavras saem da minha boca. Sem a mínima hesitação.

— Mackenzie, miúda, ouve. — O Kincaid estende a mão para lhe tocar e, quando me ponho entre eles, custa-me horrores não lhe partir a mão. Sério, ele baixa o braço. — No fim de semana antes do início das aulas, este gajo meteu-se comigo num bar e eu fiz com que ele fosse imediatamente despedido. Lembras-te de que eu tinha um olho negro quando te ajudei com as mudanças?

— Disseste que foi a jogar basquetebol — acusa ela, com veneno na voz.

— Sim, está bem, eu menti — reconhece, relutantemente, apressando-se a defender o seu lado. Enquanto isso, os braços cruzados e a ausência de contacto visual da Mac mostram que está rapidamente a perder o interesse. — Mas não estou a mentir agora.

— Como é que é suposto eu perceber a diferença? — Ninguém se equipara à Mac numa batalha de desgaste. Ela seria capaz de discutir o dia todo sobre o número de nuvens no céu só para ter razão.

— Não é óbvio? — O Preston começa a perder a paciência, atirando as mãos ao ar. — Ele só anda a foder contigo para se vingar de mim.

— OK, já chega. — Se não posso enfiar-lhe a cara na areia e acabar com isto já, não vou ficar aqui a vê-lo destruir-me a vida. — Vai-te embora, meu. Deixa-a em paz.

— Mackenzie, vá lá — implora. — Não estás realmente a acreditar nesta tretas, certo? Eu sei que és nova, mas não é possível que sejas tão estúpida.

É a gota de água. O forte tom de condescendência esgota a paciência da Mac e a sua expressão torna-se violenta.

— A coisa mais estúpida que fiz foi andar contigo durante

tanto tempo — responde. — Felizmente, não é uma decisão com que tenha de continuar a viver.

A Mac começa a andar na direção do nosso grupo, passando pelo Evan. Ao caminharmos atrás dela, vem-me à cabeça a vívida memória das inúmeras vezes em que fomos levados ao gabinete do diretor pelos professores. Não vejo, mas sinto o Evan perguntar-me se estamos bem, no entanto, não tenho uma resposta. Até que chegamos à nossa zona da areia e a Mac se vira para mim.

— Desembucha — ordena.

— O quê?

Ao mesmo tempo que estou a ser evasivo, pergunto-me se este é o momento em que devia dizer a verdade. Admitir que tinha intenções duvidosas ao início, mas que as coisas mudaram depois de nos conhecermos.

Ela compreenderia. Talvez até achasse piada. Daríamos umas boas gargalhadas e seria uma história engraçada para contarmos nas festas.

Ou então deixava de me falar, até que, um dia, eu chegava a casa e a casa estava a arder, com uma placa espetada no chão a dizer «Acho que devíamos sair com outras pessoas» escrito a cinza.

— Não gozes comigo. — A Mac espeta-me um dedo no peito. — Do que é que ele estava a falar? Vocês conhecem-se?

Mais uma vez, temos público, e, mais uma vez, com o olhar dos nossos amigos em nós, sinto a coragem abandonar-me. Se lhe contar a verdade em privado, há a hipótese de a perder. Se lhe contar a verdade à frente de uma dezena de pessoas, perdê-la é uma garantia. Seria humilhada à frente de toda a gente. Jamais me perdoaria.

Desta vez, as mentiras queimam-me a língua.

— Tudo o que sei sobre ele ouvi por aí, ou de ti. Nunca o vi mais gordo.

Ela fica estranhamente silenciosa, mal respirando e olhando-me fixamente.

Sinto o pânico instalar-se no estômago, mas, externamente, mantenho uma expressão neutra. Mantenho-me fiel à minha história. Aprendi há muito que quem é apanhado quebra. A chave para uma mentira bem-sucedida é acreditar nela. Depois, negar, negar, negar.

— Vocês brigaram? — A Mac inclina a cabeça como se me tivesse encurralado.

— Mac, podiam encher-se estádios de futebol com a quantidade de idiotas que se embebedam e andam à porrada. Se ele era um deles, honestamente, não me lembro.

Visivelmente frustrada, ela vira-se para o Evan.

— O Cooper foi mesmo despedido?

Durante uma fração de segundo, receio que o seu novo romance platónico possa destruir-me.

— Ele tinha um emprego de verão no bar da Steph. — Com um encolher de ombros, o Evan até me convence a mim. Parece que ainda estamos do mesmo lado quando importa. — Era temporário.

Ela olha para trás do Evan, onde a Steph voltou a instalar-se na sua cadeira e a pegar no livro.

— Steph? — diz a Mac. — Isto é verdade?

Sem erguer o olhar do livro, a Steph acena por detrás dos seus óculos escuros pretos e grossos.

— Foi um biscate de verão.

O alívio invade-me e desaparece assim que vejo a Heidi aproximar-se do grupo. Tem uma expressão indecisa.

Foda-se.

Conheço aquela cara. Maldade pura. A Heidi é uma rapariga que nunca perde a oportunidade de pegar fogo a qualquer coisa só para ouvir os gritos. Além do facto de que tem estado zangada comigo muito frequentemente nos últimos tempos e de

que não é fã desta situação ou da Mac. Mas quando o nosso olhar se cruza por um breve instante, eu imploro-lhe em silêncio que deixe isto passar.

— A sério, pessoal, estou esfomeada — diz ela, com um gemido entediado. — Podemos ir embora de uma vez por todas?

Escapo por uma unha negra.

Todos os dias depois disso, sustenho a respiração, à espera do inevitável. Olhando sobre o ombro para ver quando é que o Kincaid aparece outra vez. A Mac parece esquecer o assunto, e eu e o Evan evitamos falar sobre isso a todo o custo. Mas foi por pouco. Demasiado pouco. Uma lembrança de quão frágil é a nossa relação e quão facilmente tudo pode fugir-me das mãos. Esta percepção afeta-me mais do que julguei ser possível. Começa a criar raízes dentro de mim.

Na noite do nosso encontro com o Kincaid, depois de a Mac ir para a cama, acabei na minha oficina a fumar um cigarro como um louco, esperando que a nicotina aliviasse a culpa, o stress, o medo. Geralmente, só fumo quando bebo, e mesmo isso não é uma regra rígida. Mas mentir à Mackenzie deu cabo de mim.

O Evan encontrou-me ali à uma da manhã, quase meio maço de beatas no cinzeiro sobre a mesa de trabalho.

— Tenho de lhe dizer a verdade — disse, tristemente.

Ele opôs-se.

— Estás-te a passar? O que é que esperas conseguir com isso, meu? O plano foi abortado. Tu estás com ela porque gostas dela.

— Mas começou por ser uma forma de me vingar do Kincaid. Eu e ela, toda esta relação, começou com más intenções.

No fim, o Evan convenceu-me a ficar calado. Mas quem é que eu quero enganar? Não foi preciso muito para me convencer. A

ideia de perder a Mackenzie rasga-me por dentro. Não posso perdê-la. E o Evan está enganado — não estou com ela porque gosto dela.

Estou apaixonado por ela.

Portanto, empurro a culpa para o recesso mais escondido da minha mente. Esforço-me muito para ser o tipo de homem de que a Mac precisa e merece. Assim, uma manhã, estamos deitados na cama e eu respiro fundo pela primeira vez em quase um mês. Ela está meio a dormir quando se vira e passa a perna sobre a minha anca. Quando se aninha no meu peito, sou envolvido por uma imensa sensação de calma, como nunca senti.

— Bom dia — sussurra. — Que horas são?

— Não sei. Dez, talvez?

— Dez? — Ela senta-se subitamente. — Bolas. O teu tio deve estar a chegar. Temos de dar um jeito nisto.

É fofa ela achar que o Levi se importa com estas coisas.

A Mac deixa-me sozinho na cama e vai tomar banho, aparecendo dez minutos depois com o cabelo molhado e a cara corada.

— Argh. Não encontro o meu vestido azul — refila do armário, metade do qual é agora ocupado pelas suas roupas.

Passaram-se semanas desde que veio morar connosco, porém, ninguém falou da possibilidade de ela sair. Por mim, podemos ignorar esse assunto. Claro, ter outra pessoa cá em casa tem sido uma aprendizagem. E talvez ainda estejamos a aprender a respeitar as excentricidades de cada um. Mas ela tornou a casa acolhedora outra vez, como um lar, mais do que uma casa. Deu-lhe vida, depois de anos de más memórias e quartos vazios.

Simplesmente, ela encaixa aqui.

— Então, veste outra coisa qualquer. Ou não, e volta para a cama.

— É o meu vestido *levem-me a sério* — diz ela, no meio do que parece ser um monte de cabides.

Não tem razões para estar nervosa em relação ao encontro com o Levi. Ele pode parecer intimidante, mas é o tipo mais simpático de sempre. E, sim, há muito a dizer sobre não misturar negócios com prazer, mas eu escolho encarar esta possível iniciativa de trabalho conjunto no hotel através de uma perspetiva otimista.

— Que tal isto? — Aparece com um top verde a condizer com os seus olhos e um par de calças azul-escuras que lhe apertam o rabo de uma forma que não ajuda à minha ereção parcial.

— Estás linda.

O seu sorriso de resposta. A forma como inclina a cabeça e como os seus olhos brilham. Aqueles olhares só para mim. Estas coisas atingem-me mesmo no meio do peito.

Perdi completamente a cabeça por esta miúda.

— O que foi? — pergunta, junto aos pés da cama, apanhando o cabelo num puxo no topo da cabeça.

— Nada. — A única coisa que posso fazer é sorrir e esperar não estragar tudo. — Acho que me sinto feliz, é só isso.

A Mac aproxima-se e dá-me um beijo na cara.

— Eu também.

— Sim? Mesmo, tipo, depois de os teus pais basicamente te deserdarem?

Encolhendo os ombros, ela entra na casa de banho. Visto-me e olho para ela ao espelho enquanto se maquilha.

— Não adoro o facto de não nos falarmos — admite. — Mas eles é que estão a ser teimosos. Escolher viver a minha vida não é motivo suficiente para ser excomungada.

Preocupa-me que, quanto mais tempo continuar esta disputa com os pais num conflito silencioso, mais se irá arrepender da sua decisão de abandonar a faculdade. De comprar o hotel. De

estar comigo. Porém, até agora, não demonstrou qualquer tipo de arrependimento.

— Eles hão de ultrapassar isso mais cedo ou mais tarde — diz, virando-se para mim. — Não estou a stressar com isso, sabes? Prefiro não lhes dar essa satisfação.

Procuro no seu rosto algum indício de desonestidade, mas não encontro. Tanto quanto consigo perceber, ela *está* feliz. Tento não me deixar cair nesse lugar paranoico. Tenho a mania de sofrer com a antecipação da catástrofe. Sempre foi esse o ritmo da minha vida. As coisas começam a parecer demasiado boas e cai uma casa do céu.

Desta vez, espero que ela tenha quebrado a maldição.

CAPÍTULO 34

Mackenzie

Bem, não é inverno em Jackson Hole ou em Aspen — o tempo tem estado acima dos vinte graus durante todo o fim de semana, como se a Carolina tivesse parado no outono —, mas comprar uma árvore de Natal com o Cooper e o Evan está a ser uma aventura. Já fomos expulsos de três lojas, porque estes arruaceiros são incapazes de se comportar em público. Entre desafiarem-se um ao outro para ver quem consegue aguentar o peso da maior árvore e fazerem um duelo no meio do parque de estacionamento de uma mercearia, estamos a ficar sem opções para encontrar uma árvore sem ser preciso atravessar a fronteira do estado.

— O que acham desta? — pergunta o Evan, algures do meio da floresta artificial.

Para dizer a verdade, uma das lojas de onde fomos expulsos foi por causa de eu e o Cooper termos sido apanhados na marmelada atrás dos abetos-de-douglas. Mostrando que não aprendeu a lição, o Cooper aproxima-se sorrateiramente e dá-me uma palmada no rabo no momento em que estou a encaminhar-me para o seu irmão.

— Parece a tua namorada do 8.º ano — observa o Cooper, quando encontramos o Evan junto a um abeto redondo com muita folhagem na copa e na base, mas visivelmente careca no

meio.

O Evan sorri.

— Ciumento.

— Esta é bonita. — Aponto para outra árvore. Tem bastante folhagem e é fofa, com ramos bem distribuídos para colocar ornamentos. Sem grandes buracos ou aparentes manchas escuras.

O Cooper mede a árvore.

— Achas que passa na porta?

— Podemos levá-la pelas traseiras — responde o Evan. — Mas é bastante alta. Talvez tenhamos de fazer um buraco no teto.

Sorrio.

— Vale a pena.

Sempre gostei de árvores grandes, embora nunca me deixassem escolher. Os meus pais tinham quem fizesse isso por eles. Todos os meses de dezembro, uma carrinha aparecia e descarregava decorações suficientes para encher um centro comercial. Uma árvore enorme e perfeita para a sala de estar, e outras mais pequenas para quase todas as áreas da casa. Grinaldas, luzes, velas, tudo. Depois, um decorador de interiores e um pequeno exército de criados transformavam a casa. A minha família nunca se juntou uma única vez para decorar as árvores; nunca procurámos o ramo perfeito para cada ornamento, como as outras famílias pareciam fazer. Tudo o que tínhamos era uma série de tralha cara e alugada para concretizar o tema que interessasse à minha mãe nesse ano. Mais um cenário para a sua vida de festas e para receber pessoas influentes ou doadores de campanha. Uma época de festas completamente estéril.

Apesar disso, dou por mim a sentir-me um pouco emotiva com a ideia de não ver os meus pais no período das festas. Mal nos falamos, embora o meu pai me tenha enviado um monte de

postais de Natal e me dissesse para assinar o meu nome sob o seu e o da minha mãe. Aparentemente, os postais vão ser entregues a hospitais e instituições de caridade no distrito congressional do meu pai, cortesia da perfeita família Cabot, tão preocupada com a humanidade.

Nessa noite, depois do jantar, os três procuramos decorações e luzes no sótão, enterradas sob anos de pó.

— Acho que não fazemos decorações de Natal há... quê? — pergunta o Cooper ao irmão, enquanto levamos as caixas para a sala. — Três, quatro anos?

— A sério? — Pouso uma caixa no soalho e sento-me em frente à árvore.

O Evan abre uma caixa de luzes emaranhadas.

— Qualquer coisa assim. Pelo menos desde o secundário.

— Isso é tão triste. — Até uma árvore de plástico é melhor do que nada.

— Nunca ligámos muito às festas nesta família. — O Cooper encolhe os ombros. — Às vezes, fazemos qualquer coisa em casa do Levi. Geralmente, no Dia de Ação de Graças, porque, a cada dois anos, no Natal, eles visitam a família do Tim no Maine.

— O Tim? — pergunto, espantada.

— O marido do Levi — diz o Evan.

— Parceiro — corrige o Cooper. — Acho que não são casados.

— O Levi é gay? Porque é que ninguém me disse antes?

Os gémeos encolhem os ombros ao mesmo tempo e, durante um segundo, percebo porque é que os professores tinham dificuldade em distingui-los.

— Não é algo de que costume falar — diz o Cooper. — Eles estão juntos há vinte anos ou assim, mas não ostentam a sua relação. São ambos pessoas bastante privadas.

— A maioria das pessoas da cidade sabe — acrescenta o

Evan. — Ou suspeita. Todos os outros apenas assumem que vivem juntos.

— Devíamos ter organizado um jantar e convidá-los para virem cá. — Sinto-me triste com a oportunidade perdida. Se vou viver em Avalon Bay e morar com os gémeos, talvez seja bom estabelecer ligações mais profundas.

É estranho. Embora tivéssemos crescido em mundos opostos, eu e o Cooper não somos assim tão diferentes. De muitas formas, tivemos experiências paralelas. Quanto mais o conheço, mais percebo que a nossa linguagem partilhada é profundamente influenciada pela forma como nos sentimos desprezados.

— Meu, acho que alguns destes ornamentos eram dos avós. — O Evan arrasta uma caixa para mais próximo da árvore. Eles começam a vasculhar, tirando pequenos ornamentos feitos à mão com fotografias lá dentro. Datadas de 1953 e 1961. Recordações de viagens por todo o país. O Evan segura num pequeno berço que, a dada altura, deve ter pertencido a um presépio. — Que coisa mais adorável é esta?

Ele mostra-nos um menino Jesus enfaixado, que mais parece uma pequena batata assada em papel de alumínio, com dois pontos negros a fazer de olhos e uma linha cor-de-rosa a fazer de boca.

Fico pálida.

— Isso é perturbador.

— Nem sabia que isto estava aqui. — O Cooper olha para uma fotografia que suponho ser do pai quando era criança. Depois, volta a pô-la no fundo da caixa.

Mais uma vez, sinto um nó na garganta.

— Quem me dera ter caixas como estas em casa, cheias de fotografias antigas e bugigangas, com histórias interessantes para os meus pais me contarem.

O Cooper levanta-se para empurrar uma das caixas maiores

de volta para o corredor.

— Não sei... Ter um monte de criados a fazer o trabalho pesado não me parece assim tão mau — diz sobre o ombro.

— Já para não falar da tonelada de presentes para abrir de manhã — diz o Evan.

— Claro — digo, escolhendo os ornamentos que ainda estão em boas condições e que parecem menos nocivos emocionalmente. — *Parece ótimo*. Era como acordar na oficina do Pai Natal. Até termos idade suficiente para perceber que todos os cartões que acompanhavam os presentes não tinham sido escritos pelos nossos pais. E, em vez de duendes, na verdade, eram pessoas a quem eles pagavam para manter a maior distância possível entre si e qualquer coisa que se aproximasse do sentimentalismo.

— Mas aposto que eram presentes altamente — diz o Evan, piscando o olho. Já ultrapassámos há muito as piadas do género *quantos póneis recebeste nos anos*, mas nem sempre consegue resistir a uma ferroada.

Encolho os ombros com tristeza.

— Devolveria tudo se isso significasse que os meus pais queriam passar tempo juntos, nem que fosse uma vez. Agir como se fôssemos uma família em vez de uma empresa. O meu pai estava sempre a trabalhar e a minha mãe mais preocupada com as suas instituições de caridade, e sim, eu sei, não estava a cozinhar cachorrinhos nem nada, há coisas piores do que angariar dinheiro para um hospital pediátrico. Mas eu também era uma criança. Não merecia também algum daquele espírito natalício?

— Oh, anda cá, sua estúpida. — O Evan envolve os braços em torno do meu pescoço e beija-me no topo da cabeça. — Estou a brincar contigo. Os pais são uma merda. Até os ricos. Estamos todos lixados, de uma maneira ou de outra.

— O que quero dizer é que fazer isto, os três, é muito

importante para mim — digo-lhes, surpreendendo-me quando os meus olhos começam a arder. Se chorar em frente destes dois, estou feita. — É o meu primeiro Natal a sério.

O Cooper senta-me ao seu colo e envolve-me nos seus braços.
— Estamos felizes por estares aqui.

O Evan desaparece durante um segundo e regressa com uma pequena caixa.

— Pronto. Então, eu ia pôr-te isto na meia mais tarde, mas acho que devias abrir agora.

Fico a olhar para a caixa. Está toda mal embrulhada, os cantos todos desiguais e com mais fita-cola do que a necessária para algo que cabe na palma da mão.

— Não te preocupes — diz ele —, não é roubado.

Esboço um sorriso e abro o presente com toda a graciosidade de uma criança impertinente. Lá dentro, está uma figura de plástico de uma rapariga com um vestido cor-de-rosa. Tem o cabelo pintado de preto com caneta permanente e uma minúscula coroa amarela de papel colada na cabeça.

— Juro que procurei ornamentos de princesa em seis lojas diferentes. Não fazes ideia de quão estupidamente difícil é encontrar um. — Sorri. — Por isso, fiz eu.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Sinto outro nó formar-se na garganta.

— Queria dar-te qualquer coisa. Para celebrar.

Sinto as mãos a tremer.

— Quer dizer, é suposto ser uma piada. Prometo que não estava a tentar ser otário nem nada disso.

Agarrada à barriga, começo a rir histericamente. Com tanta violência que me faz doer as costelas. O Cooper não consegue agarrar-me, e eu caio no chão.

— Ela está a rir ou a chorar? — pergunta o Evan ao seu gémeo.

Honestamente, é a coisa mais bonita que alguma vez fizeram

por mim. E é ainda mais significativo que o Evan se tenha esforçado tanto por arranjar o presente perfeito. O seu irmão terá de subir a parada se quiser competir com ele.

Depois de me acalmar, levanto-me e abraço o Evan, que parece aliviado por eu não lhe dar uma tarefa. Acho que haveria sempre a hipótese de a prenda correr mal, mas parece que eu e o Evan chegámos a um entendimento.

— Quando vocês se deixarem de coisas, podemos acabar a porcaria da árvore? — Sentindo-se posto de lado, o Cooper amua atrás de nós.

— Continua assim que não recebes o teu presente esta noite — aviso-o.

— Por favor — diz o Evan, calando-nos com um dedo sobre a boca. — O Menino Jesus da Batata está a ouvir tudo.

Uns dias depois, a seguir ao Natal mais despojado — e melhor — que já tive, estou com o Cooper na oficina, ajudando-o a limpar, polir e empacotar algumas mobílias. Acho que ver-me a tomar conta da renovação do hotel o incentivou a esforçar-se mais no seu negócio. Tem andado de um lado para o outro a pesquisar, e, esta semana, recebeu algumas chamadas de lojas de roupa que querem vender algumas das suas peças. Esta manhã, enviámos mais fotografias para os sites e agora estamos a preparar tudo para ser transportado.

— Não vais vender o meu conjunto, pois não? — pergunto ansiosamente.

— Aquele que nunca chegaste a pagar? — Ele pisca-me o olho, aproximando-se de mim, coberto de serradura, que se agarra a tudo.

— As coisas tornaram-se um bocado caóticas. Mas tens razão, estou a dever-te um cheque.

— Esquece. Não posso aceitar o teu dinheiro. — Ele encolhe os ombros de forma adorável. — Aquelas peças sempre foram

tuas, tivesses pagado por elas ou não. A partir do momento em que as quiseste, teria sido errado vendê-las a outra pessoa.

O coração salta-me do peito.

— Primeiro, essa é uma das coisas mais lindas que alguma vez disseste. E, segundo, podes aceitar o meu dinheiro na boa. Essa é a parte boa do dinheiro. Funciona em todo o lado.

— Dito como uma verdadeira clone.

Por causa do comentário, bato-lhe com o pano de polir.

— Mãos, Cabot.

— Sim, eu dou-te as mãos, Hartley.

— Ah, sim? — Com um sorriso, ele puxa-me para si, a sua boca sobre a minha num beijo possessivo.

A sua língua está a deslizar sobre a minha quando uma voz feminina que não conheço chilreia da porta aberta da garagem.

— Truz -truz!

CAPÍTULO 35

Cooper

Ao ouvir a voz atrás de mim, fico paralisado. Sinto o sangue gelar. Viro-me relutantemente, esperando que o som tenha sido apenas uma alucinação.

Não tenho essa sorte.

A Shelley Hartley está à porta, a acenar-me.

Merda.

Não sei quanto tempo passou desde a última vez que ela esteve por aqui. Meses. Um ano, talvez. A sua imagem surge distorcida na minha cabeça, mudando constantemente. Está igual, parece. O cabelo mal pintado de louro. Demasiada maquilhagem. Vestida como uma mulher com metade da sua idade que entrou num concerto do Jimmy Buffet e nunca mais saiu. Porém, quando ela entra na oficina, é o sorriso que me irrita. Não o merece.

O meu cérebro está às voltas. Alguém tirou a cavilha a uma granada e atirou-ma, e eu tenho poucos segundos para perceber o que fazer e impedir que me rebente na cara.

— Olá, querido — diz ela, abraçando-me. O fedor a gin, cigarros e perfume de lilás agonia-me. Poucos cheiros me transportam tão violentamente à infância. — A mamã tinha saudades tuas.

Aposto que sim.

A Shelley demora cerca de dez segundos a pôr os olhos na Mac e na pulseira de diamantes que era da sua bisavó. Empurra-me praticamente para o lado para agarrar o pulso da Mac, com a desculpa de lhe apertar a mão.

— Quem é esta miúda gira? — pergunta ela, radiante.

— É a Mackenzie. É a minha namorada — digo, sem expressão. A Mac olha para mim, confusa. — Mac, esta é a Shelley. É a minha mãe.

— Ah. — A Mac pestaneja, recuperando rapidamente. — Hum, é um prazer conhecê-la.

— Bem, venham ajudar-me — diz a Shelley, ainda agarrada à Mac. — Trouxe coisas para o jantar. Espero que estejam com fome.

Não há carro na entrada. Apenas alguns sacos de papel nos degraus do alpendre. Não faço ideia de como chegou aqui ou que terrível vento a trouxe de volta. Provavelmente, foi abandonada por mais um pobre coitado que sugou até ao tutano. Ou deixou-o a meio da noite antes de ele descobrir que ela lhe roubou tudo. Uma coisa é certa: isto não vai acabar bem. A Shelley é uma catástrofe ambulante, deixando apenas destruição no seu rasto, sobretudo aos pés dos filhos. Aprendi há muito tempo que, com ela, nada é o que parece. Se estiver a respirar, é porque está a mentir. Se estiver a sorrir-nos, é melhor escondermos a carteira.

— Evan, querido, a mamã chegou — diz, assim que entramos.

Ele sai da cozinha ao ouvir o som da sua voz. Como eu, o seu rosto empalidece ao perceber que não é um truque da sua imaginação. Fica paralisado, quase como se esperasse que ela se evaporasse. O seu olhar enche-se de indecisão, enquanto se questiona se será seguro, ou se será mordido.

É a história da nossa vida.

— Anda cá. — A Shelley incentiva-o, de braços abertos. —

Dá-me um abraço.

Hesitante, a princípio, não deixando de olhar para mim, ele abraça-a. Ao contrário de mim, ele retribui realmente o abraço.

Sinto-me inflamar de desaprovação. O Evan tem uma capacidade infinita de perdão em relação a esta mulher que jamais compreenderei. Ele nunca quis ver a verdade. Sempre que a nossa mãe entra pela porta, ele espera que tenha vindo para ficar, que desta vez sejamos uma família, apesar dos anos de desilusão e sofrimento por que ela nos fez passar.

— O que é isto? — pergunta ele.

— O jantar. — Ela pega nalguns sacos de compras e passalhos. — Lasanha. O teu prato favorito.

A Mac oferece-se para ajudar, porque é demasiado educada para o seu próprio bem. Apetece-me dizer-lhe que não vale a pena dar-se ao trabalho. Não precisa de impressionar ninguém. Em vez disso, fico calado e mantenho-me por perto, porque nem pensar em deixar a Mac sozinha com esta mulher. A Shelley seria capaz até de lhe rapar o cabelo se lhe rendesse bom dinheiro num fabricante de perucas do mercado negro.

Mais tarde, quando a Shelley e o Evan estão na cozinha, aproveito para a chamar à parte com a desculpa de pormos a mesa.

— Faz-me um favor — digo. — Quando ela te perguntar, não fales sobre a tua família.

Ela franze a testa.

— Como assim? Porque não?

— Por favor. — A minha voz sai grave. Urgente. — Não menciones dinheiro nem o que o teu pai faz. Nada que sugira que eles são ricos. Ou tu, já agora.

— Nunca faria a tua mãe sentir-se desconfortável, se é isso que queres dizer.

A Mac sabe não esfregar a sua fortuna na cara dos outros, mas não é aí que quero chegar.

— Não é isso, miúda. Não importa o que disseres. Mente. Confia em mim. — Depois, lembrando-me da sua pulseira, pego-lhe no pulso, desaperto-a e enfio-a no bolso das suas calças de ganga.

— O que é que estás a fazer? — Ela parece alarmada.

— Por favor. Até ela se ir embora. Não a uses à sua frente.

Não faço ideia de quanto tempo a Shelley está a pensar ficar por aqui, ou onde tenciona ficar. O seu quarto está exatamente como o deixou. Nós não entramos lá. Mas se a experiência passada serviu de alguma coisa, antes da meia-noite há de andar à pesca de outro homem.

Durante o jantar, portamo-nos todos terrivelmente bem. O pobre do Evan até parece feliz por a Shelley estar em casa. Conversam sobre o que ela tem andado a fazer. Parece que vive em Atlanta com um tipo qualquer que conheceu num casino.

— Disputámos uma *slot machine* — diz, entusiasmada, com um risinho —, e acabámos por nos apaixonar!

Hum-hum. Tenho a certeza de que viverão felizes para sempre. Visto que ela está aqui, provavelmente já acabaram.

— Quanto tempo estás a pensar ficar? — Interrompo a sua história de amor; o meu tom brusco faz com que a Mac me segure na mão debaixo da mesa, apertando-a de forma reconfortante.

A Shelley parece ofendida por eu me atrever sequer a fazer-lhe essa pergunta.

O Evan lança-me um olhar cruel.

— Meu. Calma. Ela acabou de chegar.

Sim, e eu quero saber quando é que se vai embora, apetece-me dizer. Faço um esforço sobre-humano para ficar calado.

— Então, Mackenzie — diz a Shelley, depois do silêncio constrangedor e prolongado que cai sobre a mesa de jantar. — Como é que começaste a namorar com o meu filho? Como se conheceram? Conta-me tudo.

Durante os quinze minutos seguintes, a Mac esquivava-se a dezenas de perguntas indiscretas e inventa umas tretas de primeira para as restantes.

O Evan, que mantém o bico calado e vai alinhando, lança-me um olhar furtivo a dizer *que merda*. O meu irmão pode ser um totó no que toca à Shelley, mas não é idiota. Pela minha parte, falo o menos possível, temendo que, a qualquer momento, o meu filtro deixe de funcionar e eu seja incapaz de travar uma inevitável diatribe. Poucas pessoas me tiram do sério como a Shelley Hartley.

Depois do jantar, estou no lava-louça a passar os pratos por água quando ela me encurrala.

— Estavas muito calado — diz, tirando-me um prato das mãos para pôr na máquina.

— Estou cansado — resmungo.

— Oh, meu tesouro. Tu trabalhas tanto. Tens de descansar mais.

Faço um som evasivo. Fico arrepiado de cada vez que ela tenta ser maternal. Não combina com ela.

— A Mackenzie parece uma querida. — Há todo o tipo de eufemismos na sua afirmação, e nenhum deles é bom.

Faço os possíveis por ignorá-la enquanto vou passando os pratos por água, mantendo a cabeça baixa.

— Sim. Ela é fixe.

— Reparei na pulseira dela. E na mala que está na sala.

Os meus ombros retesam-se.

— Coisas caras. Bem jogado, querido.

Ao vê-la exibir um sorriso cúmplice, mordo a parte de dentro da bochecha. O seu pensamento é demasiado evidente — de que eu arranjei um sustento. Ela usa o mesmo esquema há tanto tempo, que não deve conhecer outra forma de viver.

— Ouve, querido...

Aqui vamos nós. Claro, foda-se. Há sempre um favor a pedir.

Um ângulo.

— Sabes, quase não chegava aqui inteira — continua ela, ignorando a raiva a crescer dentro de mim. — Aquele meu carro velho começou a deitar fumo na autoestrada. Teve de ser rebocado por uma estação de serviço. Parece que uma caixinha de plástico do motor resolveu rebentar. — Ri-se timidamente. — Eu consegui convencer o gajo, mas não consigo cobrir as despesas de reparação.

— O que é que se passa? — O Evan entra na cozinha a tempo de ouvir o final da sua história da carochinha. — O teu carro avariou-se?

— Há sempre qualquer coisa com aquele chaço, não é? — diz ela, armando-se em donzela, porque o Evan nunca consegue resistir a ser herói. — Seja como for, eu tinha um emprego, mas fui despedida a seguir às férias. Tem sido difícil encontrar outra coisa. Isto vai acabar com tudo o que tinha poupado.

— Nós não temos dinheiro — informo-a, olhando para o Evan. — Investimos o dinheiro todo na renovação da casa.

— E a casa está impecável. — Ela não me olha nos olhos. Não quando o Evan é um alvo tão fácil. — Preciso de uns duzentos dólares para reaver o carro. Depois, já posso procurar um novo emprego por aqui. Eu devolvo-vos o dinheiro.

— Vais ficar? — pergunta o Evan.

Pobre coitado. A esperança na sua voz mete dó. Apetece-me dar-lhe um murro.

A Shelley aproxima-se dele e abraça-o, enfiando a cabeça sob o seu queixo.

— Se me deixarem. Sinto falta dos meus rapazes.

O Evan enfia a mão no bolso e tira várias notas de vinte. Provavelmente, tudo o que sobrava do seu último ordenado. — Tens aqui cento e cinquenta. — Encolhe os ombros. — Vou ao multibanco levantar o resto. — Ou seja, as suas poupanças.

— Obrigada, querido. — Ela dá-lhe um beijo na cara,

soltando-se imediatamente do seu abraço. — Quem quer batidos? Como costumávamos beber no passeio marítimo. Vou sair num instante para comprar cigarros e trago batidos para nós.

Ficarei surpreendido se voltar antes do nascer do sol.

Mais tarde, não consigo dormir. Sinto-me tenso, ainda a pensar na Shelley. Não me preocupei em ficar à espera para ver se voltava com os batidos. Assim que ela saiu, eu e a Mac enfiámo-nos no quarto. Ou melhor, foi o que eu fiz e ela veio fazer-me companhia. Agora, vira-se e acende o candeeiro da mesa de cabeceira.

— Sei que estás a pensar — murmura, vendo-me a olhar para a ventoinha do teto.

— Pois. Eu... Desculpa ter-te pedido para fazeres aquilo há bocado. Bastou a minha mãe olhar para ti, para a tua pulseira, a tua mala, para perceber que és podre de rica. — O ressentimento aperta-me a garganta. — A Shelley nunca conheceu ninguém que não usasse. Não queria que ela soubesse que a tua família tem dinheiro, porque podes ter a certeza de que ia arranjar maneira de lhe deitar as mãos.

— Está bem, mas isso não tem nada que ver connosco. — A Mac passa a mão pelo meu peito e encosta a cabeça no meu braço. — Também não iria gostar que me julgasses por causa meus pais.

— Ela acha que só estou contigo porque és rica.

— Ah, sim? Bem, mas está errada. Eu sei que não é verdade. Quer dizer, caramba, tu devias mandar-me cobrar aquela mobília que estou sempre a esquecer-me de te pagar.

— Eu acrescento os juros à tua conta. — Beijo-lhe o topo da cabeça e puxo-a para mim. Abraçá-la assim acalma-me bastante. — Mas agora a sério. Jamais te usaria dessa maneira. Não sou nada como aquela mulher.

— Cooper. — A sua voz é meiga, tranquilizadora. — Não precisas de me convencer.

Talvez. Parece que nunca deixei de me tentar convencer a mim.

A Mac aninha-se mais.

— Quanto tempo achas que ela vai ficar por aqui?

— Dou-lhe vinte e quatro horas. Talvez quarenta e oito.

— Isso é tão triste.

Rio-me baixinho.

— Na verdade, não é. Talvez fosse triste antigamente, mas hoje em dia preferia que ela ficasse longe. De cada vez que volta, brinca com os sentimentos do Evan. Ela consome-me e eu acabo por me passar com todos os que me rodeiam. Passo o tempo a sustentar a respiração, à espera de que ela se vá embora, e que desta vez seja para sempre.

— Mas ela continua a voltar. Isso deve querer dizer alguma coisa, não? — A Mac, tão querida, está claramente a tentar equacionar as visitas da Shelley com algum tipo de necessidade afetuosa e maternal de se reconciliar com os filhos.

— Quer dizer que a última relação que teve deu barraca, ou que está sem dinheiro, ou as duas coisas — digo, simplesmente. — Acredita, princesa. Andamos nisto desde que eu tinha 14 anos. A Shelley não está aqui por causa de nós. Está aqui por causa dela.

Sinto a respiração quente da Mac no pescoço quando ela se ergue no cotovelo para me beijar a face.

— Lamento, Cooper. Não mereces isso.

— É o que é.

— Para — censura. — Aceita a minha compaixão e, agora, deixa-me ajudar-te a esquecer um pouco. — Começa a percorrer o meu corpo com beijos, pondo a mão dentro dos meus boxers.

Fecho os olhos, gemo baixinho e entrego-me ao

esquecimento.

Quarenta e oito horas.

Teria apostado em vinte e quatro, mas, enfim, acertei na mesma. Precisamente dois dias após a sua súbita chegada, apanho a Shelley a fugir pela porta das traseiras com uma mochila ao ombro.

Passa pouco das sete da manhã e eu fui o primeiro a acordar. Acabei de pôr o café a fazer, depois de deixar a *Daisy* sair, quando a Shelley aparece sorrateiramente na cozinha.

— Já estás a fugir? — pergunto, da bancada.

Ela vira-se, sobressaltada, disfarçando com uma gargalhada.

— Querido. Assustaste-me. Não queria acordar ninguém.

— Nem sequer te ias despedir? — Pessoalmente, estou-me nas tintas. Mas abandonar o Evan é um desgosto que ele não merece.

— E se eu fizesse umas panquecas? — Ela pousa o saco junto à porta e pavoneia-se com o seu habitual sorriso enganador. — Podemos desfrutar de um bom pequeno-almoço juntos.

Que seja. Parece que sempre vamos fazer este número outra vez. Se a conclusão for a sua partida, não me importo de alinhar.

A Mac e o Evan levantam-se pouco depois, entrando na cozinha a tempo de a Shelley lhes servir o pequeno-almoço. Enfio um bocado de panqueca na boca e mastigo lentamente, encostando-me na cadeira, à espera de que comecem as tretas. Mas a Shelley evita cautelosamente o meu olhar expectante, presenteando a Mackenzie com uma história estúpida sobre a nossa infância. Estamos quase a acabar de comer quando se torna evidente que a Shelley não vai avançar sem provocação.

— Então, para aonde vais agora? — pergunto, inexpressivo, interrompendo mais uma história sobre a minha infância e do Evan, certamente toda inventada para a fazer parecer menos

má mãe.

A Shelley detém-se e mal esconde o olhar de irritação. Limpa a boca e bebe o resto do sumo de laranja.

— Foi tão bom ver-vos, rapazes — diz ao Evan, fazendo uma voz triste. — Gostava mesmo de poder ficar mais tempo, mas vou-me embora esta manhã.

Os lábios do Evan contraem-se.

— Porquê?

— O que se passa é que não há emprego para mim aqui agora. Mas eu conheço um tipo. Conheci-o em Baton Rouge. Ele tem trabalho para mim. Quer dizer, praticamente implorou-me que voltasse para tomar conta do sítio. — Ela faz beicinho. — Vocês sabem que não quero deixar os meus meninos, mas preciso de ganhar dinheiro. Quero ajudar-vos a arranjar a casa.

Ela continua o discurso durante mais algum tempo. A fazer conversa fiada. A convencer-se de que há uma finalidade nobre no seu abandono perpétuo e promessas por cumprir. Ela é uma aldrabona — ontem vi pelo menos cinco placas a dizer PROCURASE FUNCIONÁRIO espalhadas por Avalon Bay. E tenho quase a certeza de que este *tipo* é o seu ex, que ela provavelmente conseguiu convencer a dar-lhe uma segunda oportunidade. Ou talvez tenha passado tempo suficiente para poder ir à segunda ronda. Não importa. Se não é uma desculpa, é outra. Ela abandonar-nos-ia por uma sanduíche, desde que fosse longe daqui.

— Assim que me instalar, deviam ir visitar-me — diz a Shelley quinze minutos depois, despedindo-se do Evan com um abraço. — Vou ter de arranjar um número de telemóvel novo. O último foi cancelado. Ligo-vos assim que o tiver.

Isso não vai acontecer. Ela não vai ligar nem mandar mensagens. Não haverá férias em família. Nesta altura, as despedidas da treta e conciliações hipócritas já fazem parte da atuação. Já não me incomoda, mas ela bem pode ir à merda

por fazer o Evan passar por isto outra vez.

— Sim, não te esqueças de nos dar o número novo quando tiveres — diz o Evan, acenando seriamente. — Precisamos de saber como te podemos contactar.

Porquê? Quase pergunto, mas contenho o impulso. Se o Evan quer viver num mundo de ilusões onde a mãe o ama, quem sou eu para criticar?

— Adeus, querido. — A Shelley puxa-me para um abraço, apesar da minha visível relutância. Até me dá um beijo na cara. Depressa, alguém lhe dê um prémio de Mãe do Ano. — Vemo-nos em breve, prometo.

E depois, tão rapidamente como apareceu, a Shelley desaparece. Infilmando o mínimo de danos, felizmente.

Ou assim penso eu.

Só uma semana mais tarde, numa noite depois do trabalho, é que descubro a verdadeira extensão dos danos causados pela visita da minha mãe. O aniversário da Mac está a chegar — parece que é no dia anterior ao meu — e, embora ela me tenha dito para não lhe comprar nada, estou decidido a comprar-lhe uma coisa incrível. A Mac dá-me tão poucas hipóteses de a mimar, que tomei a decisão executiva de a ignorar e fazer o que me der na gana.

No meu quarto, por baixo de uma tábua sob a minha cómoda, tiro a velha lata de caramelos onde guardo o meu dinheiro e contrabando desde os 11 anos. Abro a tampa, esperando encontrar o dinheiro que aí guardei, dinheiro ganho em biscates, escondido do banco e das mãos sujas das autoridades fiscais. Doze mil dólares presos por dois elásticos. O fundo *se tudo o resto falhar*.

Porém, o dinheiro não está lá.

Nem um tostão.

Desapareceu tudo.

CAPÍTULO 36

Mackenzie

Da sala de estar, ouço alguma agitação a vir do quarto do Cooper. Um estalo agudo contra a parede e alguma coisa a cair no chão de madeira. De repente, o Cooper surge no corredor.

A *Daisy*, a ladrar desalmadamente, porque costuma ficar maluca cerca de uma hora antes de lhe darmos de comer, segue-o quando ele atravessa a sala.

— Está tudo bem? — Levanto-me do sofá.

— Está — diz ele, rosnando as palavras através dos dentes cerrados. Nem sequer olha para mim.

— O que é que se passa?

Em vez de obter uma resposta, vejo-o abrir a porta de correr e sair. Fecha a porta com força no focinho da *Daisy*, por pouco não lhe acertando, embora ela apenas pareça desiludida por ele ir lá fora sem ela.

Para a satisfazer, dou-lhe a sua comida, depois pego nos meus sapatos para ir atrás do Cooper. Encontro-o na praia, a atirar pequenos pedaços de madeira para as ondas. Quando chego ao pé dele, fico arrependida de não ter trazido uma camisola ou de não ter pelo menos vestido umas calças, em vez de sair de calções e t-shirt. É quase noite e a brisa constante faz-me ficar com pele de galinha em poucos minutos.

— O que é que aconteceu? — pergunto-lhe.

— Vai para casa. — A sua voz soa estranhamente inexpressiva, contrastando com os seus movimentos furiosos e violentos.

— Bem, não. Vamos passar à parte em que me dizes o que se passa.

— Porra, Mac, agora não, está bem? Esquece. — Ele levanta areia com o pé, procurando outras coisas para atirar e ficando cada vez mais frustrado com a falta de opções.

— Eu quero esquecer. Fá-lo-ia, se achasse que ajudava. Mas não me parece que ajude, portanto...

Ele passa as mãos pelo cabelo. Atiraria a própria cabeça ao mar se conseguisse arrancá-la do pescoço.

— Porque é que tens de ser tão... — O resto sai em forma de grunhidos.

— Nasci assim, parece. — Ignorando a sua frustração, sento-me e convido-o a juntar-se a mim.

Alguns segundos de silêncio acabam por apaziguar a sua determinação e ele deixa-se cair na areia.

— O que é que se passa? — pergunto baixinho.

— Ela roubou-o.

— O quê?

O Cooper recusa-se a olhar para mim, o seu olhar colado à água.

— O meu fundo de emergência. Tudo o que lá estava.

— Espera, a tua mãe? — Sinto-me invadida pelo desânimo.
— Tens a certeza?

Ele solta uma gargalhada forçada.

— Absoluta. Nem o Evan sabe onde guardo as minhas cenas.
Porra. Isto é cruel.

— Devia tê-lo escondido assim que ela apareceu lá em casa — diz, lamentando-se. — Quando eu tinha 13 anos, ela encontrou a minha erva e fumou-a toda, quando eu estava na escola. Tinha-me esquecido disso até esta noite, esqueci-me de

que ela sabia onde era o esconderijo. Ou talvez lhe tenha dado demasiado crédito ao achar que jamais roubaria os próprios filhos.

— Lamento. — Soa desadequado perante as circunstâncias. Como é que se lamenta uma vida inteira de sofrimento? — Quanto é que ela levou?

— Doze mil dólares — murmura.

Fogo. OK. O meu cérebro entra em modo solução, porque é assim que eu funciono. Sempre que há um problema com um dos meus sites ou um imprevisto nas obras do hotel, torno-me analítica. Analiso o problema e tento arranjar uma forma de o resolver.

— Que merda, a sério. Eu sei que estás chateado e que te sentes traído, e tens todo o direito de te sentir assim. — Enlaço o meu braço no seu e encosto a cabeça ao seu ombro. Para demonstrar apoio. E porque estou gelada. O Cooper está sempre quentinho, é uma fonte permanente de calor. — Ao menos, é só dinheiro, certo? Eu posso ajudar-te. Posso repô-lo.

— A sério? — Ele solta-se do meu braço. — Porque haverias de... — O Cooper não consegue acabar a frase, levantando-se de um salto. — Que diabo, Mac? Porque é que só pensas nisso? Em resolver tudo com dinheiro.

— Pensei que o dinheiro era o problema — protesto.

A sua expressão ameaçadora enerva-me. Porque é que sou repreendida sempre que me ofereço para fazer alguma coisa simpática por ele?

— De quantas maneiras é preciso dizer-te? — grita. — Não quero a porcaria do teu dinheiro. Será que não percebes quanto me infantiliza ter a minha namorada constantemente atrás de mim com a carteira aberta?

— Eu não faço isso — respondo, o maxilar tenso. Este tipo está a fazer-me perder a paciência. Se ele quer estar zangado com a mãe, tudo bem. Mas eu não sou a má da fita. — Só estou

a tentar ajudar. Tu precisas de dinheiro, eu tenho mais do que suficiente. Porque é que isso é errado? O dinheiro não significa nada para mim.

— Nós sabemos. — As palavras saem em forma de um longo suspiro desgostoso. — A merda é essa. Vocês, os clones, esbanjam-no como se nada fosse e esperam que todos os outros se sintam gratos. Não sou um criado a rastejar aos teus pés por uma gorjeta, porra.

Então, é assim. Voltei a ser uma «clone». Está bem.

— Sabes que mais, Coop? Que tal lidares com as tuas frustrações em vez de atirares as tuas inseguranças todas para cima de mim? Estou a ficar mesmo farta de aturar as vossas microagressões provincianas. Vê se cresces. Porque, deixa-me dizer-te uma coisa de experiência própria: rico ou pobre, maus pais são sempre maus pais. A tua mãe não presta. Bem-vindo ao clube. Mesmo que tivesses dinheiro, ela não teria ficado.

Arrependo-me destas palavras assim que saem da minha boca.

Ficamos os dois surpreendidos perante o que acabámos de testemunhar. Quão rapidamente nos atacámos. Todos os sentimentos acumulados que tinha desde que os meus pais me viraram costas vieram à superfície e eu descarreguei tudo em cima do Cooper como se a culpa fosse dele — precisamente aquilo de que o acusei há poucos segundos.

Cheia de remorsos, apresso-me a pedir desculpa. Mas ele já virou costas, gritando sobre o ombro para que não o siga, a não ser que eu queira que esta seja a nossa última conversa. Desta vez, deixo-o ir.

Porém, horas depois, quando ele ainda não voltou e o Evan pergunta se eu sei porque é que o telemóvel do Cooper vai para o voicemail, começo a ficar preocupada. Se ao menos estivesse só chateado comigo, eu aceitava isso. Mas a maneira como saiu daqui... a raiva no seu olhar... Há milhares de formas para

alguém como o Cooper se meter em confusões.

Basta uma.

CAPÍTULO 37

Cooper

Há um bar a cerca de uma hora a oeste de Avalon Bay. Uma barraca, se é que se pode chamar isso sequer, perto de uma estrada municipal de duas faixas que atravessa pântanos desertos e pequenas quintas. A quase um quilómetro, já se ouve o ruído dos motores das motas no parque de estacionamento de terra batida. Estaciono e desligo o motor, entro no bar e vejo que está às moscas, tirando uns poucos motoqueiros com cara de maus ao pé da mesa de bilhar e alguns velhotes espalhados pelo balcão. Sento-me num banco e peço dois dedos de *Jack*. Quando vou no segundo copo, um gajo sentado ao fundo começa a falar sozinho, a tagarelar sobre futebol, respondendo a tudo o que os pivôs da ESPN dizem na única televisão acima de nós. Tento ignorá-lo, até que ele se inclina na minha direção, batendo com a palma da mão no balcão. Recordo os meus tempos de empregado de bar e controlo-me para não me passar com ele.

— Qual é a tua? — pergunta ele, com uma urgência arrastada. Como o ignoro, vai subindo o tom de voz. — No Super Bowl. Qual é a tua, miúdo?

Olho para ele.

— Pago-te uma bebida para ires dar uma volta.

— Oh. — Ele ri-se, gozando comigo. — Já viram este gajo,

hã? Chiu... — Põe um dedo à frente da boca e mostra a toda a gente. — Calem-se todos. O miúdo quer paz e sossego, perceberam?

Vim aqui para desaparecer, para me deixarem em paz. Não há hipótese de a Mac me encontrar aqui, e este é o único sítio que sei que o Evan não conhece. Quando ele ainda andava agarrado à Shelley depois de o nosso pai morrer, o meu tio trouxe-me aqui para desanuviar um bocado a jogar dardos. Quero estar sozinho, mas se este otário continuar a chatear-me, vou humilhá-lo. Fogo, talvez devesse comunicar telepaticamente com o Evan e começar uma luta de bar para aliviar alguma tensão. Quer dizer, por que raio não haveríamos de o fazer, certo?

Enquanto me convenço desta ideia, sinto uma palmada na parte de trás do ombro.

— Dá-me aí duas cervejas — diz uma voz familiar ao barman.

Olho para trás e vejo o meu tio, que se senta no banco ao meu lado. Merda.

— Gary — diz ele ao bêbedo que me estava a incomodar. — Porque não vais para casa ter com a patroa?

— Está a dar o Super Bowl — articula o Gary, beligerante, agitando uma mão na direção da televisão. — Não podes esperar que me vá embora durante o Super Bowl.

— Aquilo é uma repetição do jogo do ano passado — responde o Levi com a paciência de um santo. — O Super Bowl é só no mês que vem, Gary. Agora, é melhor voltares para casa para a Mimi, sim? Ela deve estar quase a mandar os cães virem atrás de ti.

— Raio da mulher — resmunga o Gary, enquanto abre a carteira e atira algumas notas para o balcão. Murmura qualquer coisa como «um homem já não pode beber» e vai a cambalear lá para fora.

Apesar de me apetercer partir-lhe os dentes há poucos segundos, não consigo evitar olhar para o homem cambaleante com alguma preocupação.

— Não te preocupes. Ele há de andar aí uns quatrocentos metros até ela o encontrar desmaiado nas ervas — diz o Levi.
— Ele fica bem.

Olho para o meu tio com desconfiança.

— Foi a Mac que te mandou?

— O Evan mandou-me uma mensagem. Disse que saíste à pressa.

Claro que disse. Porque a Mac deve ter ido logo a correr ter com o seu novo melhor amigo para poderem falar mal de mim. Estou pelos cabelos com aqueles dois armados em amiguinhos.

— Não quero falar sobre isso — murmuro, sem deixar margem para discussão.

— Ótimo — ele encolhe os ombros. — Vim aqui para beber um copo.

O Levi bebe a sua cerveja e fixa o olhar na televisão, sem nunca olhar para mim. É um alívio. A princípio. Depois, passa uma hora. E outra. E, rapidamente, estou tão bêbedo como o Gary estava quando saiu do bar, e a minha cabeça começa a torturar-me com todas as merdas que se passaram esta noite, desde descobrir que as minhas poupanças tinham sido roubadas até à discussão com a Mac na praia. Repetindo partes da conversa na minha cabeça, não me lembro bem do que lhe disse, mas tenho a certeza de que não foi agradável.

— A Shelley voltou — digo, finalmente, o álcool a soltar-me a língua. — Durante dois dias. Depois, fugiu com as minhas poupanças.

O Levi vira-se ligeiramente para olhar para mim.

— Doze mil dólares. — Desenho círculos com a base para copos na marca de condensação que a cerveja deixou no balcão. — Puf. Desapareceu todo. Mesmo debaixo do meu

nariz.

— Jesus. Sabes para onde é que ela foi?

— Não. Para Baton Rouge, talvez. Mas provavelmente era treta. Como se fizesse muita diferença. Desta vez, não volta. Nem pensar.

— Lamento, Coop, essa mulher não presta. — O Levi acaba a cerveja e pousa o copo. — Há muito tempo que me fartei de pedir desculpa pelo meu irmão. Já não lhe arranjo pretextos. Ele deixou-vos numa situação péssima com aquelas dívidas todas. Mas, durante todos estes anos, aquela inútil da Shelley não levantou um dedo para ajudar. — A amargura tolda o seu tom. — Tu e o Evan trabalharam tanto para saírem desse buraco. E agora ela chega aqui e tira-vos tudo? Era o que faltava. Não vou deixar que isso aconteça. — A sua mão bate com força no bar de madeira lascada, fazendo tremer o meu copo de whisky.

Nunca vi o meu tio tão chateado. Ele é um tipo calmo. Firme. Durante anos, ficou calado a ver a Shelley entrar, sair e desaparecer conforme lhe apetecia. Desde que finalmente se tornou nosso tutor, nunca nos fez sentir que éramos um fardo. Nunca o vi tão furioso. Apesar de não adiantar muito.

— O que é que se há de fazer? — Sinto-me tão amargurado como ele parece. — Agora, já não a apanhamos. Se ela não quiser ser encontrada, não será.

O meu estômago contorce-se de raiva. Por causa do dinheiro, obviamente, mas mais ainda por causa da humilhação. A traição. Por todas as formas em que esta mulher nos fez de parvos ao longo dos anos. E nós aceitámos. Por o Evan ainda pensar que talvez — mesmo quando tem mais discernimento —, talvez desta vez seja real. Estúpida da Shelley.

— Ainda não fomos derrotados — diz o Levi. — E não vamos aceitar mais o comportamento desta mulher, ouviste?

Antes de eu poder responder, ele faz sinal a alguém na outra

ponta do bar.

— Steve, ouve, tenho uma pergunta para ti — grita o Levi.

Seguindo o olhar do meu tio, vejo um polícia de folga, com a camisa do uniforme aberta, mostrando uma camisola interior manchada de suor.

— De que é que precisas, Levi? — responde o Steve, porque, em Avalon Bay, todos se conhecem.

— Como é que podemos fazer para apresentar queixa contra alguém que fugiu da cidade?

O quê? O meu olhar sobressaltado voa até ao meu tio, mas ele está atento ao polícia.

Concentrando o seu olhar vidrado, o Steve senta-se direito.

— Estamos a falar de quê?

O tom do Levi é severo. Ameaçador, até.

— Furto.

CAPÍTULO 38

Mackenzie

Até a *Daisy* me virou costas. Primeiro, andou a correr à volta dos meus pés enquanto eu andava pela casa a escrever e a apagar mensagens para o Cooper. Depois, sentou-se com a sua corda de roer ao lado do frigorífico enquanto eu limpava compulsivamente a cozinha. O que é lixado, porque nunca fui pessoa de fazer limpezas para aliviar o stress. Porquê? Cresci numa casa cheia de empregados. Quando pego no aspirador, a *Daisy* pira-se. Não a censuro. Não sou boa companhia agora, de qualquer modo. Mas quando um chão imaculado não é o suficiente para acalmar a minha mente ansiosa, dou por mim no quarto do Evan, onde a *Daisy* está enroscada aos seus pés enquanto ele joga um videojogo.

— Olá — digo, batendo na porta aberta.

Ele põe o jogo em pausa.

— O que se passa?

— Nada.

O Evan responde à pergunta subentendida.

— Também não me respondeu à mensagem.

— Pois, calculei. — Encostada à ombreira da porta, não sei o que vim aqui fazer, mas estava aborrecida de estar enervada sozinha. Sou uma pessoa de ação, não sou de esperar. Odeio ficar parada. Se o Cooper queria castigar-me pela nossa

discussão, está a resultar.

— Anda cá. — O Evan faz um movimento com a cabeça e pega no segundo comando da consola. É bastante antiga e está ligada a um ecrã que parece ter sido penhorado depois de alguém o ter atirado para o quintal. A imagem tem manchas e há uma racha na moldura colada com fita preta.

O meu primeiro instinto é de que o Evan precisa de uma nova. Como se percebesse a minha intenção, ele esboça um sorriso cúmplice que diz para não me preocupar com isso.

Certo. Limites. Preciso de melhorar essa parte. Nem toda a gente quer a minha ajuda.

— Tu és este gajo — informa, e depois explica-me rapidamente o jogo, enquanto nos sentamos na beira da cama. — Percebeste?

— Sim. — Acho que percebi a ideia. Quer dizer, percebi o objetivo e como me mexer. Basicamente. Mais ou menos.

— Segue-me — ordena ele, inclinando-se para a frente.

Não corre bem. Sofremos uma emboscada e, em vez de dispararmos contra os maus, faço explodir uma granada e mato-nos aos dois.

O Evan ri-se alto.

— Gosto mais dos jogos de corridas — confesso, com um encolher de ombros a pedir desculpa. — Tenho jeito para esses.

— Claro, princesa. Eu já te vi a conduzir.

— O tanas. Sou uma excelente condutora. Só prefiro conduzir com sentido de urgência.

— Se é isso que tu lhe chamas.

Dou-lhe uma cotovelada enquanto o nível volta ao início para uma nova tentativa. Desta vez, tento concentrar-me. Conseguimos avançar um pouco mais até eu me fazer explodir outra vez.

— Isto não está a ajudar, pois não?

Mordo o lábio.

— Nem por isso.

Não sei porque achei que sentar-me ao lado da cara chapada do Cooper me faria deixar de pensar nele. É estranho, mas quase nunca vejo o Evan e o Cooper como remotamente semelhantes, uma vez que as suas personalidades divergem de muitas formas. Mas, sinceramente, há alturas em que imagino como tudo poderia ter sido diferente se não fosse o capricho da libido irrefletida da Bonnie.

Há qualquer coisa na minha expressão que faz o Evan sair do jogo e pôr os comandos de lado.

— Diz lá, então. O que é que te preocupa?

Embora a nossa relação se tenha desenvolvido ao longo dos últimos meses, o Evan dificilmente seria a primeira pessoa que eu procuraria para ter uma conversa íntima. Na maior parte das vezes, demonstra a profundidade emocional da tigela de água da *Daisy*. Neste momento, porém, é a segunda melhor opção, depois do irmão.

— E se ele não voltar? — pergunto, com uma voz frágil.

— Tem de voltar. Ele vive aqui.

Deixo sair um suspiro.

— Quero dizer, para *mim*. E se ele não voltar para mim? — A minha pulsação acelera só de pensar nisso. — Eu só... não consigo evitar pensar que desta vez acabou. Uma discussão a mais e pronto. E se o Cooper estiver farto de mim?

— OK. — O Evan parece ponderar a ideia durante um segundo. Depois deste tempo todo, é inquietante como os seus maneirismos são iguais aos do Cooper, porém, é como uma gravação em que o áudio não está bem sincronizado com o vídeo. Está tudo desfasado meio segundo. — Não quero ser uma besta nem nada, mas isso é estúpido.

— Que parte?

— Tudo. Lembras-te de que o meu irmão quase me partiu os dentes porque uma vez fui um parvalhão para ti, certo?

— Uma vez? — repito, erguendo uma sobrancelha.

O Evan sorri.

— Sim, pois. A questão é que serão precisas mais do que umas discussões para o fazer afastar-se de ti. Houve um verão em que eu e o Coop andávamos às turras e à porrada sobre não sei o quê um com o outro quase todos os dias. — Encolhe os ombros. — Não quer dizer nada. Resolvíamos as nossas coisas assim.

— Mas vocês são irmãos — relembro. — É muito diferente.

— O que eu estou a dizer é que o Coop gosta muito de ti. Não estás a viver aqui por causa do dinheiro da renda ou porque ele gosta dos teus cozinhados.

Ele tem razão. Eu não cozinho. De todo. Nunca. Nem uma vez. Quanto à renda, todos os meses paguei o que achava ser um valor justo de mercado, deixando o dinheiro da renda em cima da cómoda do Cooper, mas ele continua a recusar depositar os meus cheques. Por isso, deixo sempre algum dinheiro de reserva com o Evan.

— Mas... — Mordo novamente o lábio inferior. — Não viste a cara dele quando se foi embora.

— Hum. Eu conheço todas as caras dele. — O Evan faz uma careta, tentando fazer-me rir.

Pronto. Teve alguma graça.

— Ouve — diz ele —, a determinada altura, assim que cair em si, o Cooper vai entrar por aqui completamente bêbedo a implorar que o perdoes. Ele tem o seu processo. Tens só de o deixar passar por ele.

Quero acreditar nisso. Que, apesar de tudo o que não temos em comum, eu e o Cooper desenvolvemos uma ligação mais forte do que aquilo que nos separa, mais profunda do que as cicatrizes que não o deixam dormir à noite. A alternativa é demasiado dolorosa. Porque, tal como ele, não posso mudar as minhas origens. Se a nossa relação não consegue ultrapassar

este afastamento, não me sinto preparada para considerar o que seria a minha nova vida sem ele.

O Evan passa um braço sobre os meus ombros.

— Conheço o Cooper melhor do que ninguém. Acredita em mim quando te digo que ele te adora. E não tenho razões para mentir.

As palavras de incentivo do Evan fazem-me sentir melhor, pelo menos um pouco. O suficiente para, ao sentir um bocejo, ficar motivada para ir para a cama.

— Prometes que me acordas se ele te ligar? — digo, preocupada.

— Prometo. — A voz do Evan soa surpreendentemente meiga. — Não te preocupes demasiado, Mac. Ele não tarda está em casa, OK?

Aceno debilmente.

— OK.

«Não tarda» acaba por ser à meia-noite e um quarto, quando sou acordada de um sono agitado pelo movimento da cama. Sinto o Cooper enfiar-se sob os lençóis. Está ainda quente do duche e cheira a pasta de dentes e champô.

— Estás acordada? — pergunta num sussurro.

Viro-me de barriga para cima, esfregando os olhos. O quarto estaria completamente às escuras, não fosse o brilho pálido do candeeiro na parte lateral da casa que passa através das persianas.

— Estou.

O Cooper solta um longo suspiro pelo nariz.

— Falei com o Levi.

É assim que ele quer começar a conversa? Não sei que relevância terá para a nossa situação ou para a nossa discussão, e parte de mim quer que ele deixe de empatar e me diga se estamos bem. Mas afasto a impaciência. O Evan disse que o irmão tinha um processo. Talvez isto faça parte.

Por isso, digo:

— Sim?

— Sim. — Uma longa pausa. — Vou apresentar queixa contra a Shelley. Por ter roubado o dinheiro.

— Uau. — Não me ocorreu que isso fosse sequer uma opção. Mas faz sentido. Mãe ou não, roubou-lhe mais de dez mil dólares. — Como é que isso te faz sentir?

— Honestamente? Lixado. É a minha mãe, percebes? — Fico surpreendida de ouvir a sua voz fraquejar. — Não quero pensar que ela pode ir parar à prisão. Ao mesmo tempo, que tipo de pessoa rouba o próprio filho? Se eu não precisasse do dinheiro, não me faria diferença. Que se lixe. Mas era todo o dinheiro que tinha poupado. Demorei anos.

Ele está a falar comigo. É bom sinal.

Mas, depois, fica em silêncio e ficamos os dois ali deitados, sem nos tocarmos, ambos aparentemente com medo de perturbar demasiado o ambiente. Passados vários segundos, apercebo-me de que nada me impede de tomar a iniciativa.

— Desculpa — digo. — Fui longe demais, há bocado. Fiquei na defensiva e descarreguei em ti. Fui má e não merecias.

— Quer dizer... — começa ele, e parece-me que consigo detetar o indício de um sorriso na sua voz. — Merecia um bocadinho. A Shelley afeta-me, sabes? Só me apetece atirar com as coisas quando ela está cá. E depois decide roubar-me o dinheiro... — Sinto a tensão crescer dentro dele, o esforço que está a fazer para se manter calmo. Depois, respirando profundamente, volta a relaxar. — Muitas das coisas que eu disse foram contra ti porque estava zangado com ela. Tinhas

razão. Tenho algumas merdas que já lá estavam muito antes de tu apareceres.

— Eu percebo. — Virando-me de lado, vejo a sua silhueta no escuro. — Achei que ajudasse oferecer-te o dinheiro, mas agora percebo como, naquele momento, isso te afetou. Não estava a tentar resolver o problema com dinheiro ou fazer-te sentir emasculado, juro. É só... é assim que o meu cérebro funciona. Entro em modo de resolução de problemas. *O dinheiro foi roubado? Está aqui dinheiro.* Percebes? Não era a minha intenção fazer um comentário sobre as nossas respetivas contas bancárias. — Engulo uma onda de culpa. — De futuro, quando se tratar deste tipo de coisas, cenas de família, dinheiro, estou aqui se precisares de mim. Senão, não me meto.

— Não estou a dizer que não te quero envolvida. — Ele mexe-se, virando-se para mim também. — Não quero que tenhamos estes limites todos, e regras e merdas. — O Cooper pega na minha mão no escuro e encosta-a ao seu peito. Está de tronco nu, apenas de boxers. A sua pele está quente ao toque. — A questão do dinheiro estará sempre lá e eu tenho de deixar de ficar irritado com isso. Sei que não estás a tentar obrigar-me a sentir nada específico.

— Tinha medo de que não voltasses. — Engulo em seco outra vez. Com mais força. — Enquanto eu aqui estivesse, quero dizer.

— Será preciso mais do que isso para te livrares de mim. — Ele enfia os dedos no meu cabelo, acariciando-me a nuca com o polegar. É um gesto meigo e tranquilizador, que quase me adormece outra vez. — Percebi uma coisa esta noite.

— O quê?

— Estive num barzinho imundo com o Levi e um monte de paspalhos tristes que estavam a esconder-se das mulheres ou a evitar as suas casas velhas. Tipos com o dobro da minha idade, mas que já fizeram tudo o que alguma vez lhes há de

acontecer. E eu pensei: que raio, pá, tenho esta miúda podre de boa em casa e o nosso maior problema é ela estar sempre a tentar comprar-me coisas.

Sorriso encostada à almofada. Quando ele põe as coisas desta forma, parecemos dois idiotas.

— E ocorreu-me de repente. Pensei: e se ela não estiver lá quando eu voltar? Estava especado a olhar para o fundo de um copo e a sentir pena de mim mesmo. E se fugi da melhor coisa que alguma vez me aconteceu?

— Isso é querido, mas não é preciso exagerar.

— Estou a falar a sério. — A sua voz é terna, porém insistente. — Mac, as coisas aqui nunca foram boas. A morte do meu pai foi uma confirmação de que nada iria melhorar. A Shelley bazou. Nós desenrascámo-nos. Nunca nos queixámos. E depois tu apareceste e começaste a ter ideias. Talvez eu não tivesse de me contentar com pouco mais do que nada. Talvez pudesse até ser feliz.

Parte-me o coração. Viver uma vida sem alegria, sem a antecipação de que o amanhã ainda pode ser extraordinário, suga-nos a alma. É a infinidade do vazio, fria, sombria e sufocante, de ser engolido pelo desespero. Nada pode crescer nos espaços vazios onde nos resignamos ao entorpecimento, nunca estando realmente vivos. É o mesmo túnel longo que leva à complacência e que vi fechar-se sobre mim quanto mais contemplava o futuro que o Preston e os meus pais imaginavam para mim.

O Cooper salvou-me disso. Não porque me tirasse desse lugar, mas porque conhecê-lo finalmente me revelou as possibilidades que estava a perder. A euforia da incerteza. Paixão e curiosidade.

Estava meio adormecida até o conhecer.

— Pensava que era feliz — digo, percorrendo as suas costelas com os dedos. — Durante muito tempo. Que razões tinha para

me queixar, certo? Tinha tudo o que alguma vez poderia querer. Exceto objetivos. Uma escolha. A possibilidade de falhar, de me magoar. De amar algo de tal maneira que a ideia de o perder dá cabo de mim. Esta noite, ao pensar que tu e eu podíamos acabar, passou-me todo o tipo de coisas pela cabeça. Senti-me a enlouquecer.

O Cooper ergue o meu queixo na sua direção, pousando levemente os seus lábios nos meus. O suficiente para me fazer querer retribuir o beijo.

A sua respiração é um sussurro morno contra os meus lábios.

— Acho que estou a apaixonar-me por ti, Cabot.

O meu coração dá um salto.

— Hum -hum.

— Não fazes ideia.

Ele passa os dedos pelas minhas costas, excitando todas as minhas terminações nervosas. Mordo o seu lábio inferior, puxando-o ligeiramente, a nossa linguagem silenciosa a dizer que o quero. Agora. Para saciar o meu desejo. Mas ele é paciente, despindo a minha camisola de alças de forma metódica e frustrante, e só depois tocando um dos meus seios e lambendo o outro. Ele tira os boxers. Eu tiro as cuecas enquanto ele põe um preservativo. Um arrepio de antecipação atravessa-me quando ele passa a sua extensão ardente sobre o meu centro.

Ele abraça-me com força enquanto se move dentro de mim. Sem pressa. Em movimentos lentos e lânguidos. Eu agarro-me a ele, abafando os meus gemidos no seu ombro.

— Eu também te amo — digo, estremecendo nos seus braços enquanto me venho.

CAPÍTULO 39

Cooper

Uns dias depois de apresentar queixa contra a Shelley, recebo uma chamada para comparecer na esquadra da polícia. Ao telefone com o xerife, fico a saber que os polícias a apanharam no Louisiana, onde se deve ter esquecido de todas as multas de estacionamento que deixou para trás depois de o seu «gajo» a ter posto na rua. Quando apareceu o mandado da Carolina do Sul, o xerife de Baton Rouge mandou transferi-la de volta para Avalon Bay.

A Mac e o meu irmão vêm comigo à esquadra, mas peço ao Evan que espere lá fora enquanto nós entramos para falar com o xerife Nixon. O Evan ficou igualmente furioso ao saber que a Shelley me roubou à grande, mas eu conheço o meu irmão — será sempre vulnerável àquela mulher. E, agora, preciso de manter a cabeça fria, não deixar que nada tolde o meu discernimento.

— Sente-se, Cooper. — O xerife Nixon cumprimenta-me, depois senta-se à sua secretária e vai direto ao assunto. — A sua mãe tinha cerca de dez mil dólares com ela quando os agentes de Baton Rouge a trouxeram.

Sinto o alívio invadir-me como uma rajada de vento. Dez mil dólares. É dois mil dólares a menos do que ela roubou, mas é melhor do que nada. Fogo, é mais do que esperava. Ela foi-se

embora há quatro dias. A Shelley é mais do que capaz de esbanjar doze mil dólares em tão pouco tempo.

— No entanto, pode demorar algum tempo até recuperar o dinheiro — acrescenta o Nixon.

Faço uma careta.

— Porquê?

Ele começa a divagar sobre processos de obtenção de provas e não sei mais o quê, enquanto o meu cérebro tenta acompanhar toda a informação que vai cuspindo. Primeiro que tudo, a Shelley irá comparecer em frente a um juiz. A Mac faz muitas perguntas, porque eu estou numa espécie de torpor em relação à cena toda. Só consigo pensar na Shelley de macacão cor de laranja, os pulsos algemados. Desprezo tudo o que aquela mulher alguma vez nos fez, mas a ideia de a ver por trás das grades não me parece bem. Que tipo de filho manda a própria mãe para a prisão?

— Ela está aqui agora? — pergunto ao xerife Nixon.

— Sob custódia, sim. — Ele passa uma mão sobre o bigode farto, personificando totalmente a figura do xerife de uma cidade pequena. É novo aqui, por isso, duvido que saiba grande coisa sobre mim e a minha família. O seu antecessor, o xerife Stone, odiava-nos. Passava as tardes atrás de mim e do Evan por toda Avalon Bay durante o verão, à procura de uma razão para nos apanhar no seu carro à paisana.

— O que aconteceria se eu mudasse de ideias?

Ao meu lado, a Mac parece surpreendida.

— Quer retirar a queixa? — diz ele, olhando-me atentamente.

Hesito.

— E recupero o meu dinheiro hoje?

— Não há motivo para o guardar nas provas. Por isso, sim.

É tudo o que eu queria desde o início.

— O que é que lhe aconteceria depois disso?

— Essa é a sua prerrogativa enquanto vítima. Se não estiver interessado em avançar com a queixa, a sua mãe será libertada. A Sra. Hartley apenas foi detida no Louisiana a pedido deste departamento. As coimas que enfrentar são um assunto à parte. Nesta altura, não temos conhecimento de outro mandado contra ela.

Olho para a Mac, sabendo que não é uma decisão que possa tomar por mim, mas querendo uma confirmação de que estou a fazer a coisa certa. Acho que, de uma forma ou de outra, é tudo uma merda.

Ela observa-me com atenção, depois acena levemente.

— Faz o que sentires que está certo — murmura.

Volto o olhar para o xerife.

— Sim, quero retirar as acusações. Vamos acabar com isto.

Ainda demora cerca de uma hora para assinar a papelada e esperar que venha um agente com um saco de plástico contendo o meu dinheiro. Ele conta todas as notas, depois pede-me que assine mais uns documentos. Uma nova onda de alívio invade-me quando dou à Mac o dinheiro para ela guardar na mala. A próxima coisa que faço é engolir o orgulho e depositar o dinheiro no banco, que se lixe o fisco.

Lá fora, o Evan está à nossa espera junto à carrinha.

— Tudo bem? — pergunta.

Aceno que sim.

— Tudo bem.

Estamos prestes a ir embora quando a Shelley sai do edifício a esfregar os pulsos.

Merda.

Ela acende um cigarro. Ao exalar, o seu olhar cai sobre nós, apanhando a nossa tentativa de fuga.

— Posso livrar-me dela — sugere a Mac, apertando-me a mão.

— Não faz mal — digo. — Espera na carrinha.

À maneira habitual da Shelley, a minha mãe aproxima-se com um sorriso jovial.

— Bem, que dia, hã? Alguém fez asneira de certeza, não foi? Não sei onde se enganaram. Pedi-lhes que ligassem aos meus filhos, que eles esclareceriam que não levei nada que não me pertencesse.

— Caramba, para com isso, pode ser? — digo, bruscamente.

Ela pestaneja.

— Querido...

— Não, não me venhas com *queridos*. — Não aguento mais um segundo das suas tretas, das suas desculpas sorridentes. Sufocam-me desde os 5 anos e estou completamente farto. — Encontrei o meu esconderijo e roubaste-me, e foi por isso que fugiste. Espero que tenha valido a pena. — Fico a olhar para ela. — *Mãe*.

— Querido, não. — Ela tenta agarrar-me no braço. Dou um passo atrás. — Apenas queria levar um pouco emprestado para me estabelecer. Ia enviá-lo de volta assim que estivesse instalada. Tu sabes. Não achei que te importasses, está bem?

Uma gargalhada admirada sai-me da boca.

— Claro. Como queiras. Já não quero saber. É a última vez que fazemos isto. Não te quero ver mais. Pela parte que me toca, escusas de voltar. Tu não tens filhos, Shelley.

Ela estremece.

— Vá, Cooper, eu percebo que estejas chateado, mas ainda sou tua mãe. Vocês ainda são os meus meninos. Não se vira costas à família. — Ela olha para o Evan, que se mantém calado atrás de mim. — Não é, querido?

— Desta vez tem de ser — diz ele, olhando o trânsito que passa. Enfático. Estoico. — Concorde com o Coop. Acho que é melhor não voltares mais.

Luto contra a vontade de pôr o braço à volta do meu irmão. Aqui não. Não à frente dela. Mas percebo a dor que ele sente. A

solidão. Hoje, o Evan perdeu a mãe.

Eu já perdi a minha há muito tempo.

A Shelley faz uma última tentativa para se aproximar, até perceber que não vamos ceder. Depois, o fingimento desmorona-se. O seu sorriso transforma-se em indiferença total. Os seus olhos tornam-se opacos e cruéis. A voz, amarga. No final, não tem grandes palavras de despedida. Mal olha para nós enquanto manda fumo para a nossa cara e se dirige a um táxi que irá levá-la para ser o problema de outra pessoa. É melhor para todos.

Mesmo que agora não sentimos isso.

Mais tarde, enquanto a Mac pede uma pizza para o jantar, eu e o Evan levamos a *Daisy* a dar uma volta. Não falamos da Shelley. Fogo, praticamente não falamos. Estamos os dois tristes. Cada um perdido no seu pensamento, e, no entanto, sei que estamos a pensar exatamente na mesma coisa.

Quando regressamos a casa, deparamo-nos com o Levi no terraço das traseiras, a beber uma cerveja.

— Ei — diz ele, vendo-nos aproximar. — Vim saber como correu na esquadra.

O Evan entra em casa para nos ir buscar duas cervejas, enquanto eu fico cá fora junto ao parapeito e o ponho a par. Quando chego à parte em que a Shelley desapareceu num táxi sem sequer dizer adeus, o Levi manifesta uma satisfação sinistra.

— Acham que desta vez percebeu a mensagem? — pergunta.

— Talvez. Pareceu-me bastante derrotada.

— Não posso dizer que sinto pena dela. — O Levi nunca se deu bem com a Shelley, mesmo quando ela vivia aqui. Não o censuro. A única qualidade redentora de qualquer um dos meus pais foi dar-nos um tio decente.

— Agora somos órfãos — observa o Evan, olhando para as ondas.

— Eu sei que isto não é fácil, rapazes. Mas não estão a passar por isto sozinhos. Sempre que precisarem de alguma coisa...

Ele interrompe-se. Não precisa de terminar a frase. Apesar de todos os elementos em falta, o Levi fez tudo ao seu alcance para que nos sentíssemos como uma família, e considerando o que tinha à disposição, fez um excelente trabalho.

— Ouve, eu sei que não o dizemos vezes suficientes — digo ao nosso tio —, mas nós só estamos aqui porque tu estiveste sempre presente. Estás sempre. Se não fosses tu, teríamos ido parar ao sistema. Ter-nos-iam mandado para adoção. Provavelmente separados.

— Nós adoramos-te — acrescenta o Evan, emocionado.

O Levi fica ligeiramente comovido, tossindo para disfarçar.

— Vocês são bons miúdos — é a sua resposta brusca. Não é homem de grandes sentimentos nem de muitas palavras. Mesmo assim, sabemos o que sente por nós.

Talvez nunca tenhamos tido a família que merecíamos, mas acabámos por ter a família de que precisávamos.

CAPÍTULO 40

Mackenzie

Ele está a ser completamente irracional.

— Disseste que trazias gelo quando viesses para casa — grito do jardim das traseiras, onde me encontro com seis geleiras de cerveja e refrigerantes mornos.

Com a chegada de fevereiro, veio um súbito e violento inverno, por isso, enquanto estou a congelar cá fora, as bebidas estão ainda quentes, porque o Evan deixou as caixas demasiado perto da fogueira. Agora está a descansar, e sobrou para mim desenrascar-me com uma mesa dobrável que se recusa a colaborar enquanto tento abrir-lhe as pernas. Estas mesas dobráveis devem ter sido desenhadas por um sádico, porque, por mais que tente, não consigo abri-las.

— A arca congeladora da loja de bebidas estava avariada — responde o Cooper do terraço. — A Heidi disse que passava pela Publix a caminho daqui e que comprava.

— Mas as bebidas não vão ter tempo de ficar frescas antes de as pessoas chegarem. Foi por isso que te pedi para ires mais cedo! — Estou quase a arrancar os cabelos. É a terceira vez que tento explicar-lhe isto e, mesmo assim, é como falar com um caranguejo-toupeira mal-humorado.

— Eu teria passado por lá, mas ficava fora de caminho, e eu queria vir para casa ajudar a preparar as coisas. Preferias que

te deixasse aqui a fazeres tudo sozinha? — responde, aos gritos, atirando as mãos ao ar.

— Eu estava aqui para a ajudar — diz o Evan da sua cadeira. Onde tem estado sentado a beber a última cerveja fresca, em vez de me ajudar a preparar as coisas. — Ela tem razão, Coop — acrescenta, acenando graciosamente para mim, como que a dizer: «Vês, estou do teu lado.»

— Não te metas — diz o Cooper.

Olho furiosamente para os dois.

Deve haver poucos infernos piores do que partilhar a festa de aniversário com dois gémeos pouco domesticados. Na noite passada, tiveram a brilhante ideia de organizar uma festança de última hora em vez do jantar que eu estava a planear, por isso, agora estamos a tentar organizar qualquer coisa à pressa, embora o Evan seja preguiçoso e o Cooper possua a competência logística de um arenque.

— Esquece. — Eu nem sequer queria esta festa estúpida, mas eles insistiram que, como faço 21 anos, tinha de ser uma coisa em grande. Por isso, claro, a maior parte do trabalho sobrou para mim. — Vou buscar a comida a uma ponta da cidade, o bolo à outra, depois vou buscar gelo e tento voltar antes que seja de noite. Desejem-me sorte.

O Cooper solta um suspiro exasperado.

— Vou ligar à Heidi e pedir-lhe que venha mais cedo. OK? Satisfeita?

Dou um pontapé na mesa dobrável, que se lixe, e apresso-me a subir as escadas em direção à porta de correr, que está a ser bloqueada pelo Cooper.

— Não vale a pena. No meu aniversário, o que eu realmente quero é menos um minuto dos seus comentários sarcásticos e olhares trocistas. Será pedir muito?

— Eu já falei com ela, está bem? Não posso controlar a sua atitude. Dá-lhe tempo. Isto passa-lhe.

— Sabes, eu nem sequer estou zangada com a Heidi. Se tivesse sido iludida durante um verão inteiro, também estaria bastante irritada.

— Não foi isso que aconteceu — resmunga ele.

— É o que ela pensa, e é o que interessa. Talvez devessem falar sobre isso.

— Que raio, Mac. Será que és capaz de não me chatear durante dez minutos?

— Ó estúpido — grita o Evan do jardim. — Ela tem razão.

O Cooper faz-lhe um gesto obsceno e segue-me para dentro de casa, enquanto me apresso a pegar na carteira e encontrar as suas chaves. Não as encontrando na cozinha ou na sala, dirijo-me ao seu quarto. Ele segue-me, mostrando-se tão exausto como eu me sinto.

— Sabes que mais? — Viro-me para olhar para ele. — Acho que isto já não está a resultar.

As nossas discussões são desgastantes. E enervantes, porque, geralmente, são sobre coisas estúpidas. Entrincheiramo-nos e recusamos ceder até gastarmos toda a nossa energia a discutir, esquecendo-nos do assunto que iniciou a discussão.

— Que raio quer isso dizer? — Ele apanha as chaves da cómoda antes de eu conseguir pegar nelas.

Cerro os dentes, depois solto um suspiro atormentado.

— Morar aqui devia ser uma situação temporária. E, como estamos constantemente a atacar-nos, claramente já abusei da vossa boa vontade.

Como se uma rajada de vento o atingisse, o Cooper amocha. Põe as chaves na minha mão aberta. Quando fala, a sua voz é meiga.

— Não é isso que eu quero. Se quiseses arranjar um sítio só para ti, eu percebo. Mas não acho que tenhas de sair por causa de mim. Gosto de te ter aqui.

— Tens a certeza? — Reparei que as queixas sobre a minha

invasão do seu espaço aumentaram exponencialmente desde que vim para cá. — Preferia que me dissesse a verdade. Não o que pensas que quero ouvir.

— Juro.

O seu olhar encontra o meu. Examino o seu rosto e ele examina o meu, e algo passa entre nós. É o que acontece sempre que a nossa raiva e frustração se acalmam, quando a tempestade passa e eu reparo nele outra vez. Na forma como as suas tatuagens se desenham ao longo dos músculos dos seus braços. Na superfície larga do seu peito. Em como cheira sempre a champô e a serradura.

O Cooper pouisa as mãos nas minhas ancas. Olhando para mim com pálpebras pesadas, empurra-me para trás e fecha a porta do quarto, encostando-me contra ela.

— Gosto de te ter ao pé de mim — diz, bruscamente. — De dormir contigo. De acordar ao teu lado. De fazer amor contigo.

As suas mãos apanham a ponta do meu vestido e movem-se para cima, puxando o tecido até eu ficar exposta da cintura para baixo. A minha pulsação vibra tão ardentemente no meu pescoço, que consigo sentir os pequenos batimentos frenéticos. Estou condicionada ao seu toque. Ele toca-me e o meu corpo contorce-se de antecipação.

— Não estou a limitar o teu estilo? — brinco. As palmas das minhas mãos espalmam-se contra a porta, os dedos cravando-se nas ranhuras.

A sua resposta é um desinteressado piscar de olhos. Ele aproxima-se até haver apenas uma nesga de ar entre nós. Depois, lambendo os lábios, diz:

— Diz-me para te beijar.

O meu cérebro não tem resposta, mas tudo se contrai e os meus dedos dos pés agarram-se ao chão.

Ele encosta a testa à minha, agarrando-me as costelas.

— Se já acabámos de discutir, diz-me para te beijar.

Eu detesto discutir com ele. Mas isto. Fazer as pazes. É como o xarope não diluído no fundo do leite com chocolate. A minha parte favorita.

— Beija-me — sussurro.

Os seus lábios roçam os meus numa carícia leve. Depois, ele afasta-se ligeiramente.

— Isto... — murmura ele, a sua respiração a fazer-me cócegas no nariz.

Não acaba a frase. Mas não precisa. Sei exatamente o que quer dizer. Isto.

Simplesmente... *isto*.

Ao que parece, sou a maior nos jogos de bebida. De facto, sinto que quanto mais bebo, melhor sou. Até hoje, nunca tinha jogado ao «vira o copo», mas, depois de algumas jogadas, fiquei imparável. Os adversários foram caindo aos meus pés. Depois, destruí três adversários de *beer pong* e consegui humilhar um gajo qualquer com tatuagens no pescoço a jogar dardos. Aparentemente, depois de consumir uma garrafa de vinho, não consigo *não* acertar no alvo.

Agora, estou ao pé da fogueira a ouvir o Tate explicar um dilema moral que está a fazer sofrer o meu cérebro embriagado.

— Espera. Não estou a perceber. Se há barcos a vir para a ilha, porque não posso meter-me num e navegar para casa em segurança?

— Porque não é essa a questão! — Os olhos azuis do Tate transmitem exasperação pura.

— Mas fui praticamente salva — argumento. — Então, porque é que não posso entrar num barco? Preferia fazer isso do que escolher entre o Cooper e um conjunto de mantimentos, sem acesso a nenhum dos barcos.

— Mas esse é que é o dilema! E não a maneira como vais sair

da ilha. Tens de escolher.

— Eu escolho os barcos!

O Tate está com ar de quem me quer matar, o que é confuso, porque eu acho que a resposta a esta coisa da ilha deserta é estupidamente simples.

— Sabes que mais? — Ele deixa escapar um suspiro, depois sorri, mostrando as covinhas. — Tens sorte por seres gira, Mac. Porque és péssima em dilemas morais.

— Oh. — Dou-lhe uma palmadinha no braço. — Tu também és giro, Tater-Tot.

— Odeio-te — suspira.

Não odeia nada. Demorou algum tempo, mas acho que encontrei finalmente o meu lugar na vida do Cooper. Já não me sinto desenquadrada. Não só na sua vida — na nossa.

— Tenho frio — anuncio.

— A sério? — O Tate aponta para a intensa fogueira à nossa frente.

— Só porque há uma fogueira não quer dizer que não estejamos em fevereiro — digo, obstinadamente.

Deixo-o junto à fogueira e dirijo-me a casa para ir buscar uma camisola. Assim que chego aos degraus das traseiras, ouço o meu nome e viro-me para responder, até perceber que é a Heidi a falar com alguém no terraço lá em cima. Inclino a cabeça para trás. Através dos intervalos das ripas, distingo a cabeça loura da Heidi e a cabeça ruiva da Alana, assim como as caras de outras raparigas que não conheço. Estou prestes a subir o primeiro degrau quando as palavras da Heidi me fazem parar.

— Posso perdoá-la por ser burra, mas é tão incrivelmente aborrecida — diz a Heidi, a rir. — E o Cooper já não tem piada nenhuma. A única coisa que quer fazer é fingir que são casados. Praticamente já nem sai.

Sou invadida por pequenas ondas de raiva. Esta merda.

Sempre. Nunca impedi o Cooper de sair com a Heidi nem lhe pedi que não a convidasse para alguma coisa, porque, pelo menos por ele, consigo tolerá-la. Não percebo porque é que ela se esforça tanto em não me fazer a mesma cortesia. Pelo contrário, são sempre olhares de reprovação e merdas passivo-agressivas. E, aparentemente, falar mal de mim nas minhas costas.

— Continuo sem perceber como é que ela acreditou no Cooper quando ele fingiu que nunca tinha conhecido aquele gajo. — A Heidi ri-se novamente, agora com arrogância. — Quer dizer, acorda para a conspiração, não?

Espera, o quê?

Ela está a falar do Preston?

— Sentiria pena dela se ela não acreditasse em tudo.

Que se lixe a Heidi. Ela não sabe o que está a dizer. Ao mesmo tempo, gostava de saber que outro veneno anda a espalhar nas minhas costas, por isso, mantenho-me na penumbra enquanto vou subindo as escadas, mantendo distância e escondendo-me entre as outras pessoas que estão ali a conversar.

— OK, mas já passou bastante tempo — diz outra rapariga. — Ele deve gostar dela, não achas?

— O que é que isso interessa? — A Heidi encolhe os ombros daquela maneira desdenhosa que ela tem. — Há de perceber que ele anda a mentir-lhe desde o início. Que só se meteu com ela por vingança.

— Deixa-os em paz — diz a Alana. — Prometeste que esquecias isso.

Fico paralisada. Terei ouvido bem? Porque, por mais estranho que seja, pareceu-me uma confirmação.

O que mais poderia significar?

— O quê? — Há um tom sonso na voz da Heidi.

Estou praticamente a um metro dela. Tão perto que estou a

tremer.

— Eu não disse que lhe ia contar. Não de propósito, pelo menos.

O meu coração bate descontrolado contra as minhas costelas. A Alana está mesmo ali, calada. Não está a disputar a versão dos acontecimentos que a Heidi está a contar.

Se percebi bem, isto significa que o Cooper tem andado a mentir-me desde o momento em que nos conhecemos.

Pior, mentiu quando o confrontei diretamente. Mentiu-me na cara. E fez com que todos os seus amigos — os *nossos* amigos, pensava eu — alinhassem nas mentiras. O Evan. A Steph. A Alana.

Sinto-me insignificante, como se pudesse cair entre os intervalos das tábuas do terraço. Completamente humilhada. Quem mais sabia disto? Têm estado todos a rir-se nas minhas costas este tempo todo? Pobre clone estúpida.

— Vá lá, então — digo, avançando para confrontar o grupo. — Não fiques à espera de que a notícia se espalhe ou que alguém se descaia. Porque não me dizes isso na cara, Heidi?

A Alana tem a decência de parecer arrependida. A Heidi, porém, nem sequer finge esconder o sorriso.

A sério, esta rapariga dá-me vontade de lhe dar murros nas mamas. Fiz um esforço com ela. Juro que fiz. Tentei fazer conversa. Ser educada. Dar-lhe tempo. Mas independentemente de quão muito ou pouco lhe dou, ela recusa-se terminantemente a não abdicar do seu desprezo total. Agora percebo porquê — eu e ela não estávamos numa paz podre, mas numa guerra fria que eu desconhecia. Erro meu.

— Já sei, tu odeias-me — digo, irritada. — Vê se arranjas outro passatempo.

Ela semicerra os olhos.

Afasto o olhar, voltando-me para a Alana.

— Isto é verdade? Foi uma espécie de plano de vingança

contra o meu ex? O Cooper mentiu?

Dizê-lo em voz alta faz-me sentir enjoada. Todo o álcool que bebi esta noite agita-se de forma perigosa na minha barriga enquanto revivo os acontecimentos dos últimos seis meses. A minha memória passa pelas dezenas de primeiras conversas com o Cooper, pensando em indícios óbvios que pudesse ter ignorado. Quantas vezes estive a resposta mesmo à minha frente, estando eu demasiado apaixonada pelo seu olhar impenetrável e sorriso maroto?

Sempre enigmática, a Alana não revela as suas emoções. Apenas hesitação. Pensei que nos tínhamos aproximado e ultrapassado os momentos difíceis, tornando-nos realmente amigas. Mas ela está aqui, em silêncio, de cara fechada, enquanto a Heidi me torna o alvo das suas piadas. Parece que sou mesmo burra. Todos conseguiram enganar-me.

— Alana — insisto, quase encolhida perante o desamparo que ouço na minha voz.

Após uma pausa interminavelmente longa, a sua expressão distante descai o suficiente para que eu consiga perceber uma ponta de arrependimento.

— Sim — admite. — É verdade. O Cooper mentiu.

CAPÍTULO 41

Cooper

Avisto a Mac através das chamas da fogueira, um vislumbre fugaz e brilhante, até que uma onda de cerveja me atinge a cara.

— Cabrão.

Sinto-me confuso. Cambaleando para longe da fogueira, limpo os olhos com os dedos cheios de areia. Pestanejo algumas vezes, usando o antebraço para limpar a cerveja da cara. Pestanejo outra vez e a Mac está mesmo à minha frente, a segurar um copo vermelho vazio. Com os nossos amigos todos a olhar para nós, tento perceber que raio está a acontecer.

— Seu cabrão mentiroso — repete, com uma ferocidade crescente.

O Evan tenta aproximar-se dela.

— Ei, o que foi isso?

— Não. Vai-te foder tu também. — Ela aponta-lhe um dedo.
— Mentiram-me. Os dois.

Atrás do seu ombro esguio, vejo a Alana a abrir caminho pelo meio das pessoas, seguida pela Heidi. A Alana parece culpada. A expressão da Heidi é de pura apatia.

A expressão da Mac? Traição absoluta.

Agora percebo. Ao perscrutar a sua cara, sinto-me a cair. Como aquele segundo em que o nosso cérebro se agita no

crânio e sentimos um momento paralisante de terror antes da queda, porque sabemos: *Isto vai doer*. Agora não há nada a que me agarrar. Ela apanhou-me em flagrante.

— Mac, deixa-me explicar — começo, com a voz rouca.

— *Usaste-me* — grita ela.

O seu braço atira o copo vazio, que bate contra o meu peito. As pessoas, pasmadas, mantêm-se em silêncio, afastando-se para o lado oposto da fogueira.

— Tudo isto foi por causa de uma vingança. — Ela abana a cabeça repetidamente, as emoções no seu olhar percorrendo o espectro entre humilhada, encolerizada e desiludida.

Penso na primeira noite em que me aproximei dela, quão irritado estava por ter de fingir interesse numa clone convencida. E como ela me surpreendeu com o seu sorriso e perspicácia.

Que raio viu ela em mim que nos permitisse chegar tão longe?

— Começou por ser assim — admito. Tenho poucos segundos, talvez, para dizer o que tenho a dizer antes de ela se ir embora e nunca mais falar comigo, por isso, deixo-me de tretas e ponho as cartas todas na mesa. — É verdade, fui ter contigo porque queria vingar-me dele. Fui estúpido e estava zangado. Mas depois conheci-te e isso mudou a minha vida toda, Mac. Apaixonei-me por ti. Foram os melhores seis meses da minha vida.

Alguns dos mais difíceis, também. E que ela ultrapassou comigo. Apesar de mim. Esta miúda aturou mais merdas minhas do que devia e, ainda assim, apesar disso, descobriu uma forma de me amar. É claro que eu tinha de estragar tudo. Como fui capaz de pensar o contrário?

Mas, que raio, a ideia de perder a Mackenzie custa muito mais do que alguma vez imaginei. É como se o meu coração estivesse a ser esmagado num torno.

— Sim, devia ter-te contado a verdade há muito tempo. Mas, porra, tive medo. — A minha garganta começa a querer fechar-se, impedindo-me de respirar. Inspiro um fôlego entrecortado. — Tive medo deste preciso momento. Cometi um erro horrível e pensei que, se não descobrisses, não te podia magoar. Quis proteger-te.

— Humilhaste-me — diz, por entre lágrimas e raiva. Apetece-me envolvê-la nos meus braços e apaziguar o seu desgosto, mas fui eu quem lhe fez isto, e cada segundo que ela me encara com aquele ar de devastação dá cabo de mim. — Fizeste-me parecer uma idiota.

— Mac, por favor. Faço tudo o que quiseses. — Pego-lhe nas mãos, apertando-as quando ela tenta afastar-se. Porque eu sei que, no momento em que ela der esse passo, irá continuar a andar para sempre. — Eu amo-te. Deixa-me provar-to. Dá-me uma oportunidade.

— Tiveste a tua oportunidade. — As lágrimas correm-lhe pelo rosto. — Podias ter-me dito a verdade há meses. Tiveste um milhão de oportunidades, incluindo o dia em que te perguntei diretamente se conhecias o Preston, se tinha sido ele quem fez com que fosses despedido. Mas não me disseste a verdade. Em vez disso, deixaste que toda a gente se risse nas minhas costas. — A Mac tira as suas mãos das minhas para limpar os olhos. — Eu poderia ter-te perdoado por tudo o resto, se não me tivesses mentido na cara. Tiro-te o chapéu, Cooper. Fizeste-o tão bem. E depois puseste toda a gente, que eu pensava ser minha amiga, a mentir também. Puseste-me nesta redoma feita de mentiras para teu próprio divertimento.

— Mackenzie. — Estou a tentar agarrar uma corda que desliza pelos meus dedos. A cada respiração minha, ela vai-se afastando mais. — Deixa-me resolver isto.

— Já não há nada para resolver. — A sua expressão transforma-se numa apatia assustadora. — Eu vou a casa

arrumar as minhas coisas e vou-me embora. Porque é a única coisa que me resta fazer. Não me tentes impedir.

Depois, vira costas e desaparece por entre o brilho da fogueira.

Atrás de si, fica o silêncio.

— Esquece o que ela disse — diz o Evan com brusquidão, empurrando-me o ombro. — Vai atrás dela.

Fico a olhar para o vazio.

— Não é isso que ela quer.

Conheço a Mac suficientemente bem para perceber quando está decidida. Qualquer coisa que eu faça agora apenas irá afastá-la mais, fortalecendo o ódio. Porque ela tem razão. Quando a conheci, fui uma pessoa de merda.

Nada do que fiz desde então revelou o contrário.

— Então, vou eu — resmunga o Evan, libertando-se da minha tentativa de o impedir.

Quero lá saber. Ele não vai conseguir fazê-la mudar de ideias. Ela vai-se embora.

Ela foi-se embora.

As outras pessoas vão-se afastando lentamente até eu ficar sozinho na praia. Afundo-me na areia. Fico ali sentado durante não sei quanto tempo — até a fogueira ficar reduzida a brasas incandescentes. O Evan não regressa. Não vale a pena dizer-me aquilo que eu já sei. Quando volto para casa, atravessando os vestígios da festa interrompida, o sol espreita sobre as ondas.

Quando entro em casa, a *Daisy* não vem a correr para ir lá fora. A sua tigela de água não está na cozinha.

Metade do meu roupeiro do quarto está vazio.

Atiro-me para cima da cama e fico a olhar para o teto. Sinto-me entorpecido. Vazio.

Quem me dera saber nessa altura quanto iria custar sentir a falta da Mackenzie Cabot.

CAPÍTULO 42

Mackenzie

Vivi toda a minha vida sem o Cooper Hartley. Depois de seis meses juntos, esqueci-me de como era não o conhecer. Seis meses, e apenas alguns minutos para desfazer tudo.

Uma conversa entreouvada.

Uma confissão devastadora.

Tão rapidamente como apagar um fósforo, o meu coração parou.

Depois de sair da casa do Cooper num estado de confusão e desânimo, meti-me num táxi com a *Daisy* e paguei ao tipo para conduzir pela cidade durante quase duas horas. A dada altura, o táxi deixou-me em Tally Hall. Apareci à porta da Bonnie com a minha mala numa mão e a trela da *Daisy* na outra. Com um beicinho compassivo, ela acolheu-nos. Felizmente para mim, a sua nova companheira de casa dorme fora na maioria das noites. Menos felizmente, quando as pessoas começaram a sair para as aulas e a passar pelos corredores de manhã, a *Daisy* começou a ladrar ao estranho trânsito pedonal. O orientador da residência apanhou-nos, exigindo que saíssemos.

Pelo bem da Bonnie, disse-lhe que apenas tínhamos entrado uns minutos para dizer olá, embora não tenha a certeza se ele acreditou. À tarde, eu e a *Daisy* metemo-nos no banco traseiro de outro táxi à procura de um plano B. Parece que não há

nenhum hotel em Avalon Bay que aceite animais domésticos. Qualquer coisa que ver com um concurso canino que correu terrivelmente mal.

É assim que vou parar à casa da Steph e da Alana. A *Daisy*, a traidora, salta logo para o sofá e para o colo da Steph. Eu sinto-me um pouco mais relutante ao sentar-me ao lado da Steph, enquanto a Alana defende o seu caso. Elas mandaram-me dezenas de mensagens depois de eu sair da festa. Não foi tanto o conteúdo, mas a persistência que me convenceu da sua sinceridade.

— Em nossa defesa — diz a Alana, de braços cruzados —, não sabíamos que afinal até eras fixe.

Tiro-lhe o chapéu, ela é assumidamente ela mesma. Nem ao admitir que foi responsável por grande parte do plano é pessoa de estar com rodeios.

— Mas agora a sério — continua. — Quando o Cooper nos disse que vocês os dois eram um casal, parecia pior dizer-te a verdade.

— Não — digo, simplesmente. — Foi pior mentir.

Porque, enquanto a verdade nos magoa, a mentira humilha-nos. Quando percebi que o Preston andava a dormir com outras, compreendi o que era ser Essa Rapariga. Durante anos, os nossos amigos sorriram para mim, cientes de que eu era a sua lorpa, enquanto eu ignorava as suas «atividades extracurriculares» — o seu desfile de Marilyns. Nunca me ocorreu que o Cooper me mentisse também. Ou que, uma vez mais, as pessoas a quem chamava amigos seriam cúmplices da minha ignorância. Há lições que precisamos de aprender duas vezes.

Mesmo assim, não sou completamente desprovida de misericórdia. A matemática da lealdade é complicada, apesar de tudo. Elas já eram amigas do Cooper. Não posso deixar de pôr isso na equação. Teria todo o direito de odiá-las às duas

pela sua participação nesta farsa, mas também percebo que foram apanhadas na curva. Deviam ter-me dito a verdade, sim. Mas foi o Cooper que as obrigou a guardar segredo. Estavam a protegê-lo a ele.

Se alguém merece o peso da culpa, é ele.

— Sentimo-nos péssimas com isto — diz a Steph. — É uma coisa horrível de se fazer a alguém.

— Pois é — concordo.

— Lamentamos, Mac. *Eu* lamento. — Hesitante, ela estende a mão para me apertar o braço. — E, se precisares de um sítio onde ficar, podes ficar no nosso quarto livre, OK? Não é só porque estamos em dívida para contigo, mas porque tu és mesmo fixe, e eu, nós — olha para a Alana —, consideramos-te uma boa amiga.

Apesar das implicações constrangedoras, ficar aqui é a opção mais apelativa até encontrar uma solução mais permanente. Além disso, a *Daisy* parece já sentir-se em casa.

— E não falamos do Cooper a não ser que tu queiras — promete a Alana. — Embora, para que conste, ele esteja bastante destroçado com isto tudo. O Evan diz que ele passou a noite toda sentado na praia, ao frio, a olhar para a baía.

— É suposto sentir pena dele? — pergunto, com uma sobrancelha erguida.

A Steph ri-se desajeitadamente.

— Bem, não, e não estamos a dizer que não mereces estar chateada. Compreenderia se quisesses pegar fogo à carrinha dele.

— Todo o plano de vingança foi uma parvoíce infantil — acrescenta a Alana. — Mas ele não estava a fingir gostar de ti. Dissemos-lhe que não podia fingir apaixonar-se por ti, portanto, essa parte foi completamente real.

— E ele está arrependido — diz a Steph. — Ele sabe que fez merda.

Espero alguns segundos, mas parece que terminaram a sua apresentação. Ótimo. Agora podemos estabelecer alguns limites.

— Eu percebo que vocês as duas foram apanhadas no meio disto, e isso é uma treta — digo às duas. — Então, que tal definirmos uma regra cá em casa: eu não me passo de cada vez que alguém disser o nome dele ou se queixar dele à vossa frente, e vocês aceitam não o defender. Combinado?

A Steph esboça um sorriso triste.

— Combinado.

Nessa noite, permito-me chorar sozinha no escuro. Sentir a mágoa e a raiva. Deixá-la rasgar-me por dentro. Depois, ponho-a de lado, enterro-a bem fundo. Acordo de manhã e recordo que a minha vida é muito mais do que o Cooper Hartley. Durante o último ano, queixei-me de todas as coisas que me impediam de me concentrar na minha empresa. Bem, agora não há nada que me impeça. Entre os meus sites e o hotel, tenho tempo e mais do que trabalho suficiente para o preencher. Tempo para limpar o rímel esborratado e ser uma miúda do piorio.

Que se lixe o amor. É preciso construir o império.

CAPÍTULO 43

Cooper

— Oi, Coop, estás aí?

— Aqui atrás. A Heidi encontra-me na oficina, onde estive enfiado durante as últimas seis horas. Continuam a chover encomendas para novas peças de mobiliário através do site que a Mac criou para mim. Pedi a alguém que trabalhou nas suas aplicações que concebesse um site, e uma das pessoas da sua equipa de marketing criou também uma conta comercial associada à minha página de *Facebook*. É só mais um exemplo de como ela mudou a minha vida para melhor. As encomendas chegam quase mais depressa do que consigo dar-lhes vazão, por isso, todos os segundos em que não estou numa das obras do Levi, estou aqui a trabalhar no duro para terminar trabalhos novos. Não posso dizer que a distração me incomode. Ou me mantenho ocupado ou afogo-me numa tristeza autodestrutiva.

A minha cabeça faz um movimento de cumprimento. Estou a trabalhar numa peça de carvalho em bruto, de uma árvore caída, que estou a esculpir para ser uma perna de cadeira. Os movimentos repetitivos — movimentos longos e suaves — são a única coisa que me mantém são neste momento.

— Porque é que o teu alpendre parece uma casa funerária?
— pergunta a Heidi, sentando-se na minha mesa de trabalho.

— É a Mac. Continua a devolver os meus presentes.

Durante duas semanas, tentei enviar flores, cabazes. Todo o tipo de merdas. Todos os dias, vão parar ao meu alpendre.

Comecei por enviar para o hotel, sabendo que ela estaria lá todos os dias a supervisionar o trabalho que uma das equipas do Levi começou a fazer. Mas, depois, insisti com a Steph e ela disse-me que a Mac está a morar com ela e a Alana. Pensei que pelo menos uma delas aceitasse as entregas. Não tive sorte.

A intensidade com que esta miúda se recusa a deixar-me pedir desculpa é absolutamente ridícula. Até levou a nossa cadela. Ainda acordo a meio da noite a achar que ouço a *Daisy* a ladrar. Viro-me para perguntar à Mac se a levou à rua, mas apercebo-me de que nenhuma delas lá está.

Tenho saudades das minhas meninas, porra. Estou a enlouquecer.

— Acho que isso responde à pergunta sobre como estão as coisas entre vocês. — A Heidi desenha uma cara triste no pó amarelo fino. — Não é por nada, mas eu disse...

— Juro por Deus, Heidi, se acabares essa frase, é melhor nunca mais apareceres por aqui.

— Ei, então, Coop?

Faço demasiada força no escopro e racho a madeira. A meio da perna da cadeira abre-se um enorme lanho. Merda. O escopro salta da minha mão e retine pelo chão da garagem.

— Tiveste exatamente o que querias, não foi, Heidi? A Mac não fala comigo. E agora, o quê, vieste vangloriar-te? Foda-se, poupa-me.

— Achas que fui eu que fiz isto?

— Eu sei que foste.

— Meu Deus, Cooper, és tão estúpido. — Com o rosto vermelho de raiva, a Heidi atira-me um punhado de serradura à cara.

— Filha da puta — praguejo. Fico com serradura na boca e no nariz.

Murmurando baixinho, molho a cabeça com uma garrafa de água e cuspo pequenas lascas para o chão de cimento. O meu olhar desconfiado segue os movimentos irritados da Heidi quando ela começa a andar pela garagem.

— Eu avisei-te de que isto era má ideia — diz, furiosa. — Eu disse que era cruel brincar com alguém desta maneira. Mas tu não quiseste saber, porque *Oh, a Heidi está cheia de ciúmes*. Certo? Não foi isso que pensaste?

Sinto uma picada de culpa no peito, porque, sim, foi precisamente o que pensei quando ela se opôs ao plano de vingança do Evan.

— Bem, lamento que se tenha virado contra ti, exatamente como eu sabia que iria acontecer. — Ela espeta o dedo indicador no ar. — Não me responsabilizes por isso.

Espeto também o meu dedo em resposta.

— Não, tu só fizeste com que a Mac fosse infeliz em todos os momentos em que aqui estive até que finalmente viste uma oportunidade para a afastar.

— Ela estava a ouvir a conversa. Quem anda à chuva molha-se.

Estou tão absolutamente farto da Heidi e da sua atitude. Durante seis meses, obriguei-me a sorrir e a aguentar, mas há limites.

— Deixaste bem claro que a odiavas desde o momento em que começámos a andar. Pedi-te, como amiga, que me fizesses este favor. Em vez disso, apunhalaste-me pelas costas. Sinceramente, pensei que tivéssemos uma amizade mais forte do que isto.

A Heidi aproxima-se e atira-me um bloco de lixamento à cabeça, que eu consigo apanhar antes de me atingir na cara.

— Não me venhas com essa treta da lealdade. A única coisa que fizeste desde o verão foi agir como se eu fosse uma psicopata apaixonada sempre de volta da tua pila, mas foste tu

que apareceste bêbedo e cheio de tesão à minha porta, e, no dia seguinte, trataste-me como se eu fosse obcecada por ti.

— De onde é que isso veio?

— De ti, parvalhão. — A Heidi anda à volta da mesa. Demasiado perto dos meus escopros e macetes para o meu gosto. — Sim, está bem, desculpa, cometi o erro indesculpável de ter sentimentos por ti. Crucifica-me, que merda. Não me lembro de me dizeres que a nossa cena tinha acabado. Não me lembro de uma conversa em que dissesse: «Olha, é só sexo e 'tá-se bem, certo?» Um dia, deste-me para trás e foi isso.

Vacilo, obrigando-me a pensar no verão passado. A minha memória está um pouco confusa em relação aos detalhes. Nem sequer tenho a certeza de como acabámos na cama da primeira vez. Não posso dizer que me lembro de ter uma reunião sobre pormenores. Não houve uma conversa sobre *o que somos*. Nem discutimos regras básicas. Simplesmente... assumi.

E é aí que percebo, sentindo-me empalidecer, com a culpa a devorar-me por dentro, que talvez tenha sido cabraão.

— Não sabia que te sentias assim — admito, mantendo a distância, porque outro ataque violento não está fora de questão. — Pensava que estávamos em sintonia. E depois, sim, acho que me senti um bocado encurralado e escolhi o caminho mais fácil. Não queria que fosse esquisito.

A Heidi para. Suspira, sentando-se num banco.

— Fizeste-me sentir como um engate qualquer. Como se, mesmo como amiga, eu não significasse nada para ti. Isso magoou-me muito, Coop. Fiquei tão zangada contigo.

Merda. A Heidi sempre me apoiou. Eu estava tão absorvido nas minhas merdas, que nunca achei que a tivesse maltratado.

— Anda cá — digo rispidamente, abrindo os braços.

Passado um segundo, ela aproxima-se e deixa-me abraçá-la. Embora me bata nas costelas antes de envolver os braços à volta das minhas costas.

— Desculpa — digo. — Não te queria magoar. Se tivesse visto alguém tratar-te desta maneira, teria dado cabo dele. Não foi nada fixe.

Ela olha para mim com as pestanas humedecidas. Limpa apressadamente os olhos.

— Acho que também te devo um pedido de desculpas. Devia ter-me comportado como uma adulta e confrontar-te em vez de descarregar em cima da tua namorada.

Ah, porra para a Heidi. Esta miúda não é certa. Não poria as mãos no fogo por ela.

Dou-lhe mais um abraço antes de a largar.

— Estamos bem?

Ela encolhe os ombros.

— Eh. Havemos de ficar.

— Se quiseses que eu me humilhe mais é só dizeres. — Esboço um sorriso autodepreciativo. — Tornei-me especialista em humilhação nas últimas semanas.

Os seus lábios contorcem-se de riso.

— As flores no teu alpendre dizem o contrário. Mas está bem, aceito alguma humilhação. Não podes agir como um mulherengo e estar à espera de te safares.

Estremeço.

— Fogo. Não. Decididamente, não me deixes safar-me. — Sai-me um gemido. — Acabei de me aperceber de uma coisa. Eu sou o Evan. Fiz uma à Evan contigo.

A Heidi começa a rir-se descontroladamente, dobrando-se, agarrada ao flanco.

— Oh, meu Deus, é verdade — uiva. Quando recupera a compostura, o seu rosto está corado e manchado de lágrimas de riso em vez de dor. Sorrindo, diz: — Quase sinto que isso é castigo suficiente.

Conheço a Heidi suficientemente bem para ter a certeza de que

vamos resolver as cenas entre nós, parecendo especialmente promissor depois da nossa conversa na garagem. Agora, a missão mais difícil é a Mac, cuja determinação em ignorar-me ultrapassou até as minhas expectativas mais pessimistas. Duas semanas tornam-se três, e aquela teimosa continua a agir como se eu não existisse.

Comecei a mandar-lhe mensagens quando saio do trabalho, uma recompensa que concedo a mim mesmo por conseguir aguentar o dia inteiro sem lhe deixar uma dezena de mensagens no voicemail. Não que ela sequer responda, mas tenho esperança de que um dia o faça.

Acabei de enviar a minha mais recente mensagem, a dizer *Por favor, por favor, liga-me*, e vejo o Levi chamar-me a mim e ao Evan quando estamos a entrar na carrinha, pedindo-nos que nos encontremos com ele no escritório do seu advogado na Main Street. Mencionou recentemente qualquer coisa sobre alterar o seu testamento, por isso, imagino que tenha que ver com isso. Mas, quando lá chegamos, apanha-nos completamente de surpresa.

Depois de sermos conduzidos até uma pequena sala de conferências e tomarmos os nossos lugares, o Levi empurra uma pequena pilha de documentos sobre a mesa.

— É para vocês — diz.

— O que é isto? — pergunto.

— Dá uma olhada.

Confuso, passo os olhos pelos documentos. Os meus olhos arregalam-se ao ver as palavras *Hartley & Sons*.

— Levi. O que é isto? — repito.

O Evan puxa os papéis para si, para ver melhor.

— Estou a reestruturar a empresa — explica o Levi, empurrando duas canetas na nossa direção. — E, se estiveres interessado, Coop, quero incluir a tua empresa de mobiliário na nova empresa-mãe H & S.

— Espera. — Depois de ler atentamente o contrato, o Evan levanta a cabeça. — Queres tornar-nos proprietários?

O Levi acena com um sorriso reticente.

— Sócios igualitários.

— Eu... — Fico sem saber o que dizer. Estupefacto. Não estava nada à espera disto. — Não compreendo. O que é que motivou isto?

O Levi aclara a voz e olha para o seu advogado, que se levanta da sua grande cadeira de pele para nos dar alguma privacidade.

— No dia em que a Shelley saiu de casa de vez, quando passei por lá para saber de vocês — começa por dizer. Depois para, aclarando novamente a voz. — O que vocês disseram, sobre estarem completamente sozinhos agora, tocou-me muito. Como se sentiam órfãos. E, bem, honestamente, sempre pensei em vocês os dois como meus filhos.

O Levi nunca foi casado nem teve filhos. Só quando estávamos no secundário é que eu e o Evan percebemos que o Tim, o seu amigo e companheiro de casa, era seu namorado. Estão juntos desde que me lembro, embora tentem não dar muito nas vistas. A Avalon Bay onde o Levi cresceu era de uma outra era, por isso, eu percebo. Ele prefere manter a privacidade na sua vida pessoal, e nós sempre tentámos respeitar isso.

— Pensei, bem, vamos tornar a coisa oficial. — Ele engole em seco, mexendo-se desajeitadamente na cadeira. — Se vocês acharem bem, claro. — Outro engolir em seco. — Quero ter a certeza de que vocês têm um legado de que se orgulhar nesta cidade.

Só consigo ficar espedado a olhar para ele. Porque... uau. Nunca ninguém tinha investido em nós. Quando éramos miúdos, a maioria das pessoas descartou-nos como uma causa perdida. Destinados a acabar como os nossos pais. Bêbedos.

Parasitas. Falhados. Todos à espera do dia em que podiam agitar o dedo e dizer: *Vês, eu sabia*. Mas o Levi não. Talvez por ser família, mas principalmente porque é um tipo decente. Achou que valia a pena proteger-nos. Sabia que, se nos fosse dada uma oportunidade, um bocadinho de ajuda, ficaríamos bem. Um pouco traumatizados, talvez, mas inteiros.

— Então, o que dizem? — pergunta ele.

O meu irmão não perde tempo a pegar numa das canetas.

— Claro que sim — diz, a sua voz quebrada a revelar que se sente tão afetado por isto como eu.

Sempre soube que o nosso tio gostava de nós, que nunca nos deixaria ficar mal, mas isto é mais do que alguma vez esperei. É um futuro real. Uma base sobre a qual construir. A sensação de que eu e o Evan finalmente temos raízes firmes neste mundo. Algo que não se desmorone sobre nós.

O Evan rabisca a sua assinatura no fundo da página. Levanta-se e começa por dar um aperto de mão ao Levi, seguido de um abraço com uma palmada nas costas.

— Obrigado, tio Levi — diz, com um tom muito sério, nada habitual no Evan. — Não te vamos desiludir. Prometo.

A mão treme-me ligeiramente ao adicionar a minha assinatura à página. Levanto-me e abraço o nosso novo sócio.

— Não sei como te agradecer — digo ao nosso tio. — Isto é tão importante para nós.

— Não me agradeças ainda — diz ele, com um sorriso. — Agora são proprietários. Isso significa levantar cedo e deitar tarde. Tenho muito para vos ensinar.

— Mal posso esperar — respondo, com toda a sinceridade.

— Ótimo. Estava a pensar que a primeira coisa a fazer é pôr um de vocês a liderar a equipa de demolição no hotel da Mackenzie. Assim, fico livre para me dedicar ao restaurante Sanderson.

Estremeço. A simples menção do seu nome desperta todo um

mundo de sofrimento.

— Sim. Talvez o Evan possa tratar disso. Não acho que a Mac esteja preparada para me ter na obra todos os dias.

O Levi franze o sobrolho.

— Vocês ainda estão zangados?

Aceno com tristeza.

— Ela não me atende as chamadas nem aceita os meus presentes.

— Presentes? — repete, divertido.

O meu irmão manifesta-se, deliciando-se a descrever ao nosso tio a quantidade insana de flores que enviei, as numerosas caixas de chocolates em forma de coração, os cabazes completamente cheios.

— Tantos cabazes — sublinha o Evan. — É nojento.

— E inútil — diz o Levi, após umas gargalhadas benévolas. — Rapaz, tu não vais reconquistar uma miúda daquelas com bombons e flores.

— Não? — A frustração bloqueia-me a garganta. — Então, o que é que eu faço? Como é que a faço falar comigo?

O meu tio põe a mão sobre o meu ombro.

— É fácil. Só tens de pensar em grande.

CAPÍTULO 44

Mackenzie

De volta a casa da Steph e da Alana, vinda do hotel, passo pelo seu restaurante chinês favorito para ir buscar comida. Só passaram algumas semanas desde que os trabalhadores do Levi começaram a arrancar a alcatifa e a alvenaria antigas, a deitar fora o mobiliário e as instalações danificadas e todas as coisas demasiado estragadas para recuperar, porém, o hotel está quase irreconhecível por dentro.

Uma tela em branco.

Já estou a repensar grande parte da estética do design interior. Ainda tenciono preservar o aspeto original, mas estou a pensar nalgumas alterações. Quero abrir mais o espaço, trazer o exterior para dentro. Torná-lo mais luminoso através de luz natural e áreas verdes. Refletir uma sensação de relaxamento luxuriante. O meu arquiteto já está farto de todas as minhas chamadas e e-mails a alterar os planos. Tenho a certeza de que irei acalmar, assim que a nova construção começar. Só quero que fique perfeito. Afinal, estou a construir o meu legado. Com alguma sorte, ficará de pé mais cinquenta anos.

Estaciono na entrada o *SUV I* usado que comprei no stand local na semana passada. Finalmente, cedi e arranjei um carro, depois de perceber que não posso passar o resto da vida nesta cidade no banco traseiro de táxis ou Ubers.

Estou a desligar o motor quando recebo uma mensagem da minha mãe.

Mãe: Mackenzie, mando-te a referência da minha designer, como prometi. Se insistes em continuar com este projetozinho, ao menos faz as coisas como deve ser.

O meu riso ressoa ruidosamente no veículo. Neste momento, isto é a coisa mais próxima de um selo de aprovação que posso obter da minha mãe. Depois de meses de tratamento silencioso com os meus pais, acabei por contactá-los uma semana depois de ter saído de casa do Cooper. Culpo o meu estado altamente emotivo. Mas, honestamente, apesar das suas personalidades autoritárias e condescendentes, não deixam de ser meus pais. A única família que tenho. Assim, dei o braço a torcer e estendi-lhes um ramo de oliveira. Para minha surpresa, eles aceitaram.

Há uns dias, até passaram pelo hotel — durante dez minutos. Foi tempo suficiente para o meu pai fazer muitas caretas e a minha mãe me dar um sermão sobre padrões de roupa de cama. Não posso dizer que estejam absolutamente entusiasmados com o projeto, mas, pelo menos, fizeram um esforço. Um pequeno passo para normalizar a nossa relação.

Envio uma resposta rápida.

Eu: Obrigada, mãe. Ligo-te amanhã. Mãe: Se precisares de outro par de olhos quando entrares na fase do design de interiores, contacta a Stacey e ela põe-te na minha agenda, se eu tiver tempo.

Reviro os olhos ao ecrã. Comportamento clássico da Annabeth Cabot. Mas não há nada que se possa fazer em relação a isso.

Mal entro pela porta, as minhas companheiras de casa saltam para me arrancarem os sacos de comida das mãos. Pomos a

mesa e começamos a comer, enquanto a Steph liga a televisão para ver a sua maratona diária de investigações paranormais. Seis horas seguidas de homens adultos com óculos de visão noturna a correrem por um centro comercial abandonado e a gritarem sobre uma ratazana que empurra um copo na zona dos restaurantes ou uma coisa assim. Não importa. É a cena dela.

— Então, o que é que estavas a dizer sobre uma coisa qualquer que aconteceu no trabalho? — diz a Alana, a tirar o porco todo do *lo mein* antes que mais alguém chegue à caixa.

— Ah, sim. — A Steph fala com os pauzinhos como se estivesse a conduzir uma orquestra. — Então, a Caitlynn disse ao Manny que a ex dele o denunciou no *BoyfriendFails*. Agora, toda a gente do bar já sabe — diz ela, com um sorriso.

— Como é que sabem que é sobre ele? — pergunta a Alana.

— Oh, porque estávamos todos lá quando o incidente original ocorreu. Resumindo: o Manny conheceu uma miúda num bar no mês passado e levou-a para casa. Uns dias depois, viu-a outra vez e convidou-a para sair. Um dia, estávamos a jogar bowling, e eles já andavam há umas semanas, quando, aparentemente, ele se enganou no nome dela. Não sei como conseguiu ficar tanto tempo sem a chamar pelo nome, mas parece que tinha dormido com a irmã mais velha nessa primeira noite e depois conheceu a mais nova e confundiu as duas.

— Au. — Sempre que acho que já ouvi de tudo, há uma reviravolta numa história clássica.

— Enfim, os acontecimentos desta noite. A Caitlynn estava a mostrar ao Manny o post do *BoyfriendFails* quando entrou um miúdo adolescente no bar, dirigindo-se diretamente ao balcão. E isto foi a meio da hora de almoço, por isso, estávamos bastante atarefados. O miúdo gritou qualquer coisa ao Manny em espanhol, depois pegou na bebida de um tipo qualquer,

derramou-a em cima do balcão e lançou-lhe um fósforo.

Sobressalto-me.

— Oh, meu Deus, ele está bem?

A Steph desvaloriza a minha preocupação.

— Sim, está ótimo. Há décadas que o Joe anda a diluir as bebidas.

Por isso é que uma das primeiras coisas que fiz, assim que o dinheiro começou a entrar, foi arranjar um advogado para redigir uma isenção de responsabilidade para o site.

— Quando o balcão não pegou fogo, ele ficou furioso e saltou para cima dele — continua a Steph. — O miúdo não tinha mais de um metro e meio e não podia ter mais de 15 anos. Não deve ter sido a primeira vez que o Manny foi perseguido, porque nunca o vi mexer-se tão depressa.

A Alana ri-se.

— Fugiu de detrás do balcão e desatou a correr. O miúdo atirou-se por cima das mesas e tentou acertar-lhe com uma cadeira, até que o Daryl pegou nele e o pôs na rua. O Daryl teve de barricar as portas até o miúdo finalmente desistir e ir-se embora. O Manny fugiu pelas traseiras. — A Steph desata-se a rir. — Parece que era o irmão mais novo daquelas miúdas e tinha vindo dar porrada ao Manny. Foi adorável.

— Sabes — digo, tentando não me engasgar com a comida —, o miúdo fez muito bem.

— Não é?

Engulo a minha galinha com limão e pego numa lata de *Coca-Cola Diet*.

— Falando de ex azedos, hoje cruzei-me com o Preston, quando estava a almoçar com a Bonnie no *campus*.

A Steph ergue uma sobrancelha.

— Como é que isso correu?

— Não foi terrível — admito. — Ele estava com a nova namorada. Uma miúda gira e típica da Garnet, cujo pai é um

investidor qualquer e a mãe é herdeira de uma fortuna de ventoinhas elétricas ou qualquer coisa assim. Já estão juntos há uns meses.

A Alana faz uma careta.

— Coitada da rapariga.

Encolho os ombros.

— Não sei, pelo que percebi, ela adora o Preston. Que é a única coisa que ele quer, parece-me. Alguém que sorria e lhe agradeça por tomar todas as decisões. — Enfio outro pedaço de galinha na boca, falando enquanto mastigo. — Se estão os dois felizes, quem sou eu para julgar?

— Ah, é verdade, viste isto? — A Alana empurra o último bocado de crepe para dentro da boca e limpa o molho de pato dos dedos antes de me passar o seu telemóvel. — É de hoje.

Olho para o ecrã e vejo um novo post do *BoyfriendFails*. Mas este vem com uma ressalva. Não se trata de uma namorada insatisfeita a falar mal do ex de forma anónima, mas do namorado, confessando os seus erros ao mundo.

Eu sou o #BoyfriendFail

Leram bem o título. Eu sou o namorado falhado. Eu falhei. À grande. Falhei à mulher que amo, falhei à nossa relação e falhei-me a mim mesmo.

Levanto a cabeça para lançar um olhar desconfiado à Alana. Ela finge estar concentrada na comida.

Estraguei a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. Deixei a namorada perfeita escapar-me por entre os dedos porque fui um cretino egoísta. Na noite em que a conheci, só pensava em vingança. Desentendi-me com o namorado dela. Queria castigá-lo por fazer com que fosse despedido, por instigar todas as minhas inseguranças sobre ser um aldeão falhado, encurralado e sem perspetivas de algo melhor. De nada.

Mas, depois, comecei a conhecê-la e algo aconteceu. Ela inspirou-me.

Mostrou-me que há mais em mim do que uma âncora à volta do pescoço a limitar-me. Fez-me acreditar que sou capaz de grandes feitos.

Ela tinha razão. Mas não toda. Porque eu não quero concretizar grandes feitos, nem quero um futuro radioso, se ela não estiver ao meu lado para o viver comigo.

Cresce-me um buraco no estômago à medida que vou lendo. É querido e sincero. Sinto os dedos dormentes e os olhos a arder.

Sei que ela não me deve uma segunda oportunidade. Não me deve nada. Mas eu peço na mesma.

ERROR-te — nunca mais te voltarei a mentir. Nunca te irei tomar como garantida. Nunca, até ao fim da minha vida, irei esquecer o tesouro que tu és.

Quando acabo de ler, quase não consigo ver, a minha visão fica completamente desfocada pelas lágrimas. O post termina com um pedido para me encontrar com ele às seis horas, no sábado, no sítio onde salvámos a nossa cadela.

— Porra — murmuro, pousando o telefone na mesa. — Pensava que tínhamos um acordo.

A Alana passa-me um guardanapo para limpar a cara.

— É verdade. Mas ele está um caco. Tu estás infeliz. Nenhum de vocês está a saber lidar com isto. Desculpa recorrer a um ataque surpresa, mas por favor. Qual é o mal em ouvires o que ele tem para dizer?

— Eu não estou infeliz — digo, em minha defesa. — Estou a seguir em frente.

A Steph lança-me um olhar que diz o contrário.

— Estás em negação — corrige a Alana. — Passar dez horas por dia no hotel, mais cinco enfiada no quarto a trabalhar nos teus sites, não revela alguém que seguiu em frente.

Tem sido difícil, admito. Quando tudo o resto parece estar fora de controlo, é no trabalho que encontro o meu centro. É uma distração e a forma mais eficaz que encontrei para não

pensar no Cooper.

A verdade é que ele é um homem difícil de esquecer. Quase não passa um dia sem que eu acorde à espera de sentir o seu braço à minha volta, na cama. Dez vezes por dia, quase lhe mando uma mensagem com uma piada ou alguma novidade entusiasmante sobre o hotel — até que me lembro de que ele já não é meu. A *Daisy* ainda procura por ele. Farejando o seu cheiro aqui e ali. Deitando-se no seu lado da cama. Esperando à porta por alguém que nunca chega.

Nada nesta cidade parece bater certo sem ele.

E nada disso altera o facto de que ele me mentiu. Repetidamente. Roubou-me o poder de tomar as minhas próprias decisões. Enganou-me e eu não posso ignorar isso facilmente. Se eu não tiver respeito por mim mesma, ninguém terá.

— Encontra-te com ele — insiste a Alana. — Ouve o que ele tem para dizer. Depois, segue o teu coração. Qual é o mal de fazeres apenas isso?

Danos irreparáveis. Uma pequena fenda numa barragem que abre caminho para uma angústia insuperável. Quando deixei o Cooper, ergui muros resistentes, feitos para durar. Não fui feita para abrir e fechar à vontade. Sobretudo, se me permitir vê-lo, receio nunca mais deixar de sentir esta dor horrível. Se eu o perdoar, tenho medo de me estar a predispor para me ir abaixo outra vez. Porque eu não sei como virar costas ao Cooper Hartley duas vezes.

Desta vez, posso não sobreviver.

CAPÍTULO 45

Cooper

São sete horas.

Sinto-me um idiota. Devia ter-me vestido melhor. Trouxe-lhe flores. Estive toda a tarde às voltas em casa, tentando não ficar nervoso com isto, e acabei por ficar fora de mim. Saí de casa vestindo uns calções cargo e uma t-shirt, com ar de vagabundo, para pedir a esta mulher incrível que me perdoe por ser um otário desde o dia em que me conheceu.

Que raio estou a fazer aqui?

O meu olho começa a tremer. Faz isto há dois dias. A Alana disse-me que mostrou à Mac o post que eu escrevi, mas não entrou em grandes detalhes quanto à sua reação, exceto para dizer que ela não atirou o telefone para o meio da rua. Porém, passou uma hora desde as seis e, a cada segundo, a minha esperança evapora-se. De alguma maneira, pus na cabeça que este plano era infalível. A Mac veria a minha sinceridade e consideração, e, naturalmente, perdoar-me-ia.

Foi um plano estúpido. Porque é que achei que seria romântico abrir o coração num dos sites que ela criou para arrasar idiotas como eu? Sou uma piada. Talvez se tivesse ido atrás dela, naquela noite da festa, não estivesse agora aqui com as gaivotas, que estão a rondar como se estivessem a mobilizar-se para atacar. Dou um pontapé num monte de areia,

recordando-lhes o seu lugar na cadeia alimentar.

Sete e um quarto.

Ela não vem.

Talvez não devesse ter achado que iria conquistá-la através de um grande gesto, mas nunca pensei que me ignorasse completamente. Fico sem fôlego, como se levasse um murro mesmo no meio do peito. As luzes do passeio marítimo vão-se acendendo, à medida que o sol se põe atrás da cidade.

Ela não vem mesmo.

Resignando-me ao meu destino, viro-me lentamente para o caminho de onde vim, quando vejo uma figura solitária a vir na minha direção.

Entro em estado de pânico absoluto ao ver a Mac aproximar-se. Está apenas a cerca de dez metros. Cinco. Está linda, o seu corpo elegante e alto envolvido num vestido azul que dá pelo tornozelo com um grande decote em V. Não me esqueci de uma única sarda ou de como os seus olhos têm pequenos laivos de azul no seu verde profundo. Os seus lábios quando diz o meu nome. Mas vê-la outra vez é como limpar o pó da janela.

— Não pensei que viesses — digo, tentando manter a compostura. Consegui que ela viesse. A última coisa que quero fazer é afugentá-la, ainda que todas as partes do meu ser a queiram abraçar mais uma vez.

— Estive para não vir.

Ela para, mantendo uma distância de alguns metros entre nós. Estes quase três metros parecem intransponíveis. É estranho como não a consigo ler tão bem como quando nos conhecemos. Está impenetrável. Não revela nada.

Durante algum tempo, fico perdido na memória do que era sentir o seu cabelo entre os meus dedos, e ela fica impaciente.

— Então... o que é que se passa? — pergunta-me.

Durante vários dias não fiz mais nada a não ser ensaiar este momento. Agora estou aqui e tudo o que planeei dizer parece

uma treta foleira. Estou a desesperar.

— Olha, a verdade é que isto vai sair mal seja como for, portanto, vou só dizê-lo. — Respiro fundo. *É agora ou nunca, seu estúpido.* — Arrependo-me de todos os dias em que fui demasiado cobarde para te dizer a verdade. Fui egoísta e estúpido e tens todo o direito de me odiar. Tive muito tempo para pensar sobre como te convencer de que estou arrependido e das razões por que deverias aceitar-me de volta. Honestamente, não tenho uma boa razão.

A Mac olha para o lado e eu sei que estou a perdê-la, porque está a sair-me tudo mal, mas parece que não sou capaz de impedir as palavras de irromperem da minha boca.

— O que quero dizer é que sei que o que fiz foi errado. Destruí a tua confiança em mim. Traí-te. Fui descuidado com uma coisa muito preciosa. Mas, caramba, Mac, estou tão apaixonado por ti, e está a dar cabo de mim que estejas aí, fora do meu alcance, quando eu sei, no meu âmago, que posso fazer-te feliz outra vez, se me deixares. Fui um filho da mãe e, mesmo assim, quero que me ames também. Não é justo. Devia sofrer pelo quanto te magoei. E estou, merda. Mas imploro-te que acabes com o meu sofrimento. Já não sei viver sem ti.

Quando calo a matraca, estou sem fôlego, a mensagem com atraso a chegar finalmente ao meu cérebro, dizendo *Cala-te, porra.* A Mac limpa os olhos e eu obrigo-me a não lhe tocar. Passam alguns segundos enquanto espero que ela responda. Depois, surge um silêncio gélido e sepulcral quando não o faz.

— Quero mostrar-te uma coisa — digo, quando sinto que ela se está a preparar para se ir embora. — Vens a um sítio comigo?

Ela não se mexe.

— Que sítio?

— Não é longe. Por favor. Não demora nada.

Ela considera a minha oferta durante um instante quase

intolerável para os meus nervos. Depois, acena em concordância.

Estendo-lhe a mão. Porém, ela segue à minha frente.

Caminhamos um pouco pela praia, por onde a conduzo até ao passeio marítimo em frente ao seu hotel. O espaço ainda é uma concha esventrada, embora os detritos tenham sido removidos. No que sobra do alpendre, estão duas cadeiras de baloiço iguais, viradas para o mar. Velas cintilantes alinham-se sobre o varandim.

A Mac sustém a respiração. Lentamente, vira-se para cruzar o meu olhar sincero.

— O que é isto? — sussurra.

— Na primeira vez que me trouxeste aqui disseste que imaginavas os hóspedes sentados aqui fora em cadeiras de baloiço, a beber vinho e a ver a rebentação das ondas.

Ela olha para mim, os milhares de luzinhas do passeio marítimo refletindo-se no seu olhar.

— Não acredito que te lembraste.

— Lembro-me de todas as palavras que alguma vez me disseste.

O seu olhar regressa ao alpendre. Consigo senti-la a amolecer, a tensão do seu corpo a desaparecer.

— Mac, quando imagino o meu futuro, vejo-me velhinho, sentado numa cadeira de baloiço num alpendre. Contigo ao meu lado. Esse é o meu sonho.

Antes da Mac, nem sequer me dava ao trabalho de imaginar os próximos cinco anos da minha vida. Nunca era uma imagem bonita. Achei que passaria os meus dias a tentar sobreviver, a retirar o mínimo da vida. Nunca considerei a possibilidade de que alguém pudesse ser suficientemente louco para me amar. Mas a Mac *amou-me* e eu afugentei-a.

— Não posso dizer que nunca mais farei asneiras — balbucio, com a garganta seca. — Não tenho grandes exemplos

de relações funcionais. Às vezes, fico demasiado absorvido pelas minhas coisas ou demasiado preso nos meus pensamentos melancólicos. Mas posso prometer-te tentar ser o homem que mereces. Alguém de quem te orgulhes. E nunca mais te vou mentir. — A minha voz vai ficando cada vez mais rouca. — Por favor, Mac. Volta para casa. Eu não sei quem sou se não te puder amar.

Ela fica a olhar para os pés, torcendo as mãos uma na outra. Quanto mais tempo fica em silêncio, mais eu me preparo para o pior, mas, finalmente, ela respira fundo.

— Partiste-me o coração — diz ela, tão suavemente que uma ligeira brisa podia levar as palavras pelo ar. — Nunca ninguém me magoou tanto na vida. Isso não é uma coisa fácil de esquecer, Cooper.

— Eu compreendo. — O meu coração está a bater rapidamente e eu estou a pensar em pôr-me de joelhos se ela não disser que sim.

— Terias de me prometer mais uma coisa.

— É só dizeres. — Congelaria um rim se ela me pedisse.

Um leve sorriso curva-lhe os lábios.

— Tens de começar a depositar os meus cheques da renda.

O meu cérebro tenta acompanhá-la. Depois, o seu sorriso abre-se e ela agarra-me pela camisa, aproximando os meus lábios aos seus. Dominado pelo alívio, pego nela e envolvo as suas pernas à volta das minhas ancas, beijando-a até ficarmos os dois sem ar. Nunca beijei ninguém com tanta certeza ou intenção. Nunca precisei tanto de alguma coisa como de senti-la novamente nos meus braços.

— Eu amo-te — murmuro, com os meus lábios nos seus. Dizê-lo não me parece suficiente e, porém, não consigo dizer as palavras suficientemente depressa. — Tanto. — No que toca a sustos, este foi um dos grandes. Quase a perdi, quase perdi isto.

Ela agarra-se a mim, retribuindo o beijo com urgência. O

meu peito transborda com um amor puro e sincero, que nunca me julguei capaz de sentir. De encontrar. Aprendi muito sobre mim ao longo dos últimos meses. E o mais importante foi aprender a cuidar melhor das pessoas que amo.

A Mac afasta-se ligeiramente, os seus olhos lindos procurando os meus.

— Eu também te amo — pronuncia suavemente.

E, nesse momento, ainda que demore o resto da minha vida, prometo mostrar a esta miúda que ela não desperdiçou o seu coração comigo.

AGRADECIMENTOS

Como quem me conhece pode confirmar, há anos que vivo obcecada com pitorescas cidades costeiras. Avalon Bay pode ser uma cidade fictícia, mas trata-se de uma amálgama de todas as minhas partes favoritas das várias cidades costeiras que visitei ao longo dos anos, e foi um prazer imenso perder-me neste mundo. Naturalmente, não o teria feito sem o apoio e a grandiosidade geral das seguintes pessoas: a minha agente, Kimberly Brower, e a minha editora, Eileen Rothschild, pelo seu entusiasmo contagiante por esta história; Lisa Bonvissuto, Christa Desir e toda a equipa da SMP, e Jonathan Bush, pela capa incrível!

Aos primeiros leitores e amigos escritores que me deram a sua opinião e referências impecáveis; à Natasha e à Nicole por serem os seres humanos mais eficientes à face da Terra; a todos os críticos, *bloggers*, *instagrammers*, *booktokers*, e leitores que partilharam, apoiaram e gostaram deste livro.

E, como sempre, à minha família e aos meus amigos por me aturarem sempre que estou em modo prazo final. Adoro-vos a todos.

Sobre este livro

Ela sempre seguiu todas as regras...

Até o conhecer



Mackenzie Cabot é a típica boa rapariga que faz de tudo para agradar a toda a gente. Mas ela não é uma jovem comum. Não sonha com festas e rapazes, mas sim em ver singrar o negócio que iniciou na Internet, só que para isso terá de fazer a vontade aos pais e mudar-se para a pequena cidade de Avalon Bay, para terminar o curso na Universidade Garnet

Com os planos para a sua vida futura já delineados, nada faria prever que o seu mundo pudesse vir a ser abalado. Mas tudo muda quando conhece Cooper, um rapaz da terra que irá pôr à prova a sua reconhecida capacidade de refrear o seu carácter mais impulsivo.

Só que... também Cooper é apanhado de surpresa pela personalidade de Mac, que em nada se assemelha à dos estudantes universitários ricos e pretensiosos que todos os anos está habituado a ver em Avalon Bay, e os dois tornam-se bons amigos.

O grande problema é que Mac não faz ideia do que levou Cooper a aproximar-se dela...

Sobre Elle Kennedy

Elle Kennedy, autora bestseller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*, cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá, e é licenciada em Inglês pela Universidade de York, acalentando desde muito nova o sonho de ser escritora.

Depois do enorme sucesso da série New Adult Off-Campus, Elle Kennedy dá-nos agora a conhecer o universo de Avalon Bay neste *Uma Boa Rapariga*, uma história inesquecível bestseller do *USA Today* e do *Toronto Star*.

Com uma incrível legião de fãs em todo o mundo, tem muitos dos seus livros já publicados em vários países e traduzidos para mais de uma dezena de línguas.